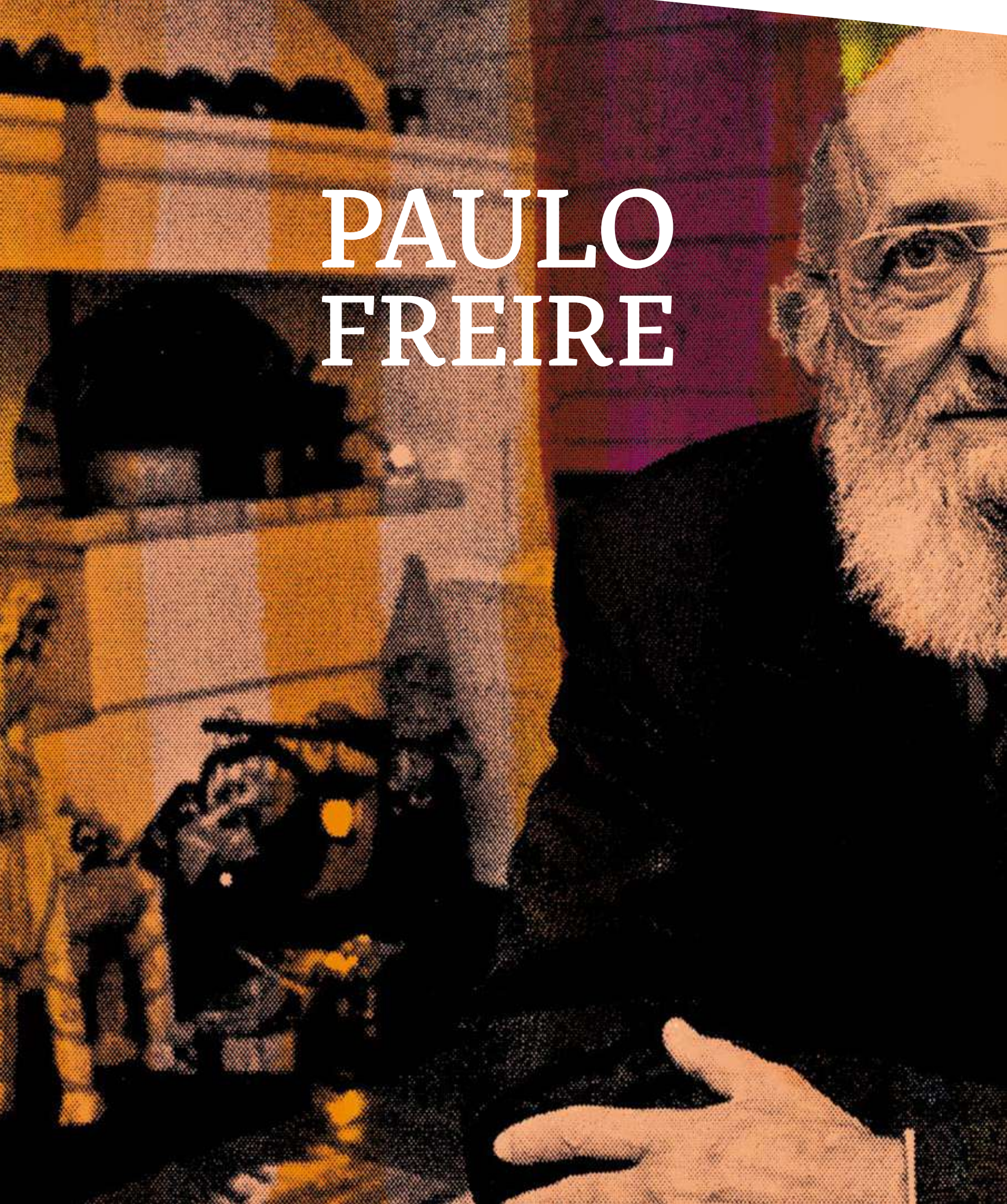
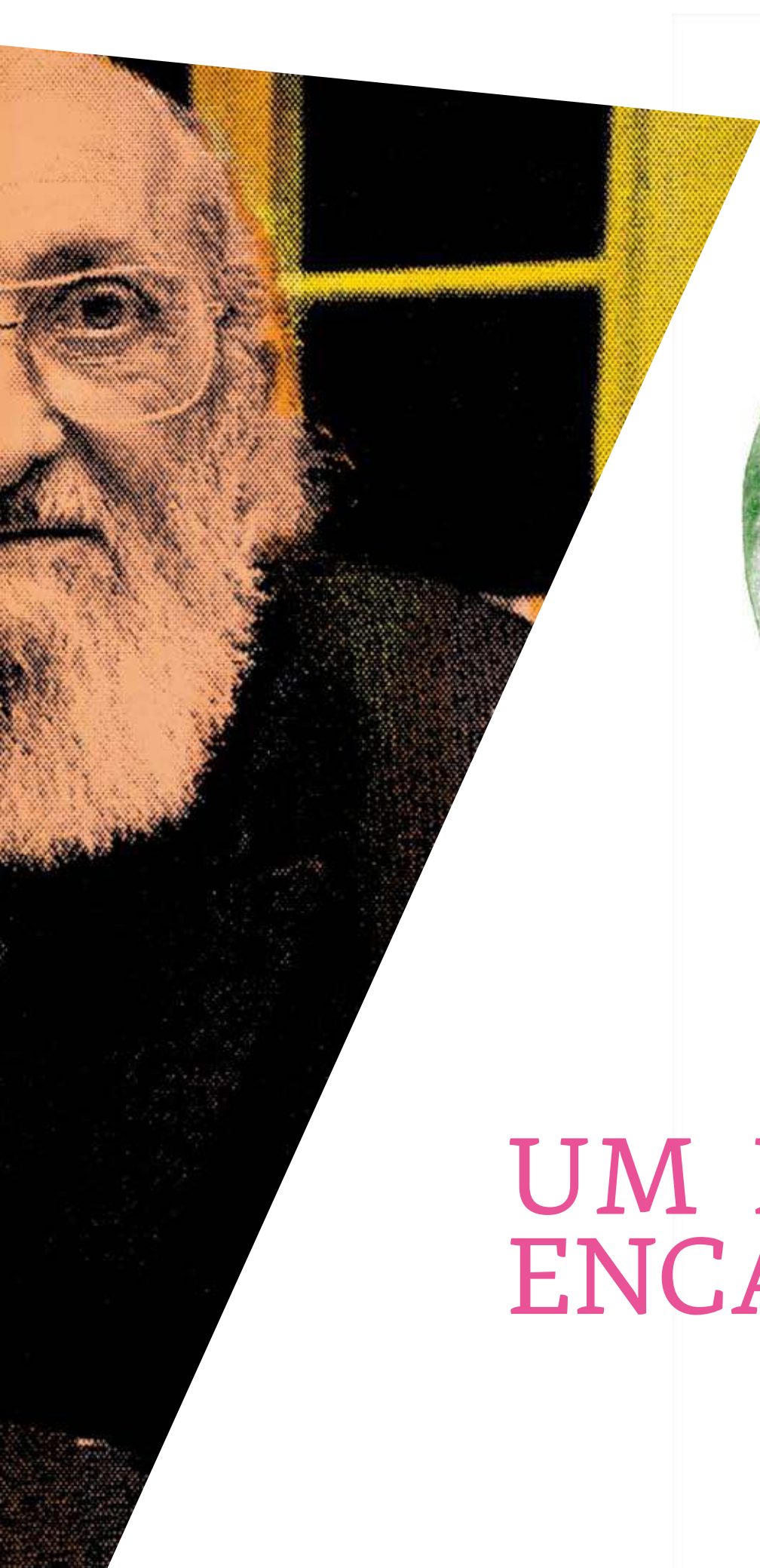


PAULO FREIRE





UM HOMEM
ENCANTADO





PAULO FREIRE



UM HOMEM ENCANTADO

Concepção da obra e autoria dos textos de ligação
Edson Gabriel Garcia

Coordenação da produção da obra
Meyri Venci Chieffi

Produção:
pesquisas, entrevistas e organização do material
Geni Rosa Duarte
Luzia Suely Bernardi
Maria José Reginato
Meyri Venci Chieffi
Olga Kalil Figueiredo
Roseney Rita Teggi Kotait
Zoraide Faustiloni da Silva

**COLETIVO
PAULO FREIRE-SP**

SEFRAS – AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA E
COLETIVO PAULO FREIRE-SP
apresentam:

PRODUÇÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE LIVRO SOBRE
A VIDA DE PAULO FREIRE NOS FORMATOS FÍSICO,
DIGITAL E AUDIOBOOK, **POR MEIO DE RECURSOS DE
EMENDA PARLAMENTAR FEDERAL Nº 44510002**,
CONVÊNIO/TERMO DE FOMENTO Nº 969023/2024,
FIRMADO ENTRE A SECRETARIA DE FORMAÇÃO, LIVRO
E LEITURA – SEFLI E MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA (venda proibida)

Produção



Realização



Patrocínio





PALAVRAS DE NITA

Paulo Freire, meu mestre e meu marido, sempre escreveu sobre a vida, sobre as experiências vividas por ele ou pelos que o cercavam. Foi um pensador centrado no concreto, na realidade viva das vidas que vivem no mundo ou com o mundo.

Enrique Dussel, um pensador argentino radicado no México, disse que “o mundo precisa de Paulo Freire no século XXI como precisou no século XX”. Isso é uma verdade. Não podemos, pois, abandonar as ideias de Paulo como se ele fosse apenas um autor que pensou sobre a educação e sobre problemas dos que viveram no século XX. Ele dá conta de explicar este mundo tão terrível que estamos vivendo hoje.

Enquanto perdurarem essas malvadezas no mundo, Paulo é um homem necessário, porque sabe pensar um mundo melhor. É a ele que recorreremos nestas horas tão difíceis, para explicar que loucura é essa: essa parafernália que põe em xeque tudo que pode ser bom para os seres humanos e, ao mesmo tempo, muitas das coisas boas que a humanidade construiu a duras penas por milhares de anos a fio.

* **Nita Freire**

UM DEDO DE PROSA

* Equipe de concepção e de produção da obra

DESDE SETEMBRO DE 2021, quando demos vida ao e-book *Cem anos de Paulo Freire, cem vozes de corações e mentes*, como parte das comemorações do centenário, crescia em nós o desejo de ampliar o alcance de sua trajetória e de seus pensamentos.

A ideia de juntar depoimentos, fragmentos, concepções e realizações numa obra impressa ganhou corpo e veio sendo construída ao longo destes últimos três anos. Pensamos que, assim, poderíamos contribuir para registrar na memória de brasileiros e brasileiras o trajeto e as concepções desse pensador respeitado no mundo todo.

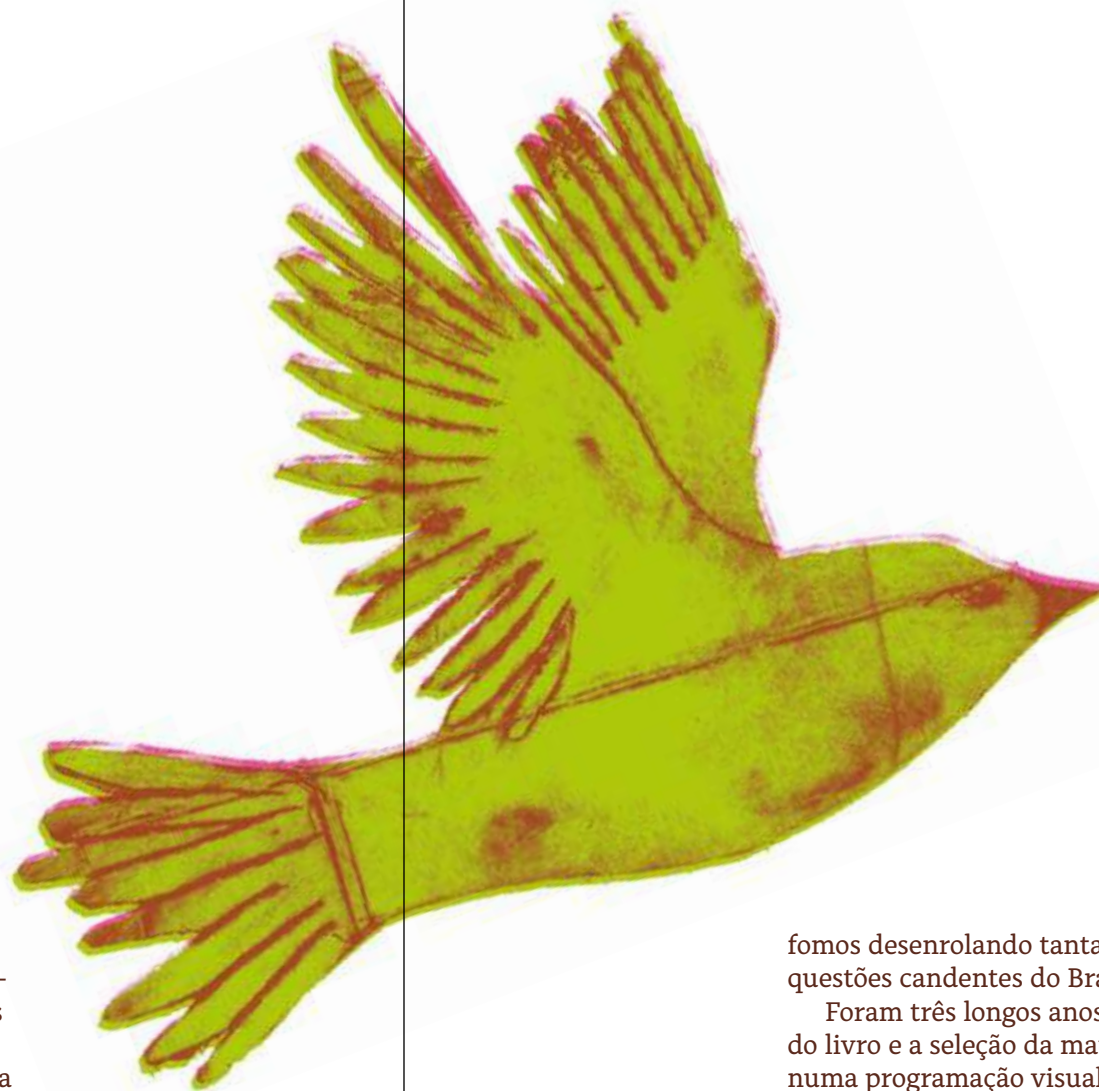
Essa ideia cresceu, ganhou vida e resultou no livro que você tem em mãos, neste momento.

O desejo do grupo que assumiu o desafio de compor este livro era trazer a leitores e leitoras, particularmente aos que têm como ofício educar, tanto os que já conhecem Paulo Freire como os que ainda não o conhecem, a história e os principais conceitos desse pensador tão importante para nós, brasileiros, e para o mundo. Contar essa história por meio dos olhos, das lembranças e das palavras de quem viveu ou trabalhou ao seu lado ou procurou concretizar suas ideias, em algum momento da sua trajetória. Um Paulo Freire traduzido no cotidiano de tanta gente.

Tínhamos em mãos, no e-book referido, um bom repertório. Iniciamos, então, uma pesquisa trabalhosa e delicada, uma verdadeira garimpagem, para selecionarmos os textos mais apropriados à proposta.

Para além da história contada, porém, um outro desafio latejava nas nossas cabeças, na forma de uma indagação: Paulo Freire vive hoje? Onde?

À vista, novo trabalho de garimpagem. Optamos por concentrar nossa busca em São Paulo, berço da nossa experiência freireana, e em Pernambuco, berço do pensador. Não foi uma pesquisa acadêmica, e sim um trabalho de campo, afetivo, orientado pelo boca a boca, no qual, como um fio de novelo,



fomos desenrolando tantas e novas histórias freireanas, pulsando vivas nas questões candentes do Brasil de hoje.

Foram três longos anos de trabalho, entre a apuração da concepção formal do livro e a seleção da matéria-prima, passando pela distribuição do conteúdo numa programação visual e artística pensada para ser leve e bonita.

Idas e vindas, telas e rabiscos, papéis e anotações, em meio a reuniões quase semanais facilitadas pela tecnologia da informação. Um exercício de construção coletiva, feito por um grupo voluntário, em que o menor problema foi resolver se usaríamos o adjetivo “freiriano” ou “freireano” ou optar por manter ambos. Um fazer freireano (ou freiriano, como queiram o leitor e a leitora) de praticar a arte do diálogo, em que “um mais um é sempre mais do que dois”.

Não se trata de uma obra tradicional, acadêmica ou biográfica. Quisemos fazer um livro que pudesse ser manuseado, lido, apreciado ou sentido sem compromisso com a linearidade, com o tempo ou com o tradicional começo-meio-fim. Queríamos um passeio pelo sorriso dos bons pensamentos, pela serenidade das ideias perenes, pela esperança que anima os democratas que lutam por mais justiça social.

O livro é dividido em quatro partes, para momentos de respiro e diferentes aportes de leitura. O leitor e a leitora poderão entrar nas páginas do livro pelo registro de lembranças biográficas, por algumas de suas ideias conceituais, por sua exitosa passagem pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, pelo itinerário mundo afora, onde seu pensamento tem raízes, ou por informações complementares de sua história ainda hoje presentes.

Eis a razão do livro: entrar pelos olhos e conquistar corações e mentes, apostando que o pouco aqui escrito contribuirá para os leitores se aproximarem da grandiosidade do pensamento desse brasileiro cidadão do mundo, que ainda hoje respira entre nós.

ENTRE MEMÓRIAS, AFETOS E CAMINHOS DO MENINO QUE SE FEZ MESTRE

* *Marcia Covelo Harmbach*

Educadora freireana, diretora aposentada da PMSB, formadora de educadores e autora do livro: *Gestão democrática: dizeres e fazeres do Conselho Mirim na Educação Infantil*.

HÁ MESTRES QUE NOS ENSINAM LIÇÕES. E há mestres que nos ensinam a viver. Paulo Freire foi ambos. Pensador da liberdade e do amor, acreditava que a educação só tem sentido quando se faz encontro, quando o saber se mistura à vida e o aprender se transforma em criação.

Antes de ser o mestre que iluminou o mundo, foi o menino conectivo, aquele que, ainda no Recife, aprendeu que a solidariedade é o primeiro ato pedagógico. Esse menino, atento aos laços e às gentes, cresceu até se tornar o educador que conectou mundos, aproximou realidades e transformou a esperança em prática.

Escrever este prefácio é mais que uma tarefa intelectual: é um gesto de emoção e profunda honra. Conheci Paulo Freire ainda menina, no Magistério, pelas mãos sensíveis de uma professora de Sociologia que despertou em mim o desejo de compreender o mundo por meio da educação. Apaixonei-me de imediato por aquela pedagogia freireana: humana, crítica e comprometida com a dignidade de cada pessoa.

Trabalhei com o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), criado por Paulo Freire, sempre fiel ao seu caminhar junto aos mais humildes. Ali compreendi que alfabetizar é muito mais do que ensinar letras: é devolver a cada pessoa o direito de ler o mundo, de nomear a própria vida e de reconhecer-se sujeito de saber e de história. Essa descoberta iluminou meu início na docência e sustentou toda a minha trajetória, orientando meu modo de compreender a educação como gesto de libertação.

A minha caminhada como professora da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II, da Educação de Adultos e, mais tarde, como formadora de educadores na gestão de Luiza Erundina, período em que Paulo Freire esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação, ganhou novos sentidos. Participar da Reorientação Curricular pela via da interdisciplinaridade e acompanhar a construção dos Projetos Político-Pedagógicos nas escolas foi um marco revolucionário. Vivi, concretamente, a força transformadora de uma gestão fundada na participação, na ética e na esperança ativa.

Mais tarde, como diretora escolar, reencontrei esse legado ao desenvolver uma gestão democrática que incluía os Conselhos Mirins, espaços em que as crianças exerciam a cidadania e viam suas vozes repercutirem no cotidiano da escola, testemunhando como o protagonismo infantil transforma não apenas o espaço escolar, mas também os educadores e a comunidade ao redor.

Este livro nasceu de uma saudade bonita, uma saudade que não dói, mas convida à ação. Nasceu do desejo de partilhar histórias, vozes e caminhos que fizeram da educação pública um lugar de encontro e esperança. Paulo Freire foi o farol dessa travessia. Pensador da liberdade, sonhador da palavra, mestre da escuta, acreditava que educar é, antes de tudo, um gesto de amor pelo mundo.

Quando assumiu a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1989, transformou a gestão pública em exercício cotidiano de diálogo e responsabilidade social. Reafirmava sempre que a escola é o centro vital da cidade educadora, lugar de convivência, escuta e construção coletiva. Com serenidade firme, lembrava-nos dos três eixos fundamentais: acesso como direito, permanência como dignidade e aprendizagem como sentido de vida. Insistia que a gestão democrática não se decreta: constrói-se, dia após dia, na escuta, na partilha e na transformação da realidade.

É dessa saudade que nasce esta coletânea dedicada à vida e à obra de Paulo Reglus Neves Freire. Aqui se reúnem relatos que percorrem sua trajetória – do Recife ao mundo – e revelam como sua pedagogia permanece viva e necessária. A vida de Paulo Freire não se limita a datas ou obras: estende-se no tempo, refaz-se em cada educador que ousa ensinar com afeto, em cada estudante que descobre a força da própria voz e em cada escola que se abre ao diálogo e à democracia.

Relembramos o Freire pensador, o filósofo que nos ensinou a ler o mundo antes das palavras, e reencontramos o Freire humano, o homem que sorria fácil, que acreditava na força da ternura e que jamais separou teoria e afeto.

Cada texto desta coletânea compõe o mosaico de sua biografia afetiva e intelectual: o menino do Recife que descobriu a solidariedade; o educador que aprendeu com o povo; o exilado que levou ao mundo uma pedagogia nascida no Brasil; o pensador que dialogou com África, América Latina e movimentos populares; o gestor que fez de São Paulo um grande espaço educativo.

São relatos que reafirmam princípios freireanos urgentes: participação, descentralização, autonomia, formação permanente, leitura crítica da realidade e protagonismo de crianças, jovens e adultos. Descortinaremos Paulo Freire no MOVA, nos coletivos democráticos, na educação ambiental, na luta antirracista, nos movimentos indígenas, nos cursinhos populares, nas universidades, nas comunidades vulnerabilizadas e em toda prática que transforma esperança em ação.

Freire ensinou-nos que educar é um ato profundamente humano, político e amoroso. É reconhecer no outro um sujeito de saberes, histórias e possibilidades. Sua pedagogia convida-nos a olhar o mundo com criticidade e ternura, a acreditar que o conhecimento nasce do encontro e que a palavra só tem sentido quando dita com o mundo e não sobre ele.

Este livro é, portanto, uma conversa com todos os que foram tocados por essa pedagogia da humanidade: professores, gestores, estudantes, comunidades e pessoas que acreditam que podem transformar o mundo.

Escrevo em nome de uma geração de educadores que viveu o tempo da gestão Paulo Freire e que segue semeando, nas salas e nas políticas públicas, a certeza de que o verbo esperar resiste ao tempo e aos muitos desgovernos ocorridos em nosso país. Mas esta obra também fala do presente: dos professores que insistem, dos gestores que escutam, das comunidades e coletivos que participam, das escolas que se reinventam para acolher todas as vozes.

Que estes relatos inspirem encontros, despertem memórias e constituam um tributo a essa herança e um convite para continuar a caminhada no seu pedaço de mundo.





AGRADECIMENTOS

AGRADECEMOS AOS FREIREANOS E ÀS FREIREANAS que colaboraram conosco nas diversas etapas da produção deste livro, em especial:

Aos companheiros e companheiras que deram depoimento por ocasião da comemoração dos cem anos de Paulo Freire, pela gentileza da autorização para nova publicação.

Aos amigos e amigas, de antes e de agora, por atenderem generosamente aos nossos pedidos de entrevista e contribuírem com falas reveladoras e decisivas.

À Ana Maria de Araújo Freire, a Nita Freire, que zela com esmero pelo legado do mestre, por seu olhar carinhoso a este projeto e por nos ter aberto sua casa, suas memórias e os guardados preciosos de Paulo Freire.

À Ângela Antunes e ao Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire-SP, pela pronta resposta às nossas consultas e pela disponibilização do amplo repertório sobre o mestre.

Às professoras Maria do Carmo Albuquerque, da Secretaria Nacional de Participação Social (SNPS); Maria Eliete Santiago, da Cátedra Paulo Freire – UFPE; Maria Erivalda dos Santos e Targélia de Souza Albuquerque, do Centro Paulo Freire – estudos e pesquisas-PE; Liana Borges, da Rede Internacional Café com Paulo Freire, pelo companheirismo, pelos depoimentos e pelas indicações de outras fontes importantes.

Ao educador Sócrates Magno Torres, companheiro do nosso Coletivo Paulo Freire, que atravessou a América Latina ao longo de um ano, construindo uma cartografia de experiências freireanas em nosso continente, a qual colocou à nossa disposição, com muita generosidade e solidariedade.

Às filhas e aos filhos de Paulo Freire, em especial a Lutgardes Costa Freire, pela receptividade à nossa equipe, pela conversa amorosa e pela autorização do uso de textos fundamentais nesta publicação.

Ao professor Sérgio Guimarães, pela autorização da publicação de textos de livros em coautoria com Paulo Freire.

Aos companheiros e companheiras do Coletivo Paulo Freire, em especial a Antonio Gil Neto, Regina Inês Estima e Sandra Marino, pelo apoio constante e pelas sugestões dadas.

À Ana Cecília Venci Bueno, da Comológica Ltda., pelo apoio na infraestrutura e olhar criterioso.

Às editoras Cortez, Paz e Terra e Unesp, detentoras de direitos autorais da obra de Paulo Freire, pela gentileza da cessão dos textos reproduzidos.

Aos profissionais da ALTAMIRA Editorial, pelo envolvimento atento e comprometido com os textos e pela criação de um projeto de arte, design e ilustração de rara sensibilidade, que traduziu a essência da obra, acrescentando-lhe novas camadas que instigam outras novas leituras, tantas quantas forem os caminhos dos olhos dos leitores.

Aos companheiros do SEFRAS – Ação Social Franciscana, pela competência e responsabilidade na condução administrativa do projeto em todas as fases e pelo cuidado com a verba pública indicada pela emenda parlamentar.

Ao mandato da Deputada Professora Luciene Cavalcante, pelo apoio e destinação de recursos para a realização dessa obra.

A todos e todas, nossa gratidão.

** Equipe de concepção e de produção da obra*

SU MÁ RIO

PALAVRAS DE NITA	6
UM DEDO DE PROSA	8
ENTRE MEMÓRIAS, AFETOS E CAMINHOS DO MENINO QUE SE FEZ MESTRE	10
AGRADECIMENTOS	15



1 BREVES REGISTROS DA VIDA DE UM HOMEM ILUMINADO

DOR DO EXÍLIO	20
MENINICE AJUIZADA E JUVENTUDE COMPORTADA	26
MATURIDADE E OS PRIMEIROS OFÍCIOS	34
ANGICOS	38
NO EXÍLIO	48
AFRICANIDADES	56

2 UM PENSADOR COM IDEIAS QUE ATRAVESSAM OS TEMPOS

INÉDITOS VIÁVEIS	68
SUJEITOS FAZEM A HISTÓRIA	74
EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO (1)	78
EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO (2)	84
SER PROFESSOR	90
TODOS TEMOS SABERES	96
INCOMPLETUDE DO SER	102
DIÁLOGO	106

3 O REENCONTRO DO HOMEM E PENSADOR COM SUA TERRA E SUA GENTE

O RETORNO DO EXÍLIO	114
O FILÓSOFO EDUCADOR PISA NO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA	118
GESTÃO PARTICIPATIVA	124
NOVAS PARCERIAS NO HORIZONTE	130
MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR (1)	136
MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR (2)	146
POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	152
MARCAS QUE FICARAM	158
O ENCANTAMENTO DE PAULO FREIRE	164

4 UM HOMEM QUE ESPARRAMOU RAÍZES NO FUTURO

COLETIVOS, CENTROS E INSTITUTOS	170
MOVIMENTOS SOCIAIS E SINDICATOS	174
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS	182
UNIVERSIDADES	194
MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS	202
EDUCAÇÃO: ESCOLAS PÚBLICAS	210
AMÉRICA LATINA	218
O RECONHECIMENTO SEMPRE PRESENTE	229



OUTROS TEMPOS, NOVOS TEMPOS, TANTOS TEMPOS	236
GENTES FREIREANAS DE TODAS AS GEOGRAFIAS	242
PALAVRAS DE CORTELLA	244





1

PAULO FREIRE

**BREVES
REGISTROS
DA VIDA DE
UM HOMEM
ILUMINADO**

DOR DO EXÍLIO

Um exilado que nunca deixou seu país nem tampouco tirou a pátria do coração



Os que aqui ficaram conviveram com a brutalidade do regime militar e com a omissão de parte substantiva da grande imprensa, que foi submetida à censura ou aderiu ao regime. O vazio de informações sobre Paulo Freire brilhando no exterior fez parte deste pedaço mal contado da história.



A IMPRENSA EM GERAL NOS ANOS [19]60, devido à ditadura militar, não publicava nada sobre Paulo Freire. A curiosidade aumentava em mim; foi quando a revista *Paz e Terra* teve a “ousadia” em publicar, em outubro de 1969, um extenso resumo das palestras proferidas por Paulo Freire no Chile sobre o Papel da Educação na Humanização, sob o patrocínio da OEA [Organização dos Estados Americanos]. Essas palestras foram o embrião do livro *Pedagogia do oprimido*.

Marivaldo Costa Moreira

Nota de esclarecimento

Jânio Quadros tomou posse como presidente da República em janeiro de 1961 e renunciou sete meses depois. Houve resistência à posse do vice, João Goulart, mais conhecido como Jango, que não era bem-visto pelos militares por ser considerado de esquerda. Para poder assumir o cargo, teve de aceitar a mudança do sistema presidencialista para o parlamentarista, mas conseguiu reverter isso em 1963. Jango propôs reformas de base, como a agrária, a educacional, a eleitoral, a bancária e a tributária, que desagradavam setores conservadores do país: grandes proprietários de terra, militares, empresários, imprensa e a maioria do Congresso Nacional. Com apoio dessas forças, os militares concretizaram o golpe de 1964 e permaneceram no poder durante terríveis vinte anos.

MOREIRA, Marivaldo Costa. Um sonho que se tornou realidade. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire: cem vozes de corações e mentes*. São Paulo: Coletivo Paulo Freire, 2021, p. 72-74. Disponível em: www.coletivo-paulofreire.org/e-book. Acesso em: 25 ago. 2025.

Depois de preso de maneira arbitrária, no não distante e cruelmente inesquecível ano de 1964, Paulo Freire partiu para um forçado exílio. Certamente levou na bagagem a saudade nada poética da pátria e o cheiro único da terra brasileira.

NÃO DESEJO O EXÍLIO AO pior dos meus inimigos! Paulo Freire me disse isto com tanta ênfase, com tanta mágoa, que me marcou como ferro em brasa. Às vezes, contava coisas, dos filhos passando frio no Chile e do brasileiro, também exilado, que mandou agasalhos para as crianças, ainda que fossem politicamente divergentes. Não tenho certeza de quem foi.

Antonio Carlos Fester

[...] QUANDO PAULO FREIRE ESTAVA por este Brasil afora formando os Centros de Alfabetização, trabalhando com afínco e dedicação, [...] os militares tomaram o poder. [...] Muitas pessoas foram presas, torturadas e mortas. [...] Paulo Freire foi perseguido, preso e exilado.

Mere Abramowicz e Silmara Rascalha Casadei

PAULO TEVE SUA PRISÃO PREVENTIVA decretada em 29/09/1964 e partiu para o exílio em outubro de 1964 [...] rumo a La Paz. [...] Paulo tinha tido contato, ainda na Embaixada no Rio, com o ministro da Educação da Bolívia, que o contratou para dar uma assessoria no campo da educação de seu país.

Ana Maria Araújo Freire

EM 1974, NÃO HAVIA MAIS para onde fugir. Zé Celso Martinez e os atores do Teatro Oficina foram obrigados a buscar o exílio. Foram para Portugal e conseguiram se manter juntos, ainda produzindo para teatro, cinema e TV. Retornaram apenas em 1978. [...]

Se o desejo da repressão era minar totalmente o Teatro Oficina, o exílio foi um tiro que saiu pela culatra. Naqueles anos, a companhia permaneceu unida. Com ajuda de ninguém menos que Paulo Freire, que tinha um importante contato no Ministério da Educação de Portugal, conseguiram viver todos juntos numa grande residência, que virou quase um centro de acolhimento, abrigando artistas de diferentes países [...].

Humberto Maruchel

FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 62.

ABRAMOWICZ, Mere; CASADEI, Silmara Rascalha. *Paulinho, o menino que escreveu uma nova história*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 19.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 183.

MARUCHEL, Humberto. *Os 65 anos do Teatro Oficina: a volta do exílio e o renascimento*. *Bravo!*, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://bravo.abril.com.br/teatro/teatro-oficina-ze-celso-lina-bardi-historia>. Acesso em: 25 ago. 2025.

“O exílio de ninguém é uma opção”, declarou um dia Paulo Freire. É, de um lado, um ato de desenraizamento bruto de quem se vê obrigado a fazer uma breve mala de partidas; de outro, é um ato de extrema crueldade política contra quem ousa pensar diferente.

Nota de esclarecimento

Exílio é a saída forçada de alguém de sua terra de origem, sem que haja possibilidade de retornar. É um termo usado principalmente para pessoas, mas pode se aplicar até mesmo a governos afastados durante conflitos. O exílio costuma ser relacionado a questões étnico-raciais, políticas, religiosas e de nacionalidade, entre outras.

EU NÃO DEIXEI O BRASIL. Eu fui deixado pelas condições políticas do país na época de [19]64, quando fui violentamente aposentado, com 40 anos, na Universidade de Pernambuco. [...] Fui primeiro para a Bolívia, em La Paz, e segui para Santiago do Chile, onde fiquei 4 anos e meio. Saí em 1969 indo com a família para os Estados Unidos, onde fui professor na Universidade de Harvard durante um ano, e depois fui para Genebra, onde trabalhei durante 10 anos no Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas. No exílio percorri o mundo...

Senti muita saudade da terra da gente, do cheiro da terra, do povo, do gosto da comida, mas o exílio também me ensinou a abrir meus olhos.

[...] Escrevi meus livros que se difundiram pelo mundo. Me acostumei a entender as diferenças culturais. Tive a alegria de participar de momentos de restauração dos sistemas educacionais de sociedades que fizeram a libertação.

[...] Assim que foi possível vir para o Brasil, eu vim imediatamente. [...] Voltei para o nosso país cheio de vida, cheio de esperança. [...] Não é possível matar esse país.

Paulo Freire

Apud BONCIANI, Mário. Uma entrevista com Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 117.



No exílio, Paulo Freire abastecia seu coração de pernambucano brasileiríssimo em encontros esporádicos e fortuitos com outros brasileiros de passagem pela cidade em que vivia. Naqueles momentos, a saudade e as dores das lembranças se enchiam de silêncio – o Brasil querendo-o de volta e ele sonhando com sua terra com palmeiras onde canta o sabiá...

DOM PAULO [EVARISTO ARNS] VISITOU-O, creio que em Genebra. A conversa foi tão animada que o pontualíssimo germânico perdeu o avião em pleno aeroporto e pernoitou na sua casa. Me disse mais de uma vez que, ao ver seus livros, em inúmeras línguas, na sala da sua casa, pensou: “o lugar deste homem é no Brasil”.

Antonio Carlos Fester

FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco, *op. cit.*, p. 62.

Depoimento de Alipio Casali, professor titular do Departamento de Fundamentos, Políticas e Gestão da Educação da PUC-SP e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, especialmente escrito para este livro.

LIMA, Elvira de Souza. A dor do exílio. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 21.

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM PAULO Freire foi surpreendente e insólito. Em Genebra, Conselho Mundial de Igrejas, 1977: ele estava em seu gabinete, sozinho, chorando, logo após ter recebido a notícia da morte da mãe – ela no Brasil, ele no exílio. A partilha de uma dor como essa, cria, inerentemente, uma ligação emocional intensa, duradoura, que no nosso caso se converteu em amizade. O consolo pelo luto se estendeu numa longa conversa, em torno de memórias dele sobre a mãe. Encontrei ali, naquela cena, um ser humano extraordinário, não apenas por tudo o que ele já significava reconhecidamente para a educação, mas porque ele se mostrava também com as notáveis qualidades da autenticidade, simplicidade, empatia, humildade. [...]

Alipio Casali

AO SABER QUE EU ACABARA de chegar do Brasil, me fez muitas perguntas. Vi sua satisfação ao saber que eu conhecia e acompanhava o Movimento Armorial: sim, eu conhecia bem o Quinteto Armorial e [Ariano] Suassuna, e por aí foi a conversa.

A um determinado momento me perguntou se eu ficaria na Europa para estudar ou se iria regressar ao Brasil. Nem me passava pela cabeça, na época, sair do Brasil para fazer o mestrado, que eu iniciaria em breve na PUC [Pontifícia Universidade Católica] de SP. Eu disse, enfaticamente, que voltaria.


Foi aí que mudou sua expressão. Com os olhos fixos num ponto qualquer do infinito, provavelmente em seu Pernambuco distante, separado pelo oceano, disse com uma dor infinita: “eu não verei mais as palmeiras de meu país”. Quase um sussurro, uma dor pungente. A dor do exílio. Caiu um silêncio na sala.

Elvira de Souza Lima



MENINICE AJUIZADA E JUVENTUDE COMPORTADA

Tantas vivências:
descobertas, amizades,
estudos, amores,
a fome e a pobreza



Bem-vindo ao mundo, iluminado Paulo Freire! Em 19 de setembro de 1921, Recife acolhe o bebê de 2,5 kg e 49 cm, quarto e último filho do casal Joaquim Themístocles Freire (1879-1934) e Edeltrudes Neves Freire (1892-1977), a dona Tudinha.

[...] Recife, teus lindos jardins recebem a brisa que vem do alto-mar.
Recife, teu céu tão bonito tem noites de lua pra gente cantar.
Recife de cantadores vivendo da glória, em pleno terreiro
Recife dos maracatus [...]

CAPIBA, "RECIFE, CIDADE LENDÁRIA", 1950.

ELE NASCEU EM UMA FAMÍLIA de classe média; morava em uma casa confortável com um grande e belo quintal repleto de árvores frondosas, com boas condições de vida, graças também à ajuda financeira que a família recebia de seu padrinho (que tinha um comércio sólido e bem-sucedido no Rio de Janeiro). Seu pai, Joaquim Temístocles Freire (tenente da Polícia Militar), era amoroso e, sempre que podia, lia histórias, tocava violão e cantava para ele na hora de dormir. Sua mãe, Edeltrudes Neves Freire, [...] cuidava da casa e de toda a família.

Targélia Albuquerque

EU USAVA A AMENIDADE DAS SOMBRAS para estudar, brincar, conversar com meu irmão Temístocles sobre nós mesmos, nosso amanhã, sobre a saudade de nosso pai falecido ou então para curtir, mergulhado em mim mesmo, a falta da namorada que partira.

Paulo Freire

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. Paulo Freire: uma história de vida. *Construir Notícias*, n. 116, jan.-fev. 2021. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/paulo-freire-uma-historia-de-vida/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 16.

Nos primeiros anos de sua vida, a presença marcante de seus pais constituiu uma rede de segurança que fortaleceu seu coração e sua mente. Sob o guarda-chuva de uma frondosa mangueira no quintal da casa, gravetos curiosos cutucavam a maciez plácida do solo, ensaiando descobertas da língua portuguesa escrita...

GOSTARIA DE DESTACAR [...] a importantíssima presença dos pais de Paulo, sobretudo da mãe, na sua vida e na formação de seu caráter. Os cuidados dela foram absolutamente surpreendentes para uma pessoa que foi mãe no início do século XX. Suas anotações em *O livro do bebê* de Paulo, apesar da linguagem pouco usual para os dias de hoje, dizem de seu carinho, respeito e dedicação; do seu poder de observação sutil e da aceitação da maneira de ser, das emoções do seu pequeno filho desde o nascimento e no seu desenvolvimento da primeira infância. É possível constatar [...] alguns traços de sua personalidade de adulto se definindo na sua mais tenra idade. Ela o acolheu e dele cuidou verdadeiramente, sem as interferências indevidas, autoritárias, deterministas, como era comum na época. [...]

Transcrevo, a título de ilustração, partes significativas desse livro com os registros de Dona Tudinha: “Paulo nasceu numa segunda-feira, foi um dia de tristeza e de aflições, pois seu Papá estava muito mal, sem esperança de restabelecer-se, quase que Paulinho seria órfão ao nascer, porém o bom Jesus livrou-o dessa desventura, presenteou-o restituindo a saúde ao seu Papá”.

Ana Maria Araújo Freire

FUI ALFABETIZADO NO CHÃO DO quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo, não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Paulo Freire

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**, op. cit., p. 45.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 21. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988, p. 15.



Os quintais abertos e as sombras deliciosas de árvores magníficas foram cenário para a precoce alfabetização de Paulo Freire pelas mãos de sua zelosa mãe. Essa tarefa foi complementada no banco escolar por uma apaixonante e jovem professora.

QUANDO EUNICE [VASCONCELOS] ME ENSINOU, era uma menina, uma juvenzinha de seus 16, 17 anos. [...] ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e, particularmente, os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: “Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!...” [...]. Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas.

Paulo Freire

TAVERNA, Carmem Silvia R. Paulo Freire vive. In: COLETIVO PAULO FREIRE. **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 58.

Apud GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996, p. 31.

DE CORAÇÃO ABERTO, A EXPERIÊNCIA de vida de Paulo Freire se revela também na sua proposta de alfabetização. Ele foi alfabetizado pela mãe à sombra das árvores no quintal de casa. Ali ela o ensinou a escrever com pequenos galhos, no chão de terra, as palavras que lhe eram familiares. E é assim que o poeta, neste tempo presente, anuncia novos tempos que, certamente, virão.

Carmem Silvia Taverna

A crise econômica de 1929 também afetou sua família. Nesse tempo, Paulo Freire viveu as agruras da fome. Desde então, meio garoto, meio moço, ele foi elaborando sua condição de eterno lutador pelos mais pobres e menos assistidos.

PAULO E SUA FAMÍLIA MORAVAM na casa de um tio, que era próspero comerciante. A crise de [19]29, que paralisou parte do comércio mundial, provocou a perda da casa. Sem recursos para alugar casa em Recife, tiveram que mudar para Jaboatão, cidade próxima à capital, onde viveram momentos de grandes dificuldades.

Maria José Vale, Sonia Maria Gonçalves Jorge e Sandra Benedetti

EM JABOATÃO EXPERIMENTEI O QUE é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive “minha primeira iluminação”: um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir...

Paulo Freire

VALE, Maria José; JORGE, Sonia Maria Gonçalves; BENEDETTI, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar**: almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005, p. 11.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979, p. 16.

Jaboatão: novas experiências, novos amigos, outras dificuldades, novos amores...

EM JABOATÃO, SÓ EXISTIAM ESCOLAS primárias. Seguir adiante significava ter de ir para o Recife. O primeiro ano secundário de Paulo Freire foi cursado mediante o sacrifício e a solidariedade dos irmãos.

A renda familiar não era suficiente para o sustento de todos e a permanência de Paulo Freire em escola particular. Dona Edeltrudes, persistente, conseguiu uma bolsa de estudos para o filho, no Colégio Osvaldo Cruz, também em Recife.

[...] Assim como grande parte dos adolescentes, principalmente os mais pobres, Freire viveu a insegurança em relação à autoimagem, a ansiedade para ser aceito no grupo social.

Maria José Vale, Sonia Maria Gonçalves Jorge e Sandra Benedetti

ESTAVA SENDO ENTÃO UM ADOLESCENTE inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz do que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. Era muito mais mal-humorado do que apaziguado com a vida. Facilmente me eriçava. Qualquer consideração feita por um colega rico da classe já me parecia o chamamento à atenção de minhas fragilidades, de minha insegurança.

Paulo Freire


VALE, Maria José; JORGE, Sonia Maria Gonçalves; BENEDETTI, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar**, *op. cit.*, p. 12 e 15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 48.

Pequenas doses filosóficas

Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p. 101.



... e a dor pela perda do pai e a interrupção dos estudos. Outras vivências iam se mesclando no caldeirão sentimental do mundo do jovem Paulo.

PAULO FREIRE, AOS 13 ANOS, viveu a dor de perder seu pai e de interromper seus estudos. Mas, em Jaboatão, Paulo Freire provou também algumas doces alegrias. Em suas recordações, lá estavam o rio Jaboatão, onde adorava nadar, a “roda de amigos”, vencida a timidez, a descoberta de sua paixão pelo futebol, pelas moças e pelas sintaxes popular e erudita de nossa língua.

Maria José Vale, Sonia Maria Gonçalves Jorge e Sandra Benedetti

VIVEU EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM SUA personalidade: uma vida mais livre, mais solta de menino, explorando espaços novos com os amigos e o irmão. Correndo atrás de bola, empinando pipa, nadando e pescando no rio, acompanhando as bandas de música popular, vivendo as primeiras paixões, viu seu corpo crescer e foi amadurecendo. Ganhou novos amigos, amigos de bairros mais simples, a maioria deles com as mesmas dificuldades econômicas. A turma tinha seus segredos e esconderijos onde guardar as frutas que colhiam das propriedades vizinhas e se refugiar das encrencas frequentes.

Sergio Haddad

NO MESMO COLÉGIO OSWALDO CRUZ de Recife onde estudou, Paulo Freire foi professor de Língua Portuguesa, a partir de 1941.


“[...] Vivi um tempo intensamente dedicado a leituras [...] de gramáticos brasileiros e portugueses. Parte da parte que me cabia do que eu ganhava dedicava à compra de livros e de velhas revistas especializadas. [...] Não andava sujo, é verdade, mas andava feiamente vestido.”

Paulo Freire

VALE, Maria José; JORGE, Sonia Maria Gonçalves; BENEDETTI, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar**, op. cit., p. 12.

HADDAD, Sergio. **O educador: um perfil de Paulo Freire**. São Paulo: Todavia, 2019, p. 29-30.

Apud VALE, Maria José; JORGE, Sonia Maria Gonçalves; BENEDETTI, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar**, op. cit., p. 17.



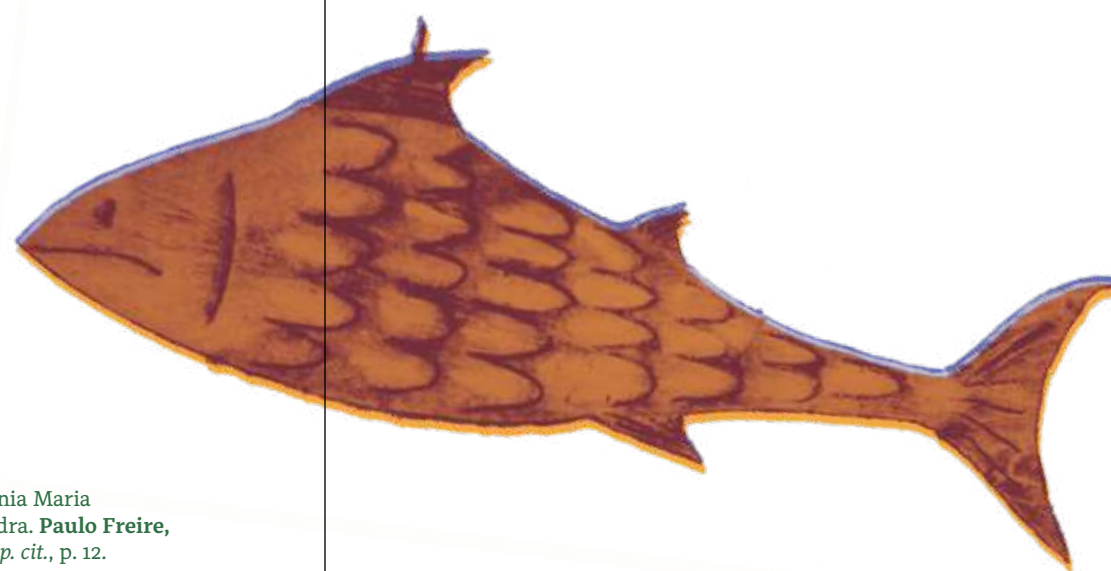
Relatos avulsos, flashes do cotidiano de Paulo Freire.

NAQUELE PRIMEIRO ANO DE ESTUDOS de Paulo, Tudinha fez uma intensa busca por uma nova escola que concedesse uma bolsa para o filho. Saía todas as manhãs para Recife e só voltava no fim da tarde. Um dia, Paulo, que sempre ia buscá-la na estação, a viu descer do vagão com um sorriso no rosto e a grata notícia de que o Colégio Oswaldo Cruz, um dos mais renomados da cidade, havia oferecido uma vaga para ele. A única contrapartida, segundo o diretor e proprietário, Aluizio Pessoa de Araújo, era que Paulo tivesse bom desempenho.

Em Recife e depois em Jaboatão, Paulo viveu suas primeiras paixões infantis e adolescentes. Ainda criança, antes de se mudar, encantou-se com uma vizinha alta e bonita aos seus olhos, que ele acompanhava todos os dias até o Grupo Escolar Mathias de Albuquerque, onde estudavam, sempre à beira de se declarar. Foi um amor platônico, encerrado com a mudança da família. Em Jaboatão, apaixonou-se pela filha de um rico comerciante que vivia em um casarão colonial no centro da cidade. Foi correspondido por ela de forma cuidadosa, às escondidas – mas a diferença de classe social não permitiu que a história seguisse adiante.

[...] Sua relação com o Oswaldo Cruz não se limitaria ao papel de estudante. Nos dois últimos anos do secundário, durante o curso Pré-Jurídico, foi convidado a exercer a função de “auxiliar de disciplina” e ensinava os alunos mais novos. Mais tarde, quando já frequentava o primeiro ano da Faculdade de Direito, tornou-se professor de língua portuguesa a convite do diretor Aluizio Araújo. [...] O sonho de ser professor estava se realizando.

Sergio Haddad



HADDAD, Sergio. **O educador**, op. cit., p. 31-32.

Óculos de leitura



Quatro sugestões biográficas mais demoradas e ricas em detalhes:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 1996.

HADDAD, Sergio. **O educador: um perfil de Paulo Freire**. São Paulo: Todavia, 2019.

MATURIDADE E OS PRIMEIROS OFÍCIOS

As dúvidas,
as escolhas e
os reencontros



*A vida segue...
Como advogado formado, desiste
do ofício já na primeira causa.
No Sesi, o reencontro sensível
com a classe trabalhadora.*

[...] CASEI-ME AOS 23 ANOS, em 1944, com Elza Maia Costa Oliveira [...]. Com ela prossegui o diálogo que aprendera com meus pais. De nós vieram ao mundo cinco filhos [...].

[...] Licenciado em Direito pela atual Universidade Federal de Pernambuco, tratei de trabalhar com dois colegas. Mas abandonei o Direito depois da primeira causa: um assunto de dívida. Após falar com o jovem dentista, devedor tímido e vacilante, deixei-o ir em paz [...].

Paulo Freire



COMO DIRETOR DO DEPARTAMENTO de Educação e de Cultura do Sesi, em Pernambuco, e depois na Superintendência, de 1946 a 1954, fiz as primeiras experiências que me conduziram mais tarde ao método que iniciei em 1961. Isto teve lugar no movimento de Cultura Popular do Recife [...].

Paulo Freire



Nota de esclarecimento

Elza Freire, professora alfabetizadora, muito contribuiu para que Paulo Freire se assumisse como educador e desenvolvesse sua concepção de alfabetização. Foi leitora crítica de seus textos e acompanhou-o no exílio, enfrentando com ele as dificuldades. A importância de Elza Freire na vida de Paulo é reconhecida por ele em várias obras. Elza Freire faleceu em 1986.

EM 1947 CHEGUEI AO SERVIÇO Social da Indústria, o Sesi, Departamento Regional de Pernambuco, onde permaneceria por dez anos, envolvido numa prática político-pedagógica da mais alta importância para mim.

Devo salientar, num primeiro momento, que a minha vinda para o Sesi possibilitou meu reencontro, realmente marcante, com a classe trabalhadora. Reencontro de que o encontro primeiro se dera na minha infância e adolescência, em Jaboatão, na minha convivência com meninos camponeses e urbanos, filhos de trabalhadores rurais e citadinos.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. *Conscientização*, op. cit., p. 15

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, p. 133.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*, op. cit., p. 15.

Paulo Freire trabalhava muito. A cultura popular e o cotidiano dos educandos eram o mote desses encontros, das discussões, das propostas - o fermento intelectual de suas reflexões, que se encontraram na formulação de um método próprio de educar e alfabetizar.

O PROFESSOR PAULO TRABALHAVA MUITO. Ao mesmo tempo cuidava da educação de crianças e de adultos no Sesi e dava aulas e criava coisas novas no Serviço de Extensão Cultural da Universidade em Pernambuco. Ele passou, então, alguns anos da vida dele formando novas professoras e novos professores. Em 1960 ele participou da criação do Movimento de Cultura Popular de Recife. [...] Este "movimento" reuniu professores, estudantes, intelectuais e artistas. Ele não existia só nas escolas e nem era um trabalho só de educação. Não. Tinha teatro também, tinha cinema, tinha poesia. [...]

O Movimento de Cultura Popular era uma grande "escola aberta de cultura". O sonho das pessoas do MCP era trazer as crianças e os adultos dos bairros pobres do Recife, das favelas, das beiras dos rios, tudo o que pudesse ser visto e ser ouvido de bom e de bonito. [...]

E foi no Movimento de Cultura Popular que Paulo Freire começou a trabalhar com uma coisa chamada "alfabetização de adultos".

Carlos Rodrigues Brandão



MEU PAI JÁ VINHA DESDE OS ANOS 1950 preocupado com o problema de alfabetização no Brasil, em geral, e no Recife, em particular, cidade onde nasceu e trabalhou no Sesi, Serviço Social da Indústria, onde foi diretor durante 10 anos, no setor da Divisão de Educação e Cultura.

Foi no Sesi onde Paulo Freire teve ocasião de viver e sentir em concreto as necessidades dos trabalhadores dessa instituição criada, na sua origem, para desempenhar uma função assistencialista e paternalista. Seu objetivo principal era justamente o contrário do que o Sesi propunha. Como agir em termos práticos com os operários? Juntamente com sua equipe de trabalho, começou fazendo reuniões com os trabalhadores, nas quais discutiam e dialogavam não só sobre os seus problemas profissionais, mas também sobre suas vidas: família, filhos, escola, salário etc.

Cristina Freire

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**, p. 13. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/81535aa8-eb22-497a-82bb-1f983097aee5/content>. Acesso em: 16 set. 2025.

FREIRE, Cristina. As origens sociais e políticas do método Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 298.

ANGICOS

No calendário pré-golpe,
a construção do método,
a alfabetização consciente
e a repercussão disso



Angicos entra na cena
político-educacional e
faz história.

A SABEDORIA DOS MEUS PAIS foi a de, através do Método Paulo Freire, fazê-lo [alfabetizar] unindo educação e política, educação e conscientização, educação e mudança social. De maneira sintética são essas as raízes do Método Paulo Freire.

[...] Em Recife, no bairro Poço da Panela, ele foi aplicado pela equipe de trabalho do meu pai, pela minha mãe, minha irmã mais velha, Madalena, e também uma prima, Adozinda, professora primária na época.

Em Angicos, cidade do estado do Rio Grande do Norte, a experiência foi massiva. Foram alfabetizados 300 camponeses em 40 horas. Previa-se a aplicação do método no país todo, num amplo Programa Nacional de Alfabetização a ser desenvolvido pelo MEC, em 1964, mas ele foi cancelado em abril daquele ano, pelos militares que tomaram o poder no Brasil.

Cristina Freire

Nota de esclarecimento

Paulo Freire opõe-se à alfabetização que ensina apenas a decodificar palavras. Propõe um processo de imersão do aprendiz na sua realidade local com o objetivo de desenvolver a consciência crítica. Um processo ativo, baseado no diálogo entre educador e educando, em que o alfabetizando seja agente de seu aprendizado. Na prática, o método tem várias fases: 1. levantamento do universo vocabular; 2. escolha das palavras desse universo; 3. criação de situações existenciais típicas do grupo de alfabetizados, para debate; 4. elaboração de fichas-roteiro para auxiliar no debate; 5. uso de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas constituintes dos vocábulos geradores; 6. estudo da família fonêmica; 7. formação de novas palavras, frases e pequenos textos.

Baseado em FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 101 a 122

FREIRE, Cristina. *As origens sociais e políticas do método Paulo Freire*, op. cit., p. 298.

Angicos foi um marco na história da educação brasileira. E poderia ter sido o movimento inicial mais forte de que se teve notícia sobre a erradicação do analfabetismo, se não tivesse sido bruscamente abortado pelo regime ditatorial imposto pelo golpe de Estado.

TRABALHAMOS JUNTOS EM ANGICOS NO ano de 1963, laboratório experimental que ficou conhecido como as “40 horas de Angicos”, do qual fui coordenador, além de outras frentes no Rio Grande do Norte, até à brutal interrupção pelo Golpe de 1964. [...]

Lembro-me perfeitamente de quando foi para o MEC, a convite do presidente João Goulart, como recusou a proposta do então Ministro da Educação, de alongar a escolaridade inicial de forma a cobrir os conteúdos de pelo menos as 3 primeiras séries do então curso primário, hoje chamado de ensino básico. Recusou e convenceu, advogando a necessidade de incluir no menor espaço de tempo um número maior de brasileiros, assegurando-lhes o básico, e confiando na criação, em seguida, de novos caminhos que lhes seriam propostos para continuar a escolaridade [...]. [...] permanece inexplicado o abandono pelo MEC, até hoje, de iniciativas similares. No MEC, o Programa Nacional de Alfabetização criado por Decreto em janeiro de 1964 foi extinto em 14 de abril do mesmo ano, um dia antes de sua posse, por exigência de Castelo Branco.

Marcos J. C. Guerra

Nota de esclarecimento

O ponto de partida do processo de alfabetização elaborado por Freire é o debate de situações existenciais significativas para o grupo de alfabetizados. Isso é feito com o auxílio de ilustrações (fichas de cultura). As primeiras fichas de cultura elaboradas para esse fim foram feitas pelo artista plástico pernambucano Francisco Brennand, apresentado a Paulo Freire por seu amigo e colaborador Ariano Suassuna, autor teatral e grande escritor brasileiro. Atualmente, parte desse material pode ser visto na Oficina Francisco Brennand, em Recife.

GUERRA, Marcos J. C. Alfabetização e cidadania como prioridades. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., 2021, p. 219-221.

Corria o ano da graça de 1963, e os resultados de Angicos levaram Paulo Freire ao governo federal, convidado pelo presidente João Goulart, para coordenar um programa nacional de alfabetização

Pequenas doses filosóficas

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma “chaga”, nem uma “erva daninha” a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 15-16.

OS RESULTADOS OBTIDOS – 300 trabalhadores alfabetizados em 40 dias – impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos estados brasileiros [...].

Os grupos reacionários não podiam compreender que um educador católico se fizesse representante dos oprimidos. [...] Preferiram acusar Paulo Freire – o ódio ao comunismo era muito forte – de ideias que não são as suas, e atacar o movimento de democratização da cultura [...].

Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (Inodep)

INSTITUTO ECUMÊNICO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS POVOS, Contexto histórico da experiência. In: FREIRE, Paulo. *Conscientização*, op. cit., p. 17.

Eis que a preocupação em melhorar as condições de vida do povo brasileiro entra na cena curricular dos acadêmicos. Os números impressionam...

PAULO FREIRE FOI UMA PRESENÇA que me marcou (e a muitos de minha geração e de gerações posteriores) desde os tempos de faculdade. Vivíamos na FFCL de São José do Rio Preto, então Instituto Isolado Estadual [atual Ibilce-Unesp], uma experiência pedagógica revolucionária.

[...] Em 1963 estava programada a criação de 20 mil núcleos de alfabetização em todo o país, tendo como coordenador Lauro de Oliveira Lima, diretor do MEC [Ministério da Educação e da Cultura] (este teria sido um dos gatilhos para o golpe de 1964, pois, como só alfabetizados votavam, a rápida incorporação de um grande contingente de novos eleitores poderia ter influência decisiva nas eleições).

Aparecida Barco Soler Huet

TRABALHEI COM SUA METODOLOGIA DE alfabetização quando aluna do Curso de Pedagogia na década de 1960. O Centro Acadêmico da Faculdade [de Educação da USP], "Prof. Roldão Lopes de Barros", elaborou um projeto de educação para os operários que trabalhavam na construção da cidade universitária da USP e eu assumi uma classe de alfabetização que funcionou no prédio do Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

Adotamos, após muito estudo, a metodologia inovadora proposta por Paulo Freire. Posso testemunhar efetivos resultados de uma educação humanista. Grande foi a satisfação de toda a turma de dezoito alunos, quando, à exceção de um colega, após quatro meses, todos sabiam ler, escrever e compreender as leituras.

Maria Rosa Cavalheiro Marafon

HUET, Aparecida Barco Soler. Presença de Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 262-265.

MARAFON, Maria Rosa Cavalheiro. Paulo Freire e o despertar de uma nova educação. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 318-320.



...estudantes das faculdades e universidades, a maioria delas públicas, se envolveram no movimento para além do engajamento político e levaram as teses de Freire para seus congressos. A política estudantil se misturava com a política nacional intensamente.

EM 1963, ENTREI NO CURSO de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, que fazia parte do sistema isolado da USP, Universidade de São Paulo, pois ainda não havia a Unesp [Universidade Estadual Paulista]. Excelentes professores, um currículo experimental, uma biblioteca extraordinária. Um movimento estudantil vigoroso que levava teses aos congressos da UEE - União Estadual dos Estudantes - e da UNE - União Nacional dos Estudantes - e, ainda, a possibilidade de participar do CPC - Centro Popular de Cultura, com o grupo de teatro e o movimento de alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, no qual me engajei, primeiro, como auxiliar, uma espécie de estagiária/aprendiz em círculos de alfabetização já instalados.

Helenice Maria Sbrogio Muramoto

NAS FÉRIAS DE JANEIRO DE 1964 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (estadual) de Marília-SP organizou, através de seus professores como o [Antonio] Quelce e o [Ubaldo] Puppi, uma semana de palestras e discussões sobre a Realidade Brasileira.

Eu morava com minha família em Marília, tinha 18 anos e ia começar a cursar o 2º ano do Ensino Médio (o 2º científico, como era a nomenclatura da época) noturno no Colégio Estadual.

[...] Findo o seminário, os presentes tinham que escolher dois nomes de Marília para irem a São Paulo a fim de participarem de um encontro em que seria apresentada a proposta de educação de adultos elaborada pelo professor Paulo Freire, a qual seria multiplicada pelo Estado de São Paulo. Eu e o colega José Carlos Lignelli fomos escolhidos e viemos frequentar o curso que se realizaria na futura Faculdade de Educação da USP, já localizada onde hoje está, no campus Butantã.

Aí aprendemos do que se tratava esse método de alfabetização [...].

Mansur Lutfi

MURAMOTO, Helenice Maria Sbrogio. Uma experiência marcante: os "círculos de cultura" com o método Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 212-218.

LUTFI, Mansur. Paulo Freire me persegue desde a adolescência. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 237-244.

Angicos segue, extrapola
limites geográficos e contagia
universitários. Aqui, ali e acolá,
Angicos estende o sonho de
erradicação do analfabetismo.

Óculos de leitura



Alguns livros para conhecer melhor como foi a experiência de Angicos:

GADOTTI, Moacir (org.). **Alfabetizar e conscientizar**: Paulo Freire, 50 anos de Angicos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

FONSECA, Genaro; FERREIRA, Luis Henrique. Educação para emancipação: a experiência de Paulo Freire em Angicos RN, *Revista Científica Novas Configurações: Diálogos Plurais*, v. 2, n. 3, p. 217-238, 2021.

LIMA, Higor; JAGUARIBE, Renata; PASSOS JÚNIOR. **40 horas de Angicos**: memórias dos alunos de Paulo Freire no RN. Mossoró: EduFERSA, 2022.

OLIVAL, Louvercy Lima. Quanta ousadia para concretizar um projeto!. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 175-177.

O ANO DE 1964, EM virtude do golpe militar, foi muito complicado para nós, alunos do quarto ano de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto [...]. Alguns professores e alunos que se dedicavam à alfabetização de prostitutas, pelo Método Paulo Freire, o qual foi, na época, julgado subversivo por aqueles que haviam assumido o poder, foram presos.

Assim, foi com muito interesse que nos deparamos com uma publicação do jornal *Folha de São Paulo* sobre o treinamento de universitários de todas as áreas do conhecimento para cooperarem com a Operação Ubatuba, cuja pretensão era a alfabetização de caiçaras do litoral norte [de São Paulo]. Selecionados no final do quarto trimestre de 1964, partimos em janeiro de 1965 para o contato efetivo com os caiçaras, nossos alunos. Ficamos alojados nas praias de Perequê-Mirim, Perequê-Açu e Maranduba.

[...] a Operação Ubatuba [foi] entendida por alguns como uma “revolução em surdina”. Ela surgiu basicamente do empenho de dois personagens: Alzira Helena Barbosa Teixeira, advogada e secretária de Educação de Ubatuba, e Ewaldo Dantas Ferreira, repórter da *Folha de São Paulo*, que havia feito em 1963 a cobertura do trabalho de Paulo Freire em Angicos, Rio Grande do Norte.

Louvercy Lima Olival



Paulo Freire não é inspiração apenas para educadores. Sobre ele, o grande dramaturgo brasileiro Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, escreveu: "Para que eu exista é preciso que Paulo Freire exista".

[...] ASSIM SÃO OS GÊNIOS: descobrem ou inventam o óbvio que ninguém vê. Assim aconteceu com Paulo Freire: descobriu que "o vovô absolutamente não viu o ovo", nem a "vovó viu a ave coisa nenhuma", mas ao contrário – com certeza certa! – o pedreiro viu a pedra; a cozinheira, o feijão; o lavrador, a enxada, a soja e o trigo. E o operário e o camponês não viam o salário, as férias, o direito à escolaridade dos filhos, à saúde. O trabalhador não via a hora de descansar. O faminto, a hora de comer. O povo, a hora da redenção.

[...] E, assim, desenhando em letras e palavras a dor que o pobre sentia na carne – mas sem esquecer os desenhos do sonho e da esperança! –, Paulo Freire inventou um Método, o seu, o nosso, o Método que ensina ao analfabeto que ele é perfeitamente alfabetizado nas linguagens da vida, do trabalho, do sofrimento, da luta, e só lhe falta aprender a traduzir em traços, no papel, aquilo que já sabe, no seu cotidiano. [...] E, neste processo, aprendem o professor e o aluno [...].

No seu Método, além de se aprender a ler e a escrever, aprende-se mais: aprende-se a conhecer e respeitar a alteridade, o outro, o diferente. [...] Existo porque existem.

Augusto Boal

Apud COMPARATO, Fabiana. Freire e Boal: uma conexão afetiva. *Boal (blog)*, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://augustoboal.com.br/2019/11/13/freire-e-boal-uma-conexao-afetiva/>. Acesso em: 18 set. 2025.

A experiência de Angicos surgiu em meio à efervescência cultural e política de uma época e teve seu caminho interrompido pelo golpe de 1964. Mas as ideias que fundamentam essa proposta de alfabetização permaneceram como forma de resistência.

O QUE HAVIA EM COMUM entre a experiência de Angicos (Paulo Freire) e a de Rio Preto? Ou ainda, com os colégios vocacionais (Maria Nilde Mascellani), com o Colégio de Aplicação da USP (Maria José Werebe), com o Experimental da Lapa (Joel Martins/Therezinha Fram), com a reforma de ensino em São Paulo (Ulhoa Cintra/José Mário Pires Azanha), com a Universidade Federal da Bahia, para onde foi Lina Bo Bardi juntar-se a tantos criadores geniais como Pierre Verger, Smetak, Maestro Koellreutter?

Havia a efervescência político-cultural, a luta pela superação do subdesenvolvimento, das desigualdades, às quais a Guerra Fria e seu fruto, o golpe de 1964, buscaram dar fim. Se em alguns casos conseguiu de forma imediata, em outros a resistência permaneceu e se reinventou de diferentes formas.

E qual foi a contribuição de Paulo Freire a essa resistência/resiliência?

Ele foi realmente genial, ao criar um método e uma concepção de educação, de homem, de cultura: o círculo de cultura, o universo vocabular, o diálogo, a horizontalidade das relações pedagógicas, a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, o processo de conscientização. E, acima de tudo, o sentido de urgência, que fez buscar soluções práticas para integrar aqueles grandes contingentes humanos marginalizados.

Aparecida Barco Soler Huet

HUET, Aparecida Barco Soler. *Presença de Paulo Freire*, op. cit., p. 262-265.

NO EXÍLIO

os roteiros
que a vida
põe na mesa

Em meio a golpes de Estado na América Latina, esquivando-se dos governos ditatoriais, Paulo Freire continuou sua trajetória de professor-pensador que também aprende.

CHEGUEI A LA PAZ, BOLÍVIA, em outubro de 1964, onde outro golpe de Estado me surpreendeu. Em novembro do mesmo ano aterrissei em Arica, Chile [...]. [...] dias depois comecei a trabalhar como assessor do famoso economista Jacques Chonchol, presidente do Instituto de Desarrollo Agropecuario – Indap – [Instituto de Desenvolvimento Agropecuário] e que veio a ser depois ministro da Agricultura do governo Allende.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, op. cit. p. 35.

Violentamente interrompido no Brasil, o método de alfabetização Paulo Freire encontraria terreno fértil em outros países, onde seu criador, como exilado, trabalhou e exerceu militância política.



No Chile, estava em pauta a valorização dos saberes do povo, influência forte de Paulo Freire no processo de alfabetização dos camponeses.

Pequenas doses filosóficas

O que não é possível é o desrespeito ao saber de senso comum; o que não é possível é tentar superá-lo sem, partindo dele, passar por ele. [...] Refiro-me à insistência com que, desde faz longo tempo, defendo a necessidade [...] de jamais subestimar ou negar os saberes de experiências feitas, com que os educandos chegam à escola ou aos centros de educação informal.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 84-85.

SE BEM ME LEMBRO, CHEGAMOS em Arica (Chile) numa sexta-feira, e na segunda fui levado por Thiago de Mello e pelo [Steban] Strauss ao gabinete de Jacques Chonchol, do Instituto de Desarrollo Agropecuario. Apesar de minha dificuldade em entender o castelhano do Jacques, tivemos um papo muito cordial, e saí do seu gabinete contratado como assessor dele, para o que eles chamavam lá de Promoción Humana. [...]

No fundo, o que comecei a fazer era um trabalho de educação popular, que tanto podia se dar ao nível da pós-alfabetização como da alfabetização também.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. 4. ed. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022, p. 129.

DEFENSOR DA VALORIZAÇÃO DOS SABERES do povo, Freire influenciou de maneira decisiva o processo de alfabetização e educação dos camponeses chilenos. [...] O alcance da pedagogia freiriana no Chile foi maior do que no Brasil. [...]

Freire entrou em embate com técnicos advindos de fora do campesinato, que inferiorizavam os saberes camponeses relacionados à produção agrícola. Para o educador, eles praticavam o que chamou de “invasão cultural”, ou seja, traziam técnicas para aumentar a produtividade, mas buscavam implantá-las sem diálogo. [...]

Em um documento intitulado *Alfabetización Funcional en Chile*, produzido para o Icira [Instituto de Capacitação e Pesquisa em Reforma Agrária], o educador argumentou que “o aumento da produção no processo de reforma agrária é eminentemente cultural. O aumento indispensável da produção não pode ser visto como algo separado do universo cultural em que ocorre”.

Talita Pires

PIRES, Talita. No Chile, Paulo Freire estruturou educação camponesa e acelerou processo de politização dos trabalhadores. **Rádio Brasil de Fato**, São Paulo, 11 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/11/no-chile-paulo-freire-estruturou-educacao-camponesa-e-acelerou-processo-de-politizacao-dos-trabalhadores>. Acesso em: 18 set. 2025.

Pequenas doses filosóficas

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 35.



Na memória, nas andanças por outros países, Paulo Freire recolheu os discursos que ouvia e que o ajudaram a repensar a experiência brasileira. É nessas andanças, em meio a aprendizagens e ensinamentos, entre 1967 e 1968, que ele escreve seu livro mais contundente, *Pedagogia do oprimido*.

COMO ASSESSOR DE JACQUES CHONCHOL no Instituto de Desarrollo Agropecuario [...], foi possível estender minha colaboração ao Ministerio de Educación, junto aos trabalhadores de alfabetização de adultos [...].

[...] viajando quase todo o país, acompanhado sempre por jovens chilenos, na sua maioria progressistas, ouvi camponeses e discuti com eles sobre aspectos de sua realidade; debati com agrônomos e técnicos agrícolas uma compreensão político-pedagógico-democrática de sua prática; debati problemas gerais de política educacional com os educadores das cidades que visitei.

Tenho ainda hoje, na memória, bem vivos, retalhos de discursos de camponeses, de afirmações, de expressões de legítimos desejos de melhora, de um mundo mais bonito ou menos feio, menos arestoso, em que se pudesse amar [...].

Paulo Freire

FOI VIVENDO A INTENSIDADE DA experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia repensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a *Pedagogia do oprimido* entre 1967 e 1968.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*, op. cit., p. 41.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*, op. cit., p. 53.



Nota de esclarecimento

Pedagogia do oprimido é considerada a obra mais importante de Paulo Freire. Tem como tema central a complexa relação entre opressor e oprimido na nossa sociedade. No livro, Paulo Freire critica a educação bancária, que despreza o saber dos oprimidos e impõe a eles a cultura do opressor. Freire propõe uma pedagogia dialógica emancipatória, que contribua para a libertação do oprimido e sua transformação em sujeito autor da sua própria história, por meio da práxis (ação, reflexão e ação). A pedagogia do oprimido, humanista e libertadora, caracteriza-se pela formação de pessoas que lutam por sua libertação e humanização. O conteúdo programático dessa pedagogia vem do povo, de seus anseios, dificuldades e lutas por direitos, vida digna e justiça social. *Pedagogia do oprimido* é leitura essencial para os que se preocupam com a construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

No caminho de Harvard (EUA) tinha um calendário e um convite do Conselho Mundial de Igrejas...

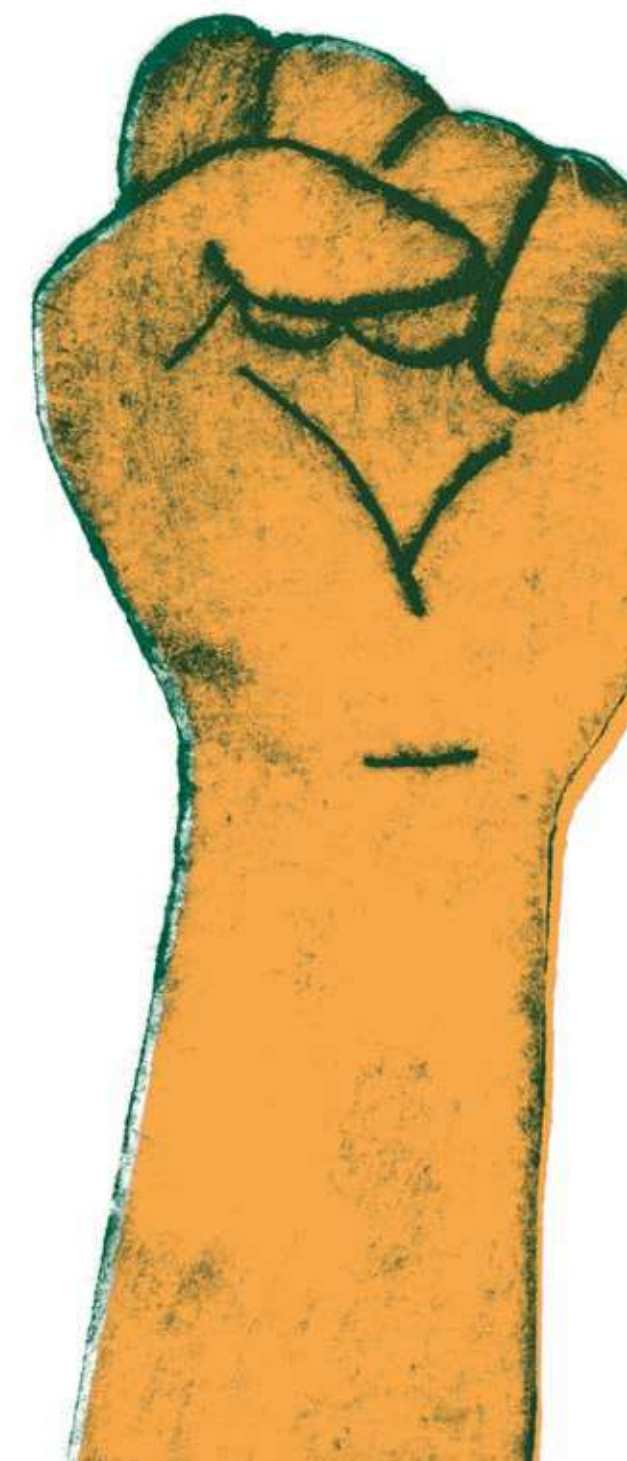
PAULO PARTIU COM ELZA E OS DOIS FILHOS HOMENS para Massachusetts, ficando de abril de 1969 a fevereiro de 1970 morando em Cambridge, contratado para dar assessoria a um centro de estudos sociais – Center for Studies of Development and Social Change – e para dar aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard – como professor visitante.

“Quando eu voltei ao Chile da primeira viagem, comecei a receber convites dos Estados Unidos. Houve uma coisa muito engraçada porque recebo uma carta de Harvard me propondo dois anos lá, e oito dias depois recebo a do Conselho Mundial de Igrejas. Harvard me propunha estar até fins de [19]69 e o Conselho para estar aqui em setembro. Resolvemos, então fazer uma contraproposta aos dois. A Harvard para ficar até fins de 69 e ao Conselho para vir no começo de 70.

[...] E naquela época eu sabia que o Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria. Eu temia, ao deixar a América Latina, perder o contato com o concreto. [...] O Conselho me dava essa oportunidade. Eu chegava à Índia, por exemplo, encontrava lá um grupo de estudantes que me dizia: ‘olha, nós conseguimos uma edição do teu livro, mimeografamos, estudamos dois meses e resolvemos ir para a prática que nós tivemos que queremos te contar’. Então eu passava duas ou três horas conversando com esses meninos e eles dizendo, ‘tu escreveste esse livro foi para nós porque é a mesma coisa.’”

Ana Maria Araújo Freire

FREIRE, Ana Maria Araújo.
Paulo Freire, op. cit., p. 189-191.



Em Harvard, num contexto de ativismo contra o racismo, Paulo Freire vive as mesmas condições de opressão de uns sobre outros. E um desconforto o acompanha: quer mesmo é ser professor nas esquinas das ruas, conversar, ensinar e aprender com o povo.



Óculos de leitura Sucesso no mundo todo, apenas em 1974 o livro *Pedagogia do oprimido* é publicado em português, no Brasil, pela Paz e Terra. Hoje, está disponível em sua 84ª edição (2019), pela mesma editora.

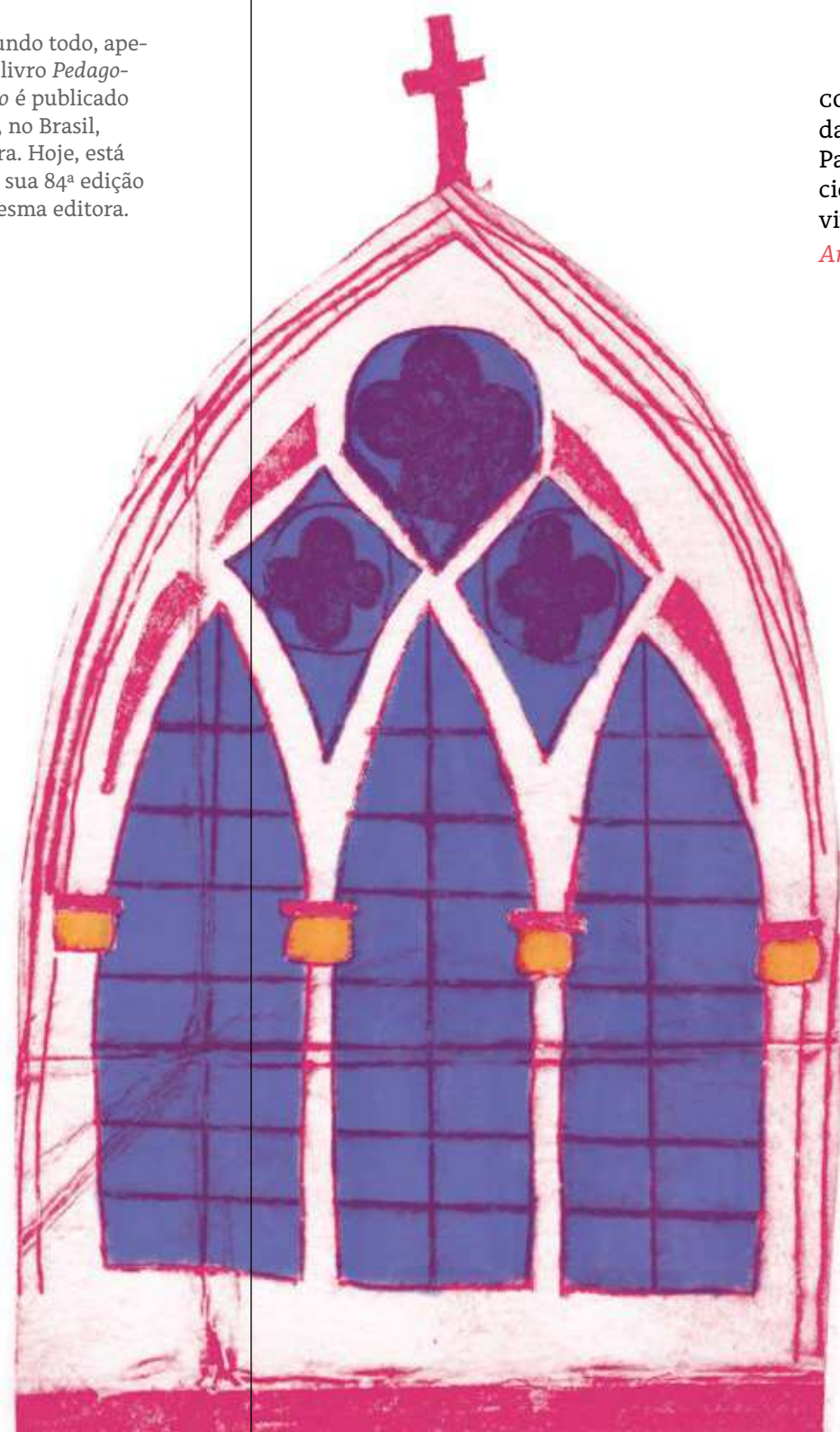
AO CHEGAR EM HARVARD EM 1969, Freire foi imerso num contexto marcado pelo movimento antiguerra e pelo contínuo ativismo relacionado à raça, incluindo o movimento Black Power. [...] Freire rapidamente compreendeu que a opressão não se limitava a países em desenvolvimento apenas. Ele percebeu em suas experiências iniciais nos Estados Unidos que a pedagogia da libertação deveria considerar não apenas opressão de classe, mas também de raça e gênero.

Estando em Cambridge, ele também visitou instituições e desenvolveu relações próximas com várias pessoas, especialmente em Boston e na Universidade de Massachusetts em Amherst, que tinha um grupo ativo de educadores de adultos interessados no trabalho de Freire. Ele também conseguiu publicar, com sucesso, *Pedagogia do oprimido* (em setembro de 1970) inicialmente nos Estados Unidos, traduzido do português ao inglês por Herder & Herder, e publicado em português apenas em 1974 por Paz e Terra. Ainda assim, Freire nunca se sentiu confortável no seu papel de professor universitário [...]. Como ele explicou décadas depois: “Eu me acho professor numa esquina de rua. Eu não preciso do contexto de uma universidade para ser um educador [...] Não me interessa passar um ano estudando um livro, mas um ano estudando uma prática diretamente”.

Martin Carnoy e Rebeca Tarlau

CARNOY, Martin; TARLAU, Rebeca. Paulo Freire continua relevante para a educação nos EUA. In: GADOTTI, Moacir; CARNOY, Martin (org.). *Reinventando Freire: a praxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Lemann Center/Stanford Graduate School of Education, 2018, p. 88.

Andando, andando... De 1970 a 1980 fixa residência com a família em Genebra (Suíça), onde ficava a sede do Conselho Mundial de Igrejas. Ali, teve a oportunidade de se aproximar de vários países africanos e construir suas “africanidades”.



CONVICTO DE QUE O CONSELHO Mundial de Igrejas lhe daria as possibilidades de “estudar e aprender” o mundo, Paulo mudou com Elza e quatro filhos para Genebra, cidade que abrigava a sede desse órgão. Nesse país, Paulo viveu de 14 de fevereiro de 1970 até 15 de junho de 1980.

Ana Maria Araújo Freire

DESTA FORMA, EM 1970, PAULO Freire partiu para Genebra, Suíça, para assumir a função de consultor de Programas Populares em Educação do então recém-criado Escritório de Educação do CMI. Este vínculo que durou dez anos, até que Freire retornasse ao Brasil com a anistia, tornou possível que o educador e sua produção ganhassem projeção mundial. Foi neste período que ele fundou, com outros brasileiros exilados na Suíça, o Instituto de Ação Cultural (Idac), para prestar serviços educativos, especialmente aos países do Sul Global (identificados como Terceiro Mundo, à época). [...]

Entre setembro de 1975 e abril de 1980, Paulo Freire viajou dez vezes para a Guiné-Bissau, seis vezes a São Tomé e Príncipe, cinco vezes para Angola e três vezes para Cabo Verde. Nestas ações ele atuou diretamente nas abordagens pedagógicas dos governos desses países, com o desenvolvimento de programas de alfabetização.

Magali Cunha

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire, *op. cit.*, p. 192.

CUNHA, Magali. Quando Paulo Freire trocou Harvard pelo Conselho Mundial de Igrejas. *CartaCapital*, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quando-paulo-freire-trocou-harvard-pelo-conselho-mundial-de-igrejas2/>. Acesso em: 18 set. 2025.

AFRICANIDADES

As afinidades com nossos irmãos africanos



Logo na primeira viagem à África, um encantamento mútuo engajou na mesma sinfonia Paulo Freire e os africanos desejosos de suas liberdades.

FREIRE TEVE CONTATO COM OS movimentos africanos de libertação pela primeira vez em 1970, quando fez a sua primeira viagem ao continente. A caminho da Tanzânia, predisps-se a observar mais tempo de paragem na Zâmbia, local de sua escala, para atender a um pedido dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que mantinham, enquanto lutavam pela Independência, uma base naquele país. Eles pediram um encontro com o brasileiro para conversar sobre a educação nas zonas libertadas.

Uma vez na Tanzânia, Freire não quis perder a oportunidade do convite para conversar com os dirigentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) que, por sua vez, mantinham sua base nesse país, e para participar de um seminário da Frente de Preparação de Animadores que atuariam nas zonas libertadas no interior de Moçambique.

Os movimentos africanos de libertação (Frelimo, MPLA, PAIGC [Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde] e MLSTP [Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe]) dos países [...] colonizados por Portugal criaram uma organização de diálogo entre si, de unificação de estratégias e de criação de uma visão comum: a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP).

[...] Paulo Freire prestou assessoria para alguns governos dos Estados africanos independentes, como o da Tanzânia, de Guiné-Bissau, de Cabo Verde, de Angola e de São Tomé e Príncipe.

Orlando Daniel Chemane

CHEMANE, Orlando Daniel. O que Paulo Freire ensinou na África ou o *Segundo caderno de cultura popular*. **Movimento**: Revista de Educação, v. 4, n. 7, p. 182-208, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/revistamovimento/article/view/32631/18766>. Acesso em: 18 set. 2025.

Na África, Paulo Freire sentia-se em “casa”: a alegria das lutas do povo africano era o combustível que o reconfortava da saudade de sua terra, a educação sendo o amálgama dessas vivências.

A ÁFRICA É O CONTINENTE que fazia Paulo nutrir a ilusão de que “voltava para casa” — quando, então, partia da fria e inodora Suíça para contribuir na constituição, através da educação, das novas nações africanas —, tal a semelhança que sentia entre aquele território e aquela gente e o “seu” país e a sua gente.

Sentia saudades e esperanças de voltar para o Brasil em cada uma das visitas que fazia para lá. Em qualquer um dos pedaços de terra africana que pisava, reconfortava-se do exílio forçado escutando as pessoas e conversando. Ou até apenas chupando mangas, saboreando bananas ou almoçando peixe ao leite de coco ou cachupa. Sentia com prazer o olor da terra quente molhando-se com a água da chuva que produzia um cheiro característico que gera vida e morte no ciclo que se consome não só na exuberância do cheiro exalado pela natureza, mas na renovação da vida.

Ana Maria Araújo Freire

BEM, A NOSSA INTENÇÃO AO trabalhar na África não era a de já chegar levando conosco, em nossas valises de mão, o nosso diagnóstico da realidade.

Pelo contrário, o nosso papel era chegar lá e procurar compreender tanto quanto possível a realidade nova, com os nacionais, e com eles estudar a programação do trabalho. Isto implicava em que os nossos encontros, nesses países, não pudessem cingir-se apenas às equipes do Ministério da Educação, mas também encontros com os Ministérios de Saúde, de Planificação, de Agricultura, de Cultura, que nos dessem então uma visão global dos projetos de desenvolvimento do país, para que se pudesse, com os nacionais, tentar a inserção do programa de alfabetização na reconstrução nacional.

Paulo Freire

FREIRE, Ana Maria Araújo. Prefácio.
In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio.
A África ensinando a gente. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 25-26.

In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio.
A África ensinando a gente, op. cit., p. 47.



Na Guiné-Bissau, os progressos na educação se instalavam como parte do desenvolvimento global do país.

[...] COM O TEMPO, ENTÃO, nós, conhecendo a grande experiência que tinha Paulo Freire, quisemos pedir o apoio dele. E então Paulo Freire vem dar-nos esse apoio intelectual, esse apoio de conhecimentos vividos em diferentes situações mais ou menos próximas daquelas que estávamos a viver. E o processo continuou, mas Paulo Freire, que era um grande intelectual, um homem realmente de uma capacidade, de uma oralidade extraordinária na explicação e no envolvimento, foi nosso professor, de nós todos. Passávamos horas discutindo todas as questões.

Mário Cabral, ex-ministro da Educação da Guiné-Bissau

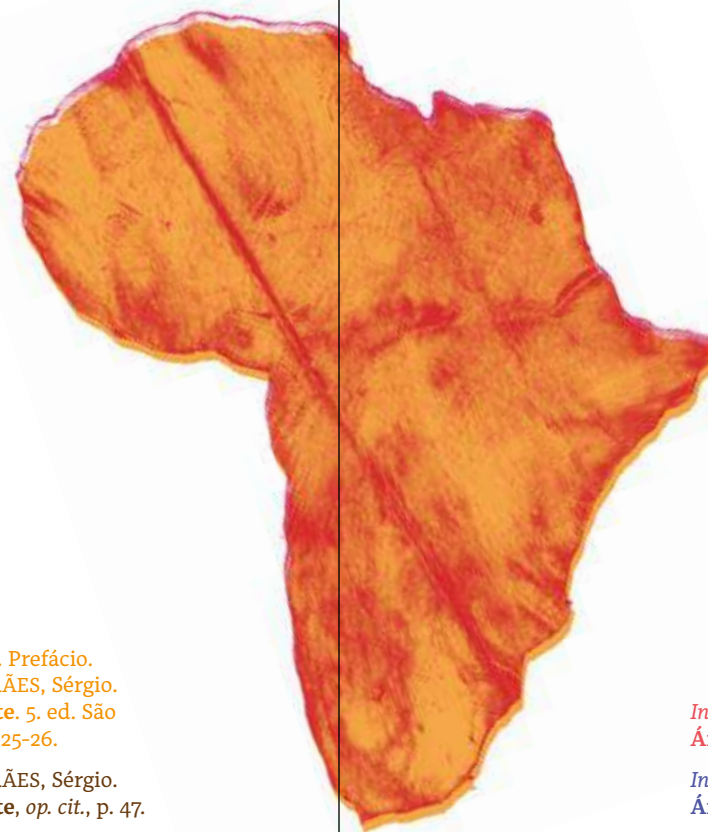


[...] EU DIRIA QUE A participação de Paulo Freire marcou muito a educação nos primeiros anos. Eu falei desse encontro dos ministros da Educação, que foi um momento alto no intercâmbio e na procura das vias para o desenvolvimento do sistema educativo, como parte integrante do desenvolvimento geral do país. E acredito que fizemos, na ocasião, progressos assinaláveis, e conseguimos dar à sociedade, ao governo, em geral, a ideia da necessidade, da prioridade que a educação merecia. Nós tivemos na ocasião a ideia de colocar uma escola em cada cinco quilômetros, para facilitar que as crianças fossem à escola etc.

Mário Cabral

In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente, op. cit., p. 175.

In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente, op. cit., p. 197.



Paulo Freire, reconhecido como um homem político de grande capacidade para o diálogo e para a síntese, era uma chama sempre acesa para incentivar revoluções sociais...

[...] UM ASPECTO MUITO IMPORTANTE é a sua pedagogia da liberdade, de uma abertura para não se ficar enquadrado numa metodologia muito rígida. Quer dizer, o intercâmbio em todo processo foi uma das questões que o Paulo Freire sempre acentuou. E esse processo, aquilo que se passa na escola, se fosse transportado para a sociedade, creio que seria muito bom para o desenvolvimento do país. E nisso Paulo nos ajudou muito, nessa abordagem aberta do aspecto social.

Ele era, de fato, um homem político, com uma capacidade de síntese e uma capacidade de diálogo muito grandes. Era um homem que ouvia muito e, sobretudo, que observava ainda mais. Com essas observações, ele ajudou muito a jovem classe revolucionária — que queria queimar etapas — a guardar um bocadinho mais o fósforo, para com essa queima não queimar o essencial.

Mário Cabral



In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente, op. cit., p. 200-201.



São Tomé e Príncipe, Angola: Paulo Freire, uma referência necessária e positiva. Por uma pedagogia que desoprimisse o povo, que incendiasse com o sonho da liberdade...

[...] PAULO FREIRE FEZ AQUI um trabalho extraordinário! Foi criada uma comissão nacional para a alfabetização, em que faziam parte representantes de todos os ministérios. Lembro que a doutora Julieta do Espírito Santo, que é médica, também pertenceu a essa comissão. Havia o Bonfim, que foi ministro da Educação, e que também pertenceu. Havia um professor, que infelizmente já faleceu, Jorge Batista de Sousa, que foi uma pessoa extraordinária, que deu a sua vida para a alfabetização, e que também teve uma participação muito importante, como o Sinfrônio [Mendes], que trabalhou na prática com o Paulo Freire. [...]

[...] A alfabetização cresceu duma forma extraordinária! Começamos um processo de alfabetização muito interessante, em que uma grande parte das pessoas que não sabiam ler tinham um grande interesse na escola, com uma movimentação e tudo mais. E então o sistema de alfabetização começou de fato a crescer.

Alda Neves da Graça do Espírito Santo, ex-ministra da Educação e Cultura de São Tomé e Príncipe

PAULO FREIRE SERÁ SEMPRE UMA referência muito positiva, no desenvolvimento do processo educativo. Muito positiva porque, para mim, Paulo Freire foi um dos pedagogos clássicos, digamos assim, ou da era mais moderna, que revolucionou — ou pretendeu revolucionar, penso que era essa a sua luta, revolucionar — a pedagogia, a favor das camadas mais desfavorecidas. [...]

Trouxemos essa experiência para Angola, que foi muito positiva. Portanto, Paulo Freire é uma referência na África, é uma referência no Terceiro Mundo principalmente, porque ele lutava para que a pedagogia chegasse aos países mais pobres, à população mais pobre.

António Burity da Silva Neto, ex-ministro da Educação de Angola

In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente, op. cit., p. 86-87, 90.

In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente, op. cit., p. 168-169.

Paulo Freire deixou caminhos
na África; a África tatuou
rumos na vida desse homem
ímpar, pleno, conectivo.

NO MOMENTO EM QUE, ESCREVENDO este artigo, a pouco e pouco, vou enchendo as páginas em branco à minha disposição, não posso deixar de pensar em São Tomé, sobretudo porque é a seu contexto que o que escrevo agora se acha referido.

Me revejo, sem nenhum esforço de memória, visitando os Círculos de Cultura, da zona rural ou urbana, acompanhado sempre de meus amigos, os coordenadores da campanha ou do programa de alfabetização de adultos. São visitas em que, juntos, vamos anotando os aspectos mais positivos da prática político-educativa dos animadores, ao lado, também, de algumas falhas, em que vamos observando o desenvolvimento intelectual dos grupos, sua capacidade de ler os textos e de compreender a realidade, sua curiosidade.

Entre as inúmeras recordações que guardo da prática dos debates nos Círculos de Cultura de São Tomé, gostaria de referir-me agora a uma que me toca de modo especial. Visitávamos um Círculo numa pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Tinha-se como geradora a palavra *bonito*, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito à mão. O grupo de alfabetizandos olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entreolharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”.

Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tomavam distância” do seu mundo e o re-conheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele, para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**, op. cit., p. 25.

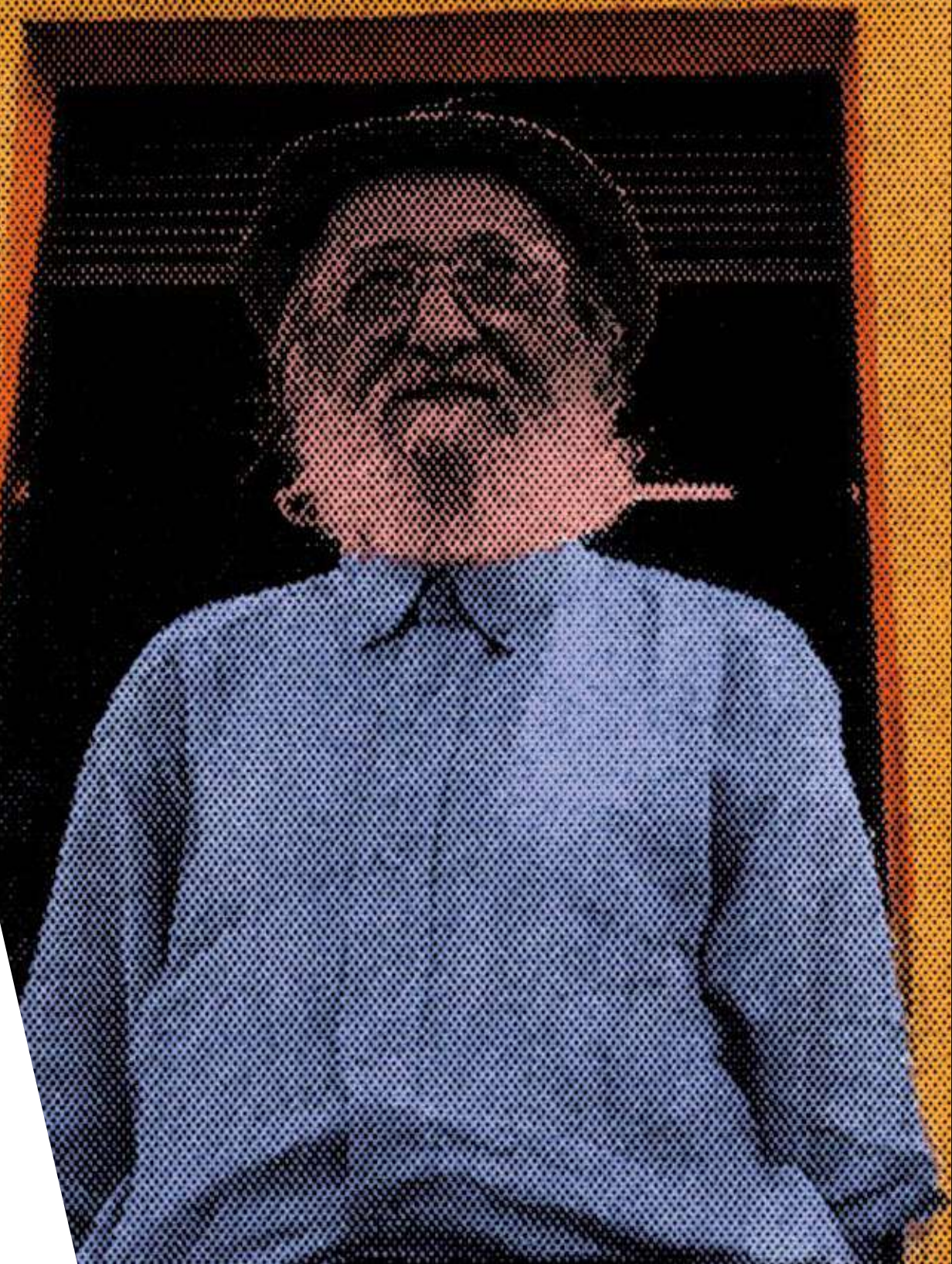
Se há um lugar no mundo
em que se pode descansar
em balanço os rascunhos
da vida, esse lugar é a
sombra vasta de uma
frondosa mangueira.

Escolhi a sombra desta árvore
para repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos
e conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera
é um tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciavam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. Genève, março 1971. In:
FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire:**
história de uma vida. 2. ed. rev. at. Rio de
Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

OLA ESTADUAL JOSE
EIA NOSSO GRANDE E
PAULO FREIRE



Paulo Freire, um homem iluminado, uma pessoa fascinante, que, mesmo exilado, nunca deixou de guardar o seu país no coração e na mente.

Andou pelo "mundão de meu deus", ensinou e aprendeu, recolhendo saberes distintos, os quais amalgamou com sua sensibilidade inteligente. Devolveu-nos sábias, pertinentes e atuais contribuições à educação mundial. Hoje, mais do que sempre, segue reconhecido universalmente. Suas ideias, pensamentos e reflexões continuam embasando ações progressistas no campo da educação.



2

PAULO FREIRE

UM PENSADOR
COM IDEIAS
QUE
ATRAVESSAM
OS TEMPOS

INÉDITOS VIÁVEIS

A história como possibilidades

Paulo Freire, com a história nas mãos, nos alertava de que o futuro não está pronto e que a história de qualquer futuro não é inexorável.



Nota de esclarecimento

Inédito viável: algo que ainda não existe, mas é preciso e possível construir.

COMPREENDEMOS QUE O INÉDITO VIÁVEL representa nosso destino ontológico de ser mais, quando superamos as situações-limite de nossa existência, negando a visão fatalista da realidade opressora. Assim, ratificamos a compreensão de história como devir, uma possibilidade real de transformação do sujeito que se liberta, por meio da consciência crítica desenvolvida em processo educativo.

[...] para além das situações-limite, quando não vemos saída e o desânimo e a aceitação tomam conta, está o inédito viável, o sonho, a utopia realizável, o esperar que só poderá ser alcançado em comunhão, pela luta consciente em prol da humanização da educação.

Selma Garrido Pimenta e Rosana Aparecida Ferreira Pontes

PIMENTA, Selma Garrido; PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. Por uma didática freiriana no ensino superior: reflexões iniciais. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**: cem vozes de corações e mentes. São Paulo: Coletivo Paulo Freire, 2021, p. 547-552. Disponível em: www.coletivo-paulofreire.org/e-book. Acesso em: 25 ago. 2025.

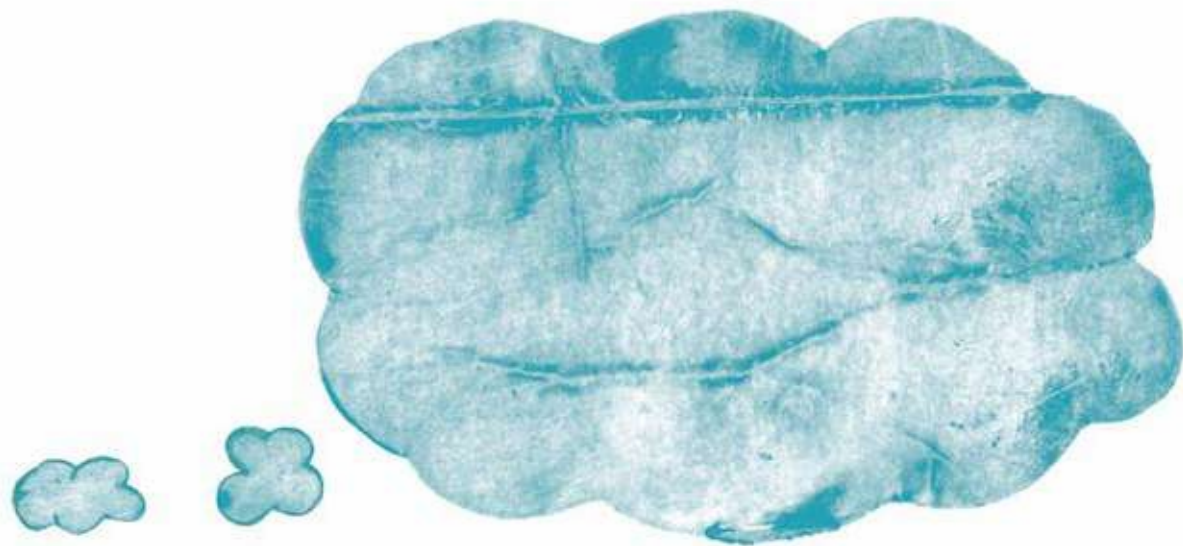
Quando elegemos o esperançamento, optamos por um novo rumo, na direção de novas utopias transformadoras do mundo... Inéditos viáveis...

COMO VOCÊ SEMPRE DESTACAVA, DESDE a *Pedagogia da esperança*, a história não é inexorável, mas um tempo de possibilidades, em que não podemos perder de vista nossas utopias transformadoras do mundo. Temos que buscar a construção dos inéditos viáveis no presente, que nos aproximem e nos conduzam ao futuro desejado.

Você nem pode imaginar quantas iniciativas vêm crescendo nesta direção: agroecologia, economia solidária, feminismo, lutas contra o racismo e novas manifestações culturais de todo tipo, cursinhos populares, práticas de educação popular emancipadoras, no campo e na cidade.

Seu pensamento e prática profundamente humanistas e radicalmente democráticos consistem em fermento para o “esperançar” de milhares de ativistas em todo o mundo e no Brasil.

Pedro Pontual



PONTUAL, Pedro. Meu querido Paulo Freire.
In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 143-144.

Com isso, marcamos a história como utopia possível, novas realidades construídas a partir de sujeitos críticos pensantes.

A VERDADE É QUE, POR DÉCADAS, deixamos de lado tudo o que você nos ensinou, sobretudo na *Pedagogia do oprimido*. Nessa obra-prima, você nos alerta para o fato de que dentro do oprimido mora o opressor, que, sem o desenvolvimento de uma consciência crítica, o oprimido se torna opressor e, mesmo ainda na condição de oprimido, apoia o opressor, com quem se identifica e a quem procura imitar.

[...] Neste momento, denunciemos um presente intolerável. Você nos disse em seu livro *Pedagogia da esperança*: “Não há utopia fora da tensão entre a denúncia de um presente intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído por mulheres e homens.” (1992, p. 91).

É preciso retomar, construir esse futuro sabendo que ele nunca estará pronto [...].

Zoraide Faustiloni



FAUSTILONI, Zoraide. Caríssimo Paulo Freire.
In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 330-331.

O inédito viável é também um convite para repensar, com frequência e criticamente, o currículo de nossas escolas, propondo abrir horizontes contra currículos prontos e a favor de novas possibilidades construídas por educadores(as) e educandos(as).

NOSSA INEXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA [...] nos faz naturalizar e aceitar a ausência completa ou, em outros casos, a presença falseada das professoras e dos professores nos processos de elaboração curricular.

[...] Será possível substituir ou minimamente complementar, adensar e problematizar as prescrições curriculares a partir das práticas, tantas delas emancipatórias, já em curso em nossas escolas? A recusa do “programa pronto” e de um currículo fechado nos abrirá, no horizonte, outras possibilidades para construir localmente os sentidos e significados do trabalho pedagógico.

Sonho contigo, a partir do teu sonho, professor [Paulo Freire], que cada vez mais e mais professoras e professores se reconheçam efetivamente como autoras e autores da criação, da curiosidade, da criticidade e da sensibilidade demandadas pelo projeto utópico freireano.

Júlio César Augusto do Valle

Pequenas doses filosóficas

Todo amanhã [...] implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 85.

EM 18 DE SETEMBRO DE 1996, Paulo Freire e Dom Paulo [Evaristo Arns] foram dois integrantes da mesa que encerrou o Seminário sobre o Simbólico e o Diabólico, no TUCA [Teatro da Universidade Católica de São Paulo]. Insistiu que a história não morreu, muito menos os sonhos e a utopia, e que somos seres em busca, em busca de ser mais, com a coragem de correr os riscos.

Antonio Carlos Fester

VALLE, Júlio César Augusto do. Pelos inéditos-viáveis dos currículos nas escolas. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 431-433.

FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 63-64.

DE ANGELO, Adilson. E por falar em educação da pequena infância: Paulo Freire está presente... In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 434-440.

AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE Paulo Freire podem ser importantes enquanto possibilidade de ressignificar a Educação Infantil, transformando-a em um espaço [...] cujo trabalho pedagógico leve em conta as diferentes dimensões do desenvolvimento humano (expressas no binômio cuidar e educar); propicia a aceitação e a vivência da multiculturalidade; [...] a expressão e valorização das diferentes linguagens; [a] criatividade e [a] inventividade com que fazemos leituras diversas do mundo.

A contribuição do pensamento freireano para a educação das crianças passa, então, pelo anúncio de possibilidade de transformação do mundo. Um mundo difícil de ser mudado, mas que, no entanto, não é impossível de ser transformado.

Adilson De Angelo

A viabilidade dos inéditos: o saber tem mil sabores.



À sombra desta mangueira não de uma mangueira qualquer mas da que nasce neste chão abro minha rede me rego em Paulo Freire.

Assim ensina o mestre: que o saber tem mil sabores cheiros, origens e cores. E essa é a riqueza de ser sempre aprendiz.

Pois é de incompletude que se faz minha humanidade, obra aberta à palavra-mundo em diálogo incessante.

Na alegria séria da lida diária no tecer reflexões em atos ações que germinam ideias é que nasce a práxis transformadora: sonhos enraizados na vida trama feita a muitas mãos.

À sombra desta mangueira sinto a força das raízes onde nasce a utopia de outros possíveis mundos.

E no abrigo de seus galhos alimento a sede de plantar a boniteza séria da palavra-ação esperarçar.

Tamara Castro

CASTRO, Tamara. Para o mestre, um poema sombreado. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 405.

SUJEITOS FAZEM A HISTÓRIA

Denúncia e anúncio



Uma das grandes contribuições de Paulo Freire foi nos conscientizar de que cada um é o sujeito fazedor de sua própria história, um sujeito político atuante no cenário de sua vida, produtor do próprio roteiro, em comunhão com outros sujeitos...

SUA PEDAGOGIA ME FEZ CONSCIENTE de que era e sou sujeito político.

Foram as suas ideias, o seu (nosso) Projeto Político-Pedagógico em SME (1989-1991) [Secretaria Municipal de Educação] que me tiraram da militância ingênua para a militância consciente, crítica e resistente.

Minha indignação contra as injustiças sociais encontrou eco nas suas práticas de uma educação libertadora, minha rebeldia foi acolhida pela sua indignação em não aceitar a resignação dos oprimidos. [...]

Minha existência no mundo é contra a discriminação, o autoritarismo, a opressão, a violência, a fome...

Estou no mundo a favor da "boniteza" da vida!

Silvana Canônico

CANÔNICO, Silvana. Querido professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 335.

... compreendendo o mundo e lutando por sua transformação para melhor...

DESDE QUE COMECEI A COMPREENDER o mundo à luz da Teologia da Libertação, ainda na adolescência, e mais tarde li seu livro *Pedagogia do oprimido*, estabeleci meus princípios da minha atuação como professora e militante do movimento popular, nos anos da década de 1970. [...]

Fui morar na Brasilândia em 1975. Ali, comecei a trabalhar com as mulheres nos Clubes de Mães. Ajudá-las a compreender seu significado e sua importância na sociedade foi fantástico!!!! [...] aos poucos, elas foram acreditando em seu potencial de realização e de luta no movimento social. E foram transformando suas realidades e a realidade do bairro. [...]

Juntas participamos das lutas no bairro, de apoio às lutas dos trabalhadores, contra o aumento do custo de vida e do famoso 21 de junho de 1980.

Naquela data, uma passeata dos moradores que se dirigia ao governo itinerante do então governador biônico, na Freguesia do Ó, foi reprimida de forma covarde por policiais à paisana, os P2. O movimento conseguiu uma de suas reivindicações: um pronto-socorro, que anos depois recebeu o nome de 21 de junho de 1980, em homenagem à luta do povo da região.

Tereza Lajolo

LAJOLO, Tereza. Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 333-334.

... tendo no diálogo o instrumental mais rico para denunciar o que se quer mudar e anunciar novos roteiros da história da humanidade.

QUANDO ACONTECEU A INDEPENDÊNCIA [de Cabo Verde] em 1975, homens e mulheres viviam a mesma situação de colonizados, tinham uma forte influência dos colonizadores, mas havia também grandes diferenças. Amílcar Cabral dizia que as mulheres eram duplamente colonizadas – pelos colonizadores e pelos homens (maridos e pais); sofriam na pele essas duas dominações. Assim, tinha que ter, na luta para se libertar, esses dois elementos importantíssimos. Ele dizia que elas precisavam lutar pela independência, que seria a porta que abriria o caminho, e teriam que se afirmar como mulher, como ser humano, como sujeito da história e não como objeto, para poder ascender à plataforma da igualdade.

Portanto, muito antes, mas principalmente depois da independência, a mulher começou a dar-se conta de que a luta era dupla para ganhar o estatuto de cidadã de primeira e poder, em pé de igualdade, dar a sua participação. Não vou dizer que isso já se conseguiu completamente, porque é um processo, leva-se tempo, mas posso dizer que estamos abrindo o caminho para a emancipação da mulher.

Crispina Gomes

[...] HOJE ESTOU AQUI PARA exercitar o que nos ensinou – a fazer a denúncia, mas também o anúncio! Quero denunciar que a Amazônia e o Pantanal estão em chamas, o Cerrado invadido pelo agronegócio, o Pampa, pela pecuária massiva, a Mata Atlântica em extinção e a Caatinga em processo de desertificação. Mas quero anunciar que somos milhares na defesa do meio ambiente, milhares que acreditam que o diálogo pode mudar ideias, vidas e atitudes.

Irineu Tamaio

GOMES, Crispina. Paulo Freire na África: diálogos com Cabo Verde (live). Coletivo Paulo Freire, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/eventos>. Acesso em: 1 out. 2025.

TAMAIIO, Irineu. Caro mestre Paulo. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 335.

EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO

A leitura do mundo



Um dos desafios do pensador Paulo Freire foi o de argumentar, ante tantos olhares estranhadores, que a educação terá sempre natureza política, no sentido de que a conscientização e a compreensão do mundo, construídos nas lides educativas, levam a mudanças e intervenções na história.



Pequenas doses filosóficas

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 9.



GOMES, Crispina. Paulo Freire na África, *op. cit.*

[...] EU DIRIA ATÉ QUE HOUE um processo dentro do processo de alfabetização geral porque, no início, elas [as mulheres] não se sentiam muito à vontade para ir aos círculos de cultura, por causa dos filhos, dos companheiros. Então, houve que se fazer um trabalho paralelo com as mulheres, para que elas também pudessem se beneficiar deste projeto de alfabetização. E, à medida que foram se alfabetizando, foram avançando, foram aprendendo a ler e escrever e foram aprendendo também a serem cidadãs, foram descobrindo formas de ter a sua própria independência econômica, porque a alfabetização foi um processo muito mais vasto, como dizia Paulo Freire, do que aquela parte técnica de aprender a ler e escrever. É muito mais do que isso. As mulheres puderam aspirar a outros níveis de sua existência, melhorá-la, buscar outros rendimentos para a família ou poder educar melhor seus filhos. Ela também foi entendendo que poderia ter uma carreira profissional, quando antes a sua carreira se limitava a ser mãe e educadora. Passou-se então a ouvir por toda parte: “é a primeira mulher médica, é a primeira engenheira, é a primeira mulher que sobe até este nível...”.

Crispina Gomes

Nada mais freireano que pensar a Educação como ato político, permeada pelas relações entre quem ensina (e também aprende) e quem aprende (e também ensina), em movimentos de ação-reflexão-ação mediatizados pelo mundo.

[...] A EDUCAÇÃO VERDADEIRAMENTE POPULAR deve ser forjada com as camadas populares, e não para elas. A educação não se faz como algo abstrato, gestado por e para seres igualmente abstratos. Ela se faz como construção de uma relação dialógica entre quem ensina e aprende com quem aprende e também ensina, relação essa mediatizada pelo mundo. O motor que explicita os fundamentos dessa concepção é a prática ativa e reflexiva, que se configura no movimento ação-reflexão-ação. Educador e educando estão frente a um mundo que deve ser conhecido – e transformado.

Desde as primeiras experiências em Angicos, a trajetória de Paulo Freire se realizou na direção de mostrar que essa utopia pode ser realizada. Definindo os rumos pelos quais a educação libertária e libertadora pode e deve caminhar, ele não desconsiderou o chão no qual a prática educativa se concretiza. Respondeu a chamamentos os mais diversos, mesmo na situação de exílio. Andou por muitos países e respondeu aos desafios colocados por países africanos libertados então do colonialismo. Assumiu funções como secretário de Educação, não desconsiderando nunca sua atuação como professor formador de educadores.

Coletivo Paulo Freire

COLETIVO PAULO FREIRE. Paulo Freire vive.
In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 7-8.

É essa leitura do mundo, pela lente da generosidade do conhecimento, que sugere diálogos e outros significados possíveis...

[...] “NINGUÉM LUTA CONTRA COISAS que não conhece”. Por isso, a necessidade de conhecermos a história de vida e de trabalho dos nossos/as alunos/as, para que nossa função de mediadoras do conhecimento possa ser efetivada e a transformação social, o objetivo de uma educação crítica e libertadora!

Lisete Arelaro

[...] ESTAVA ASSINALADO NA SUA primeira intervenção quando do nosso diálogo publicado em 1991:

“[...] É preciso não esquecer essa evidência: as crianças pequenas, bem antes de desenharem e traçarem letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, leem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida, apenas escrevem o que já aprenderam a dizer.”

[...] Como sabemos, mas é preciso sempre lembrar, esse nosso mundo é apenas um entre muitos, na diversidade de mundos que não são apenas os nossos, mas os muitos outros existentes sobre o Planeta, com suas diferentes soluções de organização social dentro de uma enorme diversidade de sociedades e suas culturas.

Marcio D’Olne Campos

JÁ QUE LER CRITICAMENTE O mundo é um ato político-pedagógico, então, a ação política envolve a organização de grupos e classes populares para intervir na reinvenção da sociedade. Que sociedade vivemos? Que sociedades queremos?

Caue Fernandes

[...] Há de se estar no mundo para lê-lo
E há de se ler o mundo
Para que menos difícil seja amá-lo

Luiz Roveran

ARELARO, Lisete Regina Gomes. Um educador sempre presente. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 23-25.

CAMPOS, Marcio D’Olne. Querido Paulo. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 381.

ROVERAN, Luiz. Eu quero estar aqui. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 393-394.

FERNANDES, Caue. Ei, Paulo. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 329.

As coisas estão no mundo, e é preciso conhecê-las para superar realidades opressoras...

ACREDITAVA QUE “A LEITURA DO mundo é condição para homens e mulheres se assumirem como sujeitos capazes de intervir em sua realidade”. Gostaria de, naquela escola, apontar a cada professor e professora de que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

[...] uma grande conquista foi o entendimento e a implementação nas salas de aulas, por parte de vários professores, do que a concepção freiriana propunha: “Ensinar e pesquisar são parte de um mesmo ato de conhecimento”.

Até então, muitos educadores [...] acreditavam que Paulo Freire era contra os conteúdos na Educação. Não foi fácil convencê-los de que ele questionava o ensino dos conteúdos quando se apresentavam sem conexão com a leitura do mundo. Mas, tal compreensão foi mudando o cenário e o “jeito” de se dar aula. Assim, muitos passaram a entender que o que ele queria atestar é que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Miriam Santos

OUTRO DIA, ESTAVA LENDO o livro *Torto arado*, e a todo momento trechos da *Pedagogia do oprimido* eram inseridos magicamente em minha leitura da obra de Itamar Vieira Junior.

[...] *Torto arado* se passa no interior da Bahia, nesse Nordeste que o senhor tanto amou, denunciou e muito lutou por alfabetizar. A história é sobre as irmãs Belonísia e Bibiana, que mesmo sendo oprimidas pelas mais diversas condições – geografia, seca, gênero, raça, miséria – passam por dois momentos da vida: quando se desvelam o mundo de opressão e quando transformam a sua realidade, entrando num processo de “permanente libertação”.

Como não lembrar do senhor, querido Paulo!

[...] Lembro-me muito bem de como o senhor sempre dizia que “não basta tomar consciência da opressão: se faz necessário conhecer a realidade social de forma crítica e se engajar na luta para superar a situação opressora”.

Martha Sirlene Silva

SANTOS, Miriam. Entre a prática e a teoria, um aprendizado. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 227-233.

SILVA, Martha Sirlene. Querido mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 365-366.

EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO



A leitura da palavra

*Tirando as palavras
da sombra e do silêncio.*



Ensinar a ler-escrever não é
decorar o abecê,
e sim tirar as palavras
da sombra e do silêncio.

Educar com o outro alfabeto:
d (o) ar aos que não tinham
(não têm) palavras para dizer:
Quem eu sou,
diante do outro que sempre bradou:
Não és ninguém, nunca foste nada.

Ensinar a palavra que pensa
e constrói uma vida solidária:
não as falsas letras da alforria oficial.
Ensinar a ler-pensar a partir
de cada ser e sua experiência:
o corpo e a alma dilacerados por histórias
tantas de horror e humilhação,
no além-mar, aqui.

Na palavra *Pão* há o trabalho das mãos
que colheram o trigo,
e o de outras mãos
que fermentaram a massa e deram sal ao sabor.
Mas na palavra *Pão*
fermenta também o desespero dos famintos.

Na palavra *Tijolo* há mãos
que enformam argila e cimento,
há paredes erguidas com fio de prumo, capricho.
E perguntas: por que viver sob teto precário?
Por que não uma digna morada?

Freire: irmão-*frère* dos desvalidos. É tarde demais
para proibir a leitura dos teus textos,
tarde demais para censurar tuas palavras.
Nunca será tarde para ler e descobrir
quem sou, quem somos,
e tecer sem trégua a liberdade.

Milton Hatoum

HATOUM, Milton. Palavras para Paulo Freire.
In: COLETIVO PAULO FREIRE. *Cem anos de
Paulo Freire, op. cit.*, p. 402-403.

Em pauta, a importância do ato de ler o mundo e a palavra escrita.

EM PRIMEIRO LUGAR, além de uma certa especial alegria que eu tenho de estar aqui principalmente pela sensibilidade que o problema da leitura sempre me provocou, desde faz muito tempo, eu quero também dizer da satisfação de [me] encontrar nesta manhã com professores e professoras do país. [...]

Eu gostaria agora de sair um pouquinho do texto escrito. Em lugar de, por exemplo, tomar a compreensão, a importância da leitura, do ato de ler, que foi o tema que me propuseram, em lugar de tomar isso de um ponto de vista, por exemplo, linguístico, psicolinguístico, pedagógico. Em lugar de me emaranhar, por exemplo, numa série de reflexões em torno de certas teorias em torno da leitura. [...] Me pareceu muito melhor, a mim, pelo menos, refletir sobre como em mim se vem constituindo historicamente a minha compreensão da necessidade da leitura. Eu espero que não frustre vocês porque eu não falo desses autores todos, desses especialistas, mas eu falo da minha prática e como nela se veio constituindo a minha compreensão crítica da importância do ato de ler.

Lilian Lopes Martin da Silva, Larissa de Souza Oliveira e Luciane Moreira Oliveira

Óculos de leitura



A palestra “A importância do ato de ler” foi proferida na abertura do 3º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), em novembro de 1981, em Campinas, e posteriormente publicada no livro de mesmo nome, junto a outras palestras sobre o tema. Nela, Paulo Freire relata sua história de aprendiz da leitura, relacionando-a com o mundo em que vivia: a casa, as pessoas, animais e objetos que o rodeavam. Esse livro, publicado pela editora Cortez, supera hoje cinquenta edições.

SILVA, Lilian Lopes Martin da; OLIVEIRA, Larissa de Souza; OLIVEIRA, Luciane Moreira. A importância do ato de ler. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 527-532.

A leitura do mundo antecede a leitura da palavra e a leitura da palavra amplia a leitura do mundo.

ESTAMOS EM 1962 [...]. cursava o 2º ano de Pedagogia na USP. [...] Final da aula do dia, correria até a Avenida na esperança de pegar um ônibus menos apinhado, ou, sorte grande, conseguir uma carona. Uma colega permanece tranquilamente sentada. Pergunto: “você não vai?”. “Estou esperando meus alunos, eu e uma amiga estamos alfabetizando os candangos da Cidade Universitária (era uma analogia aos candangos de Brasília)”. Com brilho nos olhos, Mercês me conta:

– Eles saem do trabalho e fazem questão de se arrumar para vir para aula. Estão aprendendo a ler e a escrever nas mesmas salas que são usadas pelos alunos da Pedagogia. Sentem-se valorizados! Trazem os cadernos que lhes demos, embrulhados em folhas de jornal para não sujar. Sabe o que discutimos com eles para tirar as palavras geradoras? A carteira de trabalho para lhes falar de direitos.

Laurinda Ramalho de Almeida

ELE FOI O PONTO DE partida na construção de novos sentidos no processo de aprendizagem, desvelando que ensinar leitura e escrita é essencialmente ensinar a ler o mundo e escrever uma nova realidade, transcendendo o processo de alfabetização em si.

Daniel Ferraz Chiozzini

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; SILVA, Jeanny Meiry Sombra. A memória modula a emoção. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 50-52.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. Paulo Freire: memórias e conexões. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 207-208.



Quando a alfabetização tem como ponto de partida a experiência de vida, o alfabetizando não aprende somente a decifrar palavras, mas a dizer a sua própria palavra.

EM RIO PRETO, APÓS A fase inicial das 40 horas, fazíamos encontros para incentivar a leitura e a produção escrita. Compartilho, aqui, um poema escrito por uma jovem senhora, apresentado num desses encontros:

Rua Rubião Junior, 2734.
Uma casa velha está reformando.
Depois, vai ficar bonita.
A rua é de barro,
mas não tem importância,
a casa é minha.



[...] JÁ EM 1966, COMO professora do Serviço de Educação de Adultos do Estado de São Paulo (SEA), trabalhei com a primeira turma de alfabetização de adultos, no Experimental da Lapa. [...] Nessa turma de alfabetização, José Vicente, um cearense de 30 anos, tímido para participar nos debates em classe, me procurou uma noite, quando cheguei, para me contar uma coisa que até hoje me emociona. Nossa conversa:

- A senhora não sabe que faz três anos que eu passo todos os dias numa avenida, no ônibus, para ir trabalhar... e hoje, eu li o nome da avenida, na placa.
- Que bom, José Vicente! E qual é o nome da avenida?
- Avenida Angélica! E sabe? Esse é o nome da minha mãe!

Helenice Maria Sbrogio Muramoto

COMO VISTO, PARA PAULO FREIRE, a palavra é a expressão da humanidade. Dito de outro modo, é a manifestação da personalidade viva de cada uma ou de cada um. Ou seja, é a palavra que concretiza a leitura própria e emancipada do mundo.

Daniel Cara

O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO QUE você trazia na bagagem era audacioso, mas, ao mesmo tempo, generoso e solidário. Tal como se veio a demonstrar, ele não defendia apenas um simples aprendizado mecânico da leitura e escrita. Mais do que isso, era um verdadeiro ato político.

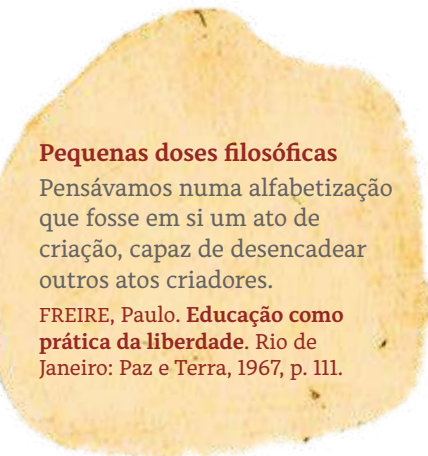
A sua proposta ensinava-nos o caminho para a liberdade real, trazia-nos a esperança num mundo melhor e nos conduzia de forma segura na batalha da construção de um país próspero e livre.

Crispina Gomes

Pequenas doses filosóficas

Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 111.



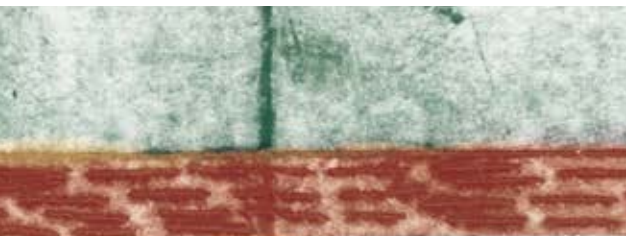
MURAMOTO, Helenice Maria Sbrogio. Uma experiência marcante: os "círculos de cultura" com o método Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 213-218.

CARA, Daniel. Por que atacam Paulo Freire? In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 459-474.

GOMES, Crispina. Caro mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 151-152.

SER PROFESSOR

Na perspectiva
de uma educação
libertadora



Paulo Freire, em suas reflexões, nos convida a pensar sobre "ser professor" e nos põe na perspectiva dos compromissos com as práticas da educação libertadora: dominar a sua própria palavra e leitura do mundo na reflexão respeitosa com a palavra e a leitura do mundo dos outros.

EM TERMOS PEDAGÓGICOS, PARA SER real, o diálogo deve ser franco. [...]

A educação, portanto, é libertadora quando mulheres e homens conseguem dizer a sua palavra, expressando sua própria leitura do mundo. Ou seja, superando o papel de meros reprodutores da palavra do outro.

Consequentemente, para ser educadora ou educador, é preciso saber dizer a própria palavra sem, contudo, impô-la. Ocorre que educandas e educandos não são uma *tábula rasa*, uma folha de papel em branco, ou uma conta bancária vazia na qual professores "depositam" conteúdos.

Daniel Cara

CARA, Daniel. Por que atacam Paulo Freire?, *op. cit.*

Pequenas doses filosóficas

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974, p. 84.

Com seu "jeito docente de ser", o mestre Paulo Freire nos chamava à reflexão sobre a docência como prática de diálogos libertadores.

PAULO FREIRE FOI PROFESSOR DA PUC-SP, no Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo, depois de sua volta do exílio, pelo período de 17 anos (1980-1997). [...]

Em 1983, o Programa de Pós-Graduação no qual trabalhávamos passava por uma reformulação curricular; como uma das novas propostas, foram definidos seminários para orientar a pesquisa dos alunos e alunas. [...] No início de cada semestre tínhamos um longo encontro de planejamento desses seminários. [...]

Ele [Paulo Freire] fazia questão de ressaltar que os nossos desejos, os nossos sonhos de professor/a seriam confrontados com os sonhos dos alunos e alunas e por isso propunha que a primeira coisa que faríamos em sala de aula seria discutir, com os/as discentes, a proposta de trabalho dos seminários. [...]

No primeiro dia de aula ele se preocupava inicialmente em ouvir os/as alunos/as para que as suas necessidades e expectativas estivessem contempladas na proposta de trabalho a ser desenvolvida no semestre. Isso era feito numa sala de aula arrumada em círculo, ambiente propício ao diálogo, onde todos os participantes podiam se ver face a face [...].

[...] A partir do relato dos projetos, ou intenções de pesquisa, passava-se a um segundo momento em que se trabalhava com as diferentes temáticas que daí emergiam, encontrando-se os eixos importantes de cada um desses projetos e os "fios comuns" entre eles. Deste modo eram aprofundadas as temáticas fundamentais que contribuíam para os diferentes projetos. Além de selecionar os tópicos básicos de discussão, Paulo Freire considerava importante propor aos alunos e alunas que se exercitassem na produção escrita durante o curso e discutissem as suas produções em sala de aula. [...]

Esse modo de "ser" e de "fazer" de Paulo Freire [é] centrado em proposições fundamentais de sua obra, como: o respeito ao educando, a dialogicidade, a importância de partir do conhecimento dos educandos/as no processo de ensino-aprendizagem, a defesa da autoridade do professor e não do autoritarismo, a politicidade da educação e, em especial, a seleção de conteúdos significativos na escola [...].

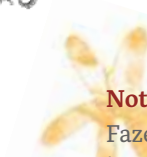
Ana Maria Saul

SAUL, Ana Maria. O que aprendi com "o jeito de ser docente" de Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 190-200.

A consciência do inacabamento no jeito freireano de ser docente se mescla com o inédito viável e a não inexorabilidade da história futura, abrindo a perspectiva, no desenho do caminho dos optantes pela Educação Libertadora, de que mudanças são possíveis.

ENSINAR EXIGE CONSCIÊNCIA DO INACABAMENTO, então reconhecemos avanços, contradições, e buscamos, a partir da construção coletiva, aprimorar estratégias e reorganizar o que é horizonte. *Ensinar exige alegria e esperança*, e por isso não nos falta[m] o riso, o amor e uma convivência que se torna amizade, parceria, companheirismo. É em grupo que reforçamos a convicção de que a mudança é possível e buscamos força para continuar, inspirados por sua história.

Lara Santos Rocha e Bruno Neves Sampaio



Nota de esclarecimento

Fazer progressista significa adotar uma pedagogia que valoriza a liberdade, a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento, visando à transformação social e à libertação das opressões. Fazer reacionário é o que vai contra algum desenvolvimento ou mudança, ou se opõe a propostas de mudança na sociedade.

[...] EM MUITAS PASSAGENS DE seus textos, [Paulo Freire] declara que a educação pode contribuir para que as pessoas se acomodem ao mundo em que vivem ou se envolvam em sua transformação. Daí a sua ligação com os oprimidos, sua opção por uma educação política, de denúncia e de anúncio em busca da construção de uma sociedade justa, em que sejam possíveis a vida mais plena, a alegria e a felicidade.

Na direção da educação política [...], Freire afirma, em prefácio que escreveu para um livro de Ira Shor, de 1986, a importância da competência necessária ao professor. Para ele, "há uma dimensão, de que participa todo professor, que diz respeito a seu papel, independentemente de sua opção política. Um fazer comum ao professor progressista e ao professor reacionário. Esse fazer é o ato de ensinar o que tem de ser ensinado. Mas, se os dois se identificam na obrigação de ensinar, os dois se distinguem quanto à compreensão de ensinar, e se separam, se coerentes consigo mesmos, na prática de ensinar. A competência científica necessária, indispensável ao ato de ensinar, jamais é entendida pelo professor progressista como algo neutro. Temos de nos indagar a favor de quem e de que se acha nossa competência científica e técnica." [...]

É tempo de redescoberta de Paulo Freire, de alargar seu espaço em nossa memória e reflexão. Atacado pelos algozes que destroem conquistas [...], Paulo Freire é inspiração para a resistência e reinvenção de nosso trabalho.

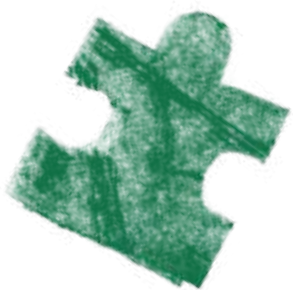
Maria das Mercês Sampaio e Claudia Valentina Assumpção Galian

ROCHA, Lara Santos; SAMPAIO, Bruno Neves. Caro Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 157-159.

SAMPAIO, Maria das Mercês; GALIAN, Claudia Valentina Assumpção. Pensar currículo com Paulo Freire: retomando a conversa sobre conhecimento. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 513-515.



Transitar do medo para a ousadia: eis o desafio que orienta o compromisso docente freireano.



Óculos de leitura SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Trad. Adriana Lopez. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

INICIAVA O CURSO PELA LEITURA, com os futuros professores de História, do instigante Capítulo 7 [...] do livro *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, que Paulo Freire escreveu com o educador norte-americano Ira Shor. Este texto sempre impactou os alunos ao se depararem com a elucidação do compromisso intelectual e político da vida do professor. Passavam também a entender, invariavelmente, que ser professor exige domínios de conteúdo, mas também de método. Este texto propõe um caminho a ser realizado pelos professores ao enfrentarem o desafio de aprenderem a dialogar com seus alunos a partir do conhecimento e da cultura deles. Acredito ser esta obra, construída por intermédio do instigante diálogo entre Paulo Freire e Ira Shor, o mais esclarecedor sobre o significado do método dialógico e quais são os princípios que os professores devem adotar em seu cotidiano escolar. O professor tem compromissos com o conhecimento acadêmico, mas também precisa saber fazer uma “leitura do mundo” em diferentes tempos e espaços.

Circe Fernandes

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Memórias que a vida de uma professora de História lembra. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 34-236.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: sua vida, sua obra. *Educação em Revista*, v. 2, n. 1, 2001, p. 6. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/663/546>. Acesso em: 1 out. 2025.

SAUL, Ana Maria. O que aprendi com “o jeito de ser docente” de Paulo Freire, op. cit.

LEITE, Iraci Ferreira. Depoimento. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 85-86.

O jeito de ser docente de Paulo Freire marcava presença intensa, mas discreta, que ouvia para devolver o que foi escutado em forma de conhecimento sistematizado. Sabia ouvir, como ponto de partida para reflexões e proposições de novas leituras do mundo.



ESCUTAR, PARA PAULO FREIRE, NÃO é um simples ouvir. Pode-se ouvir e esquecer, e o ato de Paulo Freire não era ouvir para simplesmente escutar. Era ouvir e trazer isso para o coração, para a sua sensibilidade, para a sua inteligência, para a sua reflexão teórica. Elaborar, sistematizar e devolver “isso” sistematizado ao povo.

Ana Maria Araújo Freire

A PRESENÇA DE PAULO FREIRE na sala de aula sempre foi muito querida, marcante e significativa. A sua atuação na aula era discreta. Apesar de ele saber que a sua palavra fazia diferença, com humildade autêntica, raramente era o primeiro a falar. Exercitava, assim, um dos saberes que em seu último livro apontou como necessários à prática educativa: saber escutar. Ouvia a todo/as atenta e respeitosa e ficava à vontade para interferir, sempre que julgasse oportuno, ou quando alguém do grupo a ele se dirigia. Nesses momentos, ouvíamos sua voz mansa, que revelava, porém, uma postura forte que convidava a pensar sobre os desafios por ele apresentados, na direção de uma leitura crítica do mundo, na defesa intransigente da ética do ser humano e da luta a favor dos seres oprimidos.

Ana Maria Saul

Nota de esclarecimento

Autoridade é vista por Paulo Freire como uma presença formadora que impulsiona a autonomia e a liberdade. A autoridade, para ele, está a serviço da educação, promovendo um aprendizado dialógico e crítico em que o aluno se torna sujeito ativo do seu próprio conhecimento. Autoritarismo é a autoridade exacerbada, ou seja, o excesso de autoridade que nega qualquer tipo de liberdade ao Outro. A educação autoritária, como a “educação bancária”, impede o desenvolvimento de um espírito crítico nos alunos, limitando suas possibilidades de questionar a realidade e de se tornarem sujeitos autônomos.

AO TÉRMINO DE UMA DESSAS reuniões ele nos disse: “Agora vou a uma escola conversar com a diretora e uma professora. Um menino na hora da aula resolveu jogar bola na sala e a professora tirou-lhe a bola. Ela estava certa, na hora da aula não é o momento de jogar bola, os meninos vão à escola para construir conhecimento, entrar em contato com aquilo que foi produzido coletivamente por homens e mulheres. Ela usou sua autoridade. Só que num momento depois, ela furou a bola e isso é autoritarismo”.

Esse era o Paulo Freire que com exemplos do cotidiano conseguia discutir conceitos tão complexos.

Iraci Ferreira Leite

TODOS TEMOS SABERES

Cada um com seu repertório
próprio de vivências
e sua sabedoria

*Um dos princípios mais caros a Paulo Freire é a
compreensão de que todos temos saberes; cada um, a
seu modo, constrói seu repertório de conhecimentos.*

Meu aluno
não é vazio
de si.
Ele é um rio
a correr
por si.

Meu aluno
tem raiz
que se formou
no solo
do seu saber
solo fértil
pela própria
vida.

Meu aluno
tem histórias
meu aluno
tem amigos
tem parente
e um povo
que tem cultura.
Meu aluno
é repleto
de si.

Maria Suemi Salvador

SALVADOR, Maria Suemi. Paulo Freire
nos diz. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.).
Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 397-398.



Pequenas doses filosóficas

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AO SUPERVISIONAR AS SALAS DO MOVA – Movimento de Alfabetização de Adultos, vivi todas as sensações, percepções, emoções e saberes advindos de um trabalho com o adulto que não teve, na época devida, a oportunidade de estar nos bancos escolares. Compreendi os princípios da equalização, qualificação e reparação histórica como ninguém. Entendi profundamente o papel do professor que aprende na troca de saberes com seus aprendizes; percebi o quanto a escola é excludente e não considera os saberes de quem está na lida da vida [...].

Cleide Cabral Alvares

HÁ SEMPRE O QUE ENSINAR e o que aprender, e é nessa troca de saberes que todos crescemos. São saberes que partem da realidade, do vivido, e sempre é preciso refletir sobre eles, aprofundá-los, para que façam sentido e possam adquirir novos significados.

América dos Anjos Costa Marinho

ALVARES, Cleide Cabral. Querido mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 133.

MARINHO, América dos Anjos Costa. A presença do mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 84.

É na troca dialogada de saberes que todos aprendemos, insistia o mestre.

Educar não é depositar no outro o conhecimento.

É ajudá-lo a ler o mundo.

Nos seus explícitos e implícitos elementos.

Não há quem tudo saiba.

Não há quem não saiba nada.

Por isso a aprendizagem é uma experiência solidária.

Maria José Reginato

COMO ALTERNATIVA A ESSA EDUCAÇÃO bancária, que trata os estudantes como seres passivos e vazios, Paulo Freire propõe a educação problematizadora e libertadora, na qual educadoras ou educadores e educandas e educandos se educam em comunhão, por meio do diálogo, mediatizados pelo mundo e a partir de suas leituras próprias do mundo. Diferente da educação bancária, ambos têm saberes e se tornam sujeitos do processo de aprendizagem, em interlocução com o processo do ensino, este conduzido pelo educador ou pela educadora.

Daniel Cara

Pequenas doses filosóficas

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de ideologização da ignorância, segundo a qual esta sempre se encontra no outro. [...] Na concepção “bancária” que estamos criticando, a educação é o ato de depositar, de transferir valores e conhecimentos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 33-34.

REGINATO, Maria José. Freire em versos. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 395-396.

CARA, Daniel. Por que atacam Paulo Freire?, op. cit.

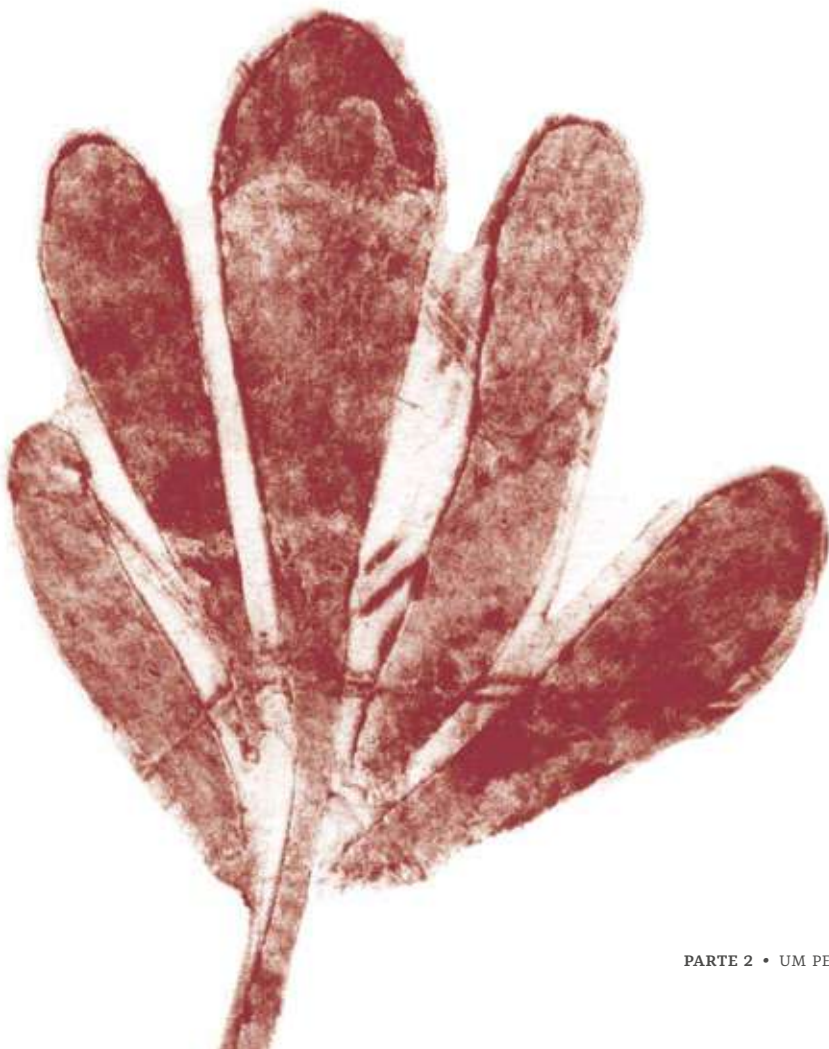
Educar, provocava o mestre,
é um ato emancipador, libertador.



Nota de esclarecimento

Educação libertadora é aquela que possibilita um processo de conscientização que visa à transformação social. Os educandos são vistos como sujeitos ativos da história, e não apenas como recipientes do conhecimento. A pedagogia libertadora empodera os estudantes, incentivando-os a questionar a realidade e a atuar como agentes de mudança.

Educar tem que ser um ato emancipador.
Se não for assim, o oprimido de hoje
Amanhã será o opressor.
Maria José Reginato

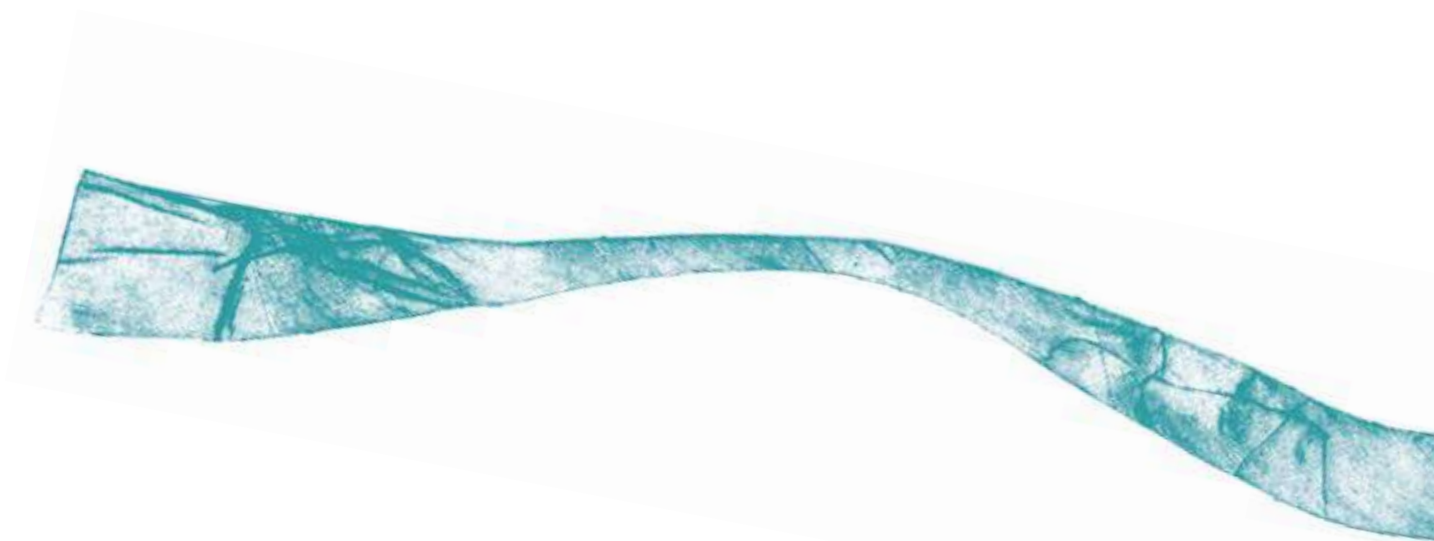


AO RESISTIREM À EDUCAÇÃO BANCÁRIA, fragmentada, conteudista, de um jeito próprio, bebês erguem suas vozes e dizem: “somos indivisíveis”.

E assim, vamos aprendendo com eles sobre a inteireza, conceito presente em sua vida e obra, né, Paulo, e na vivência com os bebês.

[...] bebês falam através de gestos, olhares, expressões, silêncios [...]. Paulo, é assim que me encontro com os bebês e você, no desafio dessa escuta sensível, dialógica, amorosa, que me transforma como educadora e como gente.

Renata Dias



REGINATO, Maria José. *Freire em versos*, op. cit.

DIAS, Renata. Querido Paulo Freire.
In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.).
Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 138-140.

INCOMPLETUDE DO SER

A condição humana que leva à educação permanente

No entendimento de Paulo Freire, um educador nunca está pronto, definitivamente preparado para exercer seu ofício, pois o ser humano é inconcluso, pode sempre ser mais. Assim, há de se preparar sempre, cotidianamente, ampliando seus conhecimentos.

[...] A EDUCAÇÃO É PERMANENTE não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano e, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Paulo Freire

[...] O PROGRAMA DE FORMAÇÃO desenvolvido na gestão de Paulo Freire tinha a preocupação de que a formação partisse da análise crítica das práticas dos educadores, tendo como horizonte a fisionomia da escola que se queria construir ou reconstruir. Este é um princípio importante na pedagogia freireana: *partir da análise crítica das situações concretas para pensar como compreendê-las e superar as dificuldades, as situações-limite*. É um princípio fundante, que prezamos muito nessa gestão, e, quando pensamos na contribuição de Paulo Freire à educação, este é um princípio do qual não podemos abrir mão.

Ana Maria Saul

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 22-23.

SAUL, Ana Maria. A gestão de Paulo Freire na cidade de São Paulo: como foi? Como seria hoje? (live). *Coletivo Paulo Freire*, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/eventos>. Acesso em: 1 out. 2025.

Formação permanente do educador: a força que vai desenhando a mudança de cara da escola.

[...] O SABER QUE A prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. [...] O que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica.

Paulo Freire

NÃO SE PODE PENSAR EM mudar a cara da escola [...] sem pensar na formação permanente da educadora. Para nós, a formação permanente se fará, tanto quanto posamos, através, preponderantemente, da reflexão sobre a prática. [...] juntaremos, por exemplo, professoras que trabalharão em alfabetização de criança com especialistas competentes. O diálogo se dará em torno da prática das professoras. Falarão de seus problemas, de suas dificuldades e, na reflexão realizada sobre a prática de que falam, emergirá a teoria que ilumina a prática.

[...] Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados resultantes do agrupamento de escolas próximas. Esse trabalho consiste no acompanhamento da ação-reflexão-ação dos educadores que atuam nas escolas; envolve a explicação e análise da prática pedagógica, levantamento de temas de análise da prática que requerem fundamentação teórica e a reanálise da prática considerando a reflexão sobre a prática e a reflexão teórica.

Paulo Freire

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 39.

FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 38-39.

Uma escola freireana faz o seu caminho na constante busca por uma educação libertadora, na formação permanente de seus educadores.

[...] EM UM PROGRAMA DE formação permanente de educadores, na concepção freireana, encontram-se os seguintes princípios:

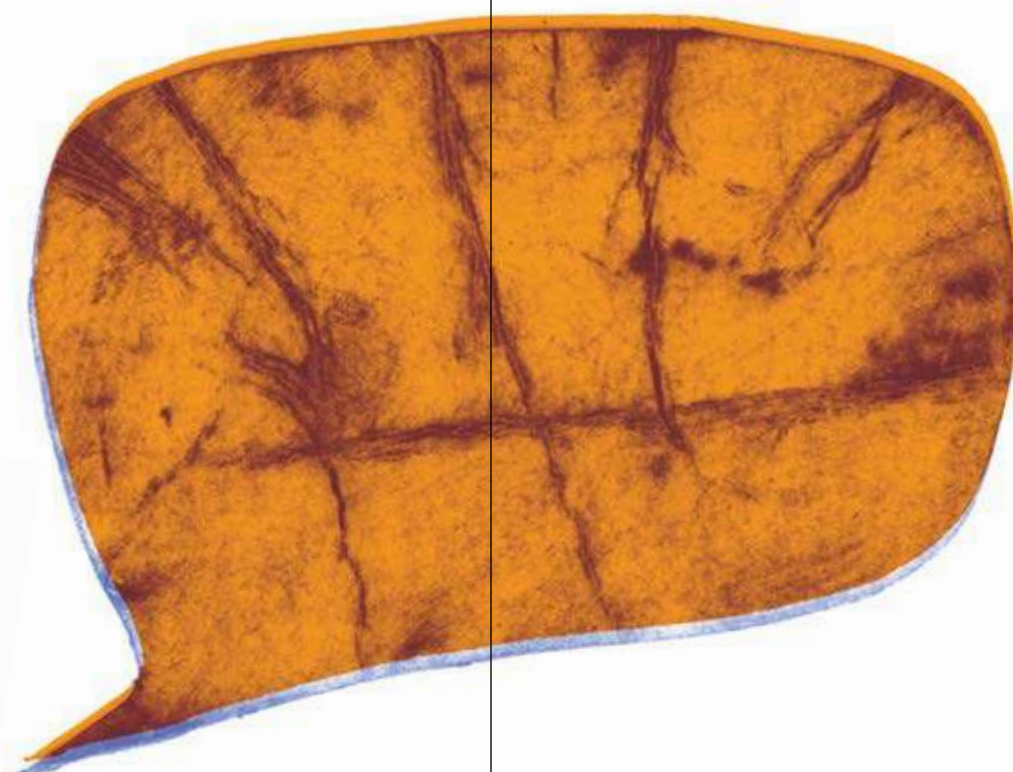
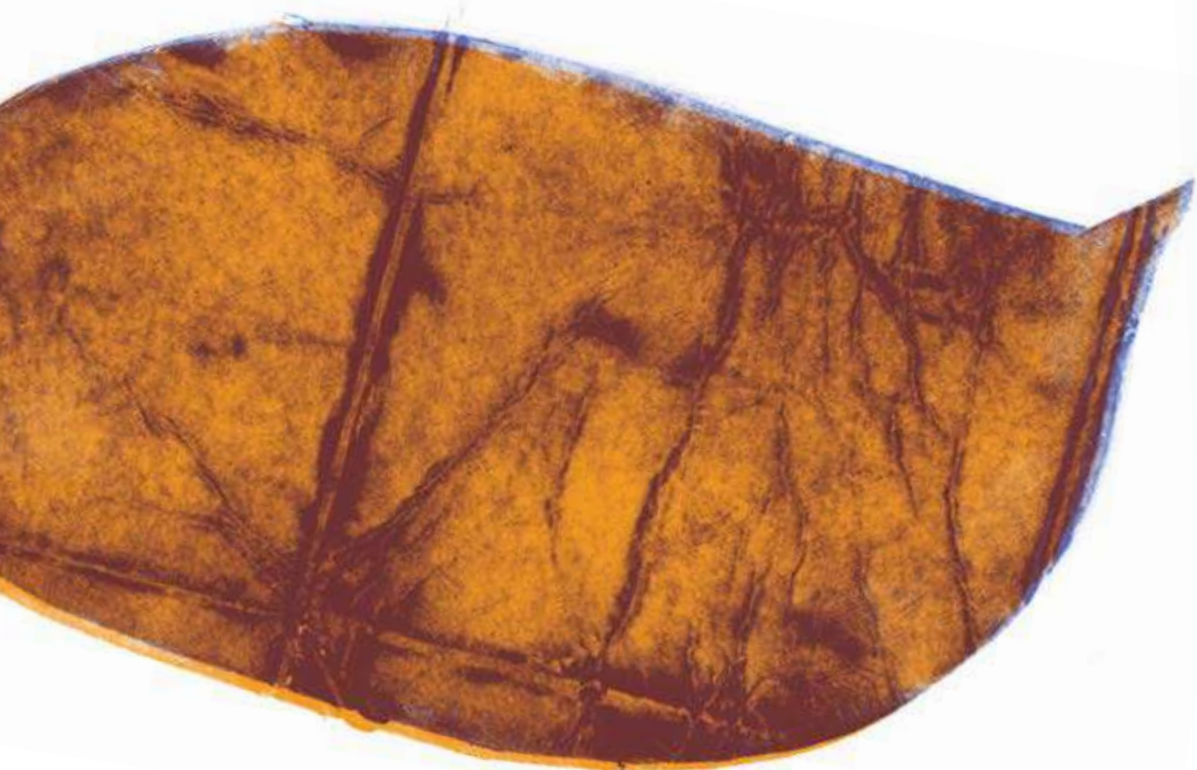
- o educador é o sujeito de sua prática, cumprindo a ele criá-la ou recriá-la;
- a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano;
- a formação do educador deve ser constante, sistematizada, porque a prática se faz e se refaz;
- a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer;
- o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular;
- os eixos básicos do programa de formação de educadores precisam atender à fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica, à necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores e à apropriação, por eles, dos avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer.

Ana Maria Saul

SAUL, Ana Maria. *A ousadia de construir um novo paradigma curricular*. In: FUNDAÇÃO ITAÚ CULTURAL; CENPEC. *Currículo: construção e participação*. São Paulo: Fundação Itaú Cultural, 2010, p. 118-119.

DIÁLOGO

O que nos
faz humanos



A palavra faz a humanidade de cada um(a) de nós. É pela palavra que vamos nos fazendo seres da humanidade. Viver com os outros pelo diálogo é possível e necessário. Mundanizando-se ...

[...] O DIÁLOGO É A materialização do encontro com o outro. Dialogar é um ato de reciprocidade e de franqueza entre seres humanos iguais, mas com trajetórias e experiências diferentes. Diante das diferenças, dialogar (e educar) compreende a disposição para o enfrentamento de conflitos.

Segundo Paulo Freire, para ser pedagógico, o diálogo não pode ser uma simples troca de ideias. Ele precisa se realizar na práxis (ação + reflexão), que é ao mesmo tempo uma postura dialógica durante o processo pedagógico somada ao compromisso de educadores e educandos em transformar a sociedade, a partir da consciência sobre as injustiças.

Daniel Cara

[...] AS CATEGORIAS ANALÍTICAS DO MESTRE, carregadas de mundo, diferenciavam-se das interpretações dadas pela filosofia e a sociologia clássicas, no âmbito social, afetivo e político.

[...] Freire nos mostrava ser possível e necessário viver com o outro, mundanizar-se, teorizando a prática, como condição importante do compromisso engajado, traduzido na ação-reflexão-ação e não [na] mera contemplação.

Celso João Carminati



CARA, Daniel. Por que atacam Paulo Freire?, op. cit.

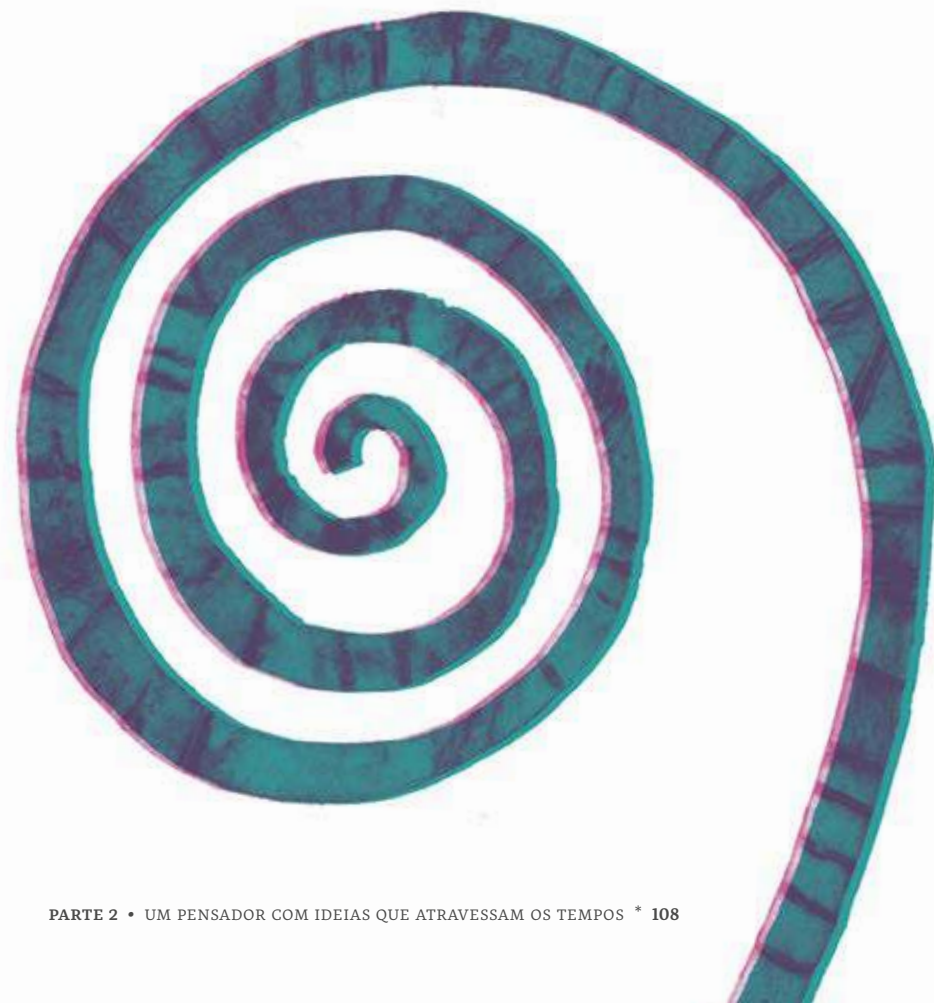
CARMINATI, Celso João. Os sentidos de mundo que vêm do mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 97-99.

... um escutando o outro, e ambos recriando seus discursos, produzindo novos conhecimentos, transformando-se.

[...] DEIXOU, PARA MIM PESSOALMENTE, como conceitos básicos:

- opressor introjetado, que reconheço a cada momento, até em mim mesmo;
- dialogicidade, a capacidade humana de um diálogo de fato, onde um escute o outro e ambos recriem seus próprios discursos, produzam novos conhecimentos, deixem-se transformar, renascer;
- um profundo amor e fé na pessoa humana, qualquer que seja ela, especialmente a mais oprimida, de ser capaz de se tornar sujeito de sua própria história, através da indignação, da tolerância, rumo à autonomia, em uma coletividade onde imperem a justiça e a paz, em plena vigência dos direitos humanos.
- dar voz ao oprimido, não falar por ele.

Antonio Carlos Fester



FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 63-64.

Tirar o silêncio das vozes, ouvindo os medos, as dúvidas, os problemas, as propostas...
Problematizar e encontrar no barulho de tantas vozes a prática necessária.

ESTAMOS EM 2021. O CENÁRIO é a promulgação do Decreto Nº 65.596, de 26 de março de 2021, em que o Governo do Estado de São Paulo autorizava a abertura das escolas num período em que o Estado registrou a média de mil óbitos diários [devidos à] pandemia de Covid-19. Diante desse quadro, um grupo de professores de uma escola particular manifestou sua opinião, decidindo permanecer em trabalho remoto [...]. O que teria feito nosso mestre Paulo Freire nessa ocasião?

Independente do lado que estivesse, certamente estaria aberto ao diálogo. Como gestor, convocaria os professores e ouviria seus medos, os acolheria, além de expressar abertamente as fragilidades da gestão. Como professor, seria empático na escuta e negociaria possibilidades de enfrentamento do problema. [...]

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão [...]”. O silêncio é uma forma de proibir o homem de ser. Professores silenciados formam alunos críticos?

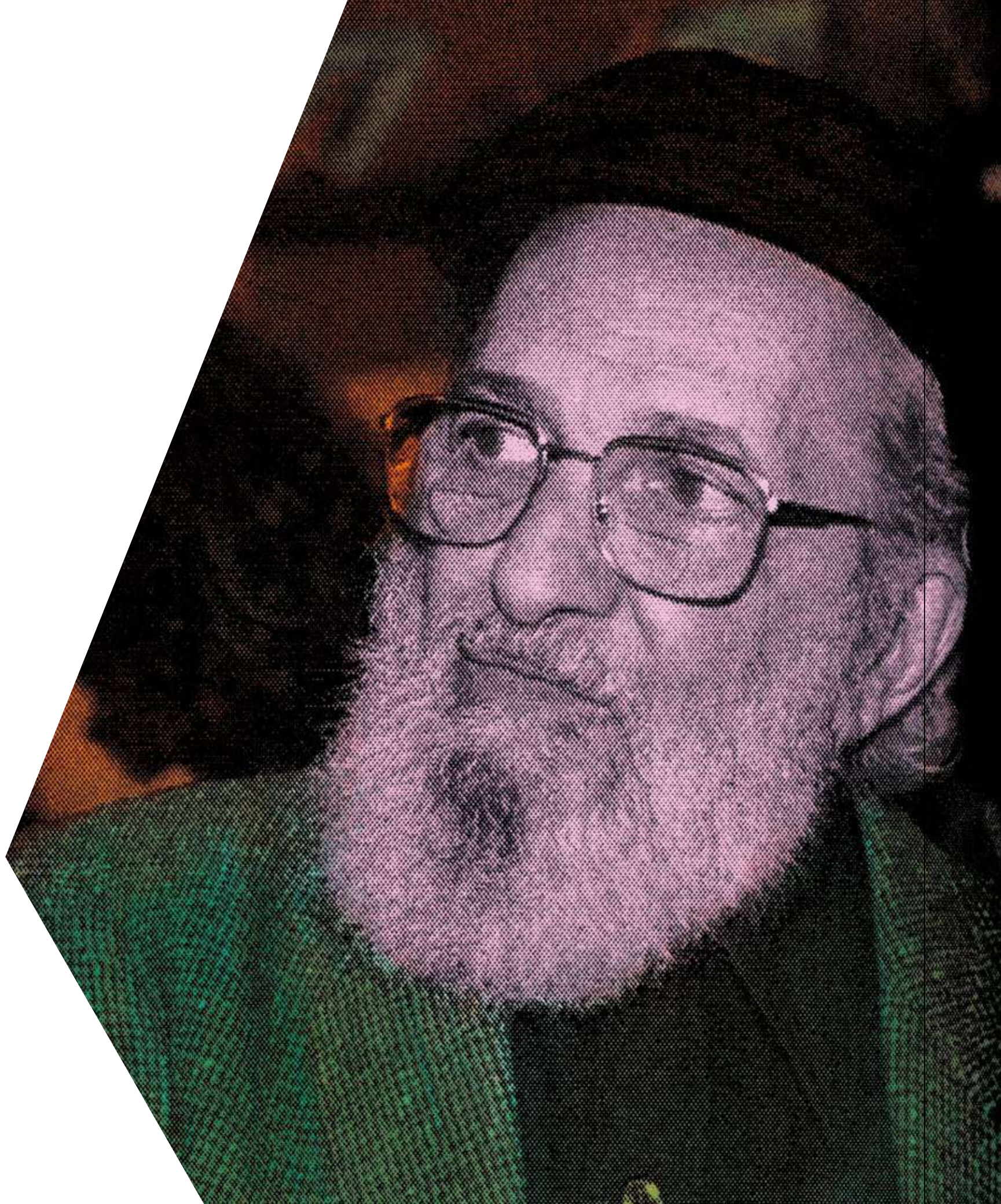
Laurinda Ramalho de Almeida e Jeanny Meiry Sombra Silva

EM 1998, ERA DIRETOR DE escola e fui procurado por uma ONG que acolhia crianças e adolescentes portadoras de HIV, órfãs ou abandonadas. Solicitava a matrícula de cinco crianças que não tinham sido aceitas em outras escolas. Naquela época, quase não se discutia inclusão de crianças com “necessidades especiais”. Seria melhor matriculá-las e ocultar que eram portadoras de HIV? Não numa prática humanizadora. Organizamos, então, uma reunião com toda [a] equipe da Escola, embaçados pelas ideias freirianas de diálogo constante, prática problematizadora e da construção da cidadania pela conquista de direitos.

Camilo José Santos Neto

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; SILVA, Jeanny Meiry Sombra. A memória modula a emoção, op. cit., p. 50-52.

NETO, Camilo José Santos. Paulo Freire na minha vida: depoimentos de práticas preservadas no box do afeto. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). Cem anos de Paulo Freire, op. cit., p. 50-52.



Paulo Freire foi um sujeito pensador de "todos os tempos".

Suas reflexões, para além do homem finito, mantêm uma atualidade impressionante, sustentando propostas de educadores progressistas e resistindo ao assédio de reacionários. Mesmo não estando mais entre nós, ele segue caminhando conosco, soprando energias para nossos corações, abastecendo nosso repertório de possibilidades e nos lembrando de que tudo vale a pena (se a alma não é pequena), no sentido de nos humanizarmos sempre!



3

PAULO FREIRE

**O REENCONTRO
DO HOMEM E
PENSADOR COM
SUA TERRA E SUA
GENTE**

O RETORNO DO EXÍLIO

As voltas que a vida dá: o bom filho à casa torna

Década de 1980. Um país saudosos, abrindo-se em homenagens e encontros maravilhados para receber de volta um filho muito especial.



[UM] EPISÓDIO MARCANTE PARA MIM foi sua ida ao TUCA no mesmo ano em que retornou ao Brasil. Para mim, até então, Paulo era apenas mais um amigo dos meus pais, eu não tinha nenhuma dimensão de seu tamanho, representatividade e importância. Lembro de que fui a esse evento com meu pai, mas, quando chegamos, não era possível entrar, porque o teatro estava completamente lotado. Sem possibilidade de entrar, ver e ouvir o professor, lembro de uma cena marcante: as pessoas que estavam na frente e dentro do teatro iam narrando para os que estavam atrás, até o hall do TUCA, tudo o que o professor dizia e até mesmo como ele era fisicamente. Nesse dia, nesse momento, pensei “nossa, esse amigo dos meus pais realmente é imenso e tem algo especial”.

Marcos Barreto

MARGARIDA GENEVOIS E MARCO ANTONIO Rodrigues Barbosa tinham lançado o Projeto Educação em Direitos Humanos da Comissão Justiça e Paz e, a partir de suas ideias e da Teologia da Libertação, idealizaram um ciclo de palestras e fui o executante. Creio que fomos apresentados na sala dos professores da Faculdade de Direito do Largo [de São Francisco da USP], atrás do salão nobre. Havia uma multidão querendo ouvi-lo, ônibus vindos do interior, caravanas, tiveram que abrir os mezaninos do salão, as janelas. Era noite de 2 de junho de 1988.

Antonio Carlos Fester

BARRETO, Marcos. Memória, consciência e afeto. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire: cem vozes de corações e mentes*. São Paulo: Coletivo Paulo Freire, 2021, p. 55-58. Disponível em: www.coletivo-paulofreire.org/e-book. Acesso em: 25 ago. 2025.

FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire, op. cit.*, p. 63-66.

Era grande o movimento de estudantes e educadores ávidos por ouvi-lo depois de tantos anos.

NA DÉCADA DE 1980, logo após a sua vinda do exílio, Paulo Freire foi professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Pós-Graduação: Educação (Currículo). [...] eu cursava a pós-graduação, em outra área, mas sempre tinha a oportunidade de encontrá-lo e conversar com ele nos intervalos ou na saída do período de aulas.

Nessa mesma época, eu lecionava Psicologia da Educação na Faculdade de Guarulhos, hoje Universidade de Guarulhos, no curso noturno. Era uma classe numerosa e muito diversificada, com alunos trabalhadores. Dentro da programação, os alunos estavam lendo a obra de Paulo Freire *Educação e mudança* [...]. [Eles] fariam um seminário sobre o livro e tive a ideia de convidar Paulo Freire, sem muita expectativa de que ele pudesse comparecer. Contei-lhe sobre o trabalho, e, para minha surpresa e alegria, ele aceitou prontamente e disse que gostaria muito de conhecer um curso universitário noturno, voltado para alunos trabalhadores.

No dia combinado, fui buscá-lo e, quando cheguei na sala dos professores, já havia uma grande agitação por parte dos docentes, por receber um educador tão ilustre. [...] Todos os professores quiseram que seus alunos também participassem do seminário [...]. Paulo Freire conseguia, assim, unir todo o curso noturno da Faculdade em torno da discussão de seu livro *Educação e mudança*.

[...] Uma rádio da cidade que, não sei como, ficara sabendo da vinda de Paulo Freire noticiou sua presença na Faculdade. Diretores das escolas do município dispensaram as aulas e uma multidão começou a chegar. Até o padre da paróquia local compareceu e também Frei Ailton, que era diretor na escola do bairro Jardim Gopoúva e que, aos domingos, fazia trabalho com jovens da comunidade, inspirado em Paulo Freire.

Quando me dirigi ao auditório com meus alunos, deparei-me com o espaço já completamente lotado e com muitas pessoas do lado de fora.

Paulo Freire dialogou com os presentes por uma hora e lamentamos não termos colocado um telão para que as pessoas fora do auditório pudessem acompanhar. Eu não imaginava que, depois de anos fora do Brasil, ele fosse atrair tantos professores e estudantes ávidos por sua sabedoria.

Moacyr da Silva

SILVA, Moacyr da. Uma experiência significativa com o professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 123

Sua passagem por importantes universidades de São Paulo foi um sopro de renovação para os campi.



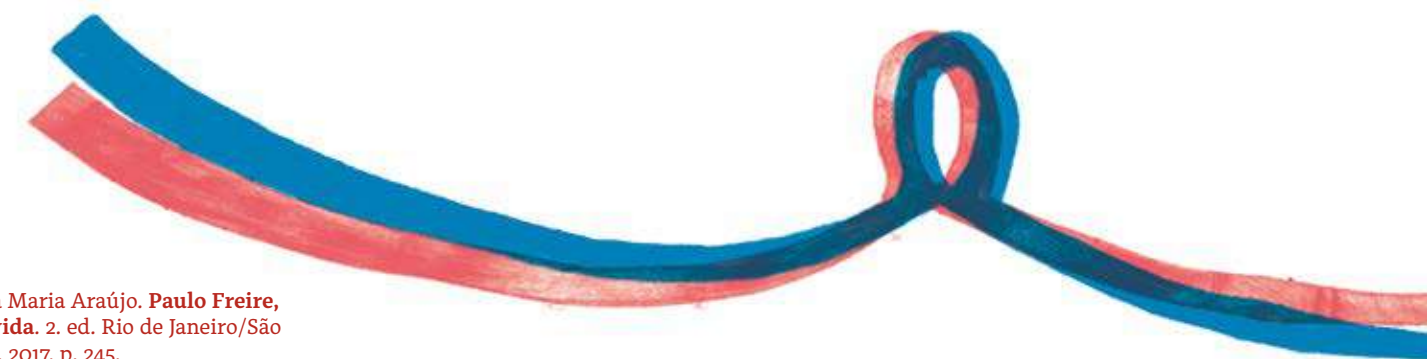
Nota de esclarecimento

Paulo Freire assumiu a docência na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) de 1980 a 1997 e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como professor convidado a partir de 1980 e como professor titular entre 1985 e 1991. Na pós-graduação da PUC-SP inovou, convidando outros docentes para acompanhá-lo nas aulas e formando círculos de cultura para debater a prática educativa dos alunos e os temas de seus trabalhos teóricos. Um fato que marca a admissão de Paulo Freire como professor titular da Unicamp é a manifestação escrita por Rubem Alves, então membro do Conselho Diretor da universidade, a quem a reitoria havia pedido um parecer.

[...] O SEU NOME É conhecido em universidades do mundo todo. Não o será aqui na Unicamp? E será por isto que deverei acrescentar a minha assinatura [...] como avalista? Seus livros, não sei em quantas línguas estão publicados. [...] Não. Não posso pressupor que esse nome não seja conhecido na Unicamp. [...] Por isso o meu parecer é uma recusa em dar um parecer. [...] Paulo Freire atingiu o ponto máximo que um educador pode atingir. A questão não é se desejamos tê-lo conosco. A questão é se ele deseja trabalhar ao nosso lado. [...].

Rubem Alves

Apud FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire, uma história de vida*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 245.



O FILÓSOFO EDUCADOR PISA NO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Um solo do qual
brotam inéditos
pedagógicos viáveis

1989. Paulo Freire, a convite de Luiza Erundina, prefeita eleita de São Paulo, assume a gestão da Secretaria Municipal de Educação (SME). O mundialmente festejado educador chega pleno de esperanças para enfrentar os desafios da educação de uma grande cidade.

Nota de esclarecimento

Eleita a primeira mulher prefeita da cidade de São Paulo, em 1988, Luiza Erundina estava ciente da grandeza daquele momento para a democratização da gestão pública brasileira. Escolheu profissionais de diversas áreas para contribuir na construção de seu governo, cujo eixo norteador seria a participação popular. Assim, Paulo Freire assume a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O educador brasileiro foi o símbolo e o artífice das mudanças que iriam marcar, indelevelmente, a rede municipal de ensino da cidade. O legado deixado por Paulo Freire e Luiza Erundina reverbera até hoje.

EU TENHO MUITA HONRA DE ser alguém que contribuiu para que São Paulo pudesse contar com a gestão de sua política de educação. Fez, de fato, em dois anos e meio à frente da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, uma experiência definitiva.

Luiza Erundina

ERUNDINA, Luiza. Um sopro de compromisso no caminho da educação paulistana (vídeo). In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 14-15.

Ele traz consigo e sua equipe o sonho de uma escola de cara nova: o sonho possível de uma escola bonita e prazerosa, culturalmente valorizada e intensamente curiosa e crítica na lida com o conhecimento.

NO DIZER COLOQUIAL DE PAULO FREIRE, era preciso “mudar a cara da escola”; no entanto era fundamental que a escola quisesse mudar a sua cara e por isso precisava ser respeitada, consultada, fazendo-se sujeito de sua própria história. Por isso ele indagava com detalhes sobre cada um dos programas que estavam em desenvolvimento, sob a minha coordenação. Ele ficava absolutamente atento à leitura da realidade, aos avanços e dificuldades, demonstrando profundo respeito pela história e vivendo um tempo de mudança com paciência/impaciente.

Ana Maria Saul

O PROFESSOR DIZIA COM SUA fala tranquila: “estou secretário, mas quero dialogar e estar com vocês” [...] “em nossa gestão os meninos não vão mais ficar olhando a parede, vão sonhar”.

Sandra Greco da Fonseca e Antonio Carlos Machado

A ESCOLA DEVERIA SER UM lugar prazeroso, bonito, onde a curiosidade das crianças fosse valorizada, o medo dos castigos eliminado.

João Carlos de Souza

HAVIA UM QUADRO COMPLEXO NUMA rede de 629 escolas, 720 mil discentes, 39 614 docentes. A cidade de 9,6 milhões de habitantes, a mais rica do país, apresentava a incrível e vergonhosa proeza de registrar um contingente de 1,2 milhão de analfabetos em idade acima dos 14 anos. Além do sucateamento da rede formal de ensino, praticamente inexistiam ações visando a manter os jovens na escola ou dirigidas aos programas de alfabetização de adultos (o Movimento de Educação de Jovens e Adultos – Mova – foi uma das criações do período freiriano). O número de alunos e alunas da 5ª série reprovados/as chegava ao espantoso número de 30%.

Adilson Citelli

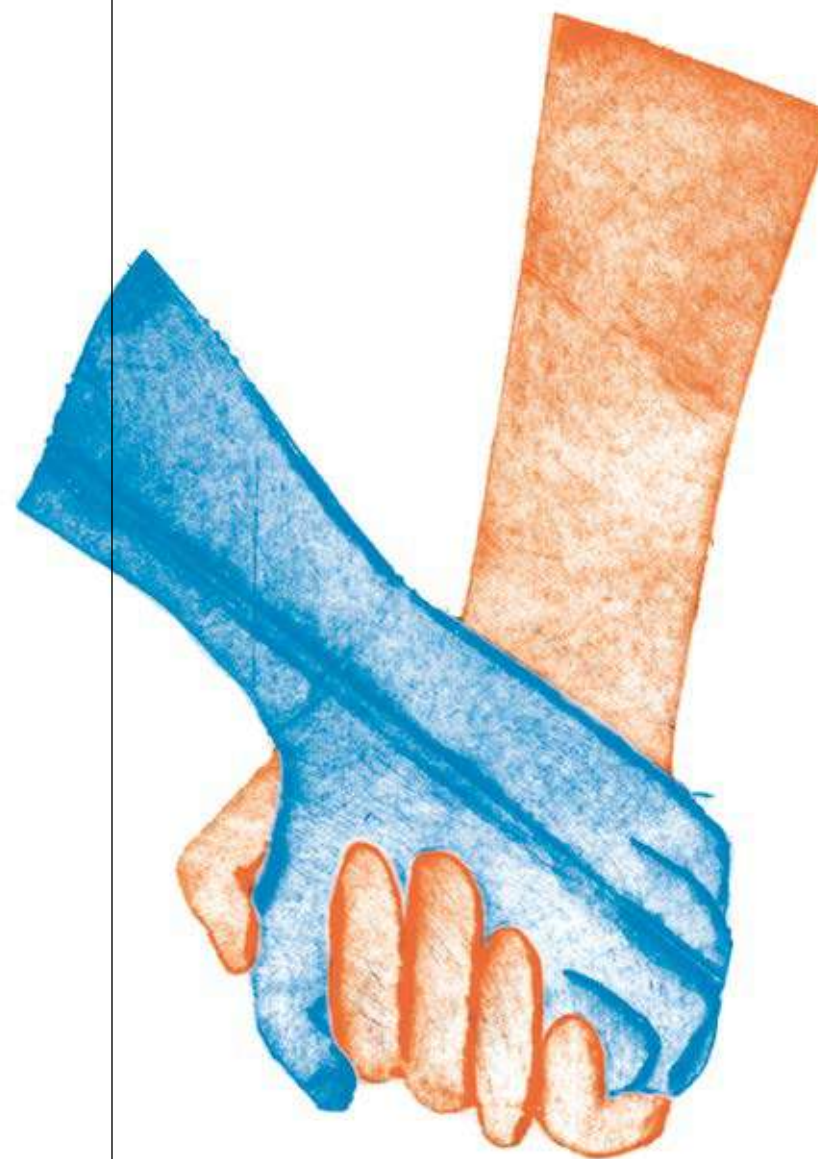
CITELLI, Adilson. Paulo Freire: uma lembrança. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 204-206.

SAUL, Ana Maria. O que aprendi com “o jeito de ser docente” de Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 190-200.

FONSECA, Sandra Greco da; MACHADO, Antonio Carlos. Lições de afeto e amorosidade. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit. p. 41-42.

SOUZA, João Carlos de. Evocações: encontro com Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 32-35.

Educação feita a muitas mãos, coletivamente, construída no respeito e no diálogo com a história dos educadores.



[...] O PROFESSOR PAULO FREIRE, tendo assumido o compromisso, com um grande jornal, para uma entrevista, telefonou e me solicitou acompanhá-lo, afirmando que seria no grande almoxarifado da Secretaria Municipal da Educação que ficava no bairro do Jardim Aeroporto.

No almoxarifado poderia ser apresentado o compromisso da Secretaria em suprir as escolas com diferentes materiais e equipamentos. Preparamos um espaço no centro do almoxarifado – mesa, cadeiras, água e café. A responsável pela entrevista foi uma jornalista/repórter. Foi uma longa entrevista, onde o Professor Paulo Freire, respondendo às perguntas, colocou as diferentes ações e encaminhamentos em operação pela Secretaria. De tudo me chamou atenção a afirmação e a pergunta da repórter: “Professor, o senhor é respeitado em grande parte do mundo, mas aqui, em São Paulo, o senhor não está conseguindo efetivar o seu projeto. Por quê?”.

O professor Paulo Freire levantou a cabeça, passou a mão na barba, fixou o olhar nos olhos da jornalista e respondeu: “Minha irmã, não vim para efetivar projeto algum. Tenho compromisso com a educação popular e libertadora. A educação que se faz juntos. Estou caminhando com as educadoras e educadores em São Paulo. Falando e ouvindo. Educação não se faz por decreto ou receita. Tudo que se impõe de cima para baixo não educa. Educação é um processo que se faz através do respeito e do diálogo. Sem o respeito e sem o diálogo não se constroem significados. Esse processo se faz ao longo de todo [o] tempo. De geração para geração. Não se faz em quatro anos. Valorizar os fatos e os fenômenos exige reorientar o olhar para assumir o que mira a compreensão para os valores de se viver em sociedade. Compreensão da importância e da grandeza de sermos, cada um, elo na corrente humana que se faz pela libertação da ignorância que cega, quanto aos ditames do opressor”.

Antonio Batista

BATISTA, Antonio. O tempo para educar. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 305-308.

Confiança nos gestores e na comunidade escolar, contra a burocracia que rouba o tempo do trabalho pedagógico.

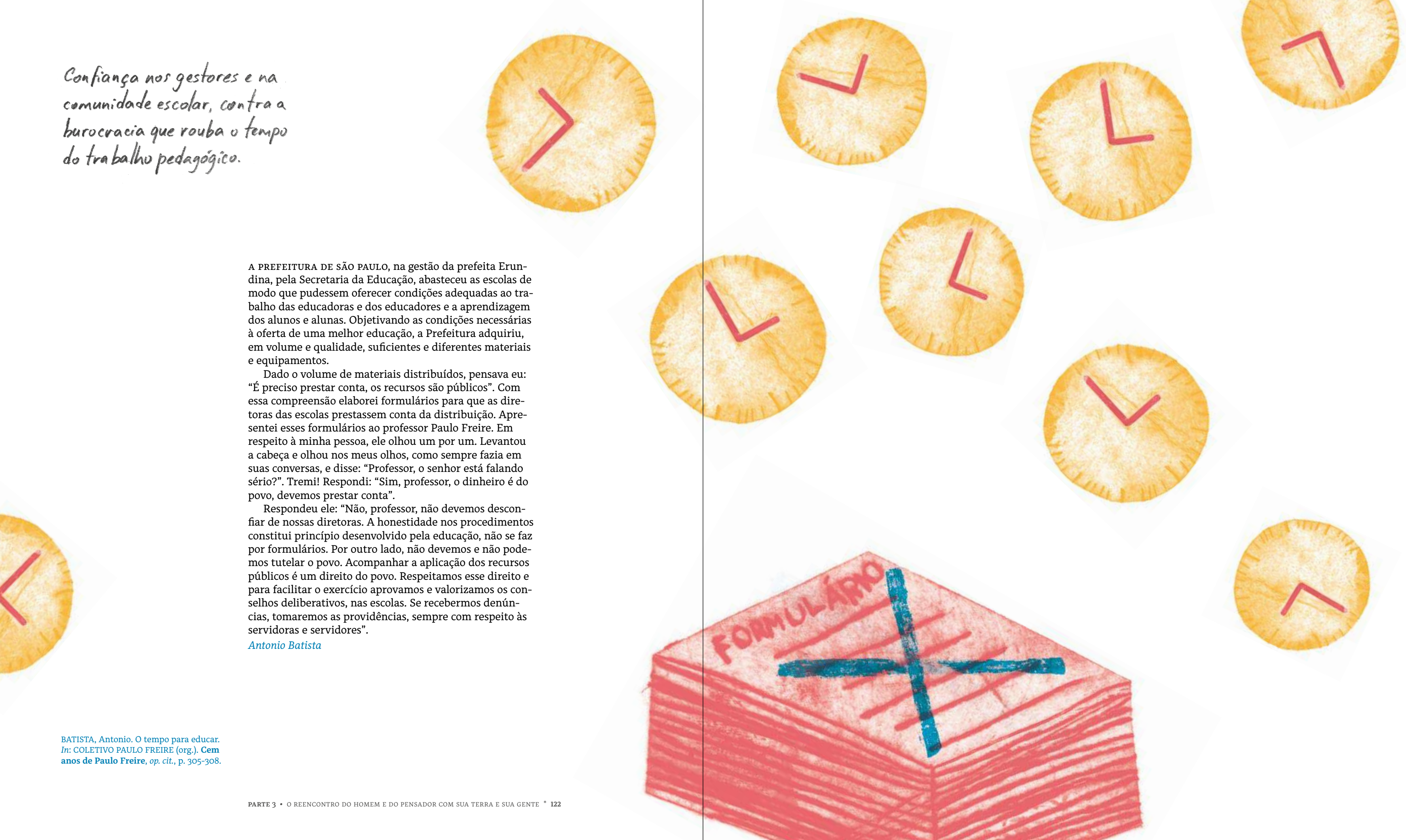
A PREFEITURA DE SÃO PAULO, na gestão da prefeita Erundina, pela Secretaria da Educação, abasteceu as escolas de modo que pudessem oferecer condições adequadas ao trabalho das educadoras e dos educadores e a aprendizagem dos alunos e alunas. Objetivando as condições necessárias à oferta de uma melhor educação, a Prefeitura adquiriu, em volume e qualidade, suficientes e diferentes materiais e equipamentos.

Dado o volume de materiais distribuídos, pensava eu: “É preciso prestar conta, os recursos são públicos”. Com essa compreensão elaborei formulários para que as diretoras das escolas prestassem conta da distribuição. Apresentei esses formulários ao professor Paulo Freire. Em respeito à minha pessoa, ele olhou um por um. Levantou a cabeça e olhou nos meus olhos, como sempre fazia em suas conversas, e disse: “Professor, o senhor está falando sério?”. Tremi! Respondi: “Sim, professor, o dinheiro é do povo, devemos prestar conta”.

Respondeu ele: “Não, professor, não devemos desconfiar de nossas diretoras. A honestidade nos procedimentos constitui princípio desenvolvido pela educação, não se faz por formulários. Por outro lado, não devemos e não podemos tutelar o povo. Acompanhar a aplicação dos recursos públicos é um direito do povo. Respeitamos esse direito e para facilitar o exercício aprovamos e valorizamos os conselhos deliberativos, nas escolas. Se recebermos denúncias, tomaremos as providências, sempre com respeito às servidoras e servidores”.

Antonio Batista

BATISTA, Antonio. O tempo para educar.
In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 305-308.



GESTÃO PARTICIPATIVA

Uma proposta para uma rede de ensino com história própria



Dividir o poder de tomar decisões, em estruturas colegiadas no centro do comando da SME e, nas escolas, com a participação de conselhos de escola; convicções políticas do mestre...

[...] A PARTICIPAÇÃO, NA EQUIPE de Paulo Freire, assumiu o mais radical dos significados, caracterizando-se verdadeiramente como uma participação em nível político. Isto significou, efetivamente, compartilhar decisões. E observe-se que chamar a equipe para integrar o processo de tomada de decisão implicava, necessariamente, uma divisão do poder do dirigente. É isto! Paulo Freire dividia o seu poder de Secretário de Educação com sua equipe, na Secretaria. Fazia isso com tranquilidade, mas, sobretudo, por convicção política.

Ana Maria Saul

PAULO FREIRE TEVE PAPEL FUNDAMENTAL como viabilizador de uma política pública democrática da educação na cidade de São Paulo. Houve coerência entre o que escrevia e o que foi efetivamente implementado na rede. A formação de estruturas colegiadas para tomada de decisão e avaliação das medidas encaminhadas no gabinete da Secretaria e nos Núcleos de Ação Educativa (NAEs) é outra constatação do vigor que o diálogo teve em sua gestão. Ele provou que a dialogicidade e a autonomia podem assegurar uma forma adequada de gestão, que produzem mudanças positivas na qualidade social da escola pública. O tamanho da rede municipal não foi impedimento para o incentivo a projetos próprios de cada escola, que puderam, dessa forma, vivenciar o direito à diferença na produção de propostas curriculares significativas (considerando a realidade da escola e indo ao encontro de suas necessidades).

Sonia Kruppa

SAUL, Ana Maria. O que aprendi com "o jeito de ser docente" de Paulo Freire, *op. cit.*

KRUPPA, Sonia. Paulo Freire: uma vivência formadora. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.), *Cem anos de Paulo Freire, op. cit.*, p. 441-453.

... convicções que levaram a tirar dos órgãos regionais a alcunha pejorativa de “delegacias de ensino”. Escola e Polícia são instituições diferentes – bem diferentes...

Nota de esclarecimento

Pensando na democratização da gestão, as Delegacias Regionais do Ensino Municipal (DREMs) foram substituídas pelos Núcleos de Ação Educativa (NAEs), a fim de romper com uma estrutura hierárquica de tomada de decisões. Em vez de instância de supervisão administrativa e burocrática, como as DREMs eram, os NAEs eram instâncias de acompanhamento do trabalho pedagógico e administrativo das escolas, voltados para a formação.

TRATÁVAMOS DE PENSAR OS VÍNCULOS entre as mudanças curriculares e a estrutura da SME (que precisava ser democratizada) quando o secretário interveio dizendo que um pressuposto para as coisas funcionarem era não confundir os assuntos de polícia com os da educação. E enunciou, ao menos conforme o registro de uma memória que já atravessa três décadas, que era urgente mudar a designação e o conceito centralizador, hierárquico e burocrático que regia as Delegacias Regionais do Ensino Municipal. “Lugar de delegado é no distrito policial”, foi o que disse o enérgico senhor de barbas brancas, acentuando na afirmativa os devidos toques de ironia [...]. O que parecia simples troca de nomenclatura apontava, a rigor, para uma mudança fundamental que ocorreu, e poderia ter sido aprofundada nos anos seguintes, no ensino municipal da cidade de São Paulo.

Adilson Citelli

CITELLI, Adilson. Paulo Freire, uma lembrança, *op. cit.*

Dessas convicções políticas também surgiu o entendimento de que o planejamento global da ação da secretaria só estaria completo com a participação dos educadores das escolas.

Nota de esclarecimento

Em 1991, após intenso diálogo com as comunidades escolares, foi aprovado o novo Regimento das Escolas Municipais. Esse regimento representou um grande avanço, pois fortaleceu o Conselho de Escola, tornando-o deliberativo; propôs os ciclos (três no total) como forma menos fragmentada de organizar o ensino fundamental; contrapôs-se à homogeneidade na formação das turmas; e trouxe uma nova concepção de avaliação, destacando a importância do registro do processo de aprendizagem e a necessidade de um processo contínuo de recuperação.

[...] COUBE AO SETOR DE planejamento caracterizar a situação educacional do Município de São Paulo, mapeando seu perfil demográfico, socioeconômico e educacional, e democratizar as informações obtidas, visando subsidiar a definição de políticas públicas na área, tendo como proposta garantir um outro princípio freiriano, o da autonomia das escolas.

[...] Para obter as informações da comunidade educacional a partir das escolas, a estratégia de planejamento utilizada foi a de solicitar-lhes que indicassem os problemas com os quais conviviam e as alternativas de ação para solucioná-los, agregados por ordem de prioridade, assim como a indicação dos responsáveis pela sua resolução.

O conjunto das planilhas advindas das escolas caracterizou, assim, o universo dos problemas e das alternativas de ação, na ótica da rede municipal de ensino, a partir das diretrizes educacionais do atual governo. [...]

Vera Lucia Vieira

[...] PARA UMA ESCOLA VERDADEIRAMENTE democrática e popular, seria necessário fortalecer ou criar dispositivos de participação. [...]

Diante disso, podemos afirmar que o Regimento [Comum das Escolas Municipais] torna os Conselhos, de fato, deliberativos nas escolas paulistanas, isto é, além de apenas o(a) diretor(a) ser membro nato (os demais participantes deveriam ser eleitos, considerando a paridade quanto à representação dos seus membros), as principais decisões da escola teriam de ser tomadas coletivamente.

Regina Célia Soares Bortoto e Maria Helena Bertolini Bezerra

VIEIRA, Vera Lucia. Planejamento participativo na área educacional “à la Paulo Freire”. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 255-262.

BORTOTO, Regina Célia Soares; BEZERRA, Maria Helena Bertolini. Projeto Inter na Escola Municipal Candido Portinari: vivas lembranças de duas educadoras do bairro de Perus. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 245-254.

Participar da gestão freireana foi decisão de muitos educadores engajados na aventura democrática, irmanados em princípios éticos universais.

TODA A EQUIPE GARANTIU A qualidade da escola pública municipal e realizou políticas públicas diferenciadas, com muito compromisso. Isso é possível!! Sim. Basta ter vontade e colocar em prática os três princípios básicos que regiam a gestão Paulo Freire: participação, descentralização e autonomia.

Marisa Garcia

NA FECUNDA CONJUNTURA DE FINAL dos anos [19]80 e início dos anos [19]90 nascia, como um ato político, na Secretaria Municipal de Educação, a proposta da Escola Pública Popular que, se pretendia, fosse “autônoma, criativa, competente, séria e alegre”. [...] As prioridades que orientaram o planejamento a cada ano foram: Democratização do Acesso, Gestão Democrática, Nova Qualidade da Educação e Educação de Jovens e Adultos.

Tais prioridades se construíram tomando como referência fundamentos da epistemologia freireana. O primeiro deles refere-se à compreensão de que os homens, como seres inconclusos, devem tornar a busca pela liberdade um processo permanente, no qual a consciência crítica se constrói [...]. O segundo, de que os homens se educam entre si [...]. O terceiro, de que, a partir do diálogo, que favorece a observação e a interpretação, é possível e necessário ao educador compreender, por meio das palavras e de diferentes formas de expressão, as representações e as diferentes leituras e interpretações sobre o mundo. Eis o sentido das relações dialógicas: favorecer a construção do conhecimento com a criança, o adolescente e o adulto, não para eles.

Selma Rocha

GARCIA, Marisa. Memórias. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 43-46.

ROCHA, Selma. Paulo Freire e a gestão da educação na cidade de São Paulo entre 1989 e 1992. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 419-427.

NOVAS PARCERIAS NO HORIZONTE

Diversos setores da sociedade, com outros saberes, entram no diálogo

Sob a liderança de Paulo Freire, diferentes grupos sociais participaram da política educacional da cidade.

QUANDO PAULO FREIRE ASSUMIU A Secretaria da Educação da Cidade de São Paulo houve muita contribuição de educadores provenientes das universidades, da militância sindical e da experiência do movimento popular na formulação das políticas públicas. Não é uma tarefa simples pensar e construir coletivamente a educação democrática na cidade. A clareza política e a liderança do professor Paulo Freire foram fundamentais e decisivas para o diálogo entre esses vários saberes.

Nos desafios presentes, estava a necessidade de problematizar a realidade educacional e propor políticas que considerassem a escola engajada no seu entorno, para além dos seus muros, a sua gestão democrática, a educação pública popular de qualidade para todas e todos, a formação permanente de educadores, o protagonismo de crianças, adolescentes e adultos no projeto político-pedagógico.

Maria Eunice Campanha

CAMPANHA, Maria Eunice. As ideias de Paulo Freire no movimento popular: um olhar. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 185-189.

A Universidade atendeu ao chamado... e foi falar e ouvir.

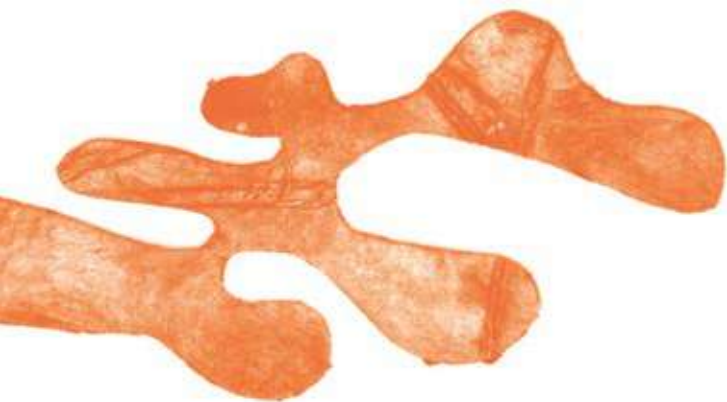


Nota de esclarecimento

Pela primeira vez na história da educação municipal de São Paulo foi celebrado um convênio de colaboração entre a SME e universidades paulistas. Mestres e doutores das universidades públicas (USP, Unicamp, Unesp) e da PUC-SP estiveram presentes por todo o período do governo, assessorando as equipes da gestão e os educadores da rede e também aprendendo com eles.

[...] RELEMBRO O DIA 3 de janeiro de 1989. [Luís Carlos] Menezes, Marta Pernambuco e eu estivemos no gabinete de Paulo Freire, então recém-empossado pela prefeita Luiza Erundina como secretário de Educação do Município de São Paulo. Freire convidou-nos para uma conversa. Conhecedor do trabalho do grupo do IFUSP [Instituto de Física da Universidade de São Paulo], pretendia estabelecer uma parceria. Outros potenciais colaboradores também foram convidados. As relações construídas como decorrência dessa conversa inicial foram potencializadas e culminaram com o estabelecimento de um convênio que a prefeitura celebrou com a USP, Unicamp, Unesp e PUC-SP. Equipes de docentes dessas universidades, em conjunto com educadores da SME-SP, tanto os que lecionavam nas escolas da rede municipal de ensino como os que atuavam na Diretoria de Orientação Técnica (DOT) e nos recém-criados Núcleos de Ação Educativa (NAEs), construíram e implementaram o que foi designado como Movimento de Reorientação Curricular. Esse movimento teve seus desdobramentos em muitas outras redes públicas de ensino, conforme registro em ampla bibliografia.

Demétrio Delizoicov



DELIZOICOV, Demétrio. Lembranças das minhas interações pessoais com Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 36-40.

Muitos saberes brotam dessas trocas e parcerias, colocando na pauta o Movimento de Reorientação Curricular e a Formação Permanente, intrinsecamente ligados no cotidiano dos educadores.



SERRÃO, Isabel Batista; MAZZARI, Ângela Maria; ARAÚJO, Elaine Sampaio; PINHEIRO, Emiliana; MOURA, Manoel Oriosvaldo de; MATIOLLI, Yara Maria. Olá, Professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 362-363.

Óculos de leitura



Um grupo de professores descreve essa experiência e reflete sobre seus desafios e conquistas no livro:

PONTUSCHKA, Nidia Nacib (org.). *Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública*. São Paulo: Loyola, 1993

VOCÊ SE LEMBRA QUE, NAQUELA época, a universidade ia até a rede pública de educação básica? Afinal, ela também é pública, não é? Assim, entendíamos que cada educador, não importava o cargo que ocupava [nem] onde o ocupava, deveria cumprir seu papel de promover ações de formação humana para as novas gerações de maneira participativa e criadora. Tinha força transformadora!

Queríamos aprender para criar um mundo melhor! Um sonho que foi ganhando vida porque era desejo coletivo. Era política educacional! Sua política educacional!!

Foram momentos coletivos de estudo e reflexão, planejamento de situações de ensino, criação de materiais didáticos, realização e avaliação do que era planejado em conjunto e novamente estudos, reflexões, replanejamentos, criações, atuações pedagógicas e avaliações em movimentos constantes. Movimento constante de aprendizagem coletiva, como é próprio do ser humano. A inquietude da ignorância e a indignação diante da injustiça social continuaram impulsionando ações em defesa do direito ao conhecimento, à participação política não autoritária, ao exercício da educação pública da melhor qualidade para todos, todas, todes!

Isabel Batista Serrão, Ângela Maria Mazzari, Elaine Sampaio Araújo, Emiliana Pinheiro, Manoel Oriosvaldo de Moura e Yara Maria Matioli

E, entre muitos saberes, a Arte, em suas várias manifestações. Arte e Educação caminhando juntas, promovendo conhecimento e expressando a beleza da ação humana.

É COMUM OUVIR DIZER QUE Paulo Freire não escreveu sobre Arte/Educação, mas a obra dele está cheia de pistas que iluminam o caminho dos professores de Arte.

Em vários escritos associa a estética à ética, da mesma maneira que seu conceito de beleza revela uma influência bem-vinda do conceito de experiência completa e estética de John Dewey. [...]

Por isso Paulo Freire em suas obras fala constantemente da Educação como Arte e na beleza do processo ensino/aprendizagem. A beleza na ação humana aparece quando colocamos todo nosso potencial em busca de uma solução positiva, isto é, o potencial intelectual, o potencial emocional, afetivo e a própria intuição juntos. Como fui por três anos alfabetizadora de crianças dos alagados de Recife, [...] lembro-me da beleza que era ver um aluno ler pela primeira vez uma palavra ou uma frase, da sensação de completude que aquilo me provocava.

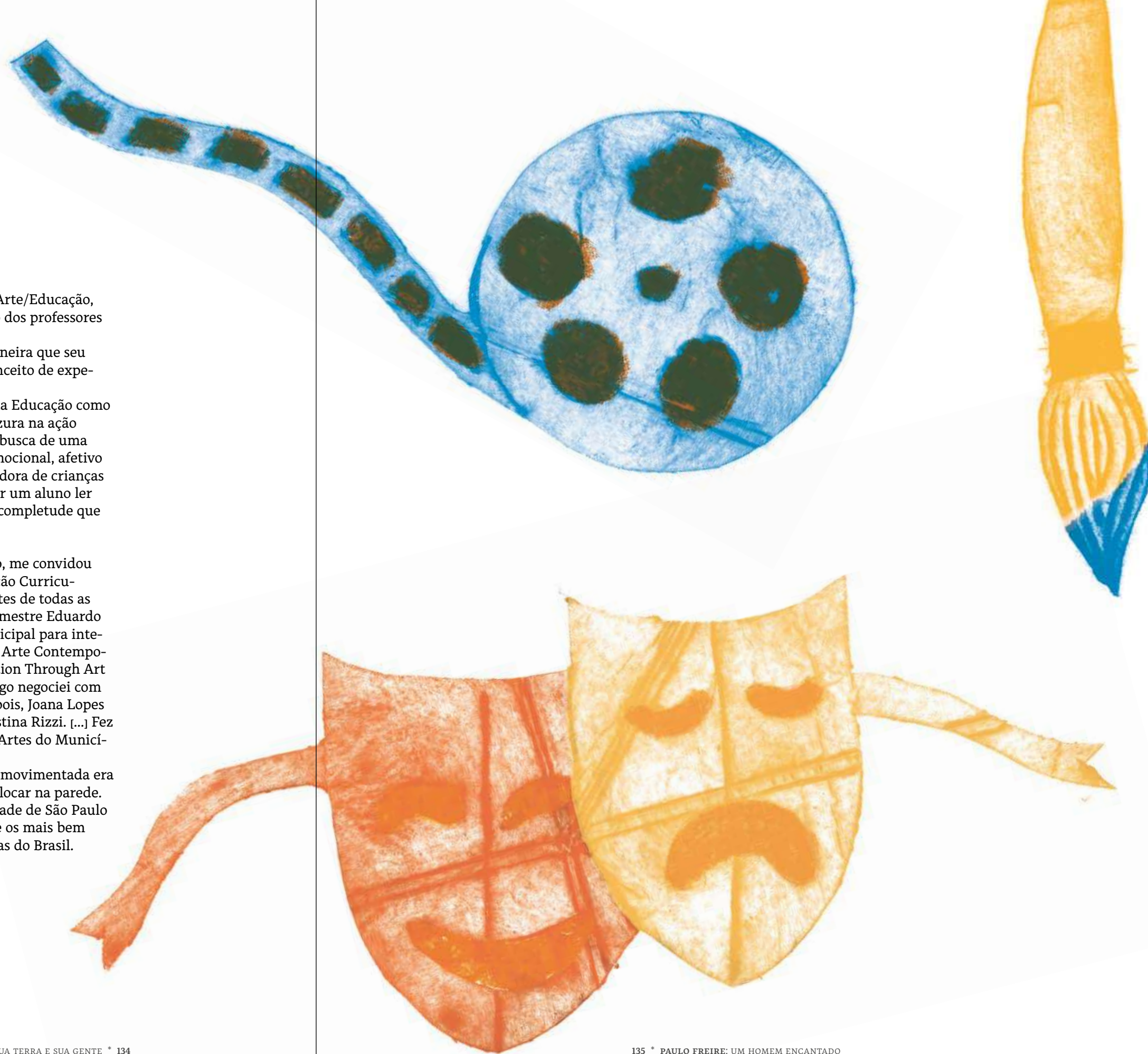
[...]

Quando foi secretário de Educação da cidade de São Paulo, me convidou para organizar e coordenar o Grupo de Artes para Reorientação Curricular. Era o grupo mais numeroso porque convidei representantes de todas as áreas de Artes, inclusive Cinema, que foi o saudoso e grande mestre Eduardo Peñuela. Também convidei professores de Artes da rede municipal para integrarem a comissão. Como na época era diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP e presidente da International Society of Education Through Art [Sociedade Internacional de Educação pela Arte] (Unesco), logo negocie com Paulo Freire passar a coordenação para Regina Machado. Depois, Joana Lopes a substituiu e por fim quem ficou mais tempo foi Maria Christina Rizzi. [...] Fez um trabalho maravilhoso, e todas/os as/os professores/as de Artes do Município foram atualizados através de cursos e encontros.

O último encontro se deu no auditório da USP e a energia movimentada era de animar até aqueles que pensam que Arte é enfeite para colocar na parede.

Mesmo muitos anos depois, os professores de Artes da cidade de São Paulo ainda eram considerados os mais conscientes politicamente e os mais bem preparados profissionalmente entre aqueles das redes públicas do Brasil.

Ana Mae Barbosa



MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR

A **Inter** e outros projetos: uma conversa de muita gente



À frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1989, Paulo Freire propôs a escolas, educadores(as) e comunidade um amplo Movimento de Reorientação Curricular...

Nota de esclarecimento

O Movimento de Reorientação Curricular tinha como objetivo fazer com que a escola repensasse seu currículo aderindo a projetos apresentados pela SME ou criando seu próprio projeto. Para sustentar essas ações, ocorreram, além de um vigoroso programa de formação de educadores, mudanças nas condições de trabalho, como a abertura para as escolas contratarem assessores e a ampliação dos horários de trabalho coletivo dos docentes.

APRENDEMOS A RESPEITAR O PROFESSOR como sujeito de sua prática. O diálogo era horizontal. Alguns diziam que era necessário tirar o livro didático do professor. Não, o que era necessário era o professor dialogar com ele e suas próprias práticas.

Maria Helena Pelizon

FOI UM PERÍODO INESQUECÍVEL [em que] projetos incríveis foram desenvolvidos. Cito dois em que estive diretamente ligada: o da Interdisciplinaridade, via tema gerador, e os Grupos de Formação Permanente, com os educadores das escolas da rede municipal. Projetos até hoje aclamados pelos educadores, por sua importância e relevância educacional.

Terezinha Sebestyian

A REORIENTAÇÃO CURRICULAR TINHA QUE chegar aos professores; se eles não entrassem no movimento, este não teria sentido algum. O nosso desafio era chegar na escola e fazer o movimento, de forma que os professores se apropriassem dos dados da realidade local, da problematização dessa realidade, e, depois, eles próprios fizessem a discussão e a seleção dos conteúdos programáticos. Esse processo foi extremamente dialético, cheio de avanços e recuos. Foi de uma riqueza incrível. E o que é importante dessa memória é que ela fala aos professores das novas gerações que isso é possível, já se fez, e eles também podem fazer.

Regina Villas Bôas Estima

ESTIMA, Regina Villas Bôas. Educação: Projeto da Interdisciplinariedade via tema gerador – 5. Ganhos (vídeo). *Roda de Memória*, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/SME/rodas-de-mem%C3%B3rias>. Acesso em: 14 out. 2025.

PELIZON, Maria Helena. Educação: Projeto da Interdisciplinariedade via tema gerador – 5. Ganhos (vídeo), *op. cit.*

SEBESTYIAN, Terezinha A. Depoimento. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 301-302.

O projeto pedagógico da interdisciplinaridade via tema gerador era um trabalho coletivo, com uma nova perspectiva curricular. Um desafio “inédito viável” para todos os envolvidos.

Nota de esclarecimento

A proposta da interdisciplinaridade via tema gerador era ousada. Os educadores da escola, com apoio dos NAEs, da DOT e da universidade, criavam seu próprio currículo escolar. A partir de um estudo da realidade local, a comunidade escolar selecionava um tema gerador que refletisse as principais questões locais, às quais as diferentes áreas do conhecimento poderiam responder, para que fossem melhor compreendidas e abrissem caminhos para transformar essa realidade.

PAULO FREIRE, NA OBRA *Pedagogia do oprimido*, faz referência ao imprescindível trabalho interdisciplinar, quando se está procurando desenvolver a percepção das situações significativas de uma comunidade, realizando a investigação temática ou a seleção de possíveis temas geradores (ou palavras geradoras) [...].

Segundo Paulo Freire, ao estabelecer uma abordagem temática para a organização dos diferentes conteúdos para uma ação pedagógica mais crítica e emancipadora, existem três momentos [...]. São eles: o “levantamento preliminar da realidade”, a “investigação temática” e a “redução temática”.

No levantamento preliminar, faz-se um estudo da realidade local [...]. Trata-se da busca de dados que permitam uma ampla fotografia da realidade onde está inserida a escola, montando-se em seguida uma espécie de dossiê da escola e da comunidade.

No processo da investigação temática procura-se realizar um levantamento de categorias de análise e das possíveis situações significativas para a comunidade e para a escola [...].

[...] No entrelaçamento destas categorias com a relevância vivencial, com a dimensão sociopolítica e com a demanda de conhecimento das diferentes interpretações das áreas de conhecimento é que se seleciona, num processo problematizador, o tema gerador. [...]

A redução temática insere-se no contexto explícito de procurar “reduzir” o tema em suas possibilidades de trabalho, uma vez que se abrem inúmeras alternativas [...] sobre qualquer tema. Por isso é necessário que se delimite o que se quer trabalhar através de questões geradoras que orientam a formulação do programa. [...]

Tal forma de ação pedagógica altera profundamente a relação professor-aluno, pois ambos passam a ser os responsáveis pela construção mais eficaz e eficiente do conhecimento.

Rubens Barbosa de Camargo

CAMARGO, Rubens Barbosa de. Paulo Freire e a interdisciplinaridade via tema gerador: alguns registros e reflexões (versão curta). In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 475-483.

Um momento ímpar na elaboração do currículo: educandos(as) e educadores(as) como sujeitos da construção do conhecimento, as disciplinas sem barreiras, conversando entre si, rasgando a burocracia da grade curricular em favor do conhecimento integrado, da educação libertadora...

COM A ELEIÇÃO DE LUIZA Erundina, a rede municipal de São Paulo foi tomada por um clima de esperança. Vínhamos de uma gestão de Jânio Quadros, onde fomos perseguidos e vários colegas demitidos, e outros entraram em processo administrativo.

Com a chegada de Paulo Freire, passou-se a ideia de que o mundo olhava para São Paulo. A inter surgiu neste contexto de transformar o ambiente autoritário das escolas.

Pontos que para mim até hoje são muito significativos: o estudo sistemático da realidade, que era feito com critérios científicos, estatísticos e filosóficos (na visão de Paulo Freire); depois utilizávamos o conhecimento historicamente construído, de uma maneira não fragmentada; o terceiro ponto que é de fundamental importância é o estabelecimento de um diálogo entre este conhecimento e os dados da realidade, numa relação dialética.

Esses três pontos fizeram com que a rede desse um salto extraordinário.

Manoel Romão de Souza

PARA O GENIAL PAULO FREIRE, NOSSO secretário de Educação à época, a vivência escolar deveria ser o fio condutor que orientaria a produção dos conteúdos dos cadernos das várias áreas do conhecimento e também dos cadernos que auxiliariam as escolas a fortalecer os organismos de participação popular em seu interior. Haveria ainda a serem produzidos cadernos com os resultados das ações da própria Secretaria Municipal de Educação.

Vânia de Azevedo Lage

SOUZA, Manoel Romão de. Educação: Projeto da Interdisciplinariedade via tema gerador – 1. Diagnóstico Inicial (vídeo). *Roda de Memória*, 9 abr. 2020 Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/SME/rodas-de-mem%C3%B3rias>. Acesso em: 14 out. 2025.

LAGE, Vânia de Azevedo. A máquina fotográfica. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 81-83.

Professores e professoras, sujeitos de suas práticas, buscavam soluções para os desafios do trabalho pedagógico. Mas não estavam sozinhos: havia formação continuada e acompanhamento pelos Núcleos de Ação Educativa (NAEs), pela Diretoria de Orientação Técnica (DOT) e pela universidade.

QUANDO ASSUMI O TRABALHO DE Geografia no NAE-8, na Vila Prudente, tive o compromisso de tentar trazer a Geografia de forma que se aproximasse da realidade, ou seja, fazer um movimento para a escala global que afeta a escala local, com o objetivo de entender o mundo de hoje.

Não foi uma tarefa fácil quebrar os conteúdos historicamente trabalhados pelos professores durante anos.

Outra tarefa difícil foi a questão do tema gerador. Naquele período não havia muita bibliografia a respeito da interdisciplinaridade.

De onde vem o tema? Da realidade local? Vários autores da Geografia, como Milton Santos, já diziam que a realidade global reflete na realidade local.

Nós, na escola-piloto que ficava na Fazenda da Juta, uma área de ocupação irregular, organizamos um estudo do meio, levamos os professores para conhecer as vielas, os esgotos do entorno da escola. Registramos e fizemos um exercício maior para chegarmos a um tema gerador. Acabou saindo o tema moradia. Começamos a ler uma série de teóricos da Geografia e da Arquitetura para entendermos melhor a moradia na cidade de São Paulo. Feita essa discussão mais teórica, o outro passo foi transformar esse tema em conteúdo escolar para as diferentes séries e diferentes componentes curriculares, o que também não foi fácil.

Elizabeth Auricchio

UMA DAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO no Projeto de Reorientação Curricular via interdisciplinaridade – diga-se de passagem, projeto escolhido pelas escolas participantes e não imposto a elas – foi comparecer às reuniões de discussões entre as várias áreas de conhecimento, às reuniões de planejamentos, às reuniões de criação e sistematização teórica, de organização de publicações de documentos de gestão e eventos educacionais e culturais, sempre às sextas-feiras, no prédio da DOT. A chegada para o trabalho nesse prédio era sempre precedida por uma enorme expectativa positiva advinda das sucessivas boas experiências nesse local.

O prédio, sendo sempre o mesmo, não se apresentava sempre da mesma forma e nas mesmas condições. O que acontecia naquele ambiente de semana a semana? Acontecia vida! Entusiasmo, criação, determinação, curiosidade, direito à dúvida e à incerteza, respeito às diferenças e às diversidades. Havia o planejar e o executar de forma dialógica estabelecendo circuitos colaborativos de mão dupla, incluindo a DOT, assessorias especializadas [da universidade], coordenações dos NAEs, professores, alunos e comunidades.

Christina Rizzi

AURICCHIO, Elizabete. Educação: Projeto da Interdisciplinariedade via tema gerador – 1. Diagnóstico Inicial (vídeo), *op. cit.*

RIZZI, Christina. Prezado professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). Cem anos de Paulo Freire, *op. cit.*, p. 369-370.

BORTOTO, Regina Célia Soares; BEZERRA, Maria Helena Bertolini. Projeto Inter na Escola Municipal Candido Portinari, *op. cit.*

Participar do projeto pioneiro da Reorientação Curricular pela via da interdisciplinaridade era decisão livre e democrática de cada escola.

O “PROJETO INTER”, COMO FICOU conhecido na rede municipal de ensino de São Paulo, chegou como proposta em um encontro com as diretoras e diretores de toda a rede municipal, no início da gestão do professor Paulo Freire na Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Nesse encontro, representantes da Secretaria e integrantes da CONAE (Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa), à época, expuseram aos(as) diretores(as) como seria a proposta, indicando-lhes a possibilidade de se inscreverem para a participação no projeto. Uma condição foi colocada naquele momento: se a escola fosse integrar o Projeto Inter, a proposta deveria ser levada à comunidade escolar para ampla discussão entre todos(as), evidentemente, com a exposição dos objetivos e metodologia a serem empregadas. E foi assim, durante encontros subsequentes com calorosos debates, que a comunidade escolar da EMEF Cândido Portinari tomou a decisão de participar do projeto Inter.

[...] As reuniões eram destinadas a discutir as diversas formas de entender Educação, e, de maneira absolutamente respeitosa e democrática, conduzir na direção de compreender o porquê de ser a concepção crítica a que define uma Educação em que estudantes e professores(as) são sujeitos na construção do conhecimento.

Desenvolver a consciência crítica frente ao conhecimento significou a superação do saber de experiência, ou do saber despretenso, aquele que simplesmente reproduz de maneira quase que automática as lições do dia, semana, mês e assim por diante, para um posicionamento rigoroso diante do conhecimento. [...]

Regina Célia Soares Bortoto e Maria Helena Bertolini Bezerra

Além da Inter, vários outros projetos foram oferecidos às escolas. E, assim, novos saberes, com novos sabores, foram surgindo - da cultura popular aos direitos humanos...

Nota de esclarecimento

Para estimular a criação de projetos nas escolas, foram oferecidas pela SME 10 horas extras de trabalho coletivo remunerado aos educadores das escolas. Essa iniciativa foi o embrião da jornada ampliada, garantida no Estatuto do Magistério.

FOI DOS MELHORES E MAIS estimulantes trabalhos de que participei na vida, o da Educação em Direitos Humanos na Prefeitura de São Paulo. Trabalhávamos como nunca, aos sábados e domingos inclusive, com alegria, com prazer. Ver a adesão dos professores ao projeto, inicialmente desconfiados, presos às suas práticas [...].

Mudei como pessoa, mudei como professor, não se conhece Paulo Freire impunemente. E mudei para melhor, dizem até meus alunos.

Antonio Carlos Fester

EM 1991, [...] CONSEGUIMOS QUE o grupo de rap Racionais MCs visitasse meus alunos, para uma conversa na escola onde lecionava, em Itaquera. O sucesso foi tão estrondoso dessa passagem do Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay por Itaquera, que no ano seguinte, ao entrar para a equipe multidisciplinar do NAE-9, a primeira coisa que fiz foi propor a criação de um projeto de visita desse grupo de rap, os Racionais, às escolas municipais.

[...] foi criado o projeto Rap...Ensando a Educação, que percorreu 39 escolas municipais em todas as regiões da cidade. Nesses encontros, os rappers conversavam com os alunos e professores sobre os temas da violência policial, do racismo, das várias formas de discriminação, da ausência da história da resistência negra e indígena nos livros didáticos e currículo escolar. Esses encontros foram memoráveis, e hoje percebo que tudo aquilo somente foi possível porque aquela administração tinha iniciado pela figura de Paulo Freire [...].

Valter de Almeida Costa

FESTER, Antonio Carlos. Paulo Freire, um pouco, *op. cit.*

COSTA, Valter de Almeida. Ao espírito de Paulo Freire, um abraço afetuoso de um itaquereense. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 29-31.

- e se transformaram numa conversa de muita gente com muito assunto.

COMO FOI OUSADO O PROJETO de computação educacional Gênese, inspirado na nascente oportunidade de, em 1990, levar microcomputadores para educadores conduzirem ações educacionais! Como em outros projetos, esse também adotou uma estratégia de escolas-piloto e incluía assessores das universidades [...].

Mas houve outras ousadias. Algumas delas pude ver nascer no Centro de Multimeios da Diretoria de Orientação Técnica (DOT), [...] como uma itinerante oficina de grafite [...] em que a arte de rua passava a ser tratada como objeto de ensino; os encontros de cinema [...] em que salas escolares munidas de TV e videocassete acolhiam debates com a projeção de filmes [...]; ou ainda um projeto em que estive diretamente envolvido, uma rede de oficinas pedagógicas, mas com um viés muito peculiar, com a ideia de criar oficinas de produção de materiais didáticos de baixo custo em cada Núcleo de Ação Educativa [...] com materiais experimentais para o Ensino de Física.

Nada era fácil ou simples. Mas havia uma particularidade em tais projetos, todos ocorriam por adesão e não por imposição... isso diz muito (muito mesmo!) de uma administração democrática!

Eugenio Maria de França Ramos



RAMOS, Eugenio Maria de França. O que perguntaria ao professor Paulo Freire? In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 269-274.

FERREIRA, Solange de Oliveira. Olá mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 148-150.

ESPERO QUE ESTEJA PRESENTE EM sua memória [Paulo Freire,] a revolução provocada pela diversidade de projetos que provocavam a reflexão acerca das nossas práticas e nossa visão de mundo. Foi assim meu (re)encontro, por meio do Projeto de Orientação Sexual, com a sexualidade na adolescência, e entender que ela não precisava ser escondida, pecaminosa, cercada de dúvidas e certezas errôneas, proibida de ser verbalizada e vivenciada.

Revelo, depois de tanto tempo, que foi nesse contexto que vivenciei uma das experiências mais transformadoras como educadora e mulher. Aos poucos me despi, sem vergonha nenhuma, da professora de Ciências que apresentava a anatomia de um corpo humano sem vida, sem emoções e privado de desejos.

Se você tivesse tido a oportunidade de participar dos encontros com os(as) adolescentes, proporcionados pelo Projeto, vivenciaria a concretude de suas palavras. A vida pulsava e a palavra sexualidade, em sua abrangência, era liberta de suas amarras. Sua agenda atribulada não afastou você do projeto, mas, pensando bem, mesmo que pudesse, o combinado entre nós era que só poderia participar quem efetivamente fazia parte [...]. Mas quero que saiba que foram tempos especiais, [em que] famílias e a sociedade em geral compreendiam a importância [de] adolescentes refletirem e compreenderem a respeito de seus corpos, não apartados de seus sentimentos, [mas] como processos integrantes das diferentes fases da vida.

Solange de Oliveira Ferreira

Os temas brotavam do chão da escola, da
necessidade de educadores e educadoras...

EM 1992, ATUAVA COMO PROFESSORA de Matemática em uma escola da periferia de São Paulo quando fui convidada a integrar o Núcleo de Ação Educativa 10 (NAE-10), equivalente à atual Diretoria Regional de Educação de São Miguel [Paulista]. Com apenas cinco anos na rede estadual e dois na municipal, senti o peso da responsabilidade de assumir a formação de professoras e professores em nível regional.

Encorajada pela força da minha mãe, que integrou movimentos de luta das mulheres e contra a carestia, aceitei o desafio, que logo se transformou em uma das experiências coletivas mais ricas em aprendizados, tanto no campo educacional quanto no afetivo. Nosso principal foco era coordenar grupos de formação no projeto “Passagem da 4ª para a 5ª série”, valorizando o espaço que promovia estudo e reflexão com docentes polivalentes e docentes com atuação por componente curricular. Essa passagem, até hoje negligenciada, trazia o desafio da compreensão sobre as mudanças físicas, socioculturais, emocionais e cognitivas vividas por estudantes dessas faixas etárias. Com o projeto, buscava-se incidir em um nó crucial: os altos índices de reprovação e abandono na 5ª série [atual 6º ano], entendendo que suas causas estavam enraizadas na incompreensão dessas mudanças e em não considerá-las na organização dos tempos, espaços e experiências de aprendizagem proporcionadas na escola.

Recebi fortalecimento conceitual e emocional da equipe central da SME para atuar com as educadoras das 4ª e das 5ª séries, que generosamente compartilharam suas práticas para serem tematizadas e iluminadas pelos estudos realizados, num processo genuíno de ação-reflexão-ação. Essa experiência me ensinou sobre a importância da homologia de processos e marcou minha compreensão sobre a formação continuada como espaço necessário para constituição da prática docente. Quando me tornei coordenadora pedagógica, em 1995, ingressei em uma escola onde muitas professoras tinham participado daquela formação, e foi gratificante ver que continuavam desenvolvendo um trabalho com projetos, com uma postura atenta e respeitosa em relação às crianças e suas mudanças e de valorização dos saberes da comunidade.

Durante a gestão municipal de 1989 a 1992, verificou-se uma diminuição significativa nas taxas de reprovação, de 31,24% para 16,19%.

Érica Maria Toledo Catalani

Depoimento de Érica Maria Toledo Catalani, formadora de professores do Projeto de Atendimento aos professores de 5ª série, em continuidade no NAE-10 (1992), especialmente escrito para este livro.

... e brotavam também das
demandas urgentes dos novos tempos...

PROJETO DE ATENDIMENTO AOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

ESTE PROGRAMA FOI PLANEJADO PARA definir ações que explicitassem o compromisso assumido pela prefeitura municipal de São Paulo de dar oportunidade de acesso à escola comum aos portadores de deficiência, resgatando a sua cidadania e o seu direito de usufruir dos bens públicos. [...]

PREVENÇÃO À AIDS

[...] O PROJETO DE PREVENÇÃO À AIDS tinha por objetivo democratizar informações sobre as formas de propagação e infecção do HIV, proporcionar oportunidades a análises críticas e reflexivas referentes à problemática sociopolítica e moral sobre a AIDS, ampliar o trabalho de prevenção, atingindo toda a comunidade escolar [...].

Desenvolvido em conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde, [contou] com o apoio de organizações não governamentais empenhadas na prevenção e no combate à discriminação social aos portadores de HIV [...].

PROJETO PELA VIDA/NÃO À VIOLÊNCIA

[...] O PROJETO PELA VIDA/NÃO à Violência foi organizado um grupo nuclear para fazer cumprir o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069/90), atender a situações críticas de violência quando solicitadas pelas escolas e pelos NAEs, cuidar da formação permanente dos profissionais que atuavam ao nível dos NAEs, bem como ao organizar ações preventivas nas demais escolas da rede. [...]

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O PROBLEMA DO MEIO AMBIENTE foi levado para escolas e comunidades pelo Setor de Educação Ambiental da SME, que procurou aprofundar a discussão do tema numa perspectiva multidisciplinar, através dos projetos Primeiros Passos em Educação Ambiental e Horta Educacional e do curso de noções de horticultura e jardinagem.

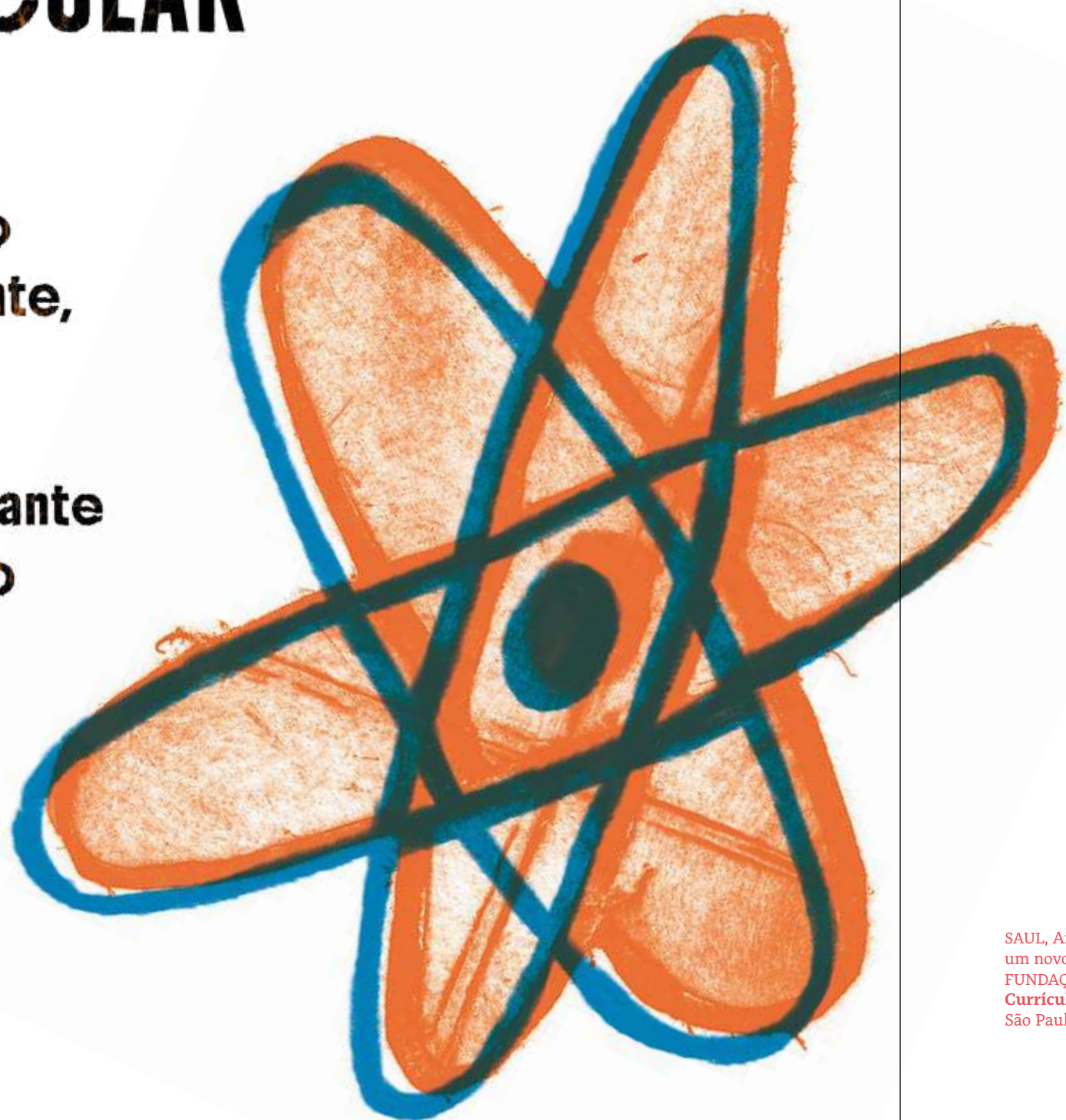
Entre 1989 e 1991, aproximadamente 70 hortas foram implantadas em escolas municipais, na tentativa de fazer com que essa atividade fosse integrada ao currículo, de forma interdisciplinar. O projeto foi desenvolvido em conjunto com a frente “Interdisciplinaridade” e os professores das escolas envolvidas receberam orientação sobre a forma de utilizar o trabalho com a horta na produção de conhecimentos relativos às diferentes disciplinas do currículo.

Prefeitura Municipal de São Paulo

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.
Secretaria Municipal de Educação. **Balanco Geral da SME: Projeção Trienal.** São Paulo: SME, dez. 1992.

MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR

Formação permanente, a prática docente em constante recriação



Como alertava o mestre, a formação do educador nunca se dá de “segunda para terça-feira”: é um processo de construção permanente...

Nota de esclarecimento

A formação dos educadores, na gestão Paulo Freire, constituiu-se de várias frentes. Além da formação continuada inerente ao Projeto de Reorientação Curricular via interdisciplinaridade e aos outros projetos, um grande programa de formação em pequenos grupos para coordenadores pedagógicos, professores e gestores foi desenvolvido sob o nome de Grupos de Formação. Nele, o ponto de partida eram sempre a prática dos educadores e as dificuldades enfrentadas no cotidiano de seu trabalho. As questões trazidas tornavam-se temas para problematização, reflexão, estudos e busca de soluções construídas no coletivo. O programa de formação permanente incluía também outras ações: minicursos, palestras, congressos municipais de educação e atividades culturais, como a ida dos professores ao teatro e o desenvolvimento de ciclos de cinema em que se debatia com autores e especialistas os temas tratados nos filmes.

[...] LEMBRO-ME QUE PAULO FREIRE, quando assumiu a pasta da Educação na cidade de São Paulo, referiu-se com veemência à necessária paciência/impaciente que os educadores precisam ter, quando estão empenhados em estimular e produzir mudanças na educação. A mudança não se faz de “segunda para terça-feira”, dizia coloquialmente. Isso significa que é necessário tempo, e daí paciência porque é preciso dialogar com os educadores, a partir de suas convicções e de suas práticas instaladas para, a partir delas, considerar novos argumentos que possam ser confrontados com aqueles já existentes. É preciso construir coletivamente um clima de confiança e ter necessários momentos de reflexão.

Ana Maria Saul

SAUL, Ana Maria A ousadia de construir um novo paradigma curricular. In: FUNDAÇÃO ITAÚ CULTURAL; CENPEC. Currículo: construção e participação. São Paulo: Fundação Itaú Cultural, 2010.

... que se vai construindo
na "ação-reflexão-ação"
cotidianamente, coletivamente...

Pequenas doses filosóficas

[...] O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. [...] O de que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua percebendo-se como tal, se vá tornando crítica.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 39-40.

NA DOT, ÀS SEXTAS-FEIRAS, ERA uma festa! Reuniam-se cerca de 400 educadores responsáveis por projetos ou grupos de formação em suas regiões: Ação Pedagógica da Escola pela Via da Interdisciplinaridade, Projeto de Atendimento aos Professores de 5ª Série, Grupos de Formação com Profissionais de Educação Infantil, Ensino de 1º e 2º Grau, Educação de Jovens e Adultos, Projeto de Orientação Sexual, entre outros. Dessa forma, eram envolvidos diferentes educadores, de diferentes modalidades, níveis de ensino e áreas do conhecimento, como: professores de educação infantil, alfabetizadores de crianças, jovens e adultos, professores de 1º e 2º graus, coordenadores pedagógicos, diretores escolares, professores das salas de leitura, professores da educação especial e instrutores de bandas e fanfarra. Para quê? Para trocar, discutir, estudar e refletir sobre suas práticas e, conseqüentemente, incrementar essa forma dialógica de formação junto a outros tantos grupos de educadores...

Meyri Venci Chieffi

A POLÍTICA DE FORMAÇÃO PERMANENTE desse período descartava a concepção até então adotada de professor multiplicador, aquele representante de escola que ia aos cursos da secretaria, devendo depois "repassá-los" para os demais da escola. Isso raramente acontecia, por falta de condições de organização das escolas, de tempo disponível dos demais professores, de valorização que se atribuía ao que viesse de novo, para além do já conhecido. Na verdade, o que não havia era o envolvimento dos profissionais e das escolas em algo que fosse significativo para eles, que dissesse respeito ao seu trabalho cotidiano, em que quisessem se engajar. Entendíamos que somente alguém que passasse pelo processo de refletir sobre a sua própria prática cotidiana, com seus desafios e possibilidades, de forma sistemática e coletiva, poderia gerar conhecimentos sobre ela e transformá-la. Daí os grupos de formação, de variadas composições, sempre constituídos por adesão dos profissionais.

Maria José Reginato

Depoimento de Meyri Venci Chieffi, diretora da Divisão de Orientação Técnica de ensino de 1º e 2º graus da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo no período de 1989 a 1992, especialmente escrito para este livro.

Depoimento de Maria José Reginato, coordenadora do Projeto de Atendimento aos Professores de 5ª série desenvolvido por DOT (1989 a 1991) e NAEs (1989 a 1992), especialmente escrito para este livro.

... caminhando de uma prática de saberes
ingênuos para a consciência crítica do processo
pedagógico, cujos princípios vão se delineando...

[...] DESTACO O TRABALHO COM os Grupos de Formação em Serviço para todos os segmentos das Unidades Educacionais de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental da SME-SP na gestão Paulo Freire, que tiveram papel fundamental como rede de fortalecimento e construção do protagonismo dos educadores, da escola e de cada região da cidade. Formação realizada por agrupamento de escolas, possibilitando uma perspectiva mais ampla e dentro de cada escola, fortalecendo o grupo escola e explicitando a necessidade da reflexão teórica sobre a prática, do trabalho coletivo como constitutivo da docência.

[...] Acredito que o trabalho com grupos de formação é um dos legados mais importantes da gestão Paulo Freire para a constituição de uma escola humanista e democrática, que pressupõe a escuta e a participação de todos os envolvidos: uma educação dialógica no sentido pleno.

Marina Célia Moraes Dias

[...] OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO me proporcionaram tantos aprendizados, tais como: uma ampliação da leitura do mundo, o compromisso com a escola pública de qualidade, a amorosidade, a generosidade, a gestão democrática, formação do professor: ação-reflexão-ação, reorientação curricular, teoria e prática (como ficou claro!!), reconhecer que a educação é ideológica, rigorosa, e que todo o professor é e deve ser um pesquisador...

Marisa Garcia

GARCIA, Marisa. Memórias. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 43-46.

DIAS, Marina Célia Moraes. Encontros com Paulo Freire, mestre e amigo. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 223-226.



... cotidianamente, na relação com os sujeitos do grupo de formação.

O GRUPO DE FORMAÇÃO NOS possibilitava revelar a prática pedagógica dos professores e a nossa própria prática pedagógica porque, como formadoras de professores, nós também tínhamos nosso grupo referência. Nós também nos formávamos, tínhamos nosso grupo na Secretaria de Educação, onde relatávamos nossos aprendizados e desafios na coordenação dos grupos. A coordenadora do grupo nos desafiava a discutir as questões da prática pedagógica e as questões teóricas. O grupo de formação tinha uma metodologia muito importante de escuta. Então, a gente não fazia um trabalho predeterminado. Nós tínhamos eixos de trabalho, a gente escutava os professores e, a partir da demanda, nós organizávamos a teoria que embasava a prática. A gente fazia um movimento entre a prática e a teoria, um movimento reflexivo. A gente refletia sobre a prática pra transformar essa prática.

Livia Maria Antongiovanni

PARA MIM, A EXPERIÊNCIA DE estar num grupo de formação foi muito marcante. Eu me via angustiada numa sala de aula com uma formação com muitas lacunas. E receber a cada vinte dias o apoio, ter alguém para ouvir, até hoje é algo que me orienta. Em decorrência dessa formação, eu me tornei formadora de professores.

Marli Barbosa

ANTONGIOVANNI, Livia Maria. Grupo de Formação Educação Infantil e Ensino Fundamental (vídeo). *Roda de memória*, 1 dez. 2020. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/SME/rodas-de-mem%C3%B3rias>. Acesso em: 4 nov. 2025.

BARBOSA, Marli. Grupo de Formação Educação Infantil e Ensino Fundamental (vídeo), *op. cit.*

POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Resgatando uma dívida histórica com quem acabou ficando fora da escola



A política educacional passava pela revitalização do (quase sempre esquecido) curso noturno, agora valorizado na construção do seu currículo crítico...

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) foi uma das prioridades da gestão de Paulo Freire.

Formamos, na Diretoria de Orientação Técnica de Educação de Adultos (DOT/EDA) da Secretaria Municipal de Educação (SME), uma equipe de professores e gestores com experiência no trabalho em sala de aula e na gestão de escolas. Vínhamos para a SME com uma série de inquietações sobre o atendimento que era oferecido nas escolas à noite: muitas funcionando sem uma referência pedagógica específica para o ensino noturno, sem condições ou recursos que garantissem uma qualidade pedagógica compatível com as necessidades daqueles estudantes; professores bem intencionados faziam um trabalho sério, mas, por falta de apoio e formação específica, acabavam reproduzindo condutas didáticas do ensino regular diurno, sem levar em conta as especificidades dos educandos, tais como idade, o fato de muitos já serem trabalhadores, o cansaço e as condições de vida desfavoráveis para a frequência às aulas.

Com firmeza e amorosidade, suas características principais, Paulo Freire convocou um grupo de trabalho, no primeiro mês desde a posse, para realizar em 60 dias uma primeira aproximação do que seria a política geral para a educação de jovens e adultos (EJA). Esse grupo ampliou a discussão com a realização de um simpósio, “São Paulo 1989: educar adultos para quê?”, que contou com representantes de todos os segmentos envolvidos nessa prioridade: governo municipal, entidades da sociedade civil promotoras de projetos de alfabetização, professores e gestores de escolas com supletivo e ensino regular noturno, e outros convidados que pudessem enriquecer a discussão. O simpósio desdobrou-se em seminários de sensibilização em cada uma das 10 regiões da cidade. Tomou-se a decisão política de transferir a educação de jovens e adultos, que era desenvolvida até então pela Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, para a Secretaria de Educação.

Para os encontros e seminários que ocorriam à noite, nos Núcleos de Ação Educativa (NAEs), nas 10 regiões da cidade, eram convidados especialistas e parceiros com experiência prática acumulada para fomentar a formação dos educadores envolvidos, incentivando-se a reflexão sobre a prática pedagógica. O protagonismo na elaboração da forma e de conteúdos dessa formação era das equipes pedagógicas dos NAEs, que faziam a supervisão dos projetos nas escolas e entidades, assessorados e acompanhados pela DOT/EDA, nas reuniões centrais semanais.

Assim, até setembro de 1989 foi traçada a política para educação de jovens e adultos em três frentes de atendimento: 1) nas escolas da rede municipal de ensino com o ensino regular noturno e suplência I e II; 2) com a criação do Movimento de Alfabetização (Mova/SP) nas entidades da sociedade civil, que por convênio organizavam turmas de suplência I; 3) na Frente do Funcionalismo, por demanda de outras secretarias ou serviços (Saúde, Administrações Regionais, Serviço Funerário).

Regina Villas Bôas Estima

Depoimento de Regina Villas Bôas Estima, diretora da Divisão de Educação de Adultos da DOT/SME de São Paulo no período de 1989 a 1992, escrito especialmente para este livro.

... firando do anonimato os saberes que os sujeitos dos cursos noturnos traziam consigo.



[...] PAULO FREIRE, COMO SECRETÁRIO da Educação do município de São Paulo, foi fundamental para a organização curricular no governo inesquecível de Erundina, por intermédio da Reorientação Curricular pela via da interdisciplinaridade, e pude, então, participar da construção do currículo para os cursos noturnos da rede da Prefeitura e, com meus colegas Mansur Lutfi, Nidia Pontuschka, Eulina Lutfi, entre outros, propusemos, dentre outras atividades integrantes da construção curricular com os professores da rede, o estudo “São Paulo à noite” e outras saídas para o curso noturno. Foi uma experiência de estudo do meio pelas praças históricas do centro de São Paulo no período da noite, com os trabalhadores da noite, com a visualização de outras atividades e outras formas de circulação diferentes da vida diurna.

Circe Fernandes Bittencourt

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Memórias que a vida de uma professora de História lembra. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 234-236.



Mova: um novo movimento busca lugar na história da alfabetização de jovens e adultos...



O MOVA (MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO de Adultos) teve início em 1989 na gestão de Paulo Freire e tinha como proposta reunir Estado e organizações da sociedade civil no combate ao analfabetismo entre jovens e adultos, uma dívida histórica em todo [o] Brasil.

Luiza Erundina e Paulo Freire declararam, no lançamento do Mova-SP, os objetivos: 1) desenvolver um processo de alfabetização que possibilitasse uma leitura crítica da realidade; 2) por meio do Movimento de Alfabetização, contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos e dos educadores envolvidos; 3) reforçar o incentivo à participação popular e à luta pelos direitos sociais do cidadão, ressaltando o direito básico à educação pública e popular; 4) reforçar e ampliar a atuação dos grupos populares que já trabalhassem com alfabetização de adultos na periferia da cidade. [...]

Andrea Barreto e Fernando José de Almeida

QUANDO PAULO FREIRE ASSUMIU A Secretaria, os movimentos sociais já discutiam um projeto de alfabetização de adultos e reivindicaram participar da gestão, que tinha como pedra fundamental a participação popular. Os dois lados, Secretaria de Educação e movimentos sociais, se encontraram, gestaram o projeto juntos, com respeito pelo conhecimento um do outro.

Silvia Telles

BARRETO, Andrea; ALMEIDA, Fernando José de. Paulo Freire, somos tantos!!! In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). **Cem anos de Paulo Freire**, op. cit., p. 484-496.

TELLES, Silvia. Educação: Mova (vídeo). **Roda de Memória**, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/SME/rodas-de-mem%C3%B3rias>. Acesso em: 14 out. 2025.



... e registra na história da educação pública um movimento de intensa vida dos alfabetizandos, dando a eles o palco para o protagonismo.



OS NÚCLEOS DE ALFABETIZAÇÃO E pós-alfabetização do Mova-SP ficavam em equipamentos da própria comunidade e eram centralizados na cultura local, que incluía a história da mobilização popular da região, o que favorecia a leitura crítica da realidade local. [...] Os educadores do Mova, em sua maior parte, pertenciam à comunidade onde atuavam. Estavam comprometidos com as lutas que ali se desenvolviam e eram capacitados por meio de um percurso formativo promovido pela Secretaria através de convênio com organizações sociais historicamente comprometidas com a educação popular.

Com o propósito de assegurar uma relação de parceria bem-sucedida entre a Prefeitura e os movimentos sociais e populares, criou-se o Fórum dos Movimentos Populares de Educação de Adultos da Cidade de São Paulo, que se reunia mensalmente com o intuito de compartilhar experiências e ampliá-las [...].

Andrea Barreto e Fernando José de Almeida

AO SUPERVISIONAR AS SALAS DO MOVA – Movimento de Alfabetização de Adultos, vivi todas as sensações, percepções, emoções e saberes advindos de um trabalho com o adulto que não teve, na época devida, a oportunidade de estar nos bancos escolares. Compreendi os princípios da equalização, qualificação e reparação histórica como ninguém. Entendi profundamente o papel do professor que aprende na troca de saberes com seus aprendizes; percebi o quanto a escola é excludente e não considera os saberes de quem está na lida da vida; observei o quanto há supremacia das pessoas letradas sobre as demais que possuem os saberes da vida.

Aprendi a ouvir o nordestino com suas dores, lamentos e saudades. Entendi que os sotaques, as palavras, a forma de ser, constituem o que há de mais sagrado e precioso em uma nação.

Foi você, grande mestre, quem me ajudou a ressignificar os conceitos sobre a comunidade em aprendizagem, aprofundar minhas pesquisas sobre o ato de ensinar e aprender, trazer para o espaço educativo uma visão inclusiva, participativa e democrática. Você desnudou o educador que eu era e mostrou meu compromisso e responsabilidade com a alteração do *status quo*.

Cleide Cabral Alvares

BARRETO, Andrea; ALMEIDA, Fernando José de. Paulo Freire, somos tantos!!!, *op. cit.*

ALVARES, Cleide Cabral. Querido mestre! In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 133.



O Mova conquistou lugar em outros municípios... Era o sonho de um trabalho integrado entre cultura, esporte e educação.



NO MÊS DE OUTUBRO DE 1995, foi realizado o 2º Congresso de Educação de Diadema, na 3ª gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade (1993-96), quando eu respondia pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (Secel).

[...] Paulo Freire, naquela ocasião, além do lançamento das bases do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova) no ABCD, discuti sobre a importância da atuação em diversas áreas sociais, razão pela qual considerava interessante a união da cultura, do esporte e da educação na mesma secretaria. Ponderava que as atividades que se desenvolviam na Cidade poderiam contribuir para não só uma maior participação popular, mas, e principalmente, uma visão menos fragmentada do ato educativo.

Lisete Arelaro



O MOVA SÃO PAULO TORNOU-SE uma referência para fora de São Paulo. Ele se multiplicou, se recriou, as experiências se ampliaram, se aperfeiçoaram, mas nos lugares onde eu ia, todos diziam: “a nossa referência foi a experiência de São Paulo”.

Pedro Pontual

ARELARO, Lisete Regina Gomes. Um educador sempre presente. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, *op. cit.*, p. 23-25.

PONTUAL, Pedro. Educação: Mova (vídeo), *op. cit.*



MARCAS QUE FICARAM

Registros de
memórias
afetivas e
de tantas
realizações



*A assinatura intelectual de Paulo Freire
influenciou positivamente a construção da
identidade pedagógica de tantos educadores...*

ESCREVO ESTE TEXTO NO DIA de minha aposentadoria. Ele me veio, quase pronto, no espaço entre a saída da escola na EMEF do CEU Aricanduva e o portão pelo qual cruzaria, em instantes, pela última vez, enquanto docente.

[...] Uma das primeiras imagens que me veio foi de 1989, quando aconteceu nosso único encontro. Foi na sala que o senhor ocupava na Secretaria da Educação. [...] Lhe entreguei um livro que eu comprara uns anos antes. Entreguei para o senhor autografar. Não demonstrei, mas fiquei emocionado com a preciosidade que eu tinha comigo. [...] Bem... perdi o livro. [...] Mas aquela assinatura... nunca me saiu do horizonte. Sempre a procurei. [...]

[...] Cada criança, adolescente, jovem e adulto com os quais compartilhei experiências nas escolas trazia consigo a assinatura de Paulo Freire e generosamente me cederam. Tatuaram em mim.

No dia de minha aposentadoria, entendi que sua assinatura, professor, não preciso mais procurar, porque sempre morou em mim.

Obrigado, Mestre!

Sidnei Dalmo Rodrigues

EU TIVE MUITO PRAZER E alegria em participar da equipe da DOT - 1º e 2º Graus, nesse período. A convivência, estudo e reflexões com os companheiros da DOT e dos NAEs, em que eram valorizados os diferentes saberes, o trabalho coletivo e dialógico, a ação-reflexão-ação no fazer pedagógico, se traduziram em experiências incríveis! Um período marcado por muita garra e vontade de fazer a diferença para os alunos, professores e para mim, como educadora e como pessoa.

Ivone Almeida

[...] E NÃO HÁ COMO não reconhecer, na construção da minha identidade docente (e de agente social no movimento popular e na ação sindical), sua influência: na preocupação constante da coerência entre o discurso político e a prática pedagógica e social; no privilégio de momentos para a troca de saberes entre educandos e entre esses comigo, numa relação afetiva; na busca pelo desvelar, partilhado, das intenções e do conhecimento no mundo; na autonomia do estudante; no fazer da educação – e da ação política – um ato carregado de afetividade. E de acreditar na mudança possível pela educação.

Rosaura Soligo

RODRIGUES, Sidnei Dalmo. Tatuagem. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 114-117.

SOLIGO, Rosaura. Paulo Freire na minha história. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 167-169.

ALMEIDA, Ivone. Querido professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 301-302.

... marcando com histórias registradas em muitas biografias.

NA DÉCADA DE [19]90, EU era estudante do Ensino Fundamental de uma escola da Prefeitura de São Paulo, situada na região de Pirituba. [...] além de aprendermos as matérias que o currículo escolar exigia, aprendíamos a ser humanos, a ser cidadãos.

Éramos respeitados, éramos motivados a pensar e a conhecer o mundo. O sistema de ensino servia para nos transformar e não mecanizar o conhecimento.

Isso tudo aconteceu porque Paulo Freire trouxe, junto de sua equipe, toda sua sabedoria a respeito do educar. Ele deixou marcado, para nós, alunos, o quão importante foi aprender em uma escola mais humanizada, mais criativa e mais feliz.

Hoje me tornei professora, e levo para minhas aulas tudo o que aprendi com o legado de Paulo Freire. Tento levar um pouco de luz, liberdade e criatividade para cada aluno.

Natalia Figueiredo Goncharenco

DEPOIS DE ALGUNS ANOS DE trabalho como docente no ensino médio e superior e como coordenadora pedagógica em escolas privadas, quando surgiu a oportunidade, prestei concurso público para coordenadora pedagógica e, com isso, meu desejo de trabalhar na coordenação em uma escola pública ia se realizar. Escolhi uma escola na periferia da zona sul de São Paulo, a EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria, região do M'Boi Mirim, DRE Campo Limpo, onde permaneci durante 15 anos.

[...] e em meio às descobertas e possibilidades que fui vislumbrando e colocando em prática, me enveredei para tornar a formação do educador em serviço como um projeto viável.

Era o ano de 1996, Paulo Freire ainda era vivo, e com ele, em algumas oportunidades de encontro informal [...], pudemos ir conversando sobre minhas dificuldades e descobertas [...]. No início de 1997, tive então oportunidade de lhe contar como estava o encaminhamento do projeto. [...]

Ouviu-me com atenção e, à medida que me perguntava sobre o grupo de escolas, se enchia de entusiasmo. Ao final de nossa conversa, acertamos que em setembro ou outubro marcaríamos uma ida dele à EMEF Zacaria para uma conversa com todo o grupo, incluindo professores e professoras. Para nossa infelicidade ele faleceu no início de maio daquele ano [...].

Olgair Gomes Garcia

GONCHARENCO, Natalia Figueiredo. Quando tudo começou. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 53-54.

GARCIA, Olgair Gomes. O Prove, uma reinvenção da concepção de formação do educador em Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 553-564.

Registros, memórias e ações ancoradas na leitura e no estudo de sua obra vasta, mundialmente reconhecida e premiada.

MEU PRIMEIRO CONTATO COM O pensamento de Paulo Freire se deu no início dos anos 1970 em Regensburg, na Alemanha, onde eu era professor universitário e encontrei numa livraria o *Pädagogik der Unterdrückten*, versão alemã da *Pedagogia do oprimido*. Foi emocionante experimentar tão completa identidade conceitual e ética com um brasileiro distante, em idioma estranho. Possivelmente, minha transição de físico teórico para educador prático em parte tenha a ver com essa identificação. Desde então acompanhei sua obra e sua vida com grande interesse e, poucos anos depois, pude encontrá-lo pessoalmente em circunstância também casual.

Luiz Carlos Menezes

[...] SUA OBRA, TRADUZIDA EM diversos países, mostra a importância de suas ideias entre nós, que já caminham com nossos passos e voam com nossos pensamentos, como marcas indelévels de sua perpetuação no tempo.

Celso João Carminati

MENEZES Luiz Carlos. Breve relato de uma longa amizade. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 126-128.

CARMINATI, Celso João. Os sentidos de mundo que vêm do mestre. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 97-99.

TREVISAN, Vera Lúcia. A construção de um posicionamento ativista de uma psicóloga que atua na educação: formação mediada pelas ideias de Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 181-184.

[...] EM CASA, NO FINAL de semana, peguei o livro – hoje velhinho, todo riscado e com a capa se desfazendo – e iniciei a leitura. Não conseguia parar de ler, ia grifando quase tudo que lia, eram ideias tão significativas, relevantes, pareciam falar de mim, da minha história, da minha educação, das situações de opressão que eu vivera e ainda vivia, mesmo no ensino superior. Terminei de ler e fiquei me perguntando por que só agora, no final do curso, eu tomava contato com aquelas ideias que já compreendia como repercutindo o humano e não somente a educação.

Vera Lúcia Trevisan

Uma obra que inspirou muitas e tantas ações na busca de justiça social.

Pequenas doses filosóficas

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

Paulo Freire, no vídeo "O educador da liberdade". Disponível em: www.acervo.paulofreire.org/items/573b5cd0-9412-48f5-87db-4b3a168ce2e2. Acesso em 13 out. 2025.

EM UM CENTRO DE ACOLHIDA de São Paulo, onde trabalho como voluntária, conheci mulheres que sofreram todo tipo de violência, muitas vivendo à margem da sociedade. Conheci também mulheres refugiadas, separadas de suas famílias e culturas, com um longo caminho de solidão e sonhos até chegarem aqui. Todas tinham em comum um filho – na barriga ou nos braços.

Ali, em uma pequena biblioteca transformada em sala de aula, seus ensinamentos foram meu sustento. O diálogo e o amor estiveram presentes. Sempre.

Trabalhamos com respeito e acolhimento as histórias e a compreensão da leitura do mundo de cada uma delas. Juntas choramos, viajamos, sonhamos... Conjugamos o verbo esperar e, creio eu, muitas o concretizaram.

Ah, professor! Quão certo o senhor estava quando disse: "A justiça social precisa vir antes da caridade".

Roseney Rita Teggi Kotait



KOTAIT, Roseney Rita Teggi. Caro professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 361.

Paulo Freire deixa um legado que ainda faz as pessoas sonharem com a feliz cidade (felicidade!) e com relações humanas mediadas por sentimentos nobres.

OXALÁ AS GERAÇÕES FUTURAS POSSAM ter acesso ao legado deixado em termos de educação libertadora e mais humanizada. Que possam refletir sobre o homem e sua relação com o mundo com mais Amor, Humildade e Fé.

Teresa Silvestre Damasio

Depoimento de Alipio Casali, professor titular do Departamento de Fundamentos, Políticas e Gestão da Educação da PUC/SP e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, escrito especialmente para este livro.

DAMASIO, Teresa Silvestre. Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 360.

MANFREDINI, Elisa. Caro professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 359.

CHIEFFI, Pedro Paulo. Memória de uma São Paulo feliz. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 92-93.

[...] NOSSA PARCERIA GANHOU AINDA outro vínculo, quando fomos para o governo Luiza Erundina (1989-1992), ele como secretário municipal da Educação e eu como secretário municipal dos Negócios Extraordinários e chefe de gabinete da prefeita. Agora, éramos companheiros militantes, agentes públicos no Governo da Cidade de São Paulo. Nesse novo contexto, manifestaram-se novas qualidades do homem público, cidadão, político: o compromisso ético com as crianças, os jovens e os profissionais da educação escolar. [...] O que eu trago como legado dessa minha privilegiada convivência com Paulo Freire? Tudo o que pude, tudo o que poderei. Ele é a principal inspiração de meu ser educador.

Alipio Casali

GRATA POR ACREDITAR QUE TODOS os "meninos" são capazes de aprender, nunca desistir de nenhum deles.

Grata por compreender o que significa leitura do mundo e como ela é o cenário das nossas opções.

Grata por descobrir que é no diálogo que se constrói a complexa teia do conhecimento.

Grata por vivenciar, durante toda a minha vida profissional, o mantra da educação para autonomia e liberdade.

Grata pela sua história, pelo seu legado, pela sua humildade frente a sua grandeza.

Elisa Manfredini

HOJE, PASSADO MUITO TEMPO, ESPERANDO que ventos democráticos tornem a soprar em nossa seara, temos saudades da época em que a cidade foi feliz.

Pedro Paulo Chieffi

O ENCANTAMENTO DE PAULO FREIRE

Encantado,
suas ideias
seguem vivas
em nosso
cotidiano



*Paulo Freire não morreu
em 2 de maio de 1997;
ficou encantado.
E, encantado, continua
nos encantando, por
todo o sempre, sempre.*

2 DE MAIO. FALECIMENTO DE Paulo Freire. Fazia muito frio em São Paulo e também nos corações de quem acreditava na educação como prática da liberdade. Recém-eleita [com colegas] para participar do CAPF [Centro Acadêmico Paulo Freire, do curso de Pedagogia da USP], sentíamos o tamanho da perda e lidávamos com o silêncio ensurdecedor da normalidade burocrática daquele dia.

Laura Cymbalista

CYBALISTA, Laura. Memórias de 1997. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 360.

SOUZA, Manoel Romão de. *Vida, morte, vida*. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 79-80.

ROVERAN, Ana Maria. Professor Paulo Freire. In: COLETIVO PAULO FREIRE (org.). *Cem anos de Paulo Freire*, op. cit., p. 138-140.

NO DIA 2 DE MAIO de 1997, estava tranquilo em minha casa, quando fui avisado [de] que Paulo Freire morreria. Depois de um terrível choque, que acontece quando perdemos um ente querido, dirigi-me à PUC, onde ocorre[u] seu velório, e passei aquela última noite ao lado daquele homem que muito havia me ensinado.

Ao lado daquele corpo, refleti sobre o significado de nossa passagem efêmera por este mundo. Ali estava um homem com o qual eu havia aprendido e vivenciado conceitos essenciais para minha atividade de educador: o estudo da realidade, a interdisciplinaridade e a dialogicidade.

Ali estava apenas um corpo, sereno, quieto no mais absoluto silêncio. [...] Eu estava completamente desolado, como se o futuro de um mundo melhor – um sonho, uma utopia – de uma só vez fosse totalmente dilacerado [...].

Olhei em torno de mim, estavam Lula, Milton Santos, Mario Sergio Cortella e centenas de educadores que lutaram e que estavam dispostos a lutar para divulgar, expandir os conceitos aos quais há pouco me referi.

Calmamente, uma nova luz foi iluminando o meu coração. Resignado e um pouco mais tranquilo percebi que aquele homem não morreu. Sua visão de mundo, que de uma maneira profunda indicava novos caminhos para uma prática revolucionária na relação entre educador e educando, permanecia em cada um de nós.

Tenho a mais absoluta certeza de que Paulo Freire não morreu e não morrerá: seus ideais de humildade, de compreensão da realidade e de diálogo permanente estão em nossas mentes e em nossos corações PARA SEMPRE.

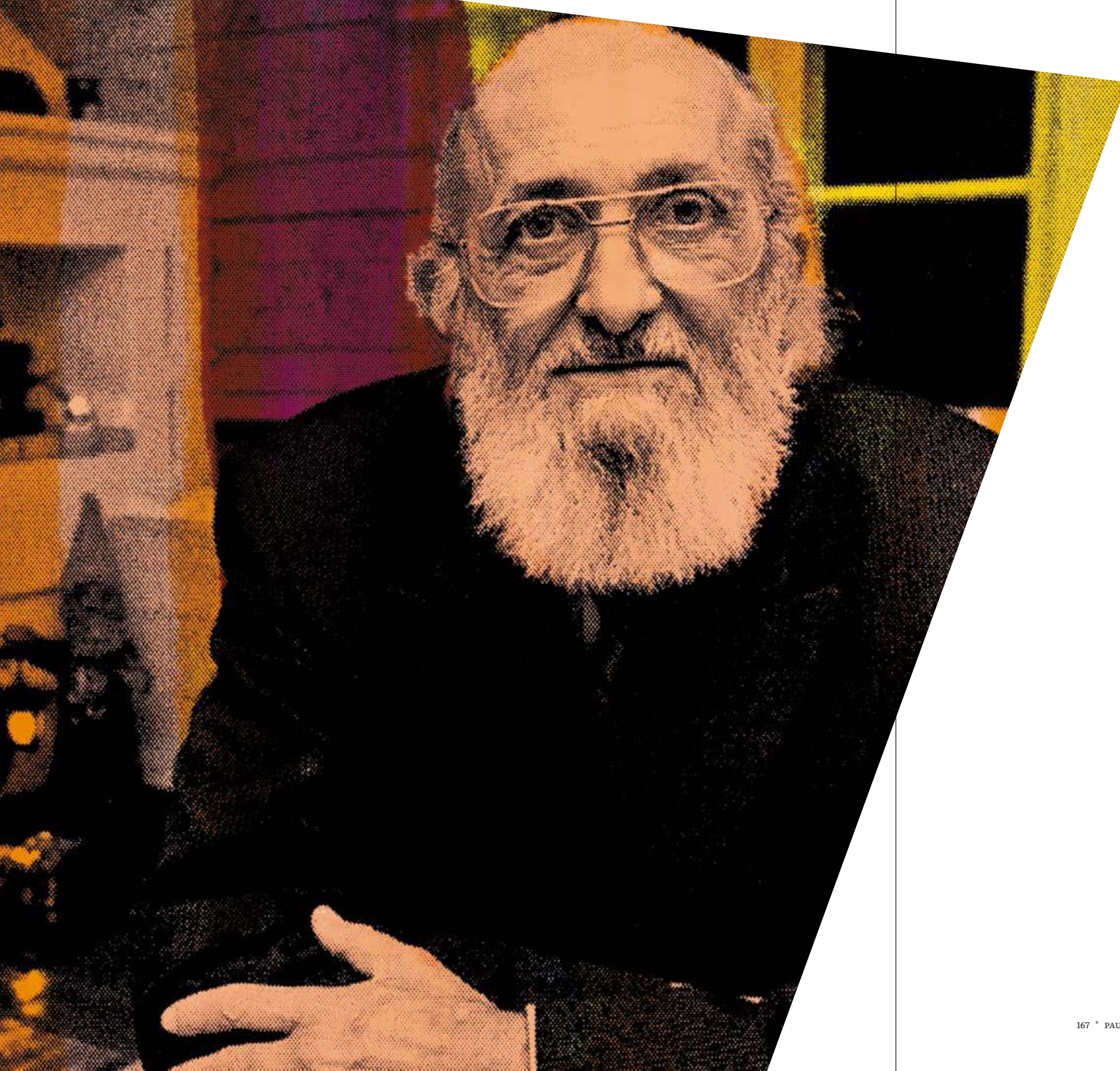
Que saudades de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação! Foi um período luminoso na história do ensino municipal. Quanta vida, quanta alegria, quanta aprendizagem! [...] VAMOS EM FRENTE!

Manoel Romão de Souza

SAUDADES DA INTELIGÊNCIA HUMILDE DAS tuas palavras. Volto às tuas frases e reflexões e procuro no mundo o teu olhar de paz que compreende as minhas indagações.

[...] Somos artistas, como um dia nos contou, andantes e transformadores, mediadores do saber trazido da casinha mais humilde dos confins.

Ana Maria Roveran



*Paulo Freire, hoje um encantado,
vive entre nós, no sonho e na luta
por uma sociedade mais humana e
justa, fundada em conhecimentos
críticos. Nós outros, todos
encantados com este universo
freireano, seguimos com a história
no roteiro e com o futuro no
horizonte, esperando ser reescrito.
Paulo Freire vive, ele mesmo um
inédito viável, lido, relido, reescrito.
Basta abrir os olhos de ver
e ler para ler e ver.*

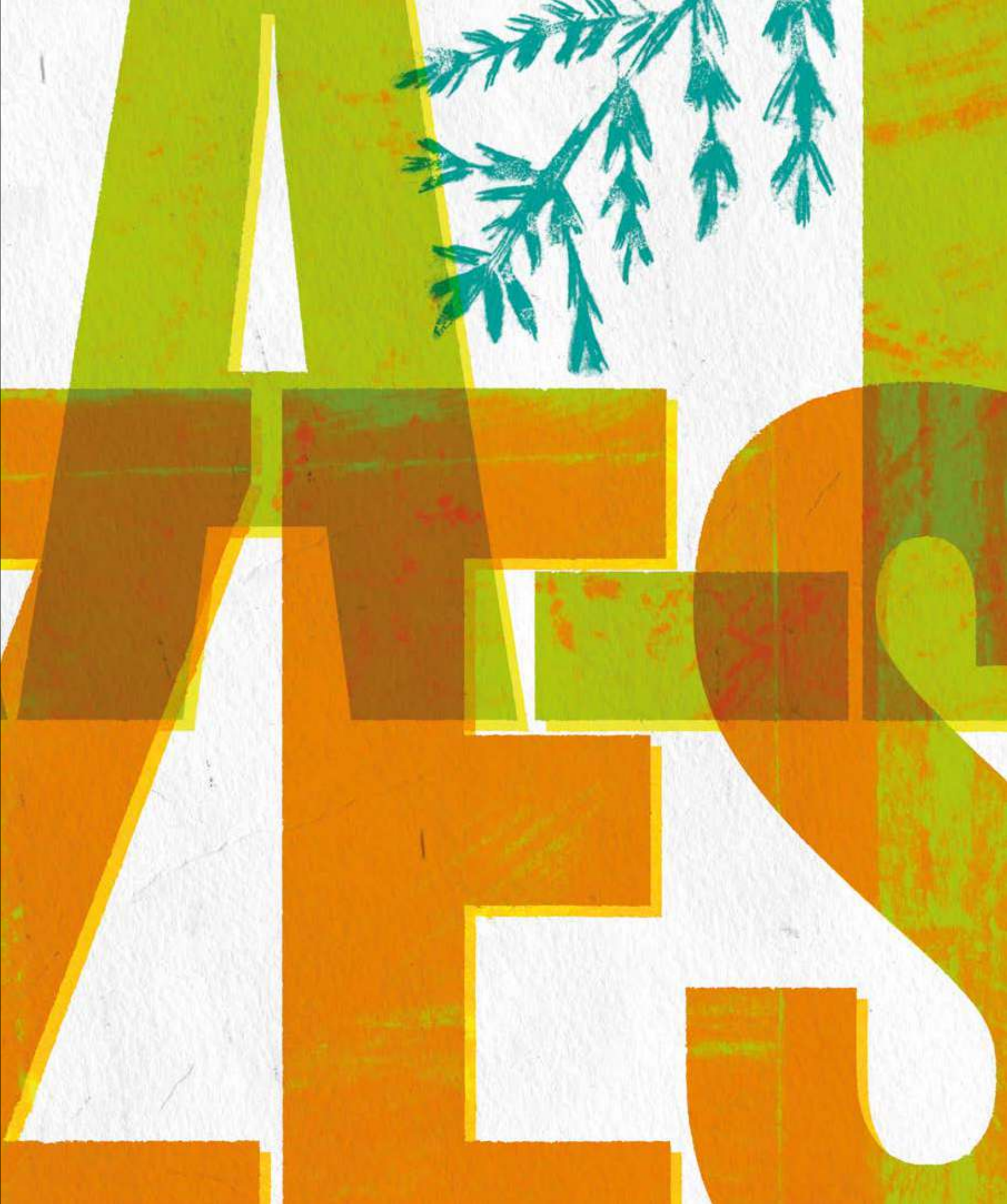


4

PAULO FREIRE

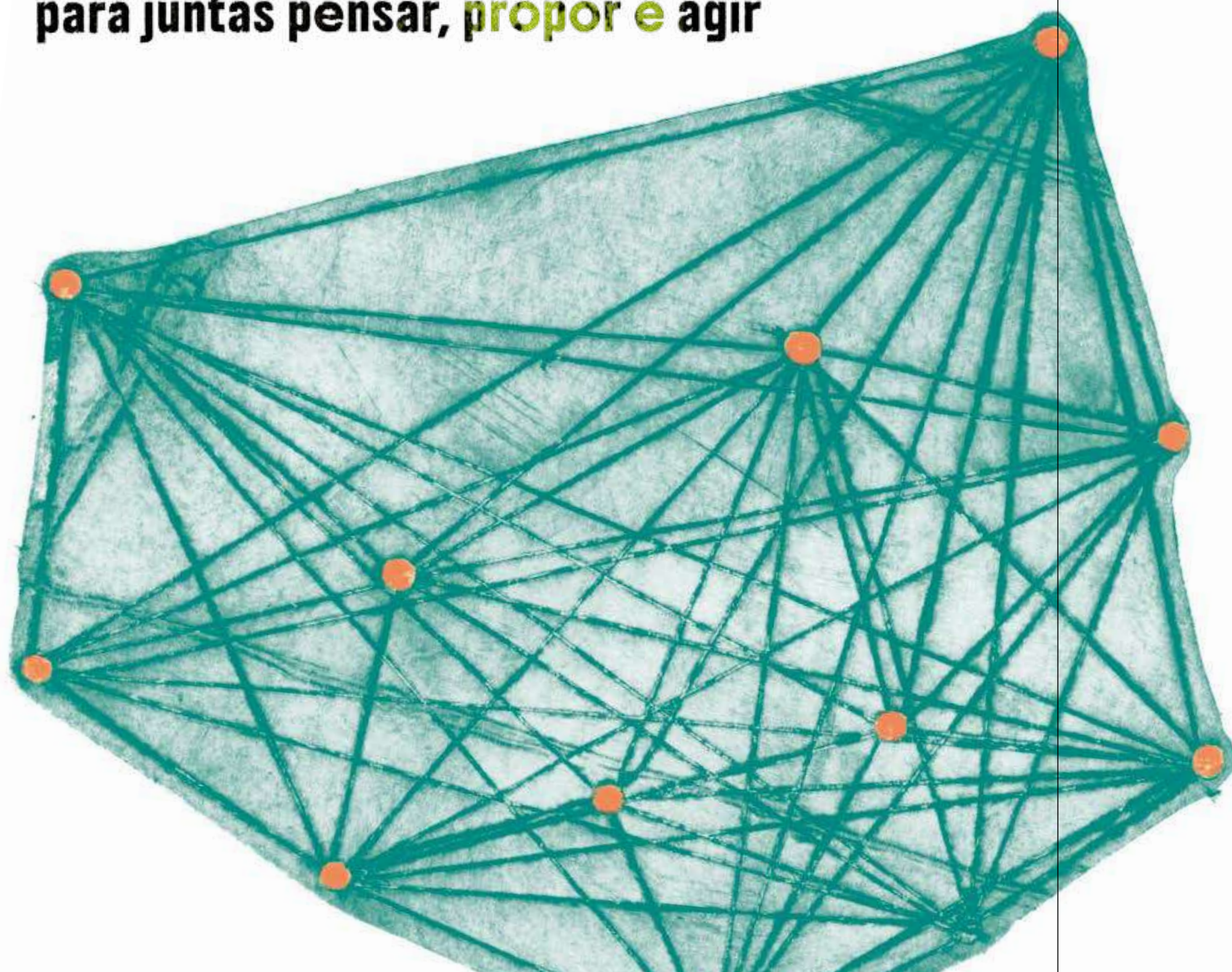
**UM HOMEM
QUE
ESPARRAMOU
RAIZES NO
FUTURO**





COLETIVOS, CENTROS E INSTITUTOS

As pessoas se **encontram**
para juntas pensar, **propor e agir**



*Paulo Freire sempre apostou no ajuntamento saudável
de educadores, para pensar junto – para viver junto...*

Pequenas doses filosóficas

A assunção de nós mesmos não
significa a exclusão dos outros.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da
autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e
Terra, 2014, p. 42.

CRIADO EM 2017, O **COLETIVO PAULO FREIRE**, da cidade de São Paulo, consolidou-se como um espaço de luta, resistência e reflexão em defesa da escola pública, democrática, laica e de qualidade social. O grupo também se dedica à preservação e reinvenção do legado do educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira desde 2012.

A origem do coletivo remonta ao período em que o título de Patrono, concedido pelo Congresso Nacional por iniciativa da deputada federal Luiza Erundina, estava sob ameaça. À frente da mobilização estavam a própria Erundina, Nita Freire e o educador Daniel Cara.

Em 2019, o movimento ganhou força com as comemorações dos 30 anos do governo de Luiza Erundina na capital paulista (1989-1992). Na ocasião, diversos educadores que participaram da gestão municipal de Paulo Freire na Secretaria de Educação aderiram ao coletivo, ampliando sua base. Desde então, professores de diferentes níveis e redes de ensino passaram a integrar o grupo, identificando-se com a proposta emancipadora freireana.

De caráter suprapartidário, plural e intergeracional, o Coletivo Paulo Freire atua em diferentes regiões da cidade de São Paulo, em parceria com outros movimentos, e na cidade de Ubatuba. Entre suas atividades estão ações de formação, atos políticos e estudos sobre a obra de Paulo Freire, sempre estimulando sua reinvenção em diálogo com pensadores brasileiros e internacionais.

Além das ações presenciais, o coletivo também se dedica à produção de conhecimento e publicações, como o presente livro, que dá continuidade ao esforço de difundir e reinventar o pensamento freireano.

Meyri Venci Chieffi e Olga Kalil Figueiredo

Integrantes do Coletivo Paulo Freire.
São Paulo (SP), jul. 2025. Site oficial:
www.coletivopaulofreire.org.

... em coletivos e comunhão de ideias,
semeando “mundos menos maivados”...

PERCEBEMOS E SENTIMOS PAULO FREIRE vivo de inúmeras formas.

Pelos títulos recebidos pelo Centro de Referência Paulo Freire (CRPF), mantido pelo **Instituto Paulo Freire (São Paulo/SP)**. Um deles é o reconhecimento da Unesco, por meio do Programa “Memória do Mundo”, do acervo de Paulo Freire como patrimônio documental da humanidade.

Pelas visitas ao CRPF, por onde já passaram milhares de pessoas vindas de todos os continentes e dos mais diversos campos de atuação. Tais visitas revelam, concretamente, como o pensamento de Paulo Freire atravessa as fronteiras geográficas e as áreas do conhecimento. [...]

Pelo Centenário de Paulo Freire, em 2021, que nos mostrou, com as notícias das celebrações e as demandas de pesquisadores, documentaristas e interessados na vida e obra de Freire que chegaram até nós, a sua enormidade e complexidade:

1. A atualidade. Não é um pensamento que ficou no passado. Ele aponta para o futuro.
2. A necessidade. Precisamos de Paulo Freire para atravessar estes tempos tenebrosos de ascensão do neoconservadorismo no mundo.
3. A enormidade. O pensamento e a práxis de Paulo Freire atravessaram as fronteiras das ciências, das artes, das profissões, dos territórios.
4. A complexidade. Não é um pensamento linear. É complexo, dialético. [...]

Essas celebrações evidenciaram um andarilho da utopia e da esperança. Um pensamento que está vivo e segue mundo afora, tecendo manhãs de um mundo onde seja “menos difícil amar”.

*Janaina Marques Abreu, Angela Antunes,
Moacir Gadotti e Paulo Roberto Padilha*



BARRA DE VALIZAS, ROCHA, REGIÃO litorânea do Uruguai. Aqui vivemos e organizamos o **Coletivo Paulo Freire Uruguay**. Inicialmente, trabalhávamos em projetos de Educação Ambiental, eu, Bruno, com as tartarugas e com hortas comunitárias, e Luna, com educação musical, mas sentíamos a necessidade de trabalhar com educação popular em nosso território.

Em 2021, participamos de um curso da Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com o Coletivo Paulo Freire de São Paulo. Esse encontro nos ajudou a consolidar Paulo Freire como uma referência em nosso trabalho.

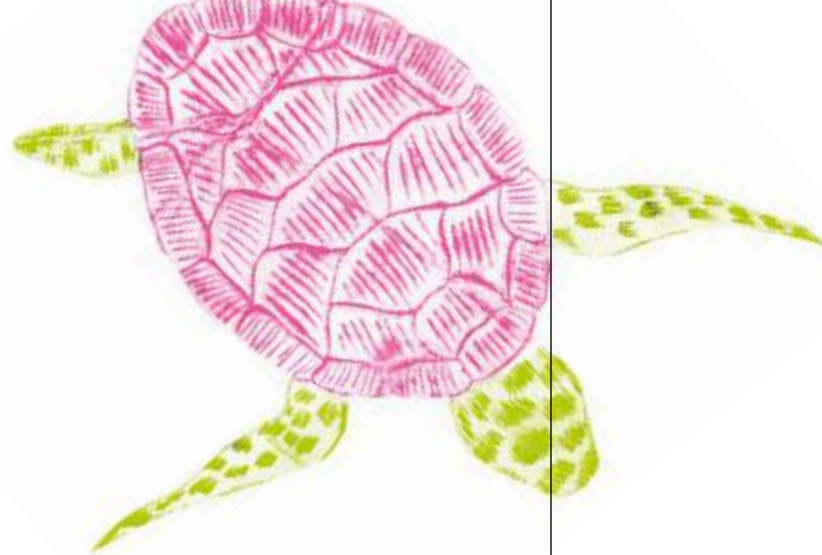
Há quatro anos, realizamos encontros e cursos contínuos sobre temáticas trazidas da realidade local, chamados Encuentro de Educación Popular para la Revolución Paulo Freire. Estes encontros produzem e fortalecem uma rede de coletivos e a organização popular, que têm por meio da participação a denúncia dos principais problemas vividos como o anúncio de possíveis ações para solucioná-los.

Nossa comunidade tem, como ferramenta social, para resolver suas questões, um processo de autogestão comunitária com autonomia e horizontalidade, por ser o Estado bastante ausente neste território.

Bruno Techera e Luna Borges

Membros do Instituto Paulo Freire. São Paulo (SP), jul. 2025. Site oficial: www.paulofreire.org.

Extraído de entrevista com os criadores do Coletivo Paulo Freire Uruguay. Barra de Valizas, Uruguai, mar. 2025.



... ideias carregadas da energia do café,
com a palpitância de corações
atenados com novos mundos possíveis.

O TEMPO PRESENTE EXIGE DE quem se compromete com a vida, com a justiça, com a democracia, com o respeito e com o diálogo, o anúncio de possibilidades que superam os movimentos mundiais que andam na contramão.

Escolhemos Paulo Freire como nosso condutor na construção de um novo mundo possível.

Café com Paulo Freire é uma rede que tem como objetivo reinventar o legado de Paulo Freire a partir da leitura de suas obras, com os pés e o coração fincados no tempo presente.

O Café teve início em 2018, no Centro Histórico de Porto Alegre, e nasceu como uma experiência que tem a essência do café. O café que faz acordar, que dá energia, que desperta, que é forte, que estimula, que faz palpitar o coração.

De lá para cá, a rede espalhou-se pelo país. Hoje são 34 pontos em 13 estados e no DF; pela Europa – 3 cafés (Grécia, Inglaterra e Suécia) – e por alguns países da América Latina (Peru e Argentina). O número de cafés muda a cada mês, alguns pausam, outros começam.

A potência e a atualidade de Paulo Freire reverberam em nós; através dele, sustentamos o esperarçar freireano, estudando-o, revisitando e recriando seus ensinamentos

Liana Borges



Extraído de entrevista com a coordenadora da Rede Internacional Café com Paulo Freire. Porto Alegre (RS), jul. 2025. Site oficial: <https://www.instagram.com/cafecompaulofreire/?hl=pt/>.

Extraído de entrevista com a presidenta do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa. Recife (PE), jul. 2025. Site oficial: www.centropaulofreire.com.br.

QUANDO PAULO FREIRE NOS DEIXOU, começou-se a cogitar a criação de uma Fundação que não deixasse morrer sua vida e sua obra. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e outras instituições deram apoio a essa ideia, mas, em vez de Fundação, criou-se o **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (PE)**, organização não governamental que, embora use o espaço da universidade, não é vinculada a ela.

Nosso objetivo é defender o legado de Paulo Freire, trabalhar com formação de professores e fomentar a produção científica do conhecimento. Tal formação é feita de forma continuada, em parceria com Secretarias de Educação, bem como com outras instituições, e é planejada com base nas dúvidas e dificuldades de entendimento dos conceitos freireanos, assim como na prática docente do grupo de professores.

A cada dois anos, o Centro realiza o Colóquio Internacional Paulo Freire, que tem a duração de três dias. No ano que antecede esse evento realizam-se os Pré-Colóquios, nos quais os professores de educação básica, de ensino superior, pesquisadores e profissionais de outras áreas do conhecimento participam, apresentando e discutindo seus trabalhos nas rodas. Dessa forma, preparam-se para as apresentações, entrelaçando teoria e prática na perspectiva freireana.

Maria Erivalda dos Santos Torres

MOVIMENTOS SOCIAIS E SINDICATOS

E,
no entanto,
as pessoas
se movem,
nas voltas
que a vida dá



O pensamento de Paulo Freire continua sustentando a trama de movimentos sociais, as pessoas se organizando...

A ALMA DE PAULO FREIRE está presente em cada um dos fios que tecem as relações que constituímos no **Cursinho Popular Florestan Fernandes (CPFF)**. Seja no trabalho com o currículo, no vínculo entre educadoras ou educadores e estudantes, nos laços internos da equipe educadora ou no ecoar das vozes de nossas alunas e alunos na sala de aula.

Lutamos pela democratização radical do ensino superior e, por mais que nossa prática se sustente na preparação para o vestibular, não acreditamos neste instrumento, já que aprofunda desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero tecidas historicamente em nosso país. Entretanto, enquanto os vestibulares determinarem o acesso à universidade, preparar jovens da escola pública, pobres, negras e negros, imigrantes e LGBTQIA+ é parte da luta pelo direito à educação pública de qualidade e contribui para a transformação do mundo.

Nessa empreitada, cientes das contradições e limitações de nossa prática, do nosso inacabamento, e buscando alegria e esperança através de nossa atuação educacional, lembramos e, o mais importante, estudamos e compartilhamos os pensamentos de Paulo Freire, seguindo firme na luta pela emancipação de nossas alunas e nossos alunos e no seu fortalecimento para que sejam sujeitos em um mundo desigual e, muitas vezes, perverso.

Coordenação do Cursinho Popular Florestan Fernandes

PAULO FREIRE VIVE NA INQUIETAÇÃO, na dúvida, na crítica, no questionamento. É o tempo todo revivido, no sentido de que é necessário que ele seja cada vez mais reinventado, a partir da ação, da luta, na ação do cotidiano, na presença na vida prática e na análise da prática. Não é uma referência parada, imóvel, mas em movimento.

Como viver aquilo que a gente professa? Faço parte do **Levante da juventude brasileira**, um movimento social que tem como farol de luta reivindicar o direito à juventude e construir um projeto popular. O Levante se articula em três frentes: a estudantil universitária, a estudantil secundarista e a territorial, nas periferias.

Desenvolvemos várias ações. Uma delas é um cursinho popular que prepara para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nós nos deparamos aí com uma contradição: como preparar jovens para uma prova bancária, conteudista, por meio da educação popular?

Atuamos nessa contradição. O regime constrói um muro alto, mas esse muro tem brechas, e é nas brechas do muro que a planta brota, que a vida nasce!

Além do cursinho, o Levante promove ações culturais e de solidariedade, mutirões e prestação de serviços de saúde e educação voltados para melhorias nas comunidades e para o protagonismo da juventude das periferias.

Lucas Muffato Nascimento

Depoimento escrito em São Paulo (SP), jul. 2025. Site oficial: <https://florestan.org.br/category/curso-pre-vestibular/>.

Extraído de entrevista com o membro da Coordenação Estadual do Movimento Social Levante Popular da Juventude, São Paulo (SP), ago. 2025. Site oficial: <https://levante.org.br/>.

... e dando sentido à educação, à luta, à vida melhorada...

HÁ ALGUNS ANOS, JUNTAMENTE COM a professora Ângela Mendes de Almeida, fundamos o **Observatório das Violências Policiais de São Paulo (OVP-SP)**, que é um site com uma plataforma interativa *big data* de denúncia e análise da violência institucional nas periferias.

Entre outras atividades, promovemos oficinas para comunidades em situação de vulnerabilidade, visando dialogar, principalmente com jovens e crianças, sobre a violência policial e institucional a que são sistematicamente submetidos.

E todo o nosso trabalho é, como não poderia deixar de ser, inspirado em Paulo Freire: o legado de sua metodologia é inestimável e, para nós, a mais perfeita pedagogia que leva à percepção, análise e diagnóstico da realidade e da posição relativa de cada um e da comunidade que os circunda. A partir de palavras-chave que emergem dos debates, são discutidas alternativas de ações e as melhores estratégias e táticas para enfrentamento desses desafios. Essa integração concretiza a condição dos sujeitos autônomos e donos de seus próprios destinos.

Vera Lucia Vieira

Observatório das Violências Policiais.
São Paulo (SP), jun. 2025. Site oficial:
<https://www.pucsp.br/ovp-dh/>.

Extraído de entrevista com a presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes (Sinproja). Jaboatão dos Guararapes (PE), ago. 2025. Site oficial: <https://sinproja.com.br/>.

Extraído de entrevista com o pedagogo, professor e membro do Sinproja. Recife (PE), ago. 2025.

O **SINDICATO DOS TRABALHADORES EM Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes/PE (Sinproja)** é um sindicato cidadão, não luta apenas pelas questões corporativas, mas busca a transformação social que Paulo Freire tanto defendeu. Trabalhamos pela conscientização, para que as pessoas entendam a necessidade de transformação social.

O Sinproja tem parceria com a Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o que nos aproxima mais das ideias freireanas. Essa parceria surgiu a partir da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Quando começaram a atacar Paulo Freire, em sua homenagem inauguramos uma estátua no campus da universidade.

O Sinproja realiza diversas atividades de luta contra todo tipo de preconceito e discriminação, tais como o machismo, o racismo, o feminicídio, a LGBTfobia, além de atuar pelo fortalecimento dos conselhos escolares, entre outras ações.

Sephora Freitas

“NO CHÃO DA ESCOLA” É um dos projetos do Sinproja que busca valorizar o trabalho de professoras e professores, os quais apresentam relatos de práticas que inovam e rompem com a rigidez de certas propostas curriculares.

Ailton de Sousa Rocha

... e dando sentido aos movimentos de luta por melhores condições de vida!



Pequenas doses filosóficas
Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 51.

O PENSAMENTO FREIREANO, CENTRADO NA educação como ato de libertação e autonomia dos sujeitos, não é apenas teoria, mas a base de uma práxis que se manifesta em ações e parcerias estratégicas do **Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Sintepe)**, durante seus 35 anos de existência, enquanto entidade representativa dos trabalhadores e das trabalhadoras em educação do serviço público no estado.

A parceria do Sintepe com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio da Cátedra Paulo Freire, com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e com o Centro Paulo Freire é uma materialização convicta e significativa da práxis freireana no processo de formação humana.

A luta pela defesa da educação pública de qualidade, um dos pilares fundantes do sindicato, alinha-se diretamente com o pensamento do educador Paulo Freire em defender a escola como um patrimônio da sociedade, ambiente estratégico de conhecimento, cidadania e desenvolvimento humano. Defendendo a autonomia intelectual da sua base como elemento essencial para a práxis pedagógica libertadora, o Sintepe promove formação permanente e continuada com cursos de especialização, mestrado e doutorado, por universidades públicas e particulares, comprometidas com o pensamento de Paulo Freire, a exemplo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

[...] Entendemos que a transformação social acontece na construção coletiva e na conscientização da classe trabalhadora, e a luta sindical se entrelaça nesses objetivos de edificar uma sociedade mais justa e igualitária. Como disse Paulo Freire, “não é no silêncio que os homens e mulheres se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Ivete Caetano de Oliveira

Presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras em Educação de Pernambuco (Sintepe). Recife (PE), jul. 2025. Site oficial: <https://sintepe.org.br/>.



Aqui, ali e acolá, as comunidades se organizam para superar limites.



PAULO FREIRE ESTÁ PRESENTE ONDE há luta, onde a palavra se torna ação e onde a educação se enraíza na vida concreta dos oprimidos, para construir futuros outros. Freire vive hoje não apenas como uma referência teórica ou um nome em currículos acadêmicos, mas como método de transformação, como prática cotidiana na construção de insurgências pedagógicas e políticas que desafiam o mundo tal como ele está.

Ao investigar, em meu doutorado na Universidade de Cambridge, o conceito freireano de inédito viável, constatei que ele se materializa nas experiências concretas de movimentos sociais, como o **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. O inédito viável é a capacidade de, coletivamente, tomar consciência crítica da realidade, imaginar e criar caminhos onde o sistema insiste em impor barreiras. É uma pedagogia que transforma o impossível em possível, uma práxis que parte do reconhecimento das condições históricas e estruturais que oprimem para, a partir delas, construir alternativas emancipatórias radicais.

No MST, essa práxis se revela na luta pela terra, que não se reduz à conquista de hectares, mas se expande para a disputa por um modelo de sociedade diferente, fundamentado na agroecologia, na autogestão e na educação popular. A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF/MST), por exemplo, é mais do que um espaço de formação política: é um território de reinvenção do conhecimento. Freire está presente ali, nas rodas de conversa, nas leituras coletivas, nos silêncios que precedem a tomada de palavra dos que, historicamente, foram silenciados.

Alexandre da Trindade

Doutor pelo Cambridge Latin American Research in Education Collective (CLAREC), pós-doutorando no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Política Educacional e Trabalho Docente – GESTRADO. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte (MG), jun. 2025

A **ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES (ENFF)**, localizada em Guararema (SP), está sob coordenação política e pedagógica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Pensada para a classe trabalhadora, tornou-se referência na formação política de lideranças e militantes em Educação Popular, reunindo participantes do Brasil, da América Latina e da África, e fortalece a solidariedade entre povos.

A própria construção da escola nasceu de uma perspectiva freireana. O canteiro de obras funcionava como espaço de aprendizado: trabalhadores permaneciam por meses aprendendo a produzir tijolos de “solo-cimento” e levando esse conhecimento às suas comunidades. Ao mesmo tempo, participavam de momentos de alfabetização, leituras dirigidas e debates em núcleos de base.

Mais do que erguer paredes, o processo significava conscientização. Construir a escola era também construir-se como sujeito crítico, capaz de transformar a realidade a partir da prática concreta.

Rosana Cebalho Fernandes



A **ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE** tem como ação fundamental o trabalho com a educação popular e como grande inspirador de sua prática o educador Paulo Freire. A escola foi criada há cinco anos e está localizada no Ipiranga, antigo bairro operário da cidade de São Paulo.

Dos muitos ensinamentos deixados por Paulo Freire, dois deles se destacam na orientação do nosso trabalho. O primeiro deles é a concepção da construção do conhecimento a partir de uma ciência popular. E o que isso significa? Significa o reconhecimento de que o conhecimento se dá a partir da experiência, da sistematização das práticas concretas vividas pelos sujeitos, e se amplia com o estudo do conhecimento sistematizado. A questão que se coloca, então, é: como integramos essas duas dimensões?

O segundo ensinamento, legado muito importante de Paulo Freire e que se relaciona com o primeiro, trata da necessidade de articular teoria e prática na aprendizagem, para se obter uma coerência no processo pedagógico que faça do educando o sujeito protagonista.

Esses ensinamentos afirmam uma educação popular que impulsiona, de fato, processos organizativos que sejam linha de frente na construção de transformações estruturais da sociedade. É algo que Paulo Freire já apontava pra gente há tempos e que segue tão atual.

Luiza Troccoli

Extraído de entrevista com coordenadora-geral da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). São Paulo (SP), jun. 2025. Site oficial: <https://www.amigosenff.org.br/>.

Diretora da Escola Nacional Paulo Freire, Movimento Brasil Popular. São Paulo, dez. 2025.

Paulo Freire, presente, vive nos corações e mentes dos educadores e educandos das entidades que permanecem na resistência, praticando o “esperançar”...

PAULO FREIRE VIVE ENRAIZADO NA proposta do **MOVA/SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos)**, programa implantado há 35 anos, quando ele foi secretário municipal de Educação na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992). Fruto de uma ampla discussão com entidades da sociedade civil, universidades e movimentos sociais ligados à educação popular, o MOVA visa atender a população mais vulnerável da cidade, que se mantinha/mantém invisível para os sistemas educacionais. É um programa que procura o alfabetizando e a alfabetizanda onde estiverem, no interior das comunidades mais carentes, nos abrigos para vulneráveis, nos assentamentos do campo e da cidade.

Mesmo em governos antagônicos, que ameaçam a cada instante a sua continuidade, educadores e educadoras, educandos e educandas resistem coletivamente e muitas vezes acabam superando os vários obstáculos encontrados.

Os fóruns do MOVA são espaços de aprendizagem e de encaminhamentos, nos quais os participantes ampliam sua visão crítica sobre a realidade em que atuam. Garantem um diálogo entre educadores e entidades, discutindo problemas políticos e pedagógicos que ajudam na sustentação do programa.

Quando quem educa discute a realidade vivida nas comunidades e a problematiza com as educandas e os educandos, desvela a realidade, conscientiza sobre suas causas e procura soluções para transformá-la, está, à sua maneira, reinterpretando aquilo que Freire propôs. Quando se toma a atitude de ir ao poder municipal questioná-lo e conseguir medidas para solucionar o problema, acredito que se está realizando o que foi preconizado por Freire.

Iraci Ferreira Leite

Extraído de entrevista com a educadora da OSC Espaço de Formação, Assessoria e Documentação e do Fórum Municipal MOVA/SP. São Paulo (SP), ago. 2025.

Integrantes do Coletivo Paulo Freire Regional Norte. São Paulo (SP), ago. 2025.

A HERANÇA DEIXADA POR PAULO FREIRE reverbera até os dias atuais. Em nós, do **Coletivo Paulo Freire da Zona Norte de São Paulo (SP)**, suas ideias se tornaram sementes que germinaram, regadas pelas constantes injustiças que presenciamos nos telejornais, nos grupos de WhatsApp e principalmente nos locais onde moramos. Movidas pelas desigualdades, criamos o projeto “Dialogando com Paulo Freire”, que, como o nome sugere, é uma forma de aproximar educadoras e educandos dos pensamentos do patrono da educação brasileira. O local de atuação escolhido não poderia ser outro: os bairros da zona norte da cidade de São Paulo, uma região que, embora tenha uma faceta bastante conservadora, é, ao mesmo tempo, resiliente.

Percebemos isso ao pisar em solo ocupado pelos movimentos agrários, nas comunidades, nos templos religiosos, nas vielas e ladeiras para ouvir educadoras e educandos dos cinco núcleos do MOVA. E, como dizem a música de Ivone Lara e os ensinamentos de Freire, pisamos nestes chãos devagarinho, deixando claro que não é possível apenas ensinar, mas sempre também aprender. E como aprendemos!

A partir desses encontros surgiu o convite das educadoras para desenvolvermos o curso de formação continuada, que aceitamos com muito amor. Os encontros, presenciais e virtuais, são norteados pela realidade vivida, matéria-prima da ação-reflexão-ação baseada na práxis freireana. As trocas floresceram: de um lado, mais pessoas alfabetizadas, educadoras interessadas solicitando formação, enquanto, de outro, expandiram-se nossa percepção de realidade, da sociedade atual, e a consciência de que a transformação é um compromisso. Um compromisso que, como diz Paulo Freire, “é amoroso, é dialógico”.

Martha Sirlene Silva e Maria Angelica Cintra

... um alicerce sustentador de todas as práticas pedagógicas libertadoras.

Pequenas doses filosóficas

O ser humano jamais para de educar-se.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 26.

HÁ 20 ANOS O MOVA atua na cidade de São Carlos (SP), atendendo educandos e educandas com idades entre 40 e 93 anos. Inspirado nos princípios da educação popular, o **MOVA São Carlos** tem como referência o MOVA São Paulo, idealizado por Paulo Freire.

Atualmente atendemos cerca de 250 pessoas, distribuídas em núcleos localizados em espaços diversos, rurais e urbanos: assentamentos, ocupações, casas de mulheres em situação de vulnerabilidade, igrejas, centros de idosos, casas de cultura, Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centros POP), comunidades terapêuticas para homens em processo de reabilitação, entre outros.

O MOVA é um programa profundamente impregnado pelos princípios freireanos. Articula os saberes da experiência de vida dos educandos com os conteúdos instrumentais, essenciais para a continuidade dos estudos na escola formal.

Temos parceria com o Instituto ACORDE, que desenvolve ações junto à Secretaria Municipal de Educação. Os educadores e educadoras são orientados a desenvolver uma escuta ativa para conhecer o universo cultural dos educandos e compreender as dificuldades cognitivas a serem superadas, sempre por meio de uma interação dialógica e respeitosa.

Também temos uma importante parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por meio do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (Niase), que nos permite realizar formações continuadas anuais, por meio de projetos de extensão universitária. O MOVA acolhe estagiários e estagiárias do curso de Pedagogia da UFSCar, o que contribui significativamente para a formação de futuros professores e professoras. Paulo Freire vive em nós, na coragem e na ousadia que nos impulsionam a manter vivo um programa que garante o direito à educação básica para todos e todas, nessa trajetória transformadora.

Maria Alice Zacharias

Coordenadora-geral do MOVA São Carlos. São Carlos (SP), set. 2025.

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Os novos desafios que a vida
encena no cotidiano de todos nós



*Um lembrete freireano: a vida é o
que é; mas é, sobretudo, o que pode ser.*

Pequenas doses filosóficas
Imoral é a dominação econô-
mica, imoral é a dominação
sexual, imoral é o racismo,
imoral é a violência dos mais
fortes sobre os mais fracos.

FREIRE, Paulo. *Política e
educação*. São Paulo:
Paz e Terra, 2014, p. 108.

A AFIRMAÇÃO “SEM O HOMEM e sem a mulher, o verde não tem cor!” é de Paulo Freire, na Rio-92, no Aterro do Flamengo, durante o Fórum Internacional de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais, em importante momento dos trabalhos na Tenda 6, destinada à Educação Ambiental e à Questão de Gênero.

Paulo pronunciava ali o compromisso, construído em distintos espaços e formas de organização, de uma sociedade brasileira que resistisse aos autoritarismos e violências dos regimes autoritários e do sistema hegemônico de produção e consumo. Enfatizava a identidade dos movimentos ecológicos/ambientalistas e de gênero com as lutas emancipatórias e com a compreensão de que a **questão ambiental** é eminentemente cultural. Não se enfrenta a questão ambiental sem a compreensão da problemática social, e ambas não serão equacionadas a favor da vida, da inclusão, da justiça social e da equidade sem a ação educadora.

Diversos foram os caminhos trilhados por educadoras e educadores ambientais para descobrir e exercitar a educação como prática de liberdade, o ambientalismo como exercício educador, a natureza como mergulho eu-mundo e encontro emancipatório.

O Tratado de Educação Ambiental foi revisitado e reafirmado na Rio+20 e fundamenta as atividades da Jornada de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global na COP-30.

Marcos Sorrentino

DIANTE DA CRISE SOCIOAMBIENTAL QUE vivenciamos e que atinge de forma intensa os grupos sociais em situação de vulnerabilidade, o pensamento crítico e emancipatório de Paulo Freire alicerça a vertente pedagógica da **Educação Ambiental Crítica**, cujo princípio é o enfrentamento das razões que produzem a dominação do ser humano e os instrumentos de acumulação do capital, buscando, assim, o embate político das desigualdades e da injustiça socioambiental.

Nos grupos de formação de professores de Educação Ambiental da rede pública, que desenvolvem projetos com descarte de resíduos sólidos, o pensamento freireano está presente. Busca-se não somente trabalhar o destino adequado dos resíduos mas, principalmente, repensar o modelo consumista, assentado na obsolescência planejada e no estímulo da lógica mercantil de formatar os seres humanos como mero consumidores do insustentável sistema que “extrai – produz – consome – descarta”.

Irineu Tamaio

Diretor do Departamento de Educação
Ambiental e Cidadania do Ministério do
Meio Ambiente e Mudança do Clima.
Brasília (DF), ago. 2025. Site oficial: [https://
www.gov.br/mma/pt-br/composicao/secex/idea/](https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/secex/idea/).

Professor associado da Universidade
de Brasília (UnB) – Campus Planaltina.
Planaltina (DF), ago. 2025.

Em toda parte, o pensamento freireano sugere lutas por novas configurações contra as supostas supremacias raciais...

NA CONTEMPORANEIDADE, RELACIONAR AS DIFERENTES contribuições de Freire para a educação emancipatória às pautas históricas das lutas dos Movimentos Negros Brasileiros, no campo da educação, é uma exigência do tempo presente, tendo em vista a segregação social, a violação dos direitos humanos e a violência que tem ceifado vidas, sobretudo da juventude negra periférica. Nesse sentido, resistir significa tomar a categoria da amorosidade para que, em um movimento político e coletivo, possamos nos fortalecer no exercício do aquilombamento enquanto estratégia em defesa da vida e da dignidade humana. Estas resistências ganham consistência nas obras de Freire com vistas à defesa de uma educação cujo objetivo é a libertação do oprimido das mãos opressoras.

Propomos que na educação façamos um exercício analítico, substituindo as expressões oprimido e oprimida por negro e negra e opressor e opressora por racista, para compreender os contributos de Freire na luta **contrarracista**.

Problematizar o racismo, na perspectiva de buscar alternativas para sua superação, é criar uma práxis contrarracista, com vistas a uma educação emancipatória. Tal educação exige curiosidade epistêmica do educador e da educadora, que, ao compreender que vivemos em uma sociedade racista com repercussões no espaço escolar, promove reflexões, ações e experiências contrarracistas que possibilitem uma práxis pautada no acolhimento e na amorosidade política, com a intenção de superar os feudos criados na escola por meio do racismo estrutural.

Rafael (Fael) Bezerra e Maria Joselma do Nascimento Franco

Respectivamente, militante do Coletivo A Literatura Também Tem Pele Preta e professora da UFPE, Campus Acadêmico do Agreste. Caruaru (PE), out. 2025.

Doutor em Saúde Coletiva pela Unicamp, mestre em Educação Física, professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e pesquisador de políticas públicas de esporte e lazer. alexandre.rosa@ifsp.edu.br



A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE PAULO Freire se revela nas lutas contra o racismo, a discriminação e os múltiplos preconceitos que estruturam a sociedade brasileira. Sua concepção de educação nos convida a compreender que o racismo não é apenas uma questão moral ou individual, mas uma construção histórica, social e política que se reproduz também nos espaços educativos. Ao defender o diálogo, a escuta e a valorização dos saberes populares, Freire nos oferece ferramentas fundamentais para enfrentar o epistemicídio e reconhecer as experiências e os conhecimentos produzidos pela população negra como legítimos e necessários.

Essa perspectiva se materializa nas práticas educativas concretas. Recordo-me da experiência do curso de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) de Caraguatatuba. Entre os estudantes, muitos eram trabalhadores e trabalhadoras ligados à colônia de pescadores, em sua maioria pessoas negras, marcadas por trajetórias de exclusão escolar e social. Buscamos construir um espaço de troca, onde suas histórias, saberes e modos de vida fossem ponto de partida do processo educativo. Nesse movimento, emergiam relatos e vivências de discriminação racial, muitas vezes naturalizadas, mas que, à luz do diálogo crítico, passaram a ser problematizadas coletivamente.

Alexandre Machado Rosa

... para além dos limites, rompendo amarras, pensando outras possibilidades...

AS LEMBRANÇAS DE MINHA INFÂNCIA, livre pela aldeia, trazem consigo a memória potente, política e revolucionária de uma família, sobretudo de um pai que, ao ser forjado na luta pela demarcação das terras indígenas, por reforma agrária, na busca pela garantia dos direitos historicamente negados aos grupos e povos marginalizados, entendeu que a conquista da educação era parte do enfrentamento ao processo colonialista que violentou os corpos e territórios excluídos. Foi nesse caminhar que conheceu Paulo Freire, as suas ideias e o seu legado de esperança e resistência deixado aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo.

Posso afirmar que minha formação enquanto indígena, educadora e pesquisadora está intimamente relacionada com o modo freireano de pensar a educação enquanto instrumento de transformação social, uma vez que crescer em um contexto de opressão, de violação de direitos e (re)investidas coloniais, ao mesmo tempo que impunha medo e sofrimento, também apontava para o enfrentamento e a resistência às mazelas da colonialidade.

Paulo Freire me inspira cotidianamente a pensar, a partir do meu território de pertencimento, em um outro mundo possível, no qual possamos coabitar a partir da relação horizontal entre as diferentes formas de ser e de saber. Nesse caso, a **escola indígena** é entendida como espaço potencial de tomada de consciência dos sujeitos de suas condições sociais, políticas, econômicas e identitárias, para que, ao partir do seu contexto, outras realidades possam ser conhecidas e problematizadas no rumar da construção de uma sociedade plural, respeitada em suas diferenças e especificidades.

Wyne Xukuru (Wyne Nogueira de Souza)

SOU INDÍGENA DO POVO TRUKÁ, localizado na ilha da Assunção, no município de Cabrobó (PE). Meu território é uma ilha, banhada pelo rio São Francisco, com aproximadamente cem ilhotas que formam o arquipélago da Assunção.

Fui professora indígena durante 21 anos; em 2024, assumi a vaga de professora substituta no curso de licenciatura intercultural indígena na Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste.

A educação escolar indígena Truká vem sendo construída a partir do entendimento da educação que tínhamos em determinado momento da história e daquela que queríamos, pensada paralelamente aos processos de retomada dos territórios. Uma educação específica porque é própria do povo Truká e reafirma uma identidade individual e coletiva, que nos garante, desta forma, a continuidade da luta.

Paulo Freire me foi apresentado pelas professoras indígenas mais velhas do grupo. Ao longo dos meus fazeres em minha comunidade, mas, principalmente, em minha trajetória como indígena professora, vou percebendo Paulo Freire e como seus dizeres se concretizam no chão da escola e na comunidade Truká.

Os ensinamentos de Freire vão dialogando o tempo todo com a **educação indígena** e, nesse momento, vão me atravessando. Estão presentes, principalmente, quando os estudantes conversam com os mais velhos embaixo de árvores, quando valorizamos a natureza, as forças sagradas e a comunidade.

Nossa educação tem projeto definido, sua missão é formar guerreiras e guerreiros que possam continuar a luta pelo território e por tudo nele que garante a existência do povo. Nesse movimento, vamos diminuindo a distância entre o que se diz e o que se faz.

Claudia Truká

Professora indígena do povo Xukuru do Ororubá. Aldeia Pé de Serra dos Nogueiras (PE), out. 2025.

Professora indígena do povo Truká. Cabrobó (PE), out. 2025.



... abrindo os olhos para outros horizontes
e armando os braços para forçosas lutas...

O CENTRO PAULO FREIRE – Estudos e Pesquisas/PE tem se destacado por iniciativas que unem educação, cultura e práticas emancipatórias. Durante a pandemia, a instituição desenvolveu o projeto “Passos para a autonomia”, voltado para **idosos** de 78 a 100 anos em um abrigo espírita. A proposta articulou yoga integral e rodas de conversa inspiradas na pedagogia freireana. Muitas participantes, inicialmente convictas de sua fragilidade, foram incentivadas a sair da inércia. Com exercícios e leituras literárias, passaram a refletir sobre identidade, abandono e direito à transformação. Das 30 residentes, 26 aderiram às atividades.

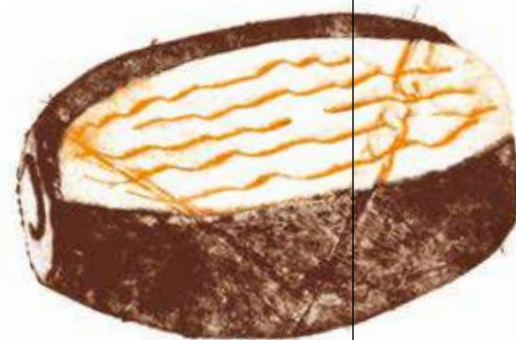
Outro projeto, realizado em parceria com o Centro de Atendimento Socioeducativo de Adolescentes (CASE), envolveu **meninas de 12 a 18 anos privadas de liberdade**. As oficinas de leitura, baseadas nos princípios de Paulo Freire – dialogicidade, criticidade e autonomia –, promoviam a socialização e a construção de uma liberdade responsável. O trabalho abordou identidade social e promoveu diálogos entre a pedagogia freireana e outros autores que discutem o tema.

Com essas ações, o Centro reafirma o legado de Paulo Freire, mostrando que a educação pode ser instrumento de transformação, mesmo em contextos de vulnerabilidade. Caminhar com Paulo Freire foi um desafio ético e de formação de cidadania emancipatória. Aprendi que ser coletivo é mais do que estar juntos (as) (es), é abrir trilhas, é ser mais, é comunhão de afetos e conhecimentos.

Paulo Freire tocou nossos corações pela amorosidade, pela escuta atenta e pela construção de uma rede de sentires, saberes e fazeres que teceu uma história de vida inseparável de um projeto de sociedade digna, fraterna e justa, [ambos] fundamentados pela educação libertadora.

Targélia de Souza Albuquerque

Extraído de entrevista com a coordenadora do projeto Passos para a autonomia: encontros do Yoga integral com a Pedagogia Paulo Freire, do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, e membro da Cátedra Paulo Freire da UFPE. Recife (PE), ago. 2025.



Extraído de entrevista com a presidenta do Instituto Popular Paulo Freire. São Paulo (SP), dez. 2024. Site oficial: <https://www.instagram.com/paulofreire.ippf/>.



PAULO FREIRE ENCONTRA-SE NAS RUAS da cidade de São Paulo.

Em parceria com a Pastoral do Povo da Rua, coordenada pelo padre Júlio Lancellotti, o **Instituto Popular Paulo Freire (IPPF)** desenvolve rodas de conversa e projetos de formação e convivência com **pessoas em situação de rua**.

A iniciativa já resultou na produção de dois livros, nos últimos seis anos – *Aporofobia* e *Pombos* –, escritos coletivamente, a partir dos relatos dos participantes. Nas calçadas da cidade, homens e mulheres compartilharam sentimentos de invisibilidade e rejeição, tais como: “eu sou invisível”; “eles não me veem”; “sou um pombo, porque ele é indesejável, traz doenças, suja em cima dos carros e das pessoas”; “nós somos sujos, as pessoas nos veem assim e afugentam a gente toda vez que a gente passa, porque têm medo da gente”; “a gente só é visto quando é rechaçado”.

O trabalho não se limita à escuta. A Padaria do Povo da Rua é um dos projetos que oferecem formação prática e oportunidades de trabalho, produzindo pães tanto para as pessoas em situação de rua, no café da manhã, quanto para os educandos dos cursos oferecidos pelo IPPF.

Com este trabalho, estamos contribuindo para que muita gente retorne às suas famílias e continue estudando. Eles ficam felizes porque ontem estavam na rua, não tinham alimento; passaram a receber pão e comida, e, hoje, eles é que fazem o pão para os companheiros que se encontram em situação de rua.

O que essas pessoas precisam é de escuta, de convivência e de oportunidade. A experiência mostra que, como ensinava Paulo Freire, a transformação nasce do diálogo, da convivência e da produção coletiva, pois é fundamental diminuir a distância entre o que se faz e o que se diz, na medida em que a nossa fala, em dado momento, se transforma em nossa prática.

Teresa Ribeiro



... num contexto em que o mundo não tem donos, é de todos nós, e a língua, um instrumento de luta pela democratização do movimento dos povos pelo planeta.

Pequenas doses filosóficas

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 118.

[HANS-PETER] GERHARDT [DOUTOR EM EDUCAÇÃO pela Universidade de Frankfurt e professor visitante da Universidade Católica de Macau, na China] destaca que, além do respeito e relevância acadêmica, as visões do educador brasileiro são hoje aplicadas na prática na Alemanha. “Atualmente, há tentativas de utilizar os métodos de Paulo Freire especialmente no ensino do idioma alemão para refugiados”, afirma.

“Parte-se do pressuposto de que todo mundo já passou por uma escola, ‘a escola da vida’, como afirmava Freire. Então, o melhor caminho é verificar o que essas pessoas já sabem e partir desse ponto, utilizando palavras que elas já conhecem, mas não sabem o conceito”, explica.

Segundo Gerhardt, a ideia é investigar o contexto em que vive o refugiado, para que ele precisa utilizar a língua. [...] Em Berlim, o Instituto Paulo Freire utiliza, desde 2012, a metodologia do educador brasileiro em um projeto para a integração e o ensino da língua alemã para **imigrantes** no bairro de Moabit. O programa é financiado com recursos do governo alemão.

Uma vez por semana, durante as aulas, crianças de 8 a 12 anos de idade de duas escolas realizam atividades durante as quais podem conversar sobre suas experiências e sentimentos. [...] outra parte fundamental do projeto são as famílias dos alunos [...] “As famílias precisam se sentir acolhidas, entender como funciona o sistema alemão”, explica Gladys Ayllón, doutora em Educação pela Universidade Livre de Berlim, professora da Universidade Católica no Peru e integrante do Instituto Paulo Freire desde 2014.

Leila Endruweit

O pensamento freireano sempre esteve vinculado à ideia de que a contemporaneidade só faz sentido se pertencer a todos...

Pequenas doses filosóficas

É preciso ler o mundo, mas sobretudo, “escrever” ou “reescrever” o mundo, quer dizer, transformá-lo.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 114.

NA EDUCAÇÃO, ESTAMOS IMERSOS EM tecnologias que já nos parecem naturais ao ambiente da sala de aula, desde o giz e a lousa a computadores, projetores e redes *wi-fi*.

As possibilidades de cada uma dessas tecnologias definem diferentes utilidades e até perigos [...]. Com as **TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação)**, esses limites se ampliam em cores, animações e nas simulações com inteligência artificial, gerando até mesmo a possibilidade de enganar a percepção sobre o “ver” e o “ouvir”, oferecendo um novo “estatuto da verdade”.

Pensar as tecnologias digitais de comunicação e informação na Educação sob uma perspectiva freireana deve considerar que numa sociedade letrada o domínio da linguagem é conhecimento fundamental. Por isso, esconder as TDIC nas atividades de ensino, principalmente das classes populares, pode enredar essas pessoas em um significativo analfabetismo digital e expô-las a práticas sociais enganosas.

Garantir o acesso, o domínio e a reflexão crítica sobre as TDIC por educadores e educandos faz parte da necessidade de um atual letramento e de, na mesma velocidade das novidades tecnológicas, alimentar a curiosidade epistemológica a respeito de tais recursos.

Ao elaborar essa reflexão, considero divertido pensar em como Paulo Freire desfrutaria do impacto das tecnologias digitais de comunicação e informação no contexto atual, em especial na Educação. Por quais caminhos andaria o professor Paulo Freire nesta conversa?

Mesmo sem saber quais “apps” ele utilizaria, imagino que estaria defendendo a Educação e educando para a liberdade, politizando os algoritmos de inteligência artificial e a internet.

Eugenio Maria de França Ramos

Trecho extraído da reportagem “Método Paulo Freire é utilizado para integração de refugiados na Alemanha”, UOL/DW, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2019/04/26/metodo-paulo-freire-e-utilizado-para-integracao-de-refugiados-na-alemanha.htm/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

Professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Rio Claro (SP), out. 2025.

... e se as conquistas forem reais,
e as riquezas, distribuídas...



AS IDEIAS DE PAULO FREIRE estão configuradas no modo como aprendemos a pensar e a intervir no mundo por meio de uma educação emancipatória e libertadora. Na sua fala “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação” (*Pedagogia da autonomia*, 1996, p. 36), percebemos que ele está presente na extensão da **prática pedagógica inclusiva** que garante o direito de todas as pessoas à educação de qualidade. Neste contexto, quando pessoas com limites físicos, intelectuais ou psicológicos começaram a se socializar com outros sujeitos, apreenderam que, para além de componentes curriculares, a leitura do mundo a partir de si mesmos conduz a uma hospitalidade traduzida em gestos comuns de solidariedade; e se perceberam como pessoas. Assim, Paulo Freire está presente em cada palavra geradora de sentido, em cada gesto traduzido em linguagem e formação para a autonomia que se desdobra em cidadania.

*Adriana Gomes Dickman e
Amauri Carlos Ferreira*

Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte (MG), nov. 2025.

Diretor e coordenadoras pedagógicas da EMEF Padre Antônio Vieira. São Paulo (SP), out. 2025.

NOSSA ESCOLA, A EMEF PADRE ANTONIO VIEIRA, tem um **projeto de inclusão** de crianças com deficiência há tempos, contando com sala de recursos e professora especializada para esse atendimento. Mas, atualmente, defendemos que os alunos com deficiência são responsabilidade de toda a escola, tem que ser um projeto coletivo, em comunhão e no diálogo, como nos ensinou Paulo Freire. E assim, buscamos a inclusão de todos os alunos, um processo em que todos aprendem convivendo com o diferente.

O trabalho não é só com os estudantes, mas com pais e comunidade. Trazemos as famílias para que entendam o papel da escola, para que conheçam e defendam nossos princípios, para que reconheçam o direito da criança com deficiência de frequentar a escola regular. Isso requer tempo e muito diálogo. Apresentamos resultados, ajudamos as famílias a conseguir as terapias de que os filhos precisam junto à rede pública de proteção. Assim, nossa escola se tornou uma referência para a comunidade. Atualmente temos 49 alunos inscritos no sistema EOL (sistema central de gestão da rede municipal de ensino), a maioria com TEA (transtorno do espectro autista), mas também alunos com múltiplas deficiências, baixa visão e síndrome de Down.

Investimos muito na formação de professores, funcionários e estagiários, alinhada ao currículo da cidade, que se baseia nos princípios de inclusão, equidade e formação integral. Apresentamos as leis que garantem os direitos da criança com deficiência, estudamos as diferentes deficiências e a forma de interagir com essas crianças. Refletimos sobre o que é aprender e como valorizar as diferentes formas de saberes que os alunos demonstram, ainda que não tenham atingido o tradicionalmente esperado pelos professores. Este ano notamos diferença de postura dos professores, que deixaram de justificar a não aprendizagem do aluno em função de sua deficiência. Ainda temos muitas dificuldades, mas muitos avanços também.

Quanto mais estudamos e refletimos sobre a inclusão, mais percebemos falhas dentro e fora da escola para que ela seja mais acessível. No laboratório, por exemplo, falta uma bancada mais baixa para alunos cadeirantes, e a sala de leitura fica no último piso, sem elevador e sem possibilidade de instalar um, pois o prédio é antigo. Há problemas também nas calçadas que circundam a escola.

Nos últimos anos, fizemos várias reformas em espaços da escola, fruto do esforço dos colegiados, valorizando a boniteza de que nos fala Paulo Freire. *Reginaldo Pacheco da Silva, Raquel da Silva Basto e Camila Aline de Oliveira*

Pequenas doses filosóficas

Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 28.

... e todos incluídos
na educação pública...

A **INCLUSÃO** NOS PERMITE RECONHECER diferentes modos de aprender e nos conduz a outras formas de respeito e de se trabalhar com o ser humano. Uma escola que abraça a inclusão é plena.

Um gestor não pode ficar longe da comunidade em que atua, ele não pode fechar os olhos para os seus problemas. O Projeto Político-Pedagógico da escola tem que ser real e atender as necessidades da comunidade. E todos os profissionais são responsáveis pela sua implementação, porque todas as crianças, com deficiência ou não, são da escola, portanto, se há alunos de inclusão, temos que trabalhar a inclusão. É preciso abraçar a causa com suas especificidades e dificuldades. É o que fazemos na EMEF Luís Washington Vita. Afinal, cada um é único, autista ou não autista.

No início, dá medo, porque aparece a questão: o que realmente vai favorecer o desenvolvimento dessas crianças? O que fazer com elas na classe, para serem incluídas? Sempre tem de haver uma opção para o diferente na sala de aula, e os alunos só podem estar confortáveis se forem respeitados pelos outros alunos e seus familiares. Isso demanda um trabalho com eles e com as famílias. No caso deles, a socialização é muito importante, tanto na sala de aula como fora dela, devendo-se prever, nos planejamentos docentes, momentos específicos de interação com os demais grupos da classe, assim como momentos de atendimento individualizado com os estagiários de classe e momentos específicos com a professora especializada, para o trabalho adequado às suas singularidades. Isso tudo dá novos rumos para as famílias também.

O trabalho da professora especializada é colaborativo e personalizado. É colaborativo, em sala de aula, pela observação, intervenção e orientação à professora de classe, e personalizado no atendimento individual, no contraturno das aulas.

Além disso, as reuniões com as famílias das crianças da classe são fundamentais para a compreensão destas, bem como o apoio às dinâmicas e relações internas dos grupos na sala de aula e nos demais espaços, dentro e fora da escola. Assim, as crianças com deficiência participam de todas as atividades com as outras, inclusive passeios externos à comunidade, como, recentemente, a ida ao teatro e a um concerto na Sala São Paulo. Cabe observar que assistir a um concerto ou a uma peça de teatro, sentado na poltrona, comportamento que é comum a outras crianças, para algumas delas representa uma conquista enorme.

Ainda precisamos caminhar muito para enfrentar as dificuldades e, para isso, precisamos lutar por políticas públicas de apoio, com mais verbas para equipamentos próprios e políticas de formação continuada, para todos que atuam na escola. Precisamos ter a universidade mais perto de nós.

Eliane Soares e Cláudia Vieira

Respectivamente, diretora e professora da EMEF Luís Washington Vita. São Paulo (SP), out. 2025.

... se a democracia permear os sonhos, as esperanças e as realizações de todos nós, como propunha o mestre.

MINHA MÃE, NASCIDA EM UMA comunidade rural na década de 1950, apesar de não ter frequentado a escola, alfabetizou-se ao acompanhar as lições que os irmãos traziam do grupo escolar. Desde cedo aprendeu a ler o mundo. Enfrentou o autoritarismo do pai e a vigilância patriarcal para garantir o acesso das filhas e filhos à escola, pois acreditava que a educação possibilita caminhos para a libertação do corpo e da mente.

O seu fazer no mundo marca as minhas escolhas desde os mais longínquos tempos. Práxis gravada na memória do meu corpo e da minh'alma.

Diferentemente dela, eu, também a filha mais velha, tive/tenho a oportunidade de acessar a educação como prática da liberdade, a partir do **movimento organizado de mulheres** – um movimento que busca experimentar a reflexão-ação-reflexão. Práxis essa desafiadora, por ser, numa sociedade machista e patriarcal, constantemente boicotada. Nessa dialogicidade, busco na coletividade, junto a outras mulheres, esperar no inédito viável. Esperar construindo cirandas que embalam a luta necessária à construção de um mundo onde mulheres e homens desenvolvam a consciência de que é nas relações humanizadoras que alcançamos o sentido indelével da vida.

Cícera Maria Nascimento



Professora e militante feminista.
Caruaru (PE), out. 2025.

EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO DA ação coletiva por meio de algoritmos, com seus vieses que maximizam o ódio e a sensação de impotência diante das iniquidades circundantes, cabe resgatar o “imperativo existencial e histórico” de Paulo Freire de ser esperançoso (*Pedagogia da esperança*, 2015, p. 14).

Ao invés de sucumbirmos ao “fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”, a pedagogia freireana propõe “uma certa educação da esperança” (*ibid.*, p. 14-15), que também precisa ser cotidianamente exercitada na busca pela implantação progressiva do pacto constitucional civilizatório de 1988. As proteções orçamentárias ao custeio dos **direitos sociais**, fixadas na “Constituição Cidadã”, são, de certo modo, “inéditos viáveis” que aguardam plena concretização em meio a diversas pressões por redução do tamanho do Estado brasileiro e por ajustes fiscais regressivos.

A desigualdade se acirrou no mundo, mesmo após a crise financeira de 2008 e a pandemia da Covid-19 terem desvendado tanto a incapacidade do mercado de se autorregular quanto a necessidade da ação planejada e equalizadora dos governos nacionais. Nos presentes dias, porém, o quadro tem sido agravado pela emergência climática, por disputas geopolíticas e pela inteligência artificial, que pode comprometer a empregabilidade de volumosos contingentes populacionais em todo o planeta.

No Brasil, em especial, a escalada do conflito distributivo tem desestabilizado a dinâmica político-democrática, no intuito de manter invisibilizado e intocado o círculo vicioso em que a renda e a riqueza subtributadas são segura e largamente remuneradas pelos juros da dívida pública.

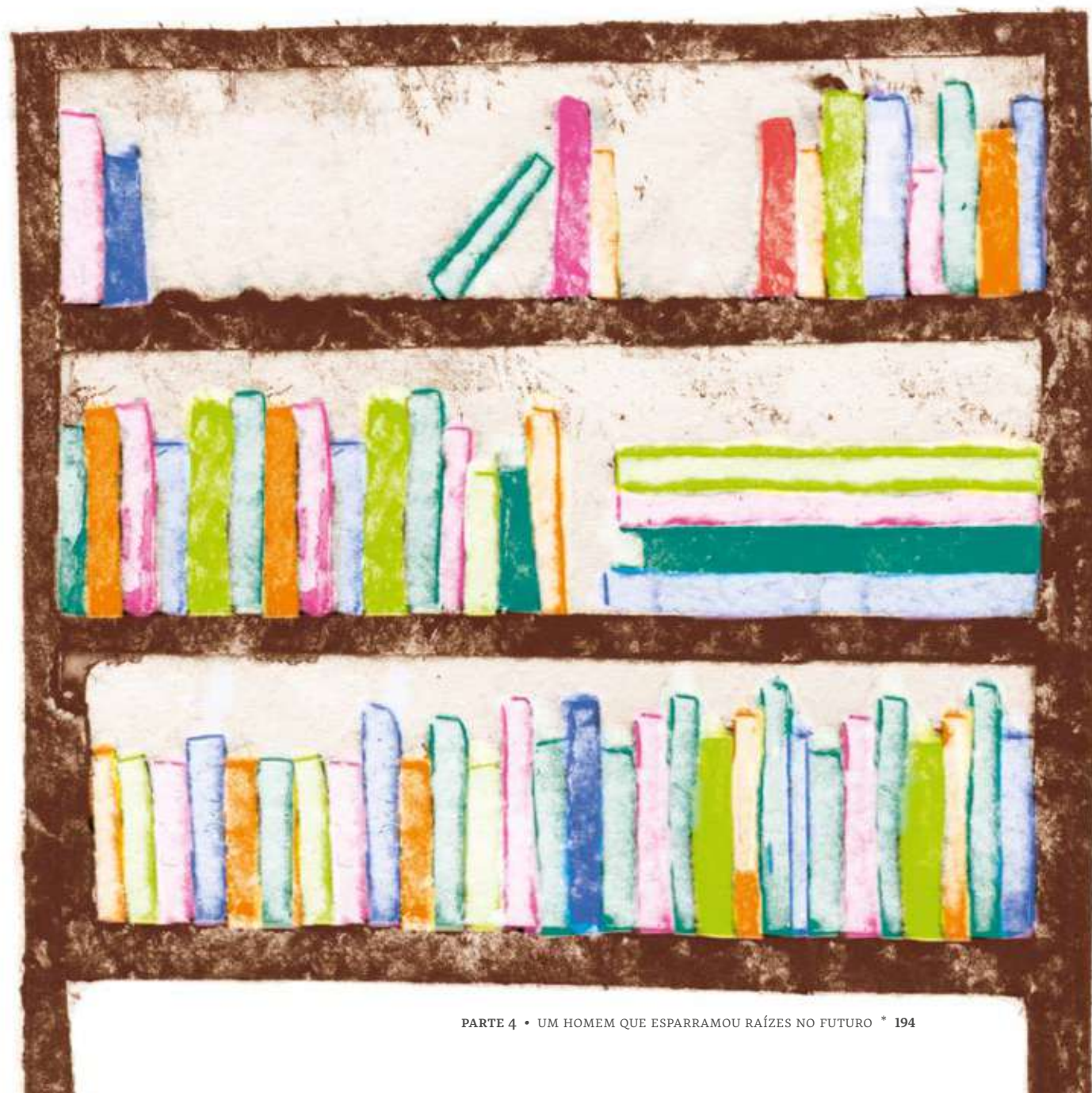
A educação crítica e progressista, nesse contexto, pressupõe a defesa prática dos direitos fundamentais e o diário enfrentamento da desigualdade por dentro do orçamento público, sem abdicar da agenda civilizatória assumida como pacto constitucional em 1988. Para tirar do papel o discurso de “inserir o rico no imposto de renda e o pobre no orçamento”, urge materializar “o aprendizado [...] por parte dos esmagados e das esmagadas, dos impedidos de ser, dos renegados, de que é possível, pela luta séria, justa, decidida, incansável, refazer o mundo” (*ibid.*, p. 268-69).

Élida Graziane Pinto

Professora da Fundação Getulio Vargas de São Paulo (FGV-SP) e procuradora do Ministério Público de Contas do Estado de São Paulo (MPC-SP). São Paulo (SP), nov. 2025.

UNIVERSIDADES

Os espaços acadêmicos
miram-se no passado e projetam
esperançamentos com novas
gerações de estudiosos



Cresce na academia o desejo de conhecer Paulo Freire.

A GENTE PERCEBE NO OLHAR dos estudantes o lugar do “escaninho da alma”: eles buscam Paulo Freire, têm sede por Paulo Freire. Seja através de documentários, entrevistas ou obras, os estudantes pedem Paulo Freire na sala de aula.

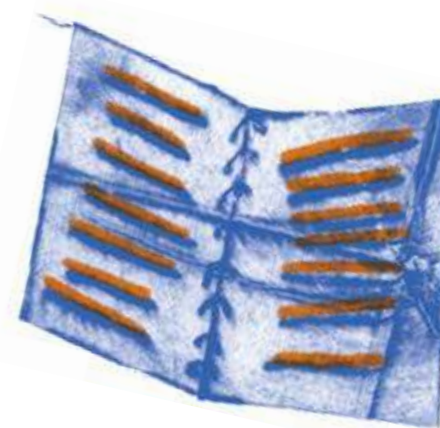
Algumas **universidades** já estão criando disciplinas sobre o pensamento freireano e sobre a prática freireana, dentro dos currículos das licenciaturas, especialmente dos cursos de Pedagogia. Temos observado também várias disciplinas eletivas com a temática Paulo Freire.

Isso é um dado novo, que tem crescido nos últimos dez anos e tem se intensificado do centenário do educador para cá. Um ponto que incentivou esse movimento foi a perseguição feita pela extrema direita ao pensamento freireano. Isso impulsionou em certa medida o oferecimento de disciplinas, o interesse dos estudantes em fazerem projetos de iniciação científica com a temática Paulo Freire ou mesmo atravessados pelo referencial teórico freireano.

Outro motivo relevante para a presença de Paulo Freire é o fato de a legislação prever, como componente curricular obrigatório na Pedagogia, a Educação de Jovens e Adultos. Paulo Freire é a principal referência nesse campo no Brasil e no mundo. Não tem como você separar a Educação de Jovens e Adultos da perspectiva freireana.

Paulo Freire está mais vivo do que se pensa... Quanto mais jogam terra sobre ele, mais a semente vai germinando e se preparando para frutificar no futuro.

Nima Spigolon



Extraído de entrevista com a professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas (SP), fev. 2025.

Professor da Universidade Federal do ABC (UFABC). Santo André (SP), ago. 2025.

MEU PRIMEIRO CONTATO COM PAULO FREIRE na **Universidade Federal do ABC (UFABC)** ocorreu a partir do momento em que me tornei professor na instituição. Conheci o movimento estudantil, que, por volta de 2022, estampava a imagem do grande educador brasileiro em camisetas do diretório acadêmico com a mensagem: “lute como um(a) professor(a)”.

Esse entusiasmo pela figura de Paulo Freire despertou em mim o desejo de ministrar a disciplina Paulo Freire: Educação para a Criticidade no curso de Licenciatura em Ciências Humanas, a qual se tornou componente curricular obrigatório naquele ano. Ao planejar o curso, minhas primeiras questões foram: quem eram esses estudantes? O que eles conheciam da obra de Paulo Freire? E o que esperavam da disciplina?

Para minha surpresa, a maior parte dos estudantes ainda não havia lido uma obra de Paulo Freire na íntegra. A maioria o conhecia por meio de comentaristas da internet ou pela leitura de livros sobre Paulo Freire. Alguns poucos conheciam a *Pedagogia do oprimido*. Diante desse cenário, o curso foi pensado, proposto e aceito pelos estudantes. Propusemos a leitura e o debate de quatro livros escritos por Paulo Freire e de duas obras escritas por autores estrangeiros que conviveram e foram influenciados pelo pensador brasileiro.

Ao final do curso, percebi que o entendimento coletivo sobre o autor foi ampliado significativamente, o que aumentou a minha vontade de me aprofundar na leitura freireana. A chegada do Coletivo Paulo Freire na UFABC tem contribuído para esse aprofundamento. Essa é outra experiência que poderá ser contada em outro momento.

Daniel Mendes Gomes

Em cada cátedra, uma reinvenção freireana...



AS CÁTEDRAS PODEM TER DIFERENTES perfis. A meu ver, uma cátedra não deve ser apenas um lugar de homenagem ao seu patrono, mas um espaço singular de pesquisa, estudo e produção de novos conhecimentos. Esse é o perfil da **Cátedra Paulo Freire da PUC-SP**.

Trabalhei com Paulo Freire por dezessete anos, até o seu falecimento, assumindo aulas ao seu lado, no Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo, da PUC-SP. Um ano depois que o mestre faleceu, nós, docentes do Programa, solicitamos que a Reitoria institucionalizasse a Cátedra Paulo Freire, entendida como um espaço singular destinado ao ensino, à pesquisa e a publicações sobre e a partir do legado de Freire. Temos a intenção de reinventar o pensamento de Paulo Freire, atendendo ao que ele dizia: “não quero que me repliquem, quero ser reinventado”.

A proposta da cátedra foi discutida no Conselho de Ensino e Pesquisa e no Conselho Universitário, e ela foi institucionalizada como espaço da universidade vinculado e sob gestão do Programa onde Paulo Freire trabalhou. A primeira concepção que tivemos da cátedra foi que ela funcionasse com docentes externos convidados. Esse modelo não se revelou adequado, pois, dessa forma, ela ficava como um “apêndice” do Programa.

Paramos um semestre para avaliar essa proposta e decidimos designar um professor permanente do Programa para coordenar a cátedra, de modo que esse espaço acadêmico pudesse integrar, efetivamente, a vida do Programa. Pelo fato de eu ter trabalhado com Freire durante dezessete anos, assumindo aulas ao seu lado, coube a mim a responsabilidade de coordenação e a docência na Cátedra Paulo Freire, em 1998.

Desde então, a cátedra recebe alunos do Programa de Educação: Currículo e de outros Programas da universidade. Por ela já passaram mais de mil alunos.

Ana Maria Saul

NA **CÁTEDRA PAULO FREIRE DA Universidade Católica de Santos**, profissionais de diversas áreas do conhecimento reúnem-se para a construção e reinvenção da pedagogia crítica freireana. Praticando teorias e teorizando práticas, desvelam as razões que determinam os desafios para a educação freireana e anunciam possibilidades que se fazem presentes em ações como: montagem de biblioteca comunitária e incentivo à leitura; leituras com diálogo de obras de Freire; realização de disciplinas acerca da vivência de conceitos freireanos e organização de eventos divulgando as obras e os princípios de Paulo Freire.

Servindo de inspiração para os espaços educativos – sejam eles escolas, universidades ou espaços comunitários, renovados e motivados a superarem as “situações-limite”, em busca do “inedito-viável” e em prol de uma educação democrática e humanizadora –, esse movimento coletivo não se cansa de buscar pistas no mundo. Através das pesquisas, revela um caminho de resistência e transformação que se faz necessária nos dias atuais.

Assim, ao dizer “Paulo Freire vive”, afirmamos que os princípios de diálogo, reflexão e ação do educador continuam a inspirar e a guiar educadores na busca por uma educação transformadora e inclusiva, essencial para enfrentar os desafios contemporâneos.

Thiago Ferauche, Cristiane Miranda Silva Mello e Sérgio Pereira Nogueira Junior

Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, nov. 2024.

Membros da Cátedra Paulo Freire da Universidade Católica de Santos (Unisantos), coordenada pelo professor doutor Alexandre Saul e pela professora doutora Fernanda Quatorze Voltas. Santos (SP), ago. 2025.

... em cada cátedra, um espaço de diálogos e compartilhamentos.

PAULO FREIRE ESTÁ EM TODO o Brasil. No estado de Pernambuco, sua terra natal, não é diferente. Ele está nas instituições, em entidades e grupos; em eventos que buscam na sua obra as referências para as suas práticas.

Na **Universidade Federal de Pernambuco**, onde Paulo Freire estudou e exerceu a docência, ele está em todos os Centros Acadêmicos, em diversas áreas do conhecimento, como mostra a pesquisa *Nas trilhas da esperança: a presença de Paulo Freire na produção acadêmica da UFPE*, desenvolvida na cátedra e publicada pela Editora UFPE em 2023.

Na UFPE, Paulo Freire está na cátedra, lugar da minha prática político-pedagógica, coletiva, institucional e interinstitucional, coordenando-a. Criada em 2005 pelo Conselho Universitário, ela é um espaço de compartilhamento, produção e socialização da Pedagogia Paulo Freire. Mobiliza docentes, discentes, entidades sindicais, movimentos sociais, instituições científicas e do Ensino Superior. Desenvolve atividades de extensão, pesquisa e ensino, entre as quais a disciplina Pedagogia Paulo Freire, ofertada desde 2013 a estudantes e egressos da UFPE e de outras instituições de ensino superior. Mobiliza o público interno e externo com aulas abertas, grupo de leitura e três eventos que ocorrem ao longo de cada ano: Seminário Paulo Freire, Encontro de Cátedras e Grupos Paulo Freire, e Paulo Freire em Setembro – Ato Político-Pedagógico-Cultural.

Não nos resta dúvida de que Paulo Freire vive, está presente nas pessoas que sonham com uma sociedade equânime e um mundo amoroso, e inspira nossas práticas na Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco.

Maria Eliete Santiago



Professora emérita da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenadora da Cátedra Paulo Freire dessa universidade. Recife (PE), jul. 2025.

Professora da Cátedra Paulo Freire da UFPE. Recife (PE), ago. 2025.

A PEDAGOGIA PAULO FREIRE É uma disciplina institucional, interdepartamental, eletiva e isolada, vinculada ao **Departamento de Políticas e Gestão da Educação da UFPE**. Nesta disciplina temos desenvolvido a experiência da docência compartilhada. Desde 2013, recebemos em todos os semestres letivos estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação de diferentes áreas do conhecimento da UFPE, assim como de outras Instituições de Ensino Superior e profissionais da educação de outros campos do saber que têm buscado conhecer e se aprofundar no pensamento político-pedagógico de Paulo Freire.

A disciplina objetiva possibilitar o acesso à obra de Paulo Freire, à análise dos fundamentos que dão sustentação à sua pedagogia e à atualidade do seu pensamento para análise dos problemas sócio-histórico-educativos e intervenção pedagógica neles. Aborda os contextos de influência que contribuíram para a formulação da pedagogia freireana, o alcance de suas ideias no Brasil e no mundo, bem como a atualidade do seu pensamento.

O diálogo é o princípio teórico-metodológico que orienta a vivência da disciplina, em formato de círculos de cultura.

Marília Gabriela de Menezes Guedes

Nos espaços acadêmicos, almas
estudiantis buscam saberes freireanos.

PAULO FREIRE ATRAVESSA TODA A minha prática pedagógica e orienta minha atitude docente (e de pesquisador) na **universidade**, em todos os momentos: na escolha do campo da minha prática; na atenção à corporeidade dos meus educandos – sua postura, sua expressão corporal, suas alegrias e seus sofrimentos; no reconhecimento prévio afirmativo do valor das suas vidas e das suas experiências; na escuta sensível às suas falas: os ditos, os não ditos, os implícitos, as insinuações, as hesitações, as falhas, as dúvidas e as perguntas. Seus ditos disparam o diálogo entre nós (momento central do ato pedagógico): reconhecimento do valor do que dizem; questionamento do que parece não se sustentar no que dizem; provocação de outras possibilidades de pensar; argumentações em contrário, da minha parte, quando cabível; acolhidas a suas contra-argumentações. No momento oportuno, declaro compromisso para seguirmos solidariamente nas lutas necessárias em prol de mais justiça, mais equidade, mais dignidade para a vida humana, em comum, na Casa Comum.

Paulo Freire é a principal inspiração de meu ser educador.

Alipio Casali

Professor titular do Departamento de Fundamentos, Políticas e Gestão da Educação da PUC-SP; docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo na mesma universidade. São Paulo, out. 2025.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo (=SP), ago. 2025.

MARÇO DE 2025. SALA LOTADA na **Faculdade de Educação da USP**. Início de mais uma edição da disciplina Paulo Freire: Teoria, Métodos e Práxis. Criada em 2001 pelo professor Moacir Gadotti, é uma disciplina optativa do currículo da Pedagogia, aberta a profissionais de educação das redes públicas e a pessoas com mais de 60 anos de idade, em programas de extensão universitária.

Cheguei com muita emoção para assumir a disciplina na FEUSP, anteriormente ministrada pelas professoras Lisete Arelaro e Sonia Kruppa. Na rodada de apresentações do primeiro encontro, fiquei encantada com as falas das estudantes: muita curiosidade pela vida de Paulo Freire, interesse pulsante por compreender mais profundamente suas obras, demandas por mais espaços na FEUSP para abordar sua teoria e práxis, e um desejo profundo de que a disciplina alimentasse de esperança e possibilidades todas nós, em um contexto de tantas inseguranças, ameaças e ataques à educação e à democracia.

O que Paulo Freire tem a dizer a este nosso Brasil de 2025? Essa pergunta foi uma das estrelas-guias da jornada. Propus um programa formado por eixos: o educador no contexto histórico; biografia e influências que marcam suas formulações; principais obras; a reinvenção de Paulo Freire por movimentos como os de Educação de Jovens e Adultos, feministas, LGBTQIA+, antirracistas, ambientalistas; Paulo Freire como alvo da extrema direita nos últimos anos; sua importância na América Latina e no mundo; Paulo Freire reinventado.

Como avaliação, propus que ao longo da disciplina cada estudante fosse escrevendo uma carta destinada a uma pessoa (que poderia ser até ela mesma, no passado ou no futuro) ou a um grupo, abordando o que o curso havia mobilizado em termos de reflexões, afetos, deslocamentos, sínteses. Cabe lembrar que as cartas foram um dos principais instrumentos pedagógicos usados por Paulo Freire para comunicar com inteireza e afeto suas ideias, experiências e provocações à educação e ao mundo.

Na FEUSP, a sala cheia, o debate animado, a atenção dedicada das estudantes à leitura e à reflexão sobre as obras de Paulo Freire informam que o patrono da educação brasileira desperta muita curiosidade e tem muito a dizer ao Brasil de todos os tempos, nutrindo esperanças e projetos transformadores da realidade.

Denise Carreira

Em cada cátedra, um olhar freireano de denúncia e anúncio de caminhos contrários à injustiça no mundo.

AO PENSAR ONDE VER E vivenciar a presença de Paulo Freire, hoje, eu diria que ele é reinventado onde a vida, em todas as suas formas, é respeitada e promovida. O “ser mais” a que ele se referia é hoje recriado na inseparável união entre o ser humano e o ambiente social e natural no qual lhe cabe viver. A opressão e a violência não se restringem apenas à relação entre as pessoas, mas se expressam na ação destrutiva com relação à natureza e ao tecido social.

Em silêncio converso com Paulo Freire sobre a Cátedra Unesco em Cidadania Global e Justiça Socioambiental que coordeno na **Universidade de Caxias do Sul (UCS)**. Sinto-o se alongando no diálogo sobre a relação entre justiça social e o impacto das mudanças climáticas, provavelmente lastimando o tempo que levamos para perceber que as questões ambientais e sociopolíticas são indissociáveis. A humanização, hoje, passa pelo restabelecimento de uma relação rompida com a natureza.

Ouçõ os conselhos dele no que se refere à cidadania global. Ele talvez preferisse a noção de cidadania planetária, mas eu diria a ele que adotamos a noção usada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com o mesmo sentido de cidadania planetária ou mundial.

Ouçõ-o dizer que hoje a leitura do mundo não pode mais fechar os olhos para o genocídio dos palestinos em Gaza e para as migrações forçadas de milhões de pessoas que não encontram mais um lugar neste mundo. Resumindo, vejo Paulo Freire dizendo que a educação, hoje, é um ato de amor à vida que resiste em meio às violências políticas, sociais e ambientais porque, no dizer de outro educador contemporâneo de Paulo Freire, Hugo Assmann, a vida gosta de si mesma.

Paulo Freire diria que essa vida que gosta de si gosta que seja justa, digna e bonita, e que o papel da educação hoje é construir presentes e futuros esperançosos para essa vida.

Danilo R. Streck

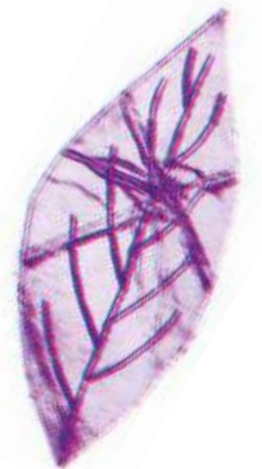
Coordenador da Cátedra Unesco em Cidadania Global e Justiça Socioambiental da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul (RS), jul. 2025.

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Parnamirim (IFRN) e da Cátedra Paulo Freire do Rio Grande do Norte. Natal (RN), jul. 2025.

Pequenas doses filosóficas

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 30.



PAULO FREIRE ESTÁ VIVO QUANDO priorizo a sensibilidade, quando faço a defesa do diálogo, quando, na sala de aula, dou espaço de fala e escuto aos alunos, pergunto-lhes o que sabem sobre o assunto. Paulo Freire vive quando me preocupo com a desigualdade do mundo, com os esfarrapados, os sem escola, os pouco escolarizados.

Quando assumimos a pauta do combate à desigualdade de gênero, do antirracismo, Paulo Freire está vivo. Quando nos espaços da política priorizamos a coletividade, buscamos entender a realidade do outro, Paulo Freire está vivo. Está vivo, também, quando a gente não se omite, quando a gente ousa, quando a gente enfrenta toda forma de totalitarismo e assume o combate à antieducação.

Embora não esteja em todas as instituições educacionais, está vivo em muitas práticas docentes. Está vivo na **Cátedra Paulo Freire do Rio Grande do Norte**.

Maria Aparecida da Silva Fernandes

Nos espaços acadêmicos, de norte a sul, dos portos alegres às amazônias verdejantes, a esperança de um mundo melhor a ser freireanamente conquistado.

A PEDAGOGIA FREIREANA ESTÁ NA Educação do Campo.

Meu encontro com Freire ocorreu na última década, ministrando aulas para os povos do campo e das florestas na **Universidade Federal de Roraima (UFRR)**. Foi quando tive contato com a obra freireana *Pedagogia da autonomia* (1996), tendo me chamado a atenção para a escrita sobre pensar a autonomia docente e reflexões a respeito de práxis e emancipação.

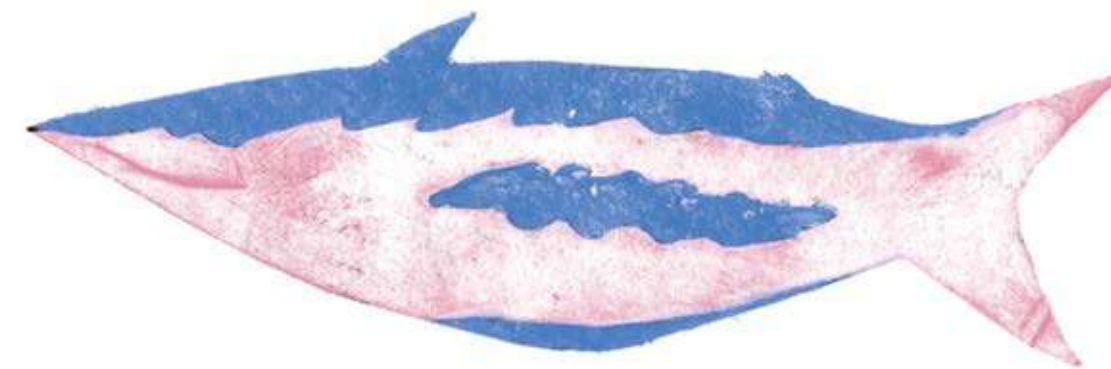
Aos poucos, fui dialogando com discentes sobre eixos essenciais da obra de Freire que me levam a pensar no sujeito histórico, na realidade, na tolerância, na práxis humana e no rompimento com modelos hegemônicos.

Apreendi a ter profundo respeito pelos saberes dos discentes. Gosto de ouvir as suas histórias de vida, desafios de permanência na universidade, suas vidas na comunidade, dentre outras conversas de pertença. O senso comum aparece como necessário para construirmos outro *ethos* acadêmico.

Por fim, Freire traz algumas inquietações pedagógicas, políticas e humanas que nos fazem pensar uma escola reflexiva, onde o ensino supere a educação bancária. A escola precisa ter clareza política e promover a justiça social, a igualdade e o empoderamento das comunidades rurais e camponesas, com foco na consciência de classe. Defendemos, portanto, uma pedagogia utópica, capaz de esperar, com desejo de garantir a nossa democracia e com potencial para combater a destruição do sistema educacional brasileiro e a negação das ciências.

Sérgio Luiz Lopes

Professor de Sociologia e Educação do Campo da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista (RR), jun. 2025.



SE HOUVE UM NORDESTINO QUE sabia o valor da cultura do Nordeste brasileiro, esse alguém foi Paulo Freire. Se tivesse conhecido bem a Amazônia e seus povos, certamente teria ficado encantado.

Pois lá do céu ou de onde estiver certamente olhando por nós, oprimidos, estará orgulhoso de ver a investigação temática se espalhando pela Amazônia e mostrando que a farinha do Uarini, o tacacá, o açaí e o jaraquí precisam estar no almoço, mas também no conteúdo escolar.

Aqui, seu Paulo, no Brasil mesmo, integramos a Caravana da Diversidade (**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**), um coletivo formado por onze instituições de educação de várias regiões do país e que nasceu preocupado com o que você chama de “invasão cultural”. Por isso, em nossas ações de formação de professores, estamos sempre atentos em resgatar as memórias bioculturais, as relações das diversas populações tradicionais brasileiras com sua biodiversidade. Assim, colhemos narrativas sobre os alimentos, os remédios, os seres encantados, os sistemas agrícolas, as histórias de avós, chás, e, a partir desta riqueza toda, produzimos recursos educacionais abertos, que chamamos de Bionarrativas Sociais (BIONAS). São HQs, livros de receitas, músicas, poesias, *podcasts* e outros materiais autorais (como você mesmo ensinou) que fazem do professor um intelectual produtor de seus próprios recursos.

Na Caravana da Diversidade, o professor em formação aprende que o curumim não só não se chama Ivo como sabe que melhor do que a uva é o mapati, que resolveram até apelidar de uva-da-amazônia, vejam só! Aprende também que é escrevendo e pronunciando ma-pa-ti (fruta) e ma-pa-rá (peixe) – essas palavras geradoras – que mantemos vivas as culturas da Amazônia, usando essa pedagogia libertadora!

Welton Oda

Professor de Biologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus (AM), ago. 2025.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS

Reinvenções
da vida seguindo
roteiros freireanos



*O cinema (re)descobre um Paulo Freire antenado
com as coisas de seu mundo, de seu país, de seu povo...*

O **DOCUMENTÁRIO LENDO O MUNDO**, das diretoras Catherine Murphy e Iris de Oliveira, foi o grande vencedor da Mostra Competitiva de Documentários da 53ª edição do Festival de Cinema de Gramado [...]. O longa é uma parceria entre a Maestra Productions, dos Estados Unidos, e o Instituto Paulo Freire.

“Esta tem sido uma caminhada mágica. Um trabalho coletivo, de muito amor, de muitas mãos”, afirmou a diretora Catherine Murphy ao receber a estatueta, durante a cerimônia de premiação. “Quero sobretudo dedicar esse prêmio a todos os alunos da experiência das quarenta horas em Angicos, a todo o povo de Angicos, e à vida, à obra e ao legado de Paulo Freire.”

O filme reconstrói os primeiros anos de trabalho do educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997), um dos mais influentes pensadores da educação até os dias de hoje. No início dos anos 1960, Freire liderou um projeto experimental no Nordeste do Brasil, permitindo que centenas de adultos lessem, escrevessem e votassem. [...] “O método de Freire é mundialmente conhecido como de alfabetização de adultos, mas ele na verdade é muito mais do que isso”, afirma Catherine [...]. “É sobre alfabetização, mas também sobre direito a voto, direitos civis, direitos humanos, tudo o que ele definia como processo de conscientização [...]”.

Além de muitas entrevistas atuais, que mostram como o legado deste trabalho permanece vivo, o filme também faz um extenso mergulho em imagens de arquivo, reunindo verdadeiros tesouros recolhidos em dezenas de fontes documentais, em uma pesquisa que consumiu os dois primeiros anos do projeto. [...]

O filme também conta com uma trilha sonora composta por expoentes da cultura nordestina, como Chico César, Bia Ferreira, Cláudio Rabeca e Quinteto da Paraíba. Para além de ilustrar, são canções que dialogam com a narrativa, auxiliando na construção daquela história sendo contada. [...]

“Nós fomos entendendo como aquele trabalho foi uma via de mão dupla, em que os jovens educadores aprenderam tanto quanto as pessoas que estavam sendo alfabetizadas”, diz.

Andrezza Barros

“Documentário ‘Lendo o mundo’ vence o Kikito de Melhor Longa-Metragem Documentário no Festival de Gramado 2025. **Matéria Livre**, 25 ago. 2025. Disponível em: <https://materialivre.com/documentario-lendo-o-mundo-vence-o-kikito-de-melhor-longa-metragem-documentario-no-festival-de-gramado-2025/>. Acesso em: 15 set. 2025.

Pequenas doses filosóficas

O ser humano é, naturalmente, um ser da intervenção no mundo à razão de que faz a História. Nela, por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: carta pedagógica e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 119.

... e o teatro encena as (re)aprendizagens de um Paulo Freire sintonizado com seu tempo, revelando sua capacidade de descobrir segredos e pensar utopias...

O **ESPETÁCULO TEATRAL PA(IDEIA) – Pedagogia da libertação** aborda a prisão e o interrogatório do professor Paulo Freire em 1964, seu exílio, que durou 16 anos, sua volta para “reaprender” o Brasil de hoje e as contradições da velha educação. O espetáculo foi apresentado no período de 2016 a 2023, em teatros, escolas e na Ocupação Paulo Freire, em Pernambuco, num total de 76 apresentações. Os atores Junior Aguiar e Daniel Barros dividem a cena no espetáculo.

Segundo Aguiar, a educação é um instrumento essencial na transformação da humanidade. A educação verdadeira amplia a visão do homem diante da realidade e sua capacidade de nela intervir, redimensionando sua forma de viver, pensar e fazer política.

Cabe ao teatro trazer para os palcos a reveladora história da educação brasileira, por séculos relegada ao segundo plano e por décadas escamoteada, como se ainda fôssemos seres colonizados, dependentes e despreparados para assumir nosso protagonismo social diante do mundo. Defender Paulo e colocar em cena suas ideias é um orgulho para toda a equipe envolvida nesta criação, porque suas palavras são vivas e transformadoras: elas movem nossa consciência para dimensões que nos tornam mais lúcidos, mais éticos e mais humanos.

Extraído de materiais enviados por Júnior Aguiar

Junior Aguiar, ator e diretor de teatro e professor de História. Pernambuco, abr. 2025. Instagram oficial: @jr.aguiar.ator.

Fontes

GADELHA, Ulysses. Trilogia Vermelha: em cena, pedagogia da libertação. *Revista Continente*, Pernambuco, jan. 2016. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/trilogia-vermelha---em-cena--pedagogia-da-libertacao>. Acesso em: 4 maio 2026.

“Pa (IDEIA) – pedagogia da libertação” faz segunda temporada no Teatro Arraial. *4 Parede*, 10 nov. 2016. Disponível em: <https://4parede.com/paideia-pedagogia-da-libertacao-faz-segunda-temporada-no-teatro-arraial/>. Acesso em: 4 maio 2026.

Ato Cenopóético de Júnio Santos, encenação de Luiz Antônio Rocha e atuação de Richard Rigueti. Rio de Janeiro, jun. 2025. Instagram oficial: @paulofreireoandarlhodautopia; @richardrigueti.

SUCESO [...] EM SESSÕES PRESENCIAIS e *on-line*, o **espetáculo Paulo Freire, o andarilho da utopia**, sobre os ensinamentos e a obra do patrono da educação brasileira, mostra que ele está mais vivo do que nunca! O educador é homenageado em montagem apresentada 442 vezes, assistida por mais de 205 mil espectadores no país e no exterior.

Foi a partir do legado que Paulo Freire deixou na mente e corações dos brasileiros que Richard Rigueti (ator), Luiz Antônio Rocha (encenação) e Júnio Santos (dramaturgia) decidiram levar a emocionante e inspiradora vida do educador para os palcos no espetáculo *Paulo Freire, o andarilho da utopia*, que estreou em março de 2019, em Vitória do Espírito Santo, na antiga Assembleia Legislativa do estado. Em sua estreia, as portas do Palácio Sônia Cabral foram abertas gratuitamente para todos os movimentos sociais do Espírito Santo, incluindo os moradores de uma ocupação de um antigo cinema no centro de Vitória. Após a estreia, percorreu o sertão do Seridó com a missão de chegar até Angicos, cidade-piloto do plano de alfabetização criado por Paulo Freire, onde se apresentaram no teatro da Ufersa [Universidade Federal Rural do Semiárido] para 700 alunos e professores.

O espetáculo propõe uma reflexão, mostrando a sociedade e o planeta em constante mudança através da ótica freireana, misturando elementos das linguagens do teatro, do palhaço e do teatro de rua. “[...] Essa brincadeira rompe barreiras de tempo e lugar. [...] Traz o encanto das palavras encharcadas de significados tão amorosas de Paulo Freire e de suas ideias. São ideias mais que nunca atuais, vivas e necessárias diante da realidade que neste momento nos envolve”, destaca o diretor Luiz Antônio Rocha.

“Eu não posso ser se os outros não são”, dizia Paulo Freire. E o teatro e Paulo Freire se encontraram. [...] Uma conversa com um dos maiores educadores do mundo. Um homem que acreditou com profunda sabedoria na beleza da vida, do encontro, da natureza, da gente, dos animais. Um homem que sabia, como poucos, fazer com que todos se sentissem importantes para o mundo.

Extraído do portfólio enviado por Richard Rigueti

... cenas de um teatro de desemboçar almas oprimidas, de balançar caminhos únicos, de pavimentar cenários de multiplicidade e diversidade.



SOMOS UM GRUPO DE TEATRO. Fazemos parte de uma longa tradição de coletivos artísticos que buscam fazer com que suas criações não sejam nem puro entretenimento, nem pura elaboração estética fechada em si mesma. Nossas ações artísticas remontam às experiências estéticas e políticas do teatro engajado das décadas de 1960 e 1970: Teatro de Arena, Oficina, Ventoforte, em espetáculos como *Show Opinião*, *Arena canta Zumbi*, *Arena canta Tiradentes*.

Em 2008, ano de nossa fundação, nos pusemos a estudar a vida e a obra do poeta Patativa do Assaré, no intuito de criarmos nosso primeiro trabalho. Nas reflexões de Patativa acerca de sua trajetória ressoava a célebre máxima de Paulo Freire: “É preciso aprender a ler o mundo antes de ler as palavras”. Patativa leu o mundo, depois leu as palavras. Foi esse elo entre o educador e o poeta que nos deu o mote, a partir do qual desenvolvemos a dramaturgia de nosso primeiro espetáculo, *Concerto de Ispinho e Fulô*.

Foi o estudo da obra de Paulo Freire que estabeleceu, a partir daquele momento, as bases éticas, políticas e estéticas sobre as quais construímos nosso coletivo.

Cia. do Tijolo, nome com o qual nos batizamos, surgiu das primeiras leituras da *Pedagogia do oprimido* e de nosso fascínio diante do conceito de palavra geradora. Dessa forma, oficializou-se nossa relação umbilical com Paulo Freire, seu pensamento e suas práticas emancipatórias. [...] Em 2014, criamos o espetáculo *Ledores no breu*, baseado nas histórias e práticas do pensador pernambucano. Circulou pelo país, apresentou-se em escolas, EJAs, associações de moradores, teatros, praças, por mais de sessenta cidades.

Cia. do Tijolo

Site oficial: <https://www.ciadotijolo.com.br/>.

*Paulo Freire inspira outras cenas populares,
outras formas de arte, de reinvenção dos
cotidianos, superando matrizes autoritárias...*

O **BLOCO DO CUPINZEIRO** SURTIU em 2002 como desdobramento do Núcleo Cupinzeiro de pesquisa e criação em música popular brasileira. Sem fins lucrativos, ele foi criado com o objetivo de contribuir para o resgate do Carnaval de rua e da tradição dos blocos carnavalescos dos bairros de Campinas. O bloco é composto em sua maioria por artistas que atuam no teatro, na música, no circo, no cinema e nas artes plásticas, no distrito de **Barão Geraldo (Campinas/SP)**. Nas ruas, o bloco defende o acesso à cultura e a ocupação dos espaços públicos com arte.

Em 2020, o Bloco do Cupinzeiro homenageou o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, que também foi professor na Unicamp. “Esperançar por esse chão” aborda de forma poética temas importantes tratados pelo grande educador.

O menino lê o mundo,
Olha o céu e risca o chão.
Traça a linha do horizonte.
Silencia, vai à fonte.
Dança solto na amplidão
[...]

Vive o mestre em quem aprende
“esperançar” por esse chão.
Vamos reaprender o Brasil
“esperançar” por esse chão
[...] Paulo Freire, morre não!

Compositores: Edu de Maria, Anabela e o Núcleo Cultural Cupinzeiro

TAMBÉM EM 2020, A ESCOLA de samba **Águia de Ouro** homenageou Paulo Freire no Carnaval de **São Paulo (SP)**. O enredo foi “O Poder do Saber! Se Saber É Poder, Quem Sabe Faz a Hora, Não Espera Acontecer”. Com esta homenagem, a Águia de Ouro conquistou o seu primeiro título no Carnaval da cidade.

Em cada traço que rabisco no papel
Vou desenhando o meu destino
No horizonte vejo um novo alvorecer
Ao mestre meu respeito e carinho

Compositores: Armênio Poesia, Chanel, Darlan Alves, Fredy Viana, Marcelo Casa Nossa e Xandinho Nocera

Redigido a partir de informações extraídas de: <https://nucleopiratininga.org.br/samba-em-homenagem-a-paulo-freire-sera-tema-de-bloco-de-carnaval/>. Acesso em: ago. 2025.

Redigido a partir de informações extraídas de: <https://resistenciaelutablog.wordpress.com/2020/02/27/escola-que-homenageou-paulo-freire-aguia-de-ouro-e-campea-do-carnaval-em-sao-paulo/>. Acesso em: ago. 2025.



*... inspirando inéditas coreografias na
dança artística de corpos e mentes...*

Pequenas doses filosóficas

A ação cultural ou está a serviço da dominação [...] ou está a serviço da libertação dos homens.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 245.

EM GERAL, QUANDO PENSAMOS NO binômio Arte e Educação, nos lembramos do quanto artistas, produções artísticas, processos do fazer e do ler têm influenciado o nosso fazer pedagógico: um poema antes da reunião, uma exposição que conversa com o conteúdo de História, atividades de Dança que engajam o corpo e proporcionam relações diferenciadas em sala de aula etc. A Educação com certeza aprende muito com a Arte. Mas, e se pensássemos o contrário: o que a Arte pode aprender com a Educação?

A trajetória do **Caleidos Cia. de Dança**, que dirijo há 30 anos com Fábio Brazil, é guiada por essa pergunta. Há anos nossos processos e produtos de criação compartilhados com o público têm sido regados pelos princípios de Paulo Freire. Nosso trabalho artístico, ou seja, as “coreografias” (que chamamos de proposições) incorporam a problematização, a dialogicidade, a proposta de ação-reflexão-ação e, sobretudo, a transformação: transformação da dança, do tempo e do espaço compartilhados; transformação dos corpos e vidas das pessoas que presentificam nossas proposições artísticas.

As propostas coreográficas do Caleidos Cia. geram relações entre intérpretes, entre intérpretes e o público e entre o público em si. O público não é usado ou manobrado para construção de cenas preestabelecidas; outrossim, existe um diálogo com o público que cria novas danças e novos diálogos. Ou seja, em vez da cópia, a interatividade proposta pelo Caleidos Cia. pressupõe ações criativas do público em diálogo corporal com os artistas: o público complementa, recria as propostas coreográficas, reconstruindo e ressignificando a cena inicial da dança encenada. A dança dialógica do Caleidos Cia. problematiza relações, é transformada e transforma, é transformável e transformadora.

Isabel Marques

Diretora do Instituto Caleidos e do Caleidos Cia. de Dança. São Paulo (SP), ago. 2025. YouTube oficial: @Caleidosdanca. Instagram oficial: @caleidos_cia.

... e inspirando a leitura atenta do mundo pela delicadeza e diversidade da sonoridade que marca nossa história cotidiana.

EM MINHAS PESQUISAS E AÇÕES em Educação Musical, sempre busquei e respeitei os conhecimentos trazidos pelas crianças e jovens sobre a música e a cultura sonora dos territórios onde esses estudantes viviam. Partia do conhecimento deles, explorava sons e descobertas que, com o passar do tempo, iam tomando formas musicais. Fazia isso intuitivamente nos anos 1980. A partir do momento em que integrei a equipe de Reorientação Curricular do governo Luiza Erundina e tive o privilégio de ter como secretário de Educação o professor Paulo Freire, minha prática tornou-se mais consistente. Tudo fez sentido ao ter contato com a obra de Freire.

No mestrado, o foco das minhas pesquisas foram os bebês e as crianças pequenas que frequentavam os equipamentos da Educação Infantil (centros de educação infantil e escolas municipais de educação infantil) na cidade de São Paulo. Durante meus estudos investigativos, observei que os espaços escolares não eram tão explorados e que as crianças pequenas ficavam confinadas nas salas, sem muitas oportunidades de exercitarem suas escutas e seus sons.

Criei o projeto **Parque Sonoro**, que venho desenvolvendo desde então, para orientar as unidades a explorarem seus espaços com objetos sonoros trazidos e descobertos pelas crianças, transformando-os em instrumentos de brincadeiras e composições. Para tanto, uso estratégias freireanas. O trabalho é totalmente coletivo, pois conta com a participação/colaboração de todos: bebês, crianças, professoras que recebem formação durante o horário coletivo de estudos; as famílias trazem para a escola objetos, histórias, cantos e suas capacidades de construção, ajudando a transformar objetos comuns em instrumentos musicais.

Entre 2015 e 2020, mais de cem unidades construíram seus Parques Sonoros.

Maria Cristina de Campos Pires

Coordenadora do Projeto Parque Sonoro.
São Paulo (SP), mar. 2025. Perfil oficial:
<https://www.instagram.com/coletivoparquesonoro>.



EDUCAÇÃO: ESCOLAS PÚBLICAS

Ampliação da
leitura do mundo
e exercício de
democracia



*Paulo Freire, um farol que ilumina o chamado à participação,
ao diálogo coletivo e à formação do educador consciente ...*

O COMPROMISSO EM SUPERAR AS inúmeras dificuldades e desafios que se apresentam neste momento para as escolas públicas em nosso país e, em particular, nas escolas públicas da cidade de São Paulo permite o desabrochar de alguns projetos pedagógicos, inspirados no desafio da troca interdisciplinar e nas vozes dialógicas entre todos os participantes do fazer pedagógico.

Na **EMEF Edgard Cavalheiro** (SP), o chamado à participação dos alunos, professores, servidores, pais ou responsáveis é o alicerce que sustenta, conduz e orienta os acontecimentos pedagógicos próprios deste mundo escolar. O agir pedagógico com autonomia, o indagar constante, a criticidade construída entre os estudantes e professores e o respeito mútuo são alguns dos valores e ensinamentos preciosos para Paulo Freire e que nos inspiram e orientam.

A busca da felicidade que o desvelar dos mistérios e saberes da natureza provoca na inteligência humana só se realiza com generosidade e satisfação se a troca e a busca desses saberes encontram um ambiente pleno de amorosidade, dialogicidade, curiosidade, alegria e respeito entre todos, iguais ou diferentes.

Ao longo dos anos o professor Paulo Freire sempre foi nossa inspiração. Apesar da precariedade, do descaso e do descuido das políticas educacionais do momento, temos buscado, com coragem e orgulho, a inspiração e orientação para nossas ações e saber pedagógico nos ensinamentos desse nosso grande mestre.

Vânia de Azevedo Lage

MESMO DIANTE DE TODAS AS agressões diretas ou simbólicas à educação municipal e ao legado de Paulo Freire, os profissionais da rede, comprometidos com o princípio da emancipação humana e cidadã da educação pública, resistem!

A cada batalha, o número de educadores nas ruas diminui, e dentro das escolas, um adoecimento que ultrapassa o físico e o mental corrói o espírito daqueles que veem na educação uma forma de militância cidadã. Dentre tantos atos de violência, cito, como exemplo, o afastamento injustificado de suas escolas de 25 diretores, em 2025. Eu, gestor da **EMEF Caio Pompeu de Toledo** (SP), sou um deles.

Como Paulo Freire pode viver mesmo frente a tanta violência e mentiras? Como seu verbo continua a ser conjugado em nossas escolas?

Paulo Freire vive em cada aluno que tem um sonho, seja ele criança, adolescente, jovem ou idoso, pois assumir-se como aluno é expressar seu desejo de querer alcançar algo novo, o que faz necessário aprender. O desejo de aprender requer um sonho, uma utopia. Cabe à escola e aos professores proporcionar as melhores condições para que o estudante alcance seu objetivo, aprimorando sua humanidade e adquirindo sua cidadania.

Paulo Freire vive em cada aluno preto e periférico que se obstina a viver, a persistir em existir, não obstante toda a violência institucional imposta pelo Estado. A imortalidade de Paulo Freire reside no princípio da humanidade, em sua historicidade e em sua obstinação em transformar o injusto.

Carlos Roberto Medeiros Cardoso

*Diretora da EMEF Edgard Cavalheiro,
São Paulo (SP), ago. 2025.*

*Diretor da EMEF Caio Pompeu de Toledo,
São Paulo (SP), out. 2025.*

... alicersando trajetos para além dos muros da escola, encaminhando novas leituras do mundo...

Pequenas doses filosóficas

A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 127.

A **ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ COLLIER**, em Camaragibe (PE), tem uma história centenária. Fundada em 1902 como Escola Cooperativa Industrial Pernambucana, surgiu ao redor da fábrica de tecidos, como parte das ações voltadas à criação da vila operária da cidade. Hoje, a instituição atende 548 estudantes matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A gestão escolar aposta em uma educação que ultrapassa os muros da escola, buscando dialogar com o mundo e com o contexto social dos alunos. A prática pedagógica busca contemplar a integralidade do ser humano, incentivando o protagonismo estudantil e a inserção crítica e consciente na sociedade. Tais princípios dialogam diretamente com o legado deixado por Paulo Freire, que inspira nossas práticas pedagógicas. Espaços de escuta e participação são valorizados, como o Conselho Escolar, reuniões com pais e representantes de turma.

O Fórum dos Estudantes nasce nesse contexto e vem consolidando-se como um espaço fundamental para a gestão democrática da escola. Nele, as ideias e ações para a melhoria do ambiente escolar e das aprendizagens são construídas de forma coletiva, fortalecendo o senso de corresponsabilidade entre todos.

A escolha dos representantes de turma é precedida por debates sobre democracia e responsabilidade social, e todo o processo é conduzido pelos próprios alunos. Esses representantes atuam como elo entre suas turmas e a gestão escolar, trazendo as propostas e os anseios dos colegas. Assim, juntos, construímos prioridades e tomamos decisões coletivas que fortalecem nossa escola e nossa comunidade.

Neilson Vieira Santos,

Bárbara Sabrina Araújo Souza e Suely Pereira Beltrão

Diretor e coordenadoras da Escola Municipal José Collier. Camaragibe (PE), ago. 2025.

... descobrindo outras histórias, outras verdades, alcançando novos currículos possíveis...

QUANDO SE DESPEDIU DA REDE MUNICIPAL de São Paulo, Paulo Freire expressou seus sentimentos no “Manifesto à maneira de quem saindo fica...”. Décadas mais tarde, estamos aqui na **EMEF Júlio de Oliveira**, em Perus, São Paulo (SP), a freirear na dialogicidade entre arte, escola e território.

Foi o caso do Projeto Veritat [Verdade], desenvolvido em parceria com a escola catalã Cervantes e a Universitat de Barcelona, em que articulamos questões fundantes das ideias freireanas em fricções com a realidade do nosso território. Nela, destacamos eventos como: a descoberta da vala clandestina da ditadura militar, na década de 1990, no Cemitério Dom Bosco, que abriga um memorial em homenagem às vítimas desse crime político; e o movimento de resistência da Fábrica de Cimento Portland Perus, palco da maior greve trabalhista da história, entre os anos de 1962 e 1969, na qual os funcionários se rebelaram contra as condições subumanas às quais eram submetidos.

Quando saímos com os e as adolescentes dos 8º anos e professoras a freirear pela cidade, nos deparamos com o monumento às vítimas da ditadura, desenhado pelo artista e arquiteto Ricardo Ohtake, no Cemitério Dom Bosco, local onde foram encontradas 1.049 ossadas de desaparecidos políticos. Nele está gravada a frase icônica da então prefeita Luiza Erundina: “Aqui os ditadores tentaram esconder os presos políticos [...]”. Fato é que nesse projeto descobrimos que ainda tentam nos esconder essa história, como tem sido com o aumento das regras para visitação do local.

Outro espaço de nosso território que sofre a tentativa de silenciamento é a Fábrica de Cimento Portland Perus. Trata-se de um local de disputa entre o poder público, a especulação imobiliária e os movimentos culturais do bairro, que resistem e lutam pela construção de um espaço que supra os anseios da comunidade periférica, tão carente de lazer e atividades culturais.

Esse projeto utilizou-se de diferentes linguagens artísticas para contar as verdades silenciadas desses lugares que, ainda hoje, são objetos de disputa por aqueles que insistem em ocultá-las. Lugares potentes para fecundar diálogos pautados em lutas, memórias, verdades, lugares que tornam visíveis o freirear no chão da escola, mesmo que em tempos sombrios...

Adriano Pinheiro

Coordenador pedagógico da EMEF Júlio de Oliveira. São Paulo (SP), set. 2025.

... dando as bases para andanças escolares de jovens protagonistas na construção de novos saberes.



UM MENINO CORRE COM SUAS pipas mais coloridas e vai direto para a escola, animado e surpreso pelo pedido inusitado de seu professor. Hoje era dia de colher os frutos! Ele e seus colegas celebram os resultados de uma ação solidária que mobilizou, entre maio e julho de 2025, a escola, o bairro e jovens universitários, fundamentalmente com a meta de arrecadar roupas e alimentos para aqueles que vivem em situação de rua.

Agora, enquanto se divertem, uma verdade cretina se mantém intacta: na cidade mais rica deste país, pessoas morrem por não terem sequer mínimas condições humanas e dignas de existir.

O grêmio estudantil de nossa escola, **EMEFM Rubens Paiva** (SP), tem atuado sob os princípios do trabalho colaborativo e coletivo, pela solidariedade e autoria. É beleza pedagógica demais ver essa turma saindo pela cidade, em transporte público, interagindo com espaços culturais importantes e realizando intercâmbios com instituições de renome: universidades, museus etc.

Paulo Freire vive e pulsa nesses corações estudantis, nas cartilhas amorosamente pedagógicas que compuseram e que acompanham os donativos nas caixas decoradas como presentes (porque “a gente não quer só comida!”). O educador pernambucano, inesquecível, renasce nessa poesia-teimosia desses jovens que querem sempre mais, sempre serem mais, por uma escola mais humanizadora da vida e por um outro mundo possível.

Marcos Fonseca

Professor de História e coordenador do Grêmio Estudantil da EMEFM Rubens Paiva. São Paulo (SP), ago. 2025.



Paulo Freire, o inventor sereno de novas possibilidades, que argumenta em favor de novos voos, de novas aterrissagens, de tantas coragens pedagógicas...

Pequenas doses filosóficas

Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 93.

A FORÇA ANCESTRAL QUE NOS leva para longe é a mesma que nos traz novamente ao ponto de partida; é o que impulsiona o olhar pela janela gradeada a enxergar as possibilidades de voo de pássaros e crianças quando têm os corpos e mentes livres. É dessa coragem que nasceu a prática de buscar parceiros para juntar, num mesmo território, diversas forças do saber pedagógico, protagonizado pela escola pública e temperado pela ajuda da universidade pública, a FAU-USP, que se mostra presente e atuante com seus arquitetos da paisagem sem parede, para a alegria e o nascimento do **Ecoparque Escola Philó** (SP).

O princípio é aprender fazendo, brincando e questionando. Assim, o Parque-Escola passa a se tornar um campo fértil e fundamental para estreitar a distância entre o discurso e a prática no dia a dia da vida escolar. Trilhas brotam na mata pelas mãos dos educandos e docentes, carregadas de significado [...]. Rotas pedagógicas, pensadas e arquitetadas por educandos e professores sedentos em ocupar os espaços [...], endossam a curiosidade dos pequenos e fomentam múltiplas perguntas. Os corpos discente e docente, desencarcerados, que adentram o território, questionam também sobre a memória e a justiça ambiental, sobre o passado dominado pelo esquadrão da morte, conduzido pela Veraneio, bem ali atrás, onde sempre se avistavam corpos livres, contudo, mortos.

Terrenos são descobertos, solos são analisados pelo protagonismo dos estudantes. A terra, a forma, o comprimento, as medidas e a umidade do solo são material didático com o uso da horta agroecológica. Os trabalhos em grupos, para o contato com a terra, ganham força – da sala de aula para o parque, do parque para a horta, da horta para a sala. Essa tríade é o fio condutor do esperar na Philó. A terra traz o inédito viável todos os dias, e a pedagogia do movimento e da ação é cotidiana nas práticas pedagógicas.

A construção dos espaços abertos para as aprendizagens e o uso desses locais, com sombra e canto dos pássaros, trazem leituras e memórias inesquecíveis para as crianças. Aprender a ler embaixo de mangueiras, goiabeiras, sair das telas e imergir entre as folhas de plantas ainda não identificadas, reconhecer as joaninhas e as minhocas embaixo de um tronco se torna importante e resgata o aprender a conviver, pois os seres não humanos são tão cruciais quanto os humanos.

Eder de Oliveira Daniel

Coordenador pedagógico da EMEF Professora Philó Gonçalves dos Santos. São Paulo (SP), set. 2025. Instagram oficial: [@ecoparque_escolaphilo](https://www.instagram.com/ecoparque_escolaphilo).



... coragens que se revestem de ousadia e desenham novas práticas de aprendizagem e novas relações com o ambiente...

EU ACREDITO MUITO NA VALORIZAÇÃO do serviço público, para o melhor atendimento da população e da classe trabalhadora. A postura de atender bem a quem se dirige à nossa escola, coisa que evidenciamos no nosso trabalho cotidiano, diz muito dessa valorização. Isso tem tudo a ver com uma concepção política e, consequentemente, com Paulo Freire.

Na Educação Infantil da **CEI José Gomes** (SP) temos uma relação bastante próxima com as famílias das crianças que atendemos. Fazemos, por exemplo, um bom trabalho com a Comissão de Mediação de Conflitos, trazendo temas para discussão a partir de questões que são demandadas pelas próprias famílias, como as de gênero e as étnico-raciais. Muitas vezes as próprias mães que vivem essas situações coordenam as reuniões de formação da comissão.

Também construímos, com a equipe escolar, a relação entre a abordagem de Emmi Pikler, desenvolvida na Hungria pós-guerra, focada em crianças órfãs, e a institucionalizada com os princípios de Paulo Freire. Ambos compartilham uma pedagogia humana e humanizadora, que implica a escuta, o acolhimento e a maternagem com relação às crianças, ao mesmo tempo que se transmite o conhecimento humano acumulado. O desafio se coloca a todos nós, educadores, para a construção de uma escola pública mais humana, aberta às classes trabalhadoras em todos os níveis, a começar pelos bebês.

Paulo Freire enfatizava a boniteza necessária da escola como o espaço que a criança sinta como seu e no qual ela goste de estar. O nosso CEI é especialmente cuidado nesse sentido. Ele também dizia que a ética tem muito a ver com a estética, e isso tem muito a ver com compromisso público e acolhimento.

Simone Gimenes Pallazzi

MEU PRIMEIRO CONTATO COM PAULO Freire foi na Faculdade de Pedagogia da USP, em 2004. Escolhi Paulo Freire para um trabalho no primeiro semestre e, desde então, ele se tornou fundamental para minha visão de educação. Identifico-me com a defesa do desenvolvimento intelectual alicerçado por uma pedagogia da autonomia e com a crítica à educação bancária.

Um dos conceitos de Paulo Freire que sustentam minha prática é o da “boniteza” das relações, defendendo o direito de acesso à cultura, à literatura, à natureza, às múltiplas linguagens, em espaços cheios de vida e cuidado.

Em minha vivência na escola em que trabalho, a **EMEI Borba Gato** (SP), percebi sua transformação, antes com marcas de abandono e conservadora. Para mudar essa situação, resgatamos a história da unidade, que foi o quarto parque infantil e o primeiro construído longe dos centros urbanos, para atender as classes operárias, idealizado na gestão em que Mário de Andrade foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

Buscando beber em “nossas fontes” brasileiras, como Paulo Freire e Mário de Andrade, transformamos a escola em um “respiro verde”, que prioriza o contato diário das crianças com a natureza, ateliês e conselho mirim, sempre prezando a estética como um conteúdo. Defendemos práticas com o foco na dignidade humana, na defesa do direito à escola pública e laica, no direito da criança ao brincar e a ser livre. Ressalto a importância da participação das famílias e do trabalho com a formação de parentalidade, da escola de pais, que comparecem apesar dos desafios impostos pelas longas jornadas de trabalho. Esta participação tem muito valor porque precisamos, juntos, descobrir como iremos educar as crianças.

Priscila Damasceno Arce

Extraído de entrevista com a diretora do CEI Vereador José Gomes de Moraes Netto. São Paulo (SP), out. 2025.

Extraído de entrevista com a diretora da EMEI Borba Gato. São Paulo (SP), nov. 2025.

... e insere todos os tempos e todas as idades no direito à educação formal.

DESDE 22 DE FEVEREIRO DE 2016, Paulo Freire está vivo no **Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja)** Perus, São Paulo! Este equipamento público do município em que o mestre foi secretário de Educação é muito importante para a garantia de direitos educacionais. Por meio da flexibilização de tempos e espaços, o Cieja Perus é um ambiente de acolhimento, diálogo e reflexão que visa garantir as funções da EJA previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, quais sejam: a *reparação*, a *equalização* e a *qualificação* para um grupo singular e bem heterogêneo: diferentes juventudes, pessoas adultas e idosas, pessoas com deficiência, em situação de rua, migrantes, trabalhadores e trabalhadoras que não puderam estudar na chamada idade certa.

O combate a todas as formas de preconceito e discriminação para com pessoas de diferentes culturas, etnias ou cores, identidades de gênero, orientações sexuais, nacionalidades, origem e posição social, profissões, religiões, posição no espectro político ou qualquer outra característica é a principal premissa do nosso projeto político-pedagógico.

Trabalhando na perspectiva freireana, acreditamos estar verdadeiramente construindo com nossas ações educativas uma instituição educacional pública acessível e um currículo com as classes populares (e não “para elas”), valorizando e estabelecendo vínculos reais de partilha e de cooperação, por meio de um diálogo horizontal entre toda a comunidade escolar.

Paulo Freire vive em cada aula de Português ou das demais disciplinas em que estejam presentes pessoas brasileiras e migrantes internacionais, em cada círculo de cultura realizado, em cada peça costurada nas oficinas semanais de bordado e fuxico, em cada cheirinho de pão fresco produzido nas oficinas de panificação, em cada peça do teatro do oprimido apresentada por estudantes, em cada festa realizada, cada sarau, cada jogo, cada vivência! Que cada vez mais ele possa inspirar e mobilizar as pessoas comprometidas com a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas na luta pelo combate às sistêmicas desigualdades sociais e educacionais. Viva Paulo Freire!

Franciele Busico, Marcela Fontão, Sérgio dos Santos, Silvania de Jesus e Sheila Coelho



Respectivamente, ex-coordenadora-geral (2016-2024), coordenadora-geral a partir de 2025, assistente de coordenação-geral, assistentes pedagógicas e educacionais. São Paulo (SP), dez. 2025.



AMÉRICA LATINA

Um percurso
freireano que
nos une



Paulo Freire inspira um educador a recolher, numa cartografia afetiva da educação popular na América Latina e no Caribe, fortes vivências freireanas...

SOU UM EDUCADOR FREIREANO VIVENDO no Brasil e sempre tive curiosidade de compreender como Paulo Freire se faz presente na América Latina. Sabia que, em razão da ditadura militar brasileira (1964-1985), ele foi obrigado a deixar o país, iniciando seu exílio pela Bolívia e pelo Chile, onde viveu cerca de cinco anos. Essa informação foi o ponto de partida para minha própria jornada.

Decidi realizar uma pesquisa despreocupada, que chamei de cartografia afetiva. Queria mais do que estudar documentos: queria conversar com as pessoas, comer a comida de cada país, usar os mesmos meios de transporte, sentir o clima, a temperatura, a altitude. Inicialmente, planejei percorrer apenas o Cone Sul. Mas, ao olhar o mapa da **América do Sul**, tracei uma espinha dorsal do continente e mapeei as principais cidades da costa atlântica e da pacífica.

Comecei por Barra de Valizas, no Uruguai, onde viviam dois ex-alunos de um curso de extensão que organizei, Bruno e Luna. A partir dali, atravessei Buenos Aires, desci até Bahía Blanca, passei por Puerto Madryn e cheguei à Terra do Fogo. Voltei no sentido norte rumo à costa do Pacífico, atravessando os Andes via Bariloche até o Chile, e entrei novamente na Argentina pela altura de Mendoza. De lá, segui para o Paraguai, depois Bolívia, Peru, Equador e Venezuela. Foram 112 dias de viagem, 25.553 quilômetros percorridos, 658 quilômetros caminhados e 65 atividades desenvolvidas.

Ainda faltava a **América Central**. Em outra viagem, atravessei Panamá, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Honduras e Guatemala. Depois segui para a República Dominicana e percorri toda Cuba, de Pinar del Río até Santiago de Cuba. Nesse novo percurso percebi que já havia me tornado conhecido pelo trabalho feito na América do Sul e que uma rede de contatos se formava naturalmente.

Visitei coletivos feministas, juventudes socialistas, experiências de arte — principalmente teatro — em salas de aula, auditórios, quintais, escolas de ensino formal, educação infantil, educação popular, universidades, cátedras, centros culturais, teatros e centros de atendimento a pessoas com deficiência. Tive toda essa gama de espaços e públicos, cada um revelando uma faceta da presença viva de Paulo Freire.

Essa cartografia afetiva me mostrou que Paulo Freire está muito presente. As pessoas geralmente o associam ao método de alfabetização, mas eu o encontrei em diversas linhas de luta: pela democracia, pela água, pela moradia, pela terra, pela preservação do ambiente, contra a mineração, contra a violência, contra o machismo e nas questões de gênero. Freire atravessa todas essas lutas. Ele está vivo nos países por onde caminhei.

Agora, preparo-me para um último percurso: o México. Quero concluir essa cartografia afetiva da educação popular na América Latina com o olhar de Paulo Freire, fechando o ciclo dessa viagem que é, ao mesmo tempo, pesquisa, experiência e vida.

Sócrates Magno Torres

Educador freireano.
São Paulo (SP), nov. 2025.

... o encontro com Paulo Freire na geografia argentina, e sua pedagogia de sonhar outros mundos...

HABLAR DE PAULO FREIRE EN Argentina es hablar de sueños de unidad latinoamericana. Hablar de Paulo Freire en el **sur de Argentina** es hablar de una pedagogía que soñaba otros mundos.

La pedagogía freireana en los sures hoy reúne una multiplicidad de experiencias, que van desde los movimientos sociales gestando espacios educativos en sus organizaciones hasta las cátedras universitarias que lo recuperan, a veces en modo sesgado a veces comprendiendo la profundidad de su pensamiento profundamente descolonial.

Experiencias de educación en ámbitos de diálogo de saberes de los más diversos se sostienen en praxis freireanas: son espacios de mujeres que intercambian saberes sobre herbolaria, espacios de formación en torno a luchas de derechos humanos, políticas, feministas, socioambientales; asimismo en escuelas. En provincias del sur como Neuquén o Chubut, hoy las y los docentes sostienen sus praxis en la pedagogía freireana en muchos casos. Experiencias en barrios periféricos, con mujeres, con niñas se sostienen en estas miradas. Es una pedagogía vivida, vigente, que se recrea, revisa, repensa.

Jessica Visotsky-Hasrun

EL COLEGIO PAULO FREIRE ES una escuela secundaria estatal, situada en la **ciudad de Santa Rosa - Argentina**, capital de la provincia de La Pampa, a unos 600 km de Buenos Aires. Atendemos un total aproximado de 300 chicos y chicas de las barriadas periféricas de Santa Rosa y Toay.

Desde hace más de veinte años acompañamos a chicos y chicas en un camino de enseñanzas y aprendizajes para entender conceptos básicos y fundamentales en pos de la construcción de una sociedad más justa, democrática y participativa.

Tiempo atrás, una docente de nuestra comunidad educativa me decía que lo que a ella le pasa en “esta” escuela con los pibes y pibas que asisten a diario es como una “bella historia que merece ser contada”. [...]

Yo pensaba que el acto educativo, de esta manera, se convierte en un hacer historia de pequeñas historias, todos en la escuela nos convertimos en “hacedores” de historias, y al decir todos, la mirada cambia. [...] intentamos “buscarle la vuelta” a esas historias de dolor o necesidad para convertir las en historias con sentido, historias bellas, historias en las que todos y todas somos PROTAGONISTAS.

Somos también facilitadores de aprendizajes, porque consideramos que es fundamental que un joven pueda leer, escribir y calcular para comprender mejor el mundo en que vive. Somos precursores de experiencias significativas [...]. Somos animadores de sus sueños y proyectos. Somos custodios de sus secretos, de sus preguntas, de las que tienen alguna respuesta y también de las que no la tienen. Somos garantes de sus derechos y al conocerlos mejor luchamos y reclamamos juntos por un reparto más justo.

Freire sostenía que la educación es ante todo un acto de amor y por lo tanto un acto de valor. Ello nos lleva a comprender mejor lo que hacemos todos los días, ni más ni menos que cuidar con amor el milagro de las vidas que en este desafiante camino [...] hoy nos toca acompañar.

Alejandro Fidel Nicoletti

Professora de Pedagogia, Educação e Direitos Humanos na Universidad Nacional del Sur. Bahía Blanca, Argentina, set. 2025.

Professor de Filosofia e Ciências da Educação e diretor da Escola Secundária Paulo Freire. Santa Rosa, Argentina, ago. 2025.

... pedagogia que esparrama por outras sulaméricas sua atemporalidade conceitual...

EN UN CONVERSATORIO QUE TEJIMOS en el marco del centenario de Paulo Freire con Círculos Freirianos de Brasil y Colombia surgió esta idea-fuerza para expresar que Paulo Freire VIVE: “Freire es a-temporal... también es un temporal...”.

Este proceso de Nuestra Gente en **Medellín, Colombia**, tiene la inspiración humanista de la Teología de la Liberación, al igual podemos decir que somos hijos de ese nuevo testimonio que coloca a la gente en el centro del verbo *esperançar*: esta palabra en español es un sustantivo; en las conversaciones con mis colegas de Brasil, ellos me han reactualizado esta palabra en un bello sentido de accionar el verbo.

Es así que nosotros sentimos la fuerza telúrica de la pedagogía de la esperanza que nos regaló Freire en su transitar por este mundo. Su presencia sigue alimentando y revelando en nosotros un cúmulo de palabras. *Esperançar*. Emancipación. Educación. Ética. Estética.

En la **Casa Amar-i-lla** Freire es también escuela nueva que se expresa en el teatro comunitario, en las danzas y músicas tradicionales de Colombia. Lo más maravilloso es sentir la emoción de niñas, niños, adolescentes, jóvenes y adultos cuando se dejan encantar por esas otras formas de vivenciar la educación popular.

Él, Paulo Freire, es el educador eterno y esencia del continente de la ESPERANZA, él sigue re-encantando nuestras vidas en la comunidad.

Jorge Blandón

DESDE SU FUNDACIÓN EN 2007, **El Cántaro BioEscuela Popular** ha sido un espacio de aprendizaje y transformación social en **Areguá, Paraguay**. Inspirados por el pensamiento de Paulo Freire, hemos promovido una educación crítica y liberadora a través de talleres creativos populares, actividades socioculturales y ambientales de acceso libre para niños, jóvenes y adultos de nuestra comunidad.

En el contexto actual de Paraguay, marcado por desafíos estructurales en áreas como la salud, la educación y temas ambientales, y en medio de un clima de desconfianza hacia las instituciones, el legado de Freire cobra una relevancia aún mayor. Su enfoque en la concientización y la participación activa de las comunidades nos guía en la construcción de una ciudadanía crítica y comprometida.

A través de nuestras prácticas, buscamos no solo transmitir conocimientos, sino también fomentar el diálogo, la reflexión y la acción colectiva. Creemos firmemente en la capacidad de las personas para transformar su realidad y en la importancia de una educación que empodere y libere.

El pensamiento de Paulo Freire sigue siendo una fuente de inspiración y una herramienta fundamental en nuestra labor diaria, reafirmando nuestro compromiso con una educación al servicio de la justicia social y la dignidad humana.

Gustavo Diaz



Integrante da equipe vital da Corporación Nuestra Gente, educador, artista e articulador de procesos comunitários. Medellín, Colômbia, set. 2025. Site oficial: www.nuestragente.com.co.

Diretor da El Cántaro BioEscuela Popular. Areguá, Paraguai, set. 2025. Site oficial: <https://bioescuela.el-cantaro.com/>.

... e seu intento de formação permanente dos educadores, de construção de uma educação transformadora...

Pequenas doses filosóficas

Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, resignação.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 99.

LA PEDAGOGÍA CRÍTICA DE PAULO Freire sigue viva y resignificándose día tras día en las aulas de formación docente.

En **Tierra del Fuego, Argentina**, el **Instituto Provincial de Educación Superior (IPES) Paulo Freire** que lleva su nombre asume el desafío de pensar y construir una educación transformadora, enraizada en los principios de diálogo, reflexión y justicia social.

Desde la ciudad de Río Grande el IPES Paulo Freire se erige como un espacio de encuentro y aprendizaje donde la pedagogía freireana no solo se estudia, sino que se practica. Aquí, la educación es concebida como una herramienta emancipadora, capaz de generar cambios profundos en la sociedad y en la vida de quienes acceden, en muchos casos, por primera vez a la formación superior.

Cada mes de septiembre conmemoramos el natalicio de Freire con la Semana Freireana, un evento en el que abrimos las puertas del instituto para reflexionar colectivamente sobre la educación en el contexto actual. En un mundo marcado por cambios vertiginosos y desafíos complejos, nos preguntamos: ¿cómo enseñamos?, ¿qué impacto tienen nuestras prácticas?, ¿de qué manera formamos ciudadanos críticos y comprometidos con la realidad que los rodea?

El diálogo es el eje central de nuestro enfoque, entendido como una praxis formadora que permite confrontar ideas, construir sentidos y enriquecer la experiencia educativa. Creemos que la formación docente debe ser un espacio de transformación, donde las y los educadores se formen no solo para enseñar, sino para generar cambios profundos en la comunidad.

Hoy más que nunca, frente a la necesidad de repensar el currículo de la formación docente, reafirmamos nuestro compromiso con la pedagogía freireana. La visión y el legado de Paulo Freire nos recuerdan que la educación debe ser una herramienta de lucha contra las desigualdades y un camino hacia la liberación de los sectores más vulnerados.

Alicia Olguín

Reitora do Instituto Provincial de Educación Superior Paulo Freire. Río Grande, Argentina, set. 2025. Site oficial: <https://ipespaulofreire.edu.ar/web/>.

... para todos os que sonham e pensam um mundo diferente, desenhado pelo diálogo, pelo pensamento crítico e pela justiça social.

TUVE LA DICHA ENORME EN mi vida de conocer Paulo Freire en São Paulo, durante el año 1985. Me integré al equipo de Veredas (Centro de Estudios en Educación) donde trabajaban, entre otras, dos hermosas personas y grandes amigos: José y Vera Barreto.

En primer lugar, la enorme biblioteca que había en Veredas. Todos libros escritos *sobre* Paulo Freire. Al menos para mí, inaudito. En todos los idiomas. Lo segundo: venían a verlo diariamente personas y personalidades de todo el mundo.

No puedo explicar en estas líneas todo lo que pasó y el significado que tuvo para los grupos críticos, en un contexto de gobiernos neoliberales. Para el que le interese, todo lo sucedido está en el libro *El grito manso*, también publicado en portugués.

Para la **Universidad Trashumante, San Luis, Argentina**, Paulo vive permanentemente en nuestras reflexiones y prácticas. Mucha gente nos pregunta si a nuestro proyecto lo pensó y creó Paulo Freire. Decimos con fuerza que no. Pero a continuación agregamos: pero sin su pensamiento y sus ideas, seguramente no habría surgido a la vida.

Quería agregar finalmente una reflexión sobre la vigencia del pensamiento de Paulo. Para quien piense que el mundo puede cambiar, trabajar con el abajo en forma concreta y con una mirada transformadora, es inevitable acudir a su forma de pensar. El pensamiento de Paulo tiene principio, pero no tiene fin. ¿Por qué digo esto? Lo escuché comentar varias veces lo siguiente: "No me gustaría que quien lea mis conceptos solo los repita de memoria. Mi sueño sería que sigan inventando y reinventando dichas ideas, hasta que las conviertan en pensamientos propios".

Como muchas y muchos, considero a Paulo Freire como el Maestro de América. Porque como tantas y tantos intelectuales que vivieron en estas tierras, supo y supieron leer la problemática de nuestra América desde nuestras propias realidades y, por tanto, desde nuestros sufrimientos y alegrías.

Roberto "Tato" Iglesias

Educador popular e fundador da Universidad Trashumante. San Luis, Argentina, maio 2025. Site oficial: <http://trashumante.ourproject.org/>.

Nesse caminhar, o caminhante vai anotando as ideias freireanas de uma latinoamérica de povos que lutam por sua identidade, por sua inclusão, por sua história...

NO HAY DUDAS, FREIRE HA estado presente entre nosotros, ¡durante décadas!

Estuvo presente siempre en las prácticas del **Centro Dominicano de Estudio de la Educación**, institución de Educación Popular fundada en el 1979, referente importante, en el país, **República Dominicana**, y en la región Caribe. Una institución comprometida con la construcción de sujetos en áreas rurales, sectores campesinos y pequeñas y pequeños productores; nos iniciamos a principios de los años 1980 en procesos de alfabetización de personas jóvenes y adultas y procesos de autodescubrimiento de nuestra identidad, definido como de autodescubrimiento de nuestra identidad mulata.

La experiencia de Freire como responsable de educación en el municipio de São Paulo constituyó una referencia de gran importancia en mi desempeño en la Dirección General de Educación de Personas Jóvenes y Adultas en el Ministerio de Educación, responsabilidad que desempeñé por más de una década. Debo destacar el desarrollo del Plan Nacional de Alfabetización "Quisqueya Aprende Contigo", una experiencia marca país. Se formuló desde una perspectiva freireana, sustentado en principios tales como: participación, diversidad y enfoque de derecho; se implementó una capacitación masiva de alfabetizadores, durante varios años; se capacitaron alrededor de 160 mil alfabetizadores con una propuesta metodológica sustentada [...] en el contexto, en la realidad y en las experiencias de vida de los participantes.

En la actualidad, con la celebración del centenario de Orlando Fals Borda, también ha estado muy presente Freire en nuestras prácticas y reflexiones, cuando abordamos los aprendizajes de investigación, acción participativa y de una educación popular transformadora.

Gracias a los aprendizajes freirianos y a las prácticas de educación popular he ido construyendo un perfil de educadora que marca la diferencia en cualquier escenario donde desarrollamos nuestra práctica educativa: formal, no formal, informal.

Miriam Camilo Recio

Pequenas doses filosóficas

A conscientização é mais um produto do engajamento. Eu não me conscientizo para lutar. Lutando, me conscientizo.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 114.



Consultora em programas de Alfabetização de personas jóvenes y adultas. República Dominicana, nov. 2025.

... anotações que se estendem por outras américas, estas também lutando pela reinvenção de espaços democráticos e socialmente mais justos...

PAULO FREIRE VIVE EN TODOS nosotros en América Latina. Nos inspira a luchar por la democracia, por la justicia, por la posibilidad de reinventarnos. Nos inspira a encontrar lo que nos da esperanza, lo que nos mueve, lo que nos da amor, a denunciar y también a anunciar.

Formo parte del **Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe**, México. Organizamos círculos de conversación, formación, festivales culturales en los que la música del pueblo nos cuenta sus luchas y resistencias. También construimos colectivamente conocimiento, a través de la escritura.

Hacemos formación feminista comunitaria y popular para luchar contra el patriarcado, el colonialismo, el capitalismo y el racismo.

La formación feminista la hacemos a través de la Escuela de Educación Feminista, Comunitaria y Popular en alianza con otras redes regionales, como la Red Alforja, y con organizaciones nacionales con presencia regional, como IMDEC, EDUCA, UNAMG, Mujeres Socialistas de Honduras, FEC Argentina, ENFOC-CONTAG.

En el proceso de formación feminista reconocemos las múltiples opresiones que vivimos desde la trenza del capitalismo, colonialismo y patriarcado. A través del proceso formativo, avanzamos en el tejido de la trenza de la liberación, a partir del reconocimiento del proyecto político, del sujeto que lo impulsa y las estrategias que contribuirán a la concreción del proyecto político.

Todo este proceso formativo tiene mucho que ver con el legado de Paulo Freire, sobre todo porque es una formación situada, desde los contextos de cada persona y organización que participan, para leer críticamente el mundo en el que vivimos para transformarlo.

Rosa Elva Zuñiga López

Extraído de entrevista com a educadora popular e integrante do Conselho de Educação Popular de América Latina y el Caribe. México, set. 2025. Site oficial: <https://www.ciav-rscj.com/consejo-de-educaci%C3%B3n-popular-de-am%C3%A9rica-latina-y-el-caribe>.

... amélicas outras, que se fazem presentes para receber e dar vida aos ideais de Paulo Freire.

PAULO FREIRE ES PARTE DE nuestra vida cotidiana, en todas sus dimensiones. Somos freireanos y ambientalistas, y toda nuestra actuación está sustentada en la pedagogía de Freire.

Trabajamos en **Pinar del Río, Cuba**, ciudad de una provincia cercana a La Habana, con personas muy diversas, en un centro de educación popular ambiental – **Centro de Educación y Promoción para el Desarrollo Sostenible**. Es un espacio básico de educación ambiental y, por ello, las lecturas de Freire son muy importantes para nosotros. Estas personas vienen de distintos lugares; pueden ser universitarios, estudiantes, profesores, líderes comunitarios, decisores políticos. Tenemos como referencia epistemológica la ecología política, la psicología social y comunitaria y elementos de comunicación, para formar y fortalecer al sujeto colectivo, con sentimiento de pertenencia.

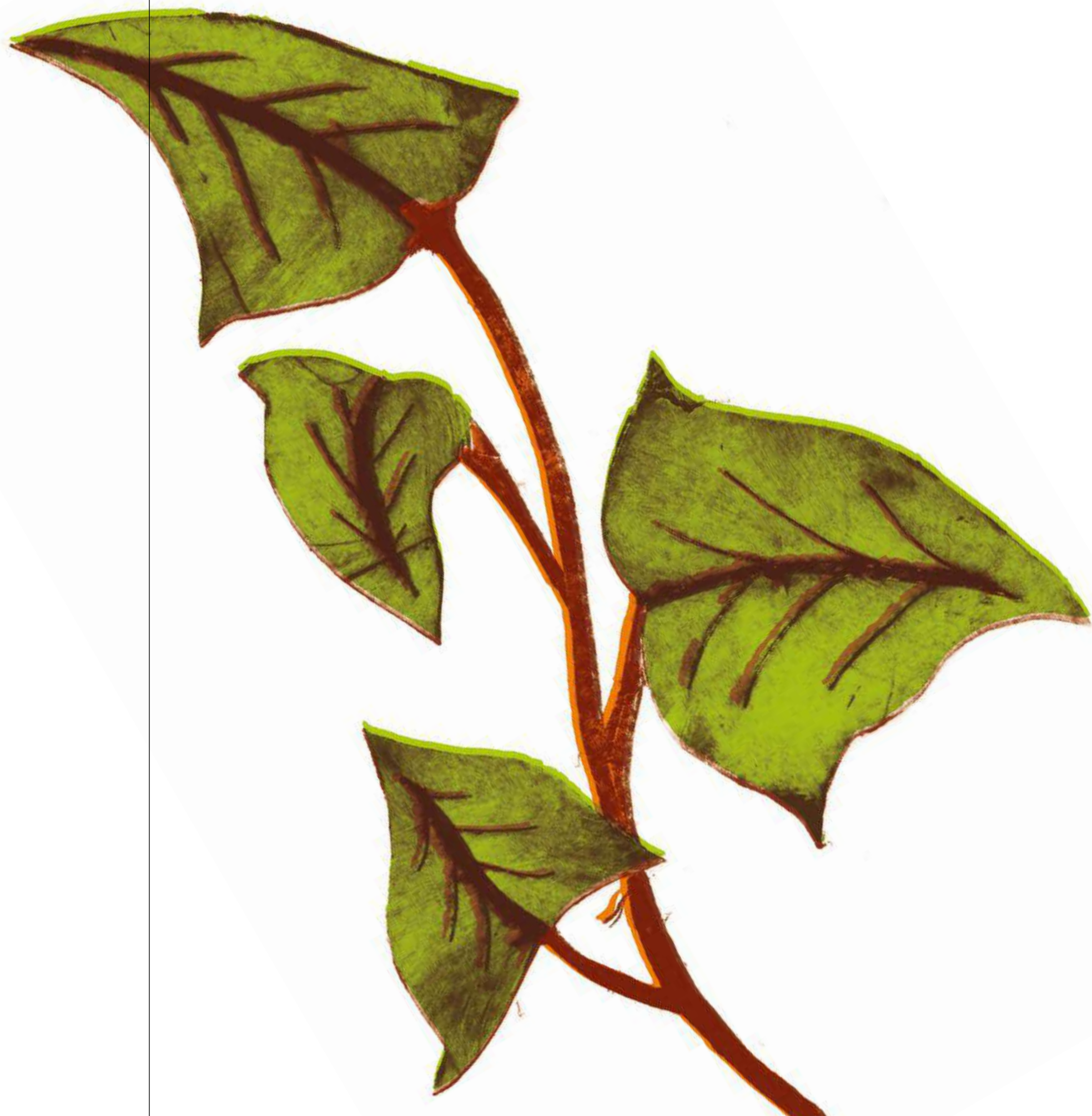
El mayor desafío que tenemos, como proyecto común, es salvaguardar el planeta y, consecuentemente, a todos nosotros como especie humana y, sobre todo, enfrentar la mercantilización de la vida y los factores y seres que estructuran la crisis de la modernidad. La única manera de lograrlo es buscar la unidad y la solidaridad entre los pueblos, para construir un proyecto emancipador, de intercambios y aprendizajes.

Desarrollamos también acciones en otras provincias del país y en América Latina. Existe una red latinoamericana de grupos de educación popular que trabajan la cuestión socioambiental y que intercambian entre sí las experiencias de prácticas ambientales y de sus luchas en los respectivos territorios. Participar en estos grupos y acompañar lo que está sucediendo en los diferentes lugares es tan importante como desarrollar la formación.

Podemos decir que primero somos freireanos y después también somos ambientalistas políticos. Nuestro punto de partida es la pedagogía freireana porque queremos la transformación. La transformación no va a ocurrir porque las personas sepan más sobre el medio ambiente, sobre la naturaleza. La transformación va a ocurrir cuando las personas se impliquen en el proceso de diálogo y de aprendizaje. Si no se implican, no ocurre nada.

Juan Francisco Santos e María de los Ángeles Pérez Hernández

Extraído de entrevista com Juan Francisco Santos e María de los Ángeles Pérez Hernández, por ocasião da XI Assembleia-Geral do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL). São Paulo (SP), ago. 2025.



O RECONHECIMENTO SEMPRE PRESENTE

Paulo Freire
vive na nossa
memória e no
seu legado



*Patrono da Educação brasileira:
reconhecimento do povo brasileiro.*



[...] CONHECI PAULO FREIRE ANTES mesmo de encontrá-lo pessoalmente. Foi através do já consagrado método revolucionário de alfabetização de jovens e adultos na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Em apenas 40 horas, 300 pessoas aprenderam a ler e escrever, despertando em si a consciência de sua condição social e a compreensão de que a opressão não era destino.

[...] Anos mais tarde, como vereadora da cidade de São Paulo, entre os anos de 1983 e 1986, propus o título de cidadão paulistano a Paulo Freire, uma homenagem que teve enorme significado para a cidade. Passado algum tempo, antes de assumir a Prefeitura de São Paulo, em 1989, fiz a ele um convite ousado: ser secretário Municipal de Educação.

[...] Tempos depois, já como deputada federal, tive a honra, portanto, de ser autora do Projeto de Lei n. 5.418/2005, transformado na **Lei Ordinária n. 12.612/2012**, que o declara **Patrono da Educação Brasileira**. Uma justa e merecida homenagem do povo brasileiro, aprovada por unanimidade pela Câmara dos Deputados Federais e pelo Senado Federal da República, sancionada pela então presidenta, Dilma Rousseff, que reconheceu em Paulo Freire um educador do povo e para o povo.

Foi também um ato de justiça diante de tanta perseguição e calúnia que sofreu, e que ainda sofre. Até hoje há quem busque apagar sua memória, revogar seu título de Patrono da Educação Brasileira e condená-lo novamente a um exílio simbólico. Mas não conseguirão! Paulo Freire vive em cada sala de aula, em cada roda de conversa, em cada comunidade que se organiza para aprender e lutar, como as manifestadas neste livro.

Luiza Erundina



Deputada federal, ex-vereadora e ex-prefeita de São Paulo. São Paulo (SP), out. 2025.

O mundo abre páginas de reconhecimento por sua atuação, seu pensamento e suas ideias de mudar as relações entre as pessoas.

ENTRE INÚMERAS HONRARIAS...

Escrito com base em informações de: FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: uma história de vida. 3. ed. rev. at. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2024, p. 487-540.

No dia 19 de setembro de 2021, o Google homenageou-o com uma arte (Doodle) destacando seu rosto e remetendo a informações sobre seu legado.

Foi laureado com 41 títulos de doutor *honoris causa*, de universidades distribuídas por todo o mundo, sendo professor emérito de 5 universidades, incluindo a Universidade de São Paulo (USP). Títulos de cidadão são 12 em vida e 6 *post mortem*.

Em setembro de 2021, muitos países prestaram homenagem pelos 100 anos de Paulo, dentro de suas culturas locais.

Presidente honorário de 14 instituições pelo mundo, como o Conselho de Educação de Adultos da América Latina [e Caribe] (CEAAL) e o Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP), Rio de Janeiro. Recebeu prêmios da comunidade internacional, como o Unesco de Educação para a Paz, em 1986, e o Interamericano de Educação e o Interamericano de Educação Interamericana para a Educação, a Ciência e a Cultura da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1992. Ao todo foram cinco prêmios.

No Brasil e no exterior, Paulo Freire dá nome a 17 cátedras em universidades e faculdades e 31 centros de pesquisa, que mantêm vivo o seu legado teórico.

Medalhas e condecorações com seu nome somam cinco: Medalha Paulo Freire, do MEC, 2003; Comenda Mérito Educacional Paulo Freire, do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco; Comenda Paulo Freire, criada pela ANPED em 2012; Medalha Paulo Freire, concedida pela Universidade Chapman, Califórnia, EUA; e Medalha criada pelo Congresso de Formação e Cooperação entre Países Lusófonos, Faro, Portugal.

Ele também nomeia diretórios e centros acadêmicos (15), teatros, anfiteatros, auditórios, salas (18), praças, avenidas, ruas, conjuntos habitacionais (60 no Brasil e 2 no exterior), bibliotecas (8).

Em 19 de setembro de 2024, foram lançados, pelos Correios, um selo e um carimbo comemorativos em sua homenagem.

Com seu nome, há 361 estabelecimentos de ensino, sendo 73 estaduais, 192 municipais, 94 privados, 1 distrital e 1 federal. Sete localizam-se no exterior: Peru, México, Bolívia, Argentina, Espanha (2) e Cabo Verde.

Monumentos, estátuas e pinturas são oito, três no exterior e cinco no Brasil.

Fontes
educaçao.uol.br/noticias/2021/09/19doodle-paulo-freire-google.htm. Acesso em: 30 abr. 2026.

saopaulo.sp.leg.br/blog/correios-lancam-selo-em-homenagem-a-paulo-freire-em-solenidade-na-camara/. Acesso em: 30 abr. 2016.

Registrou, com sabor e saber,
suas ideias e pensamento
em dezenas de livros, artigos
e entrevistas: um atestado
concreto de sua presença viva.

PAULO FREIRE ESCREVEU **20 LIVROS autorais e 19 em coautoria**, além de artigos acadêmicos e jornalísticos. Sua obra vem sendo publicada no Brasil e em várias partes do mundo. A publicação de *Pedagogia do oprimido* nunca foi interrompida nos Estados Unidos, divulgando-se para todo o mundo, desde 1970. Hoje, para além dos países tradicionais da Europa, há tradução das obras de Paulo Freire para o ídiche, o basco, o russo, o ucraniano, o polonês, o japonês, o chinês.

Segundo Ana Maria Araújo Freire, duas pesquisas internacionais realizadas em 2016 afirmam que o pensamento do Patrono da Educação Brasileira continua, quase 50 anos depois da publicação

de sua obra mais conhecida, sendo modelo e fonte para endossar e referendar estudos e trabalhos na área das Ciências Humanas.

O Syllabus Explorer identificou que a versão em inglês de *Pedagogia do oprimido* é o 99º livro mais citado em trabalhos acadêmicos e o segundo mais bem colocado no campo da educação, sendo indicado em 1.021 ementas de universidades e faculdades dos Estados Unidos.

Outra pesquisa, realizada por Elliott Green, professor associado na London School of Economics, analisou as obras mais citadas em trabalhos em língua inglesa disponíveis no Google Scholar. *Pedagogia of the Oppressed* é o terceiro livro mais citado mundialmente na área de Ciências Sociais.

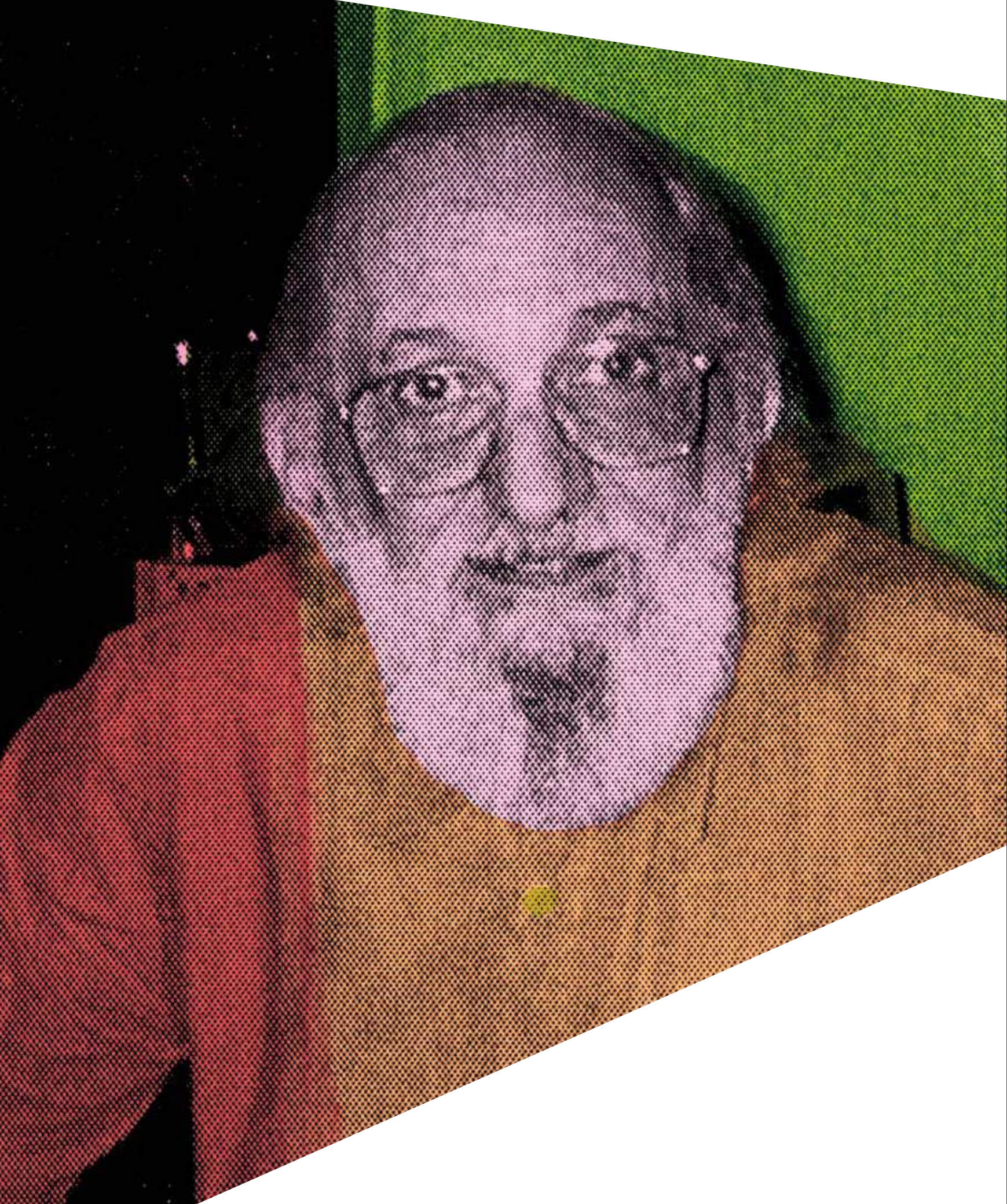
Escrito com base em informações de: FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. rev. at. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 431-32.

LIVROS AUTORAIS

ANO	TÍTULO	EDITORA
1959	Educação e atualidade brasileira	Tese – concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação
1967	Educação como prática da liberdade	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1968	Pedagogia do oprimido [no Brasil em 1974]	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1971	Extensão ou comunicação	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1976	Ação cultural para a liberdade e outros escritos	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1977	Cartas a Guiné-Bissau	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1979	Educação e mudança	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1980	Conscientização: teoria e prática da libertação	São Paulo: Moraes
1982	A importância do ato de ler em três artigos que se completam	São Paulo: Cortez; Autores Associados
1991	A Educação na cidade	São Paulo: Cortez
1992	Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1993	Política e educação	Rio de Janeiro: Paz e Terra
	Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar	São Paulo: Olho D'Água
1994	Cartas a Cristina	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1995	À sombra desta mangueira	São Paulo: Olho D'Água
1996	Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa	Rio de Janeiro: Paz e Terra
2000	Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos	São Paulo: Editora Unesp
2001	Pedagogia dos sonhos possíveis	São Paulo: Editora Unesp
2006	Pedagogia da tolerância	São Paulo: Editora Unesp
2008	Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular	Coleção Dizer a Palavra, v. 2. Indaiatuba: Villa das Letras

LIVROS EM PARCERIA OU COAUTORIA

ANO	TÍTULO	COAUTORES	EDITORA
1983	<i>Paulo Freire ao vivo</i>	Aldo Vannucchi e Wladimir dos Santos	São Paulo: Loyola
1985	<i>Pedagogia: diálogo e conflito</i>	Moacir Gadotti e Sergio Guimarães	São Paulo: Cortez
1985	<i>Por uma pedagogia da pergunta</i>	Antonio Faundez	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1985	<i>Essa escola chamada vida</i>	Frei Betto e Ricardo Kotscho	São Paulo: Ática
1987	<i>Medo e ousadia: o cotidiano do professor</i>	Ira Shor	Rio de Janeiro: Paz e Terra
1989	<i>Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo</i>	Arlette D'Antola (org.) e outros	São Paulo: EPU
	<i>Que fazer: teoria e prática em educação popular</i>	Adriano Nogueira	Petrópolis: Vozes
1990	<i>Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra</i>	Donaldo Macedo	Rio de Janeiro: Paz e Terra
2002	<i>O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social</i>	Myles Horton	Petrópolis: Vozes
2003	<i>A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
	<i>El grito manso</i>	Roberto Iglesias	Buenos Aires: Siglo XXI
2008	<i>Cultura, língua, razza: un dialogo</i>	Donaldo Macedo	Udine: Forum
2009	<i>Pedagogia da solidariedade</i>	Nita Freire e Walter Ferreira de Oliveira	Coleção Dizer a Palavra, v. 2. Indaiatuba: Villa das Letras
2011	<i>Partir da infância: diálogos sobre educação</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
	<i>Aprendendo com a própria história</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
	<i>Dialogando com a própria história</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
	<i>Lições de casa: últimos diálogos sobre educação</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
2012	<i>Educar com a mídia</i>	Sergio Guimarães	São Paulo: Paz e Terra
2013	<i>Nós dois</i>	Nita Freire	Rio de Janeiro: Paz e Terra



Paulo Freire deixou raízes à flor da pele de nossa combatida contemporaneidade. Um pensador necessário para situar a prosa da justiça social no mundo tão desigual de hoje que nossos olhos sentem. Seu ideal de luta constante para a transformação da sociedade se esparramou por instituições, universidades, coletivos, escolas, centros, sindicatos e movimentos múltiplos, num recado claro de que a luta de ontem continua hoje... e sempre!

OUTROS TEMPOS, NOVOS TEMPOS, TANTOS TEMPOS

Breve cronologia dos tempos de sua vida

Meninice Ajuizada

1921
Nasce em Recife (19/09) Paulo Reglus Neves Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire.

1922 a 1926
Tem a presença carinhosa dos pais.

Alfabetiza-se com os pais, no quintal de casa, à sombra de mangueiras.

1927
Ingressa na escola da professora Eunice Vasconcelos, já alfabetizado.

1931
Muda-se com a família para Jaboatão dos Guararapes.

1929/30
Vive momentos de pobreza durante a depressão econômica.

1934
Falece seu pai.

1937
Cursa o secundário no Colégio Oswaldo Cruz, de Recife.

1941
Conquista seu primeiro emprego, como professor de português, nesse mesmo colégio.

1944
Casa-se com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira.

1943
Ingressa na Faculdade de Direito do Recife (naquela época, era a única alternativa na área de ciências humanas na cidade).

Juventude Comportada

1947
Forma-se bacharel, mas não exerce a advocacia.

Nomeado diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (Sesi), no estado de Pernambuco, onde iniciou o trabalho com analfabetos pobres.

1954
Promovido ao cargo de superintendente do Departamento Regional, no Sesi.

1956
Participa do Conselho Consultivo de Educação da Prefeitura do Recife.

1952
Nomeado professor catedrático da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Recife (onde exerce, posteriormente, várias funções).

1955
Cria o Instituto Capibaribe, que mantém uma escola com proposta pedagógica alternativa aos modelos tradicionais de ensino.

1959
Recebe o título de doutor em Filosofia e História da Educação, na Universidade do Recife, com a defesa da tese Educação e atualidade brasileira.

1958
Apresenta o trabalho "A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos", no II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro.

1960
Torna-se um dos fundadores, em Recife, do Movimento de Cultura Popular (MCP), uma ação transformadora que uniu artistas, intelectuais e população para valorização da cultura popular, combate ao analfabetismo e à exclusão.

Angicos

1961
Cria e assume a direção do Departamento de Extensão Cultural da Universidade do Recife, ocasião em que realiza experiências de alfabetização popular que culminaram na experiência de Angicos.

Inicia a sistematização do Método Paulo Freire.

1963
Realiza a experiência de alfabetização de Angicos (RN), onde, com sua equipe, alfabetiza 300 adultos, cortadores de cana, em 40 horas.

Cria a base do Programa Nacional de Alfabetização do governo João Goulart, que aprova a multiplicação dessa experiência, constituindo assim o Plano Nacional de Alfabetização.

1961
Nomeado diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife.

Indicado para o Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

Nomeado professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife.

Maturidade e os Primeiros Ofícios

No exílio, os roteiros que a vida põe na mesa

1964
Ocorre o golpe civil-militar e é extinto o Plano Nacional de Alfabetização.

É preso, em um quartel em Olinda (PE), durante 72 dias, acusado de subversão e processado pelo governo militar.

Deixa o país para exilar-se na Bolívia e, em seguida, vai para o Chile, onde permanece até 1969.

Torna-se assessor no Ministério da Educação do Chile e consultor da UNESCO, no Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria (ICIRA).

1967
Publica seu primeiro livro, Educação como prática da liberdade, a partir de sua tese Educação e atualidade brasileira.

1968
Conclui a escrita de Pedagogia do oprimido, considerado seu livro mais importante, com numerosas edições, em diferentes países e idiomas.

1969
Torna-se professor visitante na Universidade Harvard, Estados Unidos, passando a morar com a família em Cambridge.

1970
Muda-se com a família para a Suíça, onde permanece até 1980, para trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas como consultor educacional.

Percorre mais de trinta países, nos cinco continentes, levando os seus ensinamentos para orientar experiências educacionais, com destaque aos países africanos de língua portuguesa.

1971
Funda, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (IDAC), em Genebra.

Dedica-se ao trabalho de educação em vários países africanos, como Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique.

Publica o livro Extensão ou comunicação.

1972
Leciona na Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade de Genebra.

Recebe homenagem em Estocolmo, Suécia, com uma escultura da artista plástica Pye Engström.

1974
Publica, no Brasil, a obra Pedagogia do oprimido.

1975
Entre setembro de 1975 e abril de 1980, Paulo Freire viaja dez vezes para a Guiné-Bissau, seis vezes para São Tomé e Príncipe, cinco vezes para Angola e três vezes para Cabo Verde. No período, atua diretamente nas abordagens pedagógicas dos governos desses países, com o desenvolvimento de programas de alfabetização.

1979
Abertura política, visita São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Publica o livro Educação e mudança.

1976
Publica o livro Ação cultural para a liberdade e outros escritos.

1977
Publica o livro Cartas à Guiné-Bissau.

1980
Retorna ao Brasil e instala-se, definitivamente, com a família.

Leciona na PUC-SP e na Unicamp.

Publica *Conscientização: teoria e prática da libertação*.

1981
Participa da fundação do VEREDA - Centro de Estudos em Educação, em São Paulo, junto com Vera e José Barreto.

1982
Publicado A importância do ato de ler, - livro que recebe em julho de 1990 o diploma de Mérito Internacional concedido pela International Reading Association, na Suécia.

1983
Recebe o título de Cidadão Honorário do Rio de Janeiro.

1984
Recebe o título de professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1985
Participa do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília (UnB).

1986
Morre sua primeira esposa, Elza Maia Costa Oliveira.

Recebe o prêmio UNESCO da Educação para a Paz.

1987
Integra o júri internacional da UNESCO que escolhe e premia as melhores experiências de alfabetização do mundo.

Recebe o título de Comendador da Ordem Nacional do Mérito Educativo, do Ministério da Educação (MEC).

1988
Casa-se com a professora Ana Maria Araújo (Nita).

O retorno do exílio

Africanidades

Para viver sempre entre nós

1989

Assume o cargo de secretário Municipal de Educação de São Paulo, a convite da prefeita Luiza Erundina.

Estabelece, juntamente com a equipe, as diretrizes de: democratização da gestão, democratização do acesso, política de educação de jovens e adultos, nova qualidade de ensino.

Implementa, com os educadores da rede, as ações referentes às diretrizes.

1992

Publica o livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*.

Recebe o prêmio Andrés Bello, Educador do Continente, da OEA.

1994

Publica *Cartas a Cristina*.

1996

Participa da instalação do I Fórum Permanente da Alfabetização de Jovens e Adultos da Ceilândia (DF), ocasião em que o educador teve suas mãos moldadas em placa de cimento, construída por um aluno alfabetizado por seu método, o pedreiro Valdivino Ferreira da Silva.

Recebe título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Nebraska, Estados Unidos.

Lança o livro *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*.

1991

Afasta-se do cargo de secretário da SME-SP para escrever novos livros.

Continua a acompanhar os trabalhos da SME.

Retorna a lecionar na PUC-SP.

Publica o livro *Educação na cidade*.

1993

Publica o livro *Política e educação*.

Recebe o título de Cidadão Honorário de Angicos.

Publica o livro *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*.

1995

Publica o livro *À sombra desta mangueira*.

Recebe o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Louvain, Bélgica.

É criada, em Portugal, a Medalha Paulo Freire – A educação da paz, liberdade, alfabetização, conscientização.

1997

Falece no dia 2 de maio, em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

O filósofo educador pisa no chão da escola pública

LEGADO

Coletivos, Centros e Institutos

Movimentos Sociais e Sindicatos

Questões Contemporâneas

Universidade

Manifestações Artístico-Culturais

Educação: Escolas Públicas

América Latina

GENTES FREIREANAS DE TODAS AS GEOGRAFIAS

SEGUE UMA RELAÇÃO MAIS QUE AFETIVA de freireanas e freireanos de todo o mundo que estiveram conosco na feitura desse livro, abrindo suas histórias, vivências, lembranças e experiências. Sabemos que muitos e muitas mais há pelo Brasil e pelo mundo afora. Somos muitos e muitas, mas poderemos ser muitos mais...



A

Adilson Citelli (120, 126), Adilson De Angelo (72), Adriana Gomes Dickman (190), Adriano Pinheiro (213), Ailton de Sousa Rocha (176), Alejandro Fidel Nicoletti (220), Alexandre da Trindade (178), Alexandre Machado Rosa (184), Alicia Olguín (222), Alipio Casali (25, 163, 198), Amauri Carlos Ferreira (190), América dos Anjos Costa Marinho (98), Ana Mae Barbosa (134), Ana Maria [Nita] Araújo Freire (7, 22, 28, 53, 55, 58, 95), Ana Maria Roveran (165), Ana Maria Saul (92, 95, 103, 105, 120, 125, 147, 196), Andrea Barreto (155, 156), Angela Antunes (172), Ângela Maria Mazzari (133), Antonio Batista (121, 122), Antonio Carlos Fester (22, 24, 72, 108, 115, 142), Antonio Carlos Machado (120), Aparecida Barco Soler Huet (42, 47)

B

Bárbara Sabrina Araújo Souza (212), Bruno Neves Sampaio (93), Bruno Techera (172)

C

Camila Aline de Oliveira (190), Camilo José Santos Neto (109), Carlos Roberto Medeiros Cardoso (211), Carmem Sílvia Taverna (29), Caue Fernandes (81), Celso João Carminati (107, 161), Christina Rizzi (140), Cia. do Tijolo (205), Cícera Maria Nascimento (192), Circe Fernandes Bittencourt (94, 154), Claudia Truká (185), Claudia Valentina Assumpção Galian (93), Cláudia Vieira (191), Cleide Cabral Alvares (98, 156), Coletivo Paulo Freire (80), Coordenação do Cursinho Popular Florestan Fernandes (175), Crispina Gomes (77, 79, 89), Cristiane Miranda Silva Mello (196), Cristina Freire (37, 39)

D

Daniel Cara (89, 91, 99, 107), Daniel Ferraz Chiozzini (87), Daniel Mendes Gomes (195), Danilo R. Streck (199), Demétrio Delizoicov (132), Denise Carreira (198)

E

Eder de Oliveira Daniel (215), Elaine Sampaio Araújo (133), Eliane Soares (191), Élide Graziane Pinto (193), Elisa Manfredini (163), Elizabeth Auricchio (140), Elvira de Souza Lima (25), Emiliana Pinheiro (133), Érica Maria Toledo Catalani (144), Eugenio Maria de França Ramos (143, 189)

F

Fernando José de Almeida (155, 156), Franciele Busico (217)

G

Gustavo Diaz (221)

H

Helenice Maria Sbrogio Muramoto (43, 89)

I

Iraci Ferreira Leite (95, 180), Irineu Tamaio (77, 183), Isabel Batista Serrão (133), Isabel Marques (207), Ivete Caetano de Oliveira (177), Ivone Almeida (159)

J

Janaina Marques Abreu (172), Jeanny Meiry Sombra Silva (109), Jessica Visotsky-Hasrun (220), João Carlos de Souza (120),



Jorge Blandón (221), Juan Francisco Santos (226), Júlio César Augusto do Valle (72), Junior Aguiar (204)

L

Lara Santos Rocha (93), Laura Cymbalista (165), Laurinda Ramalho de Almeida (87, 109), Leila Endruweit (188), Liana Borges (173), Lilian Lopes Martin da Silva (86), Lisete Arelaro (81, 157), Livia Maria Antongiovanni (150), Louvercy Lima Olival (44), Lucas Muffato Nascimento (175), Luiz Carlos Menezes (161), Luiz Roveran (81), Luiza Erundina (119, 229), Luiza Troccoli (179), Luna Borges (172)

M

Manoel Oriosvaldo de Moura (133), Manoel Romão de Souza (139, 165), Mansur Lutfi (43), Marcela Fontão (217), Marcia Covelo Harmback (10), Marcio D'Olne Campos (81), Marcos Barreto (115), Marcos Fonseca (214), Marcos J. C. Guerra (40), Marcos Sorrentino (183), Maria Alice Zacharias (181), Maria Angelica Cintra (180), Maria Aparecida da Silva Fernandes (199), Maria Cristina de Campos Pires (208), Maria das Mercês Sampaio (93), María de los Ángeles Pérez Hernández (226), Maria Eliete Santiago (197), Maria Erivalda dos Santos Torres (173), Maria Eunice Campanha (131), Maria Helena Bertolini Bezerra (127, 141), Maria Helena Pelizon (137), Maria José Reginato (99, 100, 148), Maria José Vale (30, 31, 32), Maria Joselma do Nascimento Franco (184), Maria Rosa Cavalheiro Marafon (42), Maria Suemi Salvador (97), Marília Gabriela de Menezes Guedes (197), Marina Célia Moraes Dias (149), Mário Bonciani (23), Mario Sergio Cortella (244), Marisa Garcia (128, 149), Marivaldo Costa Moreira (21), Marli Barbosa (150), Martha Sirlene Silva (83, 180), Meyri Venci Chieffi (148, 171), Milton Hatoum (85), Miriam Camilo Recio (224), Miriam Santos (82), Moacir Gadotti (172), Moacyr da Silva (116)

N

Natalia Figueiredo Goncharenco (160), Neilson Vieira Santos (212), Nima Spigolon (195)

O

Olga Kalil Figueiredo (171), Olgair Gomes Garcia (160), Orlando Daniel Chemane (57)

P

Paulo Roberto Padilha (172), Pedro Paulo Chieffi (163), Pedro Pontual (70, 157), Priscila Damasceno Arce (216)

R

Rafael [Fael] Bezerra (184), Raquel da Silva Basto (190), Regina Célia Soares Bortoto (127, 141), Regina Villas Bôas Estima (137, 153), Reginaldo Pacheco da Silva (190), Renata Dias (101), Richard Riguetti (204), Roberto "Tato" Iglesias (223), Rosa Elva Zuñiga López (225), Rosana Aparecida Ferreira Pontes (69), Rosana Cebalho Fernandes (179), Rosaura Soligo (159), Roseney Rita Teggi Kotait (162), Rubens Barbosa de Camargo (138)

S

Sandra Greco da Fonseca (120), Selma Garrido Pimenta (69), Selma Rocha (128), Sephora Freitas (176), Sérgio dos Santos (217), Sérgio Luiz Lopes (200), Sérgio Pereira Nogueira Junior (196), Sheila Coelho (217), Sidnei Dalmo Rodrigues (159), Silvana Canônico (75), Silvania de Jesus (217), Sílvia Telles (155), Simone Gimenes Pallazzi (216), Sócrates Magno Torres (219), Solange de Oliveira Ferreira (143), Sonia Kruppa (125), Suely Pereira Beltrão (212)

T

Talita Pires (51), Tamara Castro (73), Targélia Albuquerque (27, 186), Teresa Ribeiro (187), Teresa Silvestre Damasio (163), Tereza Lajolo (76), Terezinha Sebestyian (137), Thiago Ferauche (196)

V

Valter de Almeida Costa (142), Vânia de Azevedo Lage (139, 211), Vera Lúcia Trevisan (161), Vera Lucia Vieira (127, 176)

W

Welton Oda (201), Wyne Xukuru [Wyne Nogueira de Souza] (185)

Y

Yara Maria Matioli (133)

Z

Zoraide Faustiloni (71)

As páginas em que os freirianos e as freirianas são citados aparecem entre parênteses após seus respectivos nomes.



PALAVRAS DE CORTELLA

Se a luta continua viva (e continua!), Paulo Freire também! E em qual luta lutava ele, e que nos inspirou? A luta pela edificação da vida coletiva em partilha pacífica, harmoniosa e plena de boniteza! Como ainda (mas não para sempre) essa vida não emergiu, o “inérito viável” dessa vida desejada e necessária nos provoca como um “ainda não”, e jamais como “não será”.

Por isso, das muitas impregnações multiplicadas por Paulo Freire, a decisiva aparece ao nos ensinar (e praticar!): “Quando a gente diz: ‘a luta continua’, significa que não dá para parar”.

O problema que a provoca está aí presente. Então, como o problema que provoca a luta ainda (mas não para sempre) vive, Paulo Freire vive nessa luta, e, claro, vive em nós, e nós, com ele em nós vivo, nessa luta também vivemos.

Afinal, o problema que a provoca está aí presente, insultando e afrontando a decência, o que nos intima a fazer desse problema, ainda presente, um esforço maior para que passe a ser passado.

* **Mario Sergio Cortella**
setembro de 2025

Filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro. É autor de vários livros. Foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo no governo de Luiza Erundina.

Coletivo Paulo Freire-SP © 2026
Paulo Freire: um homem encantado
ALTAMIRA Editorial © 2026

Sobre a obra

Coordenação Executiva

Fábio Paes
Sefras – Ação Social Franciscana

Coordenação da produção da obra

Meyri Venci Chieffi
Coletivo Paulo Freire-SP

COLETIVO PAULO FREIRE-SP

Concepção da obra e autoria dos textos de ligação

Edson Gabriel Garcia

Produção da obra: pesquisas, entrevistas e organização do material

Geni Rosa Duarte
Luzia Suely Bernardi
Maria José Reginato
Meyri Venci Chieffi
Olga Kalil Figueiredo
Roseney Rita Teggi Kotait
Zoraide Faustini da Silva

Pesquisa de direitos autorais

Ana Cecília Venci Bueno
Comológica Ltda.

Pesquisa de trabalhos freireanos na América latina

Sócrates Magno Torres

Coordenação editorial

ALTAMIRA Editorial
Alex Mazzini

Preparação e revisão

André Albert

Projeto gráfico e direção de arte

Alex Mazzini

Ilustrações

Júlia Simões

Direção de ilustração e tratamento de imagens

Alexandre Mazzini

Escrita caligráfica

Marcelo dos Anjos

Produção Administrativa

Sefras – Ação Social Franciscana
Brayan Filipe

Ellos Comunicação e Cultura

Marilisa Bertolin

PAULO FREIRE



UM HOMEM ENCANTADO

SEFRAS – AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA E
COLETIVO PAULO FREIRE-SP

apresentam:

PRODUÇÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE LIVRO SOBRE A VIDA DE PAULO FREIRE NOS FORMATOS FÍSICO, DIGITAL E AUDIOBOOK, **POR MEIO DE RECURSOS DE EMENDA PARLAMENTAR FEDERAL Nº 44510002**, CONVÊNIO/TERMO DE FOMENTO Nº 969023/2024, FIRMADO ENTRE A SECRETARIA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA – SEFLI E MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA (venda proibida)

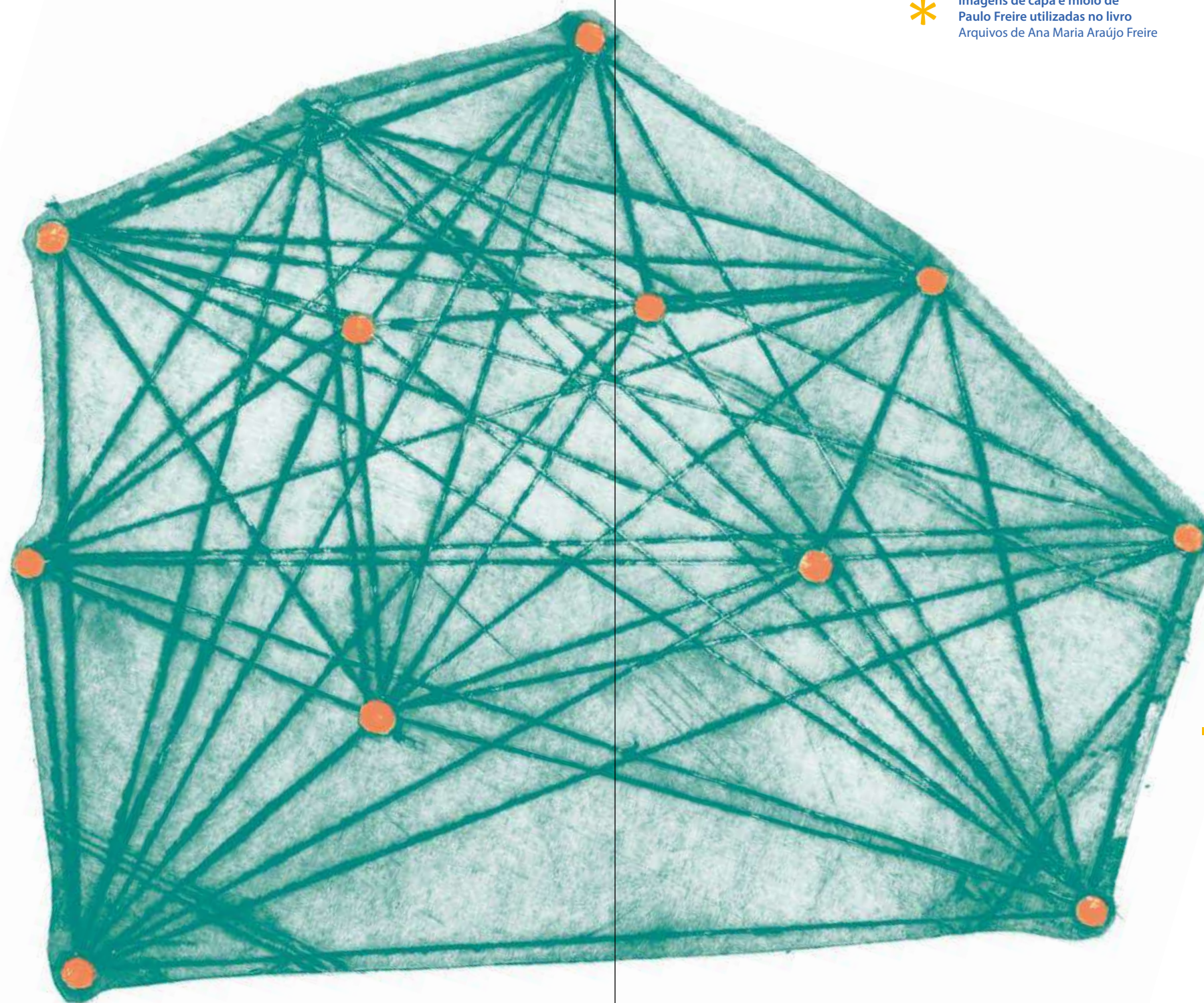
Produção



Realização



Patrocínio



Imagens de capa e miolo de Paulo Freire utilizadas no livro
Arquivos de Ana Maria Araújo Freire

O Coletivo Paulo Freire-SP e ALTAMIRA Editorial empregaram todos os esforços possíveis para identificar as fontes das imagens publicadas e atribuir os devidos créditos. Caso alguém detenha informações complementares ou correções – e possa comprovar a autoria ou o direito de uso –, pedimos que entre em contato para que possamos realizar os ajustes necessários na próxima edição. Nossa intenção é utilizar o material iconográfico exclusivamente para ilustrar as ideias aqui apresentadas, sem qualquer intuito de violar direitos de terceiros.

Todos os direitos reservados, da edição em português, pela lei 9.610 de 1998, para o Coletivo Paulo Freire-SP e ALTAMIRA Editorial.®

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo eletrônico, digital ou mecânico sem a prévia autorização por escrito da editora. Estas proibições aplicam-se, também, às características gráficas da obra e de sua editoração.

Coletivo Paulo Freire-SP
www.coletivopaulofreire.org
coletivopaulofreire1@gmail.com

ALTAMIRA Editorial®
Rua Artur Bernardes, 252
Tatuapé • São Paulo • SP • Brasil
CEP: 03349-020 • Tel.: 55 11 3637.7600
www.altamiraeditorial.com.br
contatos@altamiraeditorial.com.br

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paulo Freire : um homem encantado. concepção da obra e autoria dos textos de ligação Edson Gabriel Garcia ; organização Coletivo Paulo Freire-SP ; coordenação da produção da obra Meyri Venci Chieffi ; produção Geni Rosa Duarte. [et al.]. São Paulo : Altamira Editorial, 2026. 248 páginas | 408 ilustrações/imagens.

Outros produtores: Luzia Suely Bernardi, Maria José Reginato, Meyri Venci Chieffi, Olga Kalil Figueiredo, Roseney Rita Teggi Kotait, Zoraide Faustini da Silva.

ISBN 978-65-89876-14-4

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Educação – Brasil | III. Chieffi, Meyri Venci. |
| 2. Educadores – Brasil – Biografia | IV. Duarte, Geni Rosa. |
| 3. Freire, Paulo, 1921-1997 | V. Bernardi, Luzia Suely. |
| 4. Pesquisas | VI. Reginato, Maria José. |
| | VII. Figueiredo, Olga Kalil. |
| I. Garcia, Edson Gabriel. | VIII. Kotait, Roseney Rita Teggi. |
| II. Coletivo Paulo Freire-SP. | IX. Silva, Zoraide Faustini da. |

26-360818.0

CDD–370.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores : Biografia e obra 370.92

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

1ª edição
1ª tiragem de
3.500 exemplares
Maio de 2026
São Paulo



Para mais informações, acesse o site do Coletivo Paulo Freire por meio do QR Code ao lado



ESTA OBRA, composta em plataforma Apple, com as fontes *Alkes* e *Boldonse*, teve sua impressão e acabamento de miolo realizados sobre os papéis Pólen Bold 90 g/m² e Alta Alvura 120 g/m². A sobrecapa foi impressa em papel Couché Fosco 150 g/m², com cobertura *Velvet Soft Touch*. Os serviços foram realizados pela gráfica maistype, em maio de 2026.